POESIAS

DE

Joze Maria da Costa e Silva.

> Me quoque Parnassi per lubrica culmina raptat
> Laudis amor; ausus non opus, non formidare Poetæ
> Nomen, adoratum quomdam, nunc pene procaci
> Monstratum digitto, seram vel denique famam
> Non audituro cineri post fata relinquens.
>
> VANIERII PRÆDIUM. RUST. LIB. 1.

TOMO I.º

LISBOA,
TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA — AOS MARTYRES, N.º 13.
1843.

PROLOGO.

A Poesia Lyrica é a mais antiga de todas; nascida com a Musica, e como ella consagrada ao Culto, fez parte de todas as Ceremonias religiosas; os Canticos de Moysés, e de Maria, que passam pelos mais antigos Poemas, de quetemos noticia, pertencem ao genero Lyrico. Trez dos antiquissimos Livros sagrados dos Chinas sam collecções de Odes sobre objectos de moral, e de religião, assim como os Hymnos de Orphêo, ou attribuidos a Orphêo, cujo estilo singelo accusa uma antiguidade remota, tem por assumpto o oferecimento aos Deoses de diferentes arômas, com que os incensavam.

Os Sacerdotes Egipcios consta que entoavam Hymnos em suas festividades, e os Hebrêos os imitaram nisso, como o comprovam muitos dos Psalmos, que delles nos restam. Este mesmo costume encontraram os Hespanhoes estabelecido no Mexico, e no Perú, funestos Theatros das suas devastações, e da sua crueldade.

Tendo os homens empregado seus Cantos

em celebrar os beneficios, que recebiam dos Deoses, e exprimir o terror, que elles lhe inspiravam com os terremotos, as tempestades e as doenças; julgando desarma-los, e propicia-los com harmoniosas, e ardentes rogativas, passaram a conservar nesses mesmos Canticos os nomes, e as proesas dos Heroes, e dos Inventores das Artes uteis; d'aqui veio Horacio dizer:

Musa dedit fidibus Divos, pueros que Deorum,
Et pugilem victorem, et equum certamine primum

D'aqui as Odes de Pindaro celebrando os Athletas, que tinham ganhado a corôa nos Jogos Olympicos, Isthmicos, Pithicos, e Nemeos.

As paixões tambem foram objecto, e incentivo da Poesia Lyrica entre os antigos, e com especialidade o amor: este inspirou Anacreonte, e Sapho, ao passo que o odio á tyrannia, e o amor da liberdade dictaram os versos de Alcêo, e o amor da gloria os cantos guerreiros de Tyrtheo.

Em tempos de mais adiantada civilisação a Poezia, que fòra unicamente filha do enthusiasmo, e do sentimento, abrangeo esphera mais ampla segundo as combinações, que a arte lhe dera: applicada á historia produzio a Epopea, applicada ás sciencias o Poema didatico, e didascalico, aos factos Publicos a Tragedia, aos costumes domesticos a Comedia etc.; mas a pezar da gloria, que laureava os Homeros, os Hesiodos, os Sophocles, e os Aristophanes, os Poetas Lyricos sempre foram em maior numero, sempre encontraram a estima publica, por que a Religião, e o Amor sam de todos os tempos,

de todos os costumes, e de todas as nações. E' por isso que não ha povo tão barbaro, e analphabetico, que não tenha a sua Poesia Lyrica. Os mesmos Selvagens do Brazil entoam canticos ao Grão Tupá, e em honra dos seus Bravos, e celebram os seus amores: o proprio prisioneiro cingido da fatal corda, e no meio da turba, que o rodêa, e que se aprompta para devorá-lo, não recebe o golpe da maça de páo ferro, sem lhe concederem espaço para entoar a sua canção de morte!

Quando a Aurora do saber, partindo das margens do Bosphoro, veio desbastar as trevas da ignorancia, que a invasão dos barbaros do Norte havia derramado sobre a Europa, foi a Poesia Lyrica a primeira, que deo signaes de vida. Os Trovadores de Provença, de Aragão, de Sicilia, os Meinnisigers de Allemanha, todos esses Professores da chamada *Gaia Sciencia*, cantaram as bellas Damas, e as proezas dos Cavalleiros, ou moralisaram em versos incultos, e em lingoas ainda meio formadas.

Dante, Cino de Pistoia, e Petrarcha crearam a Lyrica moderna; mas esta Filha afeminada de May robusta, e generosa; timida, e melancholica, creada entre os perfumes dos rosaes de Chypre, não tinha azas de Aguia com que remontar-se ás nuvens, e seguir intrepida o carro luminoso de Phebo. Adormecer ao som de claras, frescas, e doces agoas, (1) divagar por prados cujas verdes hervas, e boninas multicores lhe pedem que as toque com seu mimoso pé,

(1) Chiare, fresche, e dolci acque

Petrarcha, *Canz. XVII.*

(2) citar Amor perante o Tribunal da razão, (3) suspirar sobre a Campa de Laura, ou perder-se no Laberintho de uma methaphisica ás vezes pouco inteligivel, eis o mister, não da Ode, mas da Cansão.

A Cansão é a Ode romantica: mas a Ode é talvez o unico Poema, que não pode ser senão Classico. E' por isso que os Poetas, que muito depois quiseram operar o milagre da sua resurreição, se julgaram obrigados a transporta-la para o seu Paiz natal, para os bosques do Pindo, as margens do Ismeno, e a fonte de Dirce: circumda-la das Musas, dos Deoses, de Nynphas, de Satyros, e Phaunos: recordar-lhe continuamente os jogos Olympicos, as dansas das margens do Eurotas, as Orgias de Cytheron, e os Sacrificios no Ithôme. Assim o praticou Chiabrera na Italia, Rousseau na França, Dryden na Inglaterra, e Ramler na Allemanha.

O nosso Ferreira tambem encarou a Ode debaixo deste ponto de vista; porem a friesa de sua imaginação, e dureza de seus versos eram mui pouco adequadas para seguir os vôos do Cisne de Thebas, e de Venuza. Ferreira achou que fazia Odes copiando Horacio, e boa prova é disto a que dirigiu a seu Irmão Garcia de Froes, que é a melhor de todas, mas que se reduz a uma traducção paraphrastica da Ode *Sic te Diva potens Cypri*, de que desapareceo toda a e-

(2) L'erbitte fresche, i fior di color mille
Pregan pur ch'il bel pié le prema, e tocchi.
Petrarcha.

(3) Petrarcha, *Canz.* *XLVIII.*

nergia de expressão, graça de colorido, e harmonia do Original.

Camões, que creou o nosso Dialecto Poetico, que deo os primeiros modêlos de boa versificação Portugueza, foi tambem o primeiro, que atinou entre nós com o estilo da Ode, como o provam estes bellos versos

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno Moço em ferro envolto
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agoa e vento solto.

Depois delle foi o Licenciado Manuel da Veiga, na sua *Laura de Amphryso*, quem tirou sons mais accordes da Lyra Romana. Este Poeta devia ser mais conhecido, e mais apreciado do que é actualmente.

Foi na Arcadia, que a Musa Lyrica appareceo com toda a pompa, e atavios, com que tinha reinado em Roma, e na Grecia. Garção pulsou com mão de Mestre a Lyra de Horacio; Antonio Dinis em suas Odes aos Heroes Portugueses, mostrou-se rival de Pindaro, e tacteou com plectro delicado o alaúde do Poeta de Theios.

O exemplo destes grandes Homens foi seguido por outros Vates de bem merecida nomeada, e de superiores talentos, como Domingos Maximiano Torres, Joze Ferreira Barroco, Domingos Pires Monteiro Bandeira, Domingos Monteiro de Albuquerque, o Professor Salles, o malogrado Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, João Vicente Maldonado, Frey Joze do Coração de Jesus, Antonio Ribeiro dos Santos, Antonio Soares de Azevedo, e Francisco Manuel do Nasci-

mento, que reunindo em si os dotes de Pindaro, e de Horacio, se collocou acima de todos pela força de imaginação, ousadia de vôos, sublimidade de pensamentos, estilo imaginoso, graça de expressão, e riqueza de lingoagem. Não conheço entre nós, nem entre os Estranhos um genio mais eminentemente Lyrico, nem quem apresente maior numero de Odes excellentes em todos os generos, e estou habituado a avaliar a maior, ou menor disposição de qualquer homem para a Poesia Lyrica, pelo maior ou menor enthusiasmo, que experimenta com a Leitura das Odes de Francisco Manuel.

Principiando mui cedo a cultivar a Poesia, foi como Poeta Lyrico que adquiri essa tal qual reputação de Poeta. Pindaro, e Horacio, Garção, Diniz, e Francisco Manuel, eram o objecto continuo dos meus estudos. Não me faltaram decerto os dezejos de imita-losbem, mas a Natureza foi comigo escassa de seus dons. Bem tinha eu então a consciencia de quam longe ficavam as minhas Odes dos grandes modêlos, que havia escolhido, e hoje que tenho passado a idade das illusões, e dos amores, que me encontro no penultimo quartel da vida, conhecendo ainda melhor os defeitos das minhas composições, persuado-me que, se então pensasse como hoje, não teria escripto um só verso.

Ora como é provavel que algum Leitor pergunte ao ler estas linhas, qual é a razão por que hoje os imprimo, responderei 1.º por que sem embargo de conhecer, e confessar que não sou um Garção, nem um Francisco Manuel, não tenho os meus versos por tão ruins, que não sejam pelo menos iguaes aos de outros, cuja lei-

tura recreia, e se estimam, bem que se lhes não tribute admiração; 2.º por que tenho já impresso outras obras, e algumas que fazem parte desta Collecção foram em diversas occasiões publicadas pela imprensa; 3.º por que desejo conservar a memoria de algumas Pessoas, a quem devi obsequios, ou com que tive relações de amisade, a quem tenho não sei si a ventura, si a desgraça de sobreviver, e de quem ainda merecordo saudoso; 4.º Por satisfazer ao Edictor, que pede com instancia a faculdade de publicar estes versos, que elle aprecia mais do que eu, e de certo mais do que elles na verdade valem; 5.º por que estando muito espalhados os meus canhenhos, não faltaria depois da minha morte quem os imprimisse sem correcções, e sem escolha.

Lá vam pois aventurar-se ás bocas do Mundo estes Poemas, com poucas excepções, fructo dos meus primeiros annos; delles que marcam os tempos mais ditosos da minha vida; delles compostos a contra gosto para satisfazer empenhos alheios, e que por isso quasi sempre se resentem da sua origem mal estreada. Delles finalmente que escriptos por occasião de festividades, e grandes acontecimentos Nacionaes, talvez que por essa mesma razão se tornem mais dignos da attenção dos Leitores.

Alumno da Eschola de Francisco Manuel, não receei, seguindo o seu exemplo, de fazer uso de vocabulos, e phrases antigas, nem de introduzir novas vozes derivadas do Latim e do Grego, nem de empregar palavras compostas, que forram circumloquios, e tornam o estilo mais imaginoso! O genero Lyrico admite estas liberdades, quando as soffre a Indole do Idyoma, e

Chiabrera não fez poucas vezes uso destes atrevimentos generosos.

Procurei, quanto pude, escrever com pureza, e que os meus versos sahissem faceis, e harmoniosos, por que a harmonia metrica é um dos mais bellos atavios da Poesia Lyrica, por que a Ode não falla, canta, e depois de Camões, Garção, Francisco Manuel e Bocage terem mostrado a que ponto de perfeição podem chegar os versos Portuguezes, não sei que nome mereça o capricho que nestes ultimos tempos tem feito alguns Poetas, (alias de grande merecimento) de resuscitar a dureza de Ferreira, e o prosaismo de Sá e Miranda.

Ao Sr. Joze Maria da Costa e Sylva.

EPISTOLA.

Esposa fida, juvenil, formosa,
De summo extremo, a quem Sentença iniqua,
Talvez comprada do metal doloso,
O Consorte arrancou, e o traz vagando
Por longiquos Certões; que apoz seis annos
De incertezas, de lagrimas, recebe
Feliz Carta, que em breve lhe assegura
Não só a vinda, mas tambem o auxilio
Dos bens, que la lhe deo melhor Fortuna;
Tanto prazer não tem, não gloria tanta.
Qual trouxe, ó Sylvio amigo, em Letras tuas
A' Musa minha o Estro teo brilhante!

Porem, Sylvio, não foi o teu degredo
Para inculto Certão, onde Natura
Quiz debalde esconder as refulgentes
Chamadas Minas, de que extrahe vão Luxo
Esse Estrúme Phebeo, que tanto céga,
E por quem troca as perolas, e aljofar
Que verte de seu labio o proprio Delio
Em mais nobre, honorifico thezouro!

Sobre os deliciosos Vergeis sacros
Da vetusta Sulmona ou prisca Athenas,
A ti viventes, para os mais ja murchos,
Ou da Imaginação sobre amplos Reynos,
Encantados aos mais, a ti só francos,
Accompanhando o Cego, e bom Delille

Sem duvida tem sido a tua ausencia;
E de lá, qual Abelha, he que tu de huma
Em outra flor libando o Mel, e o Nectar,
Os difundes depois nas phrazes doces
E na grata Sentença, que á maneira
De fecundante Orvalho em secco Prado
Vieram consolar minha alma anciosa!

Ai misero de mim! circum-vallado
Por hum Cordão de Trevas em profunda
Noite obscura, onde apenas palpo em torno
Cardos, Espinhos!.. onde athe se perde,
Para que ao Eccho seo ninguem lastime,
Meo gemido confuzo co's gemidos
De outros tristes, que enserra o duro Alvergue
Do pouzo deplorando!.. agrega, ajunta
Ao proximo arruido o rufo, o ronco
Da Tuba, do Tambor, que ao longe estrugem
Crescendo mais, e mais, mais, e mais perto,
Ante si rebanhando salpicados
De sangue, e de carnage o Corvo, o Moxo
A grasnar, a gemer em prumo ao Tecto
Do Velho Tentilhão, que á luz sumido
Recluzo, inerme, depenado; emfermo
De tempos longos mal piava rouco,
E cantiga dobrar não lhe hera dado!

Ambas mimozas, delicadas ambas
A Musa, e a Borbuleta de aureos dias,
Dias de Primavera só se aprazem:
Desdobrando huma então as azas de ouro
Com seo brando murmureo ora vezita
A Cecem, ora o Lyrio, que cortezes
Ao hospede gentil o seio abrindo,
Profundem o odorifero seo Calyx:

Ao sopro outra do Zephyro benigno
Sobre manso regato, em prado ameno,
Deoses ja canta, ou canta Semideozes,
Ja Deoza, e Semideoza a Marcia louva
As mãos de neve, as faces de escarlata!..
Logo porem que de Aquilo sanhudo
A melena se funde em bruma, e gelo,
De que os campos irrissa, os ares tolda!..
Estremontadas Borbuleta, e Musa,
Revoa huma ao Cazulo seo primeiro,
Sobe outra ao paternal Phebeo regaço
» Que as chuvas, e os Trovões abaixo sente!

Porem ay outra vez! que mor Inverno
A fim de enregelar? que guerra nova,
Ou magoa de outros ays, por que esmoreça,
Trazendo tudo em si, preciza o Vate,
Que em sua Estrada á meta imperterivel
Doze lustros nomea de viagem?...
Passada a Linha neste mar da vida,
Novo Occeano, Pelago mais triste,
Se corre então, onde tormenta he tudo,
Nem bonança mais ha! Syrtes de hum lado,
Carybdis d'outro, por Tufões, Escolhos
Angustias, Dores, todos Inimigos,
Perdido agora o Mastro, logo o Leme,
O misero Baixel tem de hir ao prazo,
Se, no meio talvez, não lhe apparece,
Antes que dobre o grande Promontorio,
Mais feio Admastor de foice alçada,
Que em troculenta voz, em tom medonho,
» Que parece sahir do Mar profundo,
Retrocede-lo manda, e em fatal Cabo,
Não de Esperança, sim de Desespero,
De por fuida a carreira, e o metta a pique!

Tu, Sylvio, feliz Sylvio, que sulcando
Ondas mais rozeas, muito á quem do grave
Teo Equinocio, vas de panno em cheio
Soprado de hum Favonio, ou grata Briza,
Que borrifada de suave aroma
Te indica o Porto, d'onde o bico armado
De amiga o Oliva o ledo Maçarico
Vem convidar-te á praia sem mais bancos,
Sem mais Cachopos, que os de Amor travesso,
Com quem inda o Naufragio he dita, he gloria,
Ah! hum dia não percas de teos Dias!..

Folga brinca, desprende sobre tudo
A voz meliflua da sonora Lyra,
Da que só pode despontar ao Tempo
As subtis azas, para que não fuja;
Com ella a par de Oleno, ora hum, ora outra (1)
Os Desdens canta, as Graças, os arrufos
Do Deos frècheiro; e eu que mais não ouzo,
Fazendo as vezes, que fazia outrora,
O bom Palemon, na rival disputa
Dos Pastores do Tybre, bem que inepto
Para Juiz me offreço, que decida
A quem deve caber do canto a palma
Com voto imparcial; pois que ronceiro
Ja sem Estro, e sem Flauta, que Ciumes
N'hum, ou n'outro motive, entrar na lide
E ditozo aspirar a taes victorias
Não posso eu mesmo, que oxalá podesse!

Thomaz Antonio dos Santos, e Sylva.

(1) O Sr. Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

LIVRO I.

ODES PINDARICAS.

ODE 1.ª

A' Restauração em 1808.

Tandem venias precamur.
Hor. Liv. 1. Ode 2.

STROPHE I.

Salve dia jucundo
De gloria, e de prazer, que nos renovas
Gratissima lembrança
Da nossa liberdade! sobre a esphera
Luminoso prossegue
A marcha triumphal, settas vibrando
Do mais puro fulgor, sombras, negrumes
Do Horizonte d'Elysia ao longe affasta!

ANTISTROPHE I.

Do Minho ao Guadiana,
Do Guadiana ao Mondego, e delle ao Tejo
Hum bradò jubiloso,
Retumba universal, que te sauda!....
O Esposo alvoroçado
Ergue-se, pela mão toma a Consorte,
No filhinho, que dorme hum beijo imprime,
E ambos vão esperar que ledo assômes.

EPODO I.

Grinalda a tiracol, e a frente ornada
De recendentes flores,
As candidas Donzellas,
Aos teus primeiros raios,
Ao som da Cornamusa, ao som da flauta,
Sobre a mórbida relva
Travam com seus Zagáes danças festivas.

STROPHE II.

Tal do Libano as Filhas,
Pondo termo ao lamento, festejavam
Com Bailes, com Descantes
O Ressurgido Adonis, que, deixando
De Juno Estygia os braços,
Dos primeiros amores recordado,
Bello de nova luz, volvia ao Mundo
Com Venus a esquecer, do Elysio as glorias.

ANTISTROPHE II.

Intrepidos Guerreiros,
Ricas trajando galas, se enfileiram
Junto aos pendoens jurados,
E, retratando a Guerra, em doce brinco,
Dão armi-sonas salvas,
Que á Donzella amoroza as faces murcham,
A' enlutada Viuva arrancam pranto,
E á Mãi, que tudo teme, o rosto ensobram.

EPODO II.

Ondêa enovelando-se nas aras
Densa, fumosa Nuvem
De Arabicos perfumes,
Que se levanta aos Astros,
Como a espessa columna asilo, e guia
De Israel fugitivo
Por arenosos, torridos desertos! (1)

STROPHE III.

Em pé entre a prostrada
Devota multidão, que os Templos enche,
O puro Sacerdote
Tres vezes curva a frente, e por tres vezes
O Sanctuario incensa:
Solta depois a voz, que em ledos Hymnos
Dos Orgãos entre harmónicos floreios
Pelas aureas abobados retumba.

(1) Dominus autem præcedebat eos ad ostendendam viam, per diem in columna nubis, et per noctem in columna ignis, ut dux esset itineris in utroque tempore. *Exod. Cap.* 13.

ANTISTROPHE III.

» Graças, Deos Providente,
» Que do Nada extrahiste os Céos, e o Mundo;
» O teu poder louvamos
» Que d'hum sôpro accendêo Astros, Estrellas
» Que em fluido espaço nadam?...
» Por ti se aleita o Mar, e o Mar se empóla,
» Florece o Prado, as Arvores produzem,
» Cria os varios metaes da Terra o seio.

EPODO III.

» Confessamos teu Nome, a quem se inclinam
» Tartareas Potestades;
» Teu Nome, que do Justo
» A recompensa abona;
» Teu Nome, que scellou de Affonso o Pacto
» Quando no sacro Ourique
» Fictou teu rosto, e lhe entregaste o Sceptro!

STROPHE IV.

» De teu favor á sombra
» Elysia assim medrou, Rival de Roma:
» Curvou-lhe ás Leis humilde
» O Naire ufano, o Mouro caviloso;
E ao medonho estampido
» De seus marcios canhões, que ao longe ouvia,
» Nas Basilicas Selvas embrenhado,
» Tremêo de susto o perfido Armopira!

ANTISTROPHE IV.

» A Ti nos dubios lances,
» Quantas vezes, erguendo a voz aflicta,
» Não vío sobre seu gremio
» A ventura chover? Do pranto ao rizo,
» E das Prizoens ao Solio,
» A fizeste passar! Assim de Elias
» A' fervida Oração, dos Ceos de bronze
» Correo fertilidade em fartas ondas.

EPODO IV.

» Desgrenhada, envolvida o gentil Corpo
» Nos crepes da Ignominia,
» Elysia ao desamparo,
» Já sem Diadema, e Sceptro,
» Chorava sobre o pó seus Reis auzentes,
» E os deshumanos ferros
» Que os pulsos lhe roxêam, passo embargam!

STROPHE V.

» Qual por aridas mésses
» Fogo devorador corre estalando;
» Qual Euro furibundo
» Que varre, as Náos fundindo, equoreos e plainos;
» Qual estigio Contagio,
» Que atroz consternação, estragos, mortes
» Voando espalha em roda, o Gallo impio
» Pelas margens do Téjo campeava!

ANTISTROPHE V.

» A que nefanda espece
» De crime abominoso se pouparam
« Do Senna as negras furias?..
» O Roubo, o Assassinato, o Estupro foram
« Hum relampago escasso
» Do raio, que abrazou Villas, Cidades,
» Dos Templos profanados, e em pedaços,
» Sacros Bustos, Levitas sobre as Aras!...

EPODO V.

» Mas desarmado da vingança o Arco
» Por súpplicas ardentes,
» Lançaste a vista aos Monstros,
» E os Monstros mais não vimos!...
» E do antigo pezar nos resta apenas
O tenue sobresalto,
» Que accabada a Borrasca, aos Nautas fica!

STROPHE VI.

» Corôa, Omnipotente,
» Nossos Votos corôa, a Paz envia,
» Que o Rei nos reconduza!...
» O Rei carpido há tanto! oh longe delle
» Somos Rebanho infausto,
» Que vaga sem Pastor desertos campos,
» Somos Vide, que hum Olmo não depára
» Onde o fructo descance, ampáre os ramos!

ANTISTROPHE VI.

» Assim nos verdes galhos (1)
» Dos Salgueiros, que as margens sombreavam
» Dos Babylonios rios,
» A Lyra pendurando Hebreo captivo,
» Por Sião, que perdêra,
» Vertía amargo pranto, e tu piedoso
» Lhe deste hum Redemptor, que o conduzisse
» Da sagrada Cidade aos patrios muros.

EPODO VI.

» Estes os votos, que do Téjo os Filhos
» Humildes se dirigem!...
» A teus ouvidos cheguem
» Tão gratos como Arômas,
» Que ao romper da manhã diffunde a roza!...
» Tão gratos como arpejos
» Que retumbam nos Ceos em Harpas de Anjos!...

(1) Super flumina Babylonis illic sedimus
Et flevius dum recordaremur Sion.
In salicibus in medio ejus suspendimus organa nostra.
Psalm. 167.

ODE II.

A S. M. Fidelissima D. Maria I.

Dux Fœmina facti.

STROPHE I.

Já de candidas plumas
Meus hombros se revestem, Cisne adejo
A espaços sem medida:
Vou sobranceiro ao Lethes,
Onde Mevios, e Bavios se baralham,
E Zargueidas somniferas se afundam.

ANTISTROPHE I.

Com sofregos ouvidos
Devorará meo canto o Bretão forte,
O magnanimo Hispano,
Do Tybre o culto Filho,
O que bebe no Rhodano espumoso,
O Montigena Helvecio, Dano, e Russo.

EPODO I.

Ao som cadente de alternados malhos,
Nas incudes Dirceas
Alados Genios, mil lidando accesos,
As laminas preparam,
Que deve historiar buril da Gloria
Da Lusa Soberana
Com preclaras acções, dotes sublimes,
Ornamento immortal da Fama ao Templo.

STROPHE II.

Solerte a Natureza
A hum lado se disvella; em teu composto
Rainha augusta empenha
Quantos dotes poderam
Mortal peito uffanar! riso de Venus,
De Minerva a rasão, de Juno o talhe! (1)

ANTISTROPHE II.

Alem, qual de seu throno
O Rei das Estaçõens, de luz vestido,
Vê mil rotantes globos,
Que o buscam reverentes,
Que timidos se affastam; e elle immoto
Presta a todos calor, da vida a todos.

EPODO II.

O Rosto magestade, o peito amores,
Em teu avito solio
A Compaixão daqui, dali Justiça, (2)
Libras na gentil dextra
O Sceptro, que empunhou primeiro Affonso;
Que de Asiannas gemmas
Enriqueceo Manoel, João remira, (3)
Jozé fez respeitar, tu glorificas.

(1) S'avesse la Beltá corpo mortale,
Credo che la Beltá sarebbe talé
Marini Ad. Cant. 19 *Ist.* 26.

(2) Incrudelir nei simplici innocente
Non conviensi a Beltá celeste, e santa;
Vive pieta nelle divine menti
Ne di gloria maggior Giove si vanta
Marini Ad Cant. 12 *St.* 114.

(3) D. João 4.°

STROPHE III.

Vai orgulhoso o Nilo
De montesinos feudos trasbordando,
Do enigmatico Egypto
A's aridas campinas
Levar fertilidade em fartas ondas,
The que por bocas sete o mar insulta.

ANTISTROPHE III.

Taes vam candaes perennes
De ventura inundando o seio a Lysia
Em teu feliz Reinado!
Lysia que, jubilosa,
Tantas graças por ti aos Ceos envia,
Quantas graças os Ceos por ti lhe outorgam:

EPODO III.

Babilonios Jardins pelo ar suspenda
Semiramis incasta;
Mausoleo, que hum portento accresça ao mundo,
Outra ao consorte elleve;
Ceda o Reino Christina, e chore o Reino;
De seo poder o tronco
Regando Elisabeth com proprio sangue;
Patrio culto transtorne, e Roma insulte.

STROPHE IV.

Pranto enxugar de Aflicto,
Orgulho insultador conter dos Grandes;
Dar ao Merito azilo,
Acatamento ás aras,
A's artes protecção, honra ás Sciencias,
A gloria tua, os teus brasoens sam estes,

ANTISTROPHE IV.

Com cem fuzis de bronze
Pulsos cruzando ao dorso, olhos em fogo,
Ruge atroz Fanatismo :
Chora os horrendos tempos,
Em que sobre cadaveres reinava,
E os Infernos servio dos Ceos em nome!

EPODO IV,

Themis imparcial, por ti sustida
Vibra a fulminea espada,
Corta por Gordios nós de enredo abstruso;
Cavilosos Phantasmas,
Godas Chymeras, Arabes Sophismas,
Da Injustiça sequases,
Ruem aos golpes seus, e se desbastam
De seo Codigo á luz Romanas trevas! (1)

(1) D. Maria I creou uma Junta de Magistrados para organisar hum projeto de Codigo, accomodado ás luzes do Seculo. A Junta formou-se, mas nada fez, á excepção do que escreveo Paschoal Jozé de Mello, se ficamos sem Codigo não foi por falta de boa vontade da Raynha.

STROPHE V.

Que tumulto! que estrondo!...
Serras, malhos, cinzeis, compaços, Reguas,
Os varicosos braços
De Artistas a milhares
Armam; fervem na obra, como em pinhas
Ao redor da colmêa Abelhas zumbem.

ANTISTROPHE V.

Rivalisando Mafra,
Aos ares sobe magestoso Templo, (1)
E entre as soberbas Torres
Hum tacito respeito
De longe inspira seu Zimborio augusto,
Parecendo, que os Ceos sustenta aos hombros!

EPODO V.

Magnifico Theatro eis abre o campo (2)
Da melodiosa Euterpe,
Da variada Terpsichore aos portentos;
Rival do imberbe Apollo,
Crescintini hi triumfa; as almas leva
No rapido volteio
Apoz si Radaeli... oh! não profanem
Jamais vis Histrioens tão lindas Scennas!

(1) O Convento do Coração de Jesus.
(2) O Real Theatro de S. Carlos.

STROPHE VI.

Grande Luiz, tão pago
De que Boileau, Raccine, e Lafontaine
Teu Reinado illustrassem,
Vê mais lustre, e mais pompa
Dar de Maria ao venturoso Reino
Thomino, Alfeno, Elmano, e o gráo Philinto!

ANTISTROPHE VI.

Desce d'Aveiro aos campos
Leda Saude de rozadas cores, (1)
E aos incolas presenta
O seu nectareo copo;
E sobem pelo já liberto Vouga
Commerciaes Baixeis, Britanas Frotas

EPODO VI.

Calvos montes direi, inferteis vargens,
Que enverdece, fecunda
O potente condão da Agricultura!
Generosos Hospicios,
Franco azilo da aflicta Humanidade!
Os Paladios Gymnaios!
Mas conte astros ao Ceo, ao Prado flores
Quem da excelsa Heroina acçoens numere!

(1) Desintupimento da Barra d'Aveiro, e extincção dos charcos e pauis, que motivavam annuaes epidemias nos habitantes daquella cidade.

ODE III.

Aos annos de S. M. El-Rey D. João VI.

Or s'anima d'onor prendo diletto
Mio canto ascolti, e se lo chiuda in petto.
Chiab. Od. 34 *Stroph.* 5.

STROPHE I.

Quando a trombeta horrisona da Guerra,
Com clangor pavoroso
Retumbando na Europa, atroa ao longe
America remota,
Quem forças me dará, com que desperte
Da Pyndarica Lyra os sons cadentes?

ANTISTROPHE I.

Ledos caramanchões d'alta verdura,
Regato entre alvas flôres,
Cascata em perolas liquidas desfeita,
Hum prado, um bosque, um monte,
Paz, Incuria, Abundancia, ás Musas quadram,
Que ao raio tremem, que ao trovão desmaiam.

EPODO I.

Mas entre o rouco brado
Dos Vulcaneos trovões, que abatem Muros,
Sobre os campos, que juncam
Cadaveres sanguentos,
Entre os ais dos vencidos, que perecem,
Entre o brinde feróz dos que triumpham,
Cytharas desafinam, morre o canto!

STROPHE II.

Taes, se a dextra de Augusto as portas fecha
Do symbolico Jano,
Fulgem Horacios, e florescem Maros;
Mas se do Norte os Filhos
Enxorram sobre o Lacio, acabam Vates,
E grasnam só de espaço os roucos Bavios!

ANTISTROPHE II.

Porem Amor da Patria, e da Virtude,
Que no meu peito alvergo,
Querem que espalhe com Thebanos modos
Pelo vasto Universo
O Nome de João, que os Céos recreia,
Enche de gloria os Bons, e os Máos de susto.

EPODO II.

João!... ao grato nome
Exulta a Natureza, e o Sol se aviva!
Risonho o floreo Maio
Odorosos perfumes
Prodigo espalha em torno! em seus Pomares
Mais bella, mais gentil reluz Pomona,
Innocencia sorri, Pezar se alegra!

STROPHE III.

De Antoninos, de Titos, de Trajanos
Blazone a antiga Roma,
Austria exalte José, Luiz a Galia,
Toscana o seu Leopoldo;
Elysia mais feliz virtudes delles,
No preclaro João disfructa unidas!

ANTISTROPHE III.

Como seu astro em lucido Oriente
Rutila magestoso
Do Mundo antigo ao novo!....qual descende
Do Sol potente influxo,
Que, no seio da Terra, os metaes gera,
Dos dous Orbes os bens derivam delle.

EPODO III.

Por elle o Brazil despe
Seu plumoso selvatico atavio;
E ás Européas Artes
Permitte que lhe adornem
De seda, e ouro os denegridos membros,
Que sublime cothurno ao pé lhe ageitem;
Troca ao nectar do Douro humano sangue!

STROPHE IV.

Cruento Despotismo alteia a fronte
Na revoltosa Gallia,
Estende a ferrea dextra, algema os Póvos;
E das curvas cabeças
Dos Reis, que derrubara, os degráos forma,
Para ao Throno subir, que altivo usurpa!

ANTISTROPHE IV.

Impia Guerra marchando ao seu aceno,
D'Eumenides cercada,
Morticinios, Estragos, Roubos solta;
Aqui a Mãe afflicta
Abraça moribunda o filho exangue,
Lá sobre o Espóso extincto a Esposa ultrajam!

EPODO IV.

Nas equoreas campinas
Baixeis contra Baixeis abaruando
Em raios se desfazem!
Sulphurea labareda
Cresta as azas do vento, attonta as vagas,
E, ao medonho estampido espavoridas,
No fundo do pégo escondem-se as Nereidas!

STROPHE V.

Farto Leão entre arvores repousa,
E com desprezo observa
Na planicie brigando os igneos Touros:
Mas, se um delles o investe,
Ruge implacavel, salta, afferra, empolga
Despedaça, afugenta aquelle, e a todos.

ANTISTROPHE V.

Tal se ao Tejo as Phalanges do Tyranno
Em guerra se aproximam,
Surgem Lusos, do Rei pela defeza,
A's armas se arremessam!...
Cerram, combatem, vencem, pizam Aguias
E de João vingado aos pés as prostram!...

EPODO V.

Ao generoso exemplo
De Ibero, e Lusitano, á similhança
De eletrica scentelha,
No Norte se propaga
Da Liberdade a chamma; e desde Ukrannia,
A's margens do Elba, e do Ticino ás margens,
E' brado universal « caia o Tyranno! »

STROPHE VI.

Que densos turbilhões de fogo, e fumo
Os ares escurecem?...
E' Troya que arde?... o Orco que se expande?...
E' o impávido Russo
Que ao fogo dá Moscow, e ao Gallo a rouba.
Tal Virginio, matando-a, a filha salva!

ANTISTROPHE VI.

Mas já por êrmos, desolados campos
A' tôa fugitivo,
Batido, inerme, e nu, se esconde o Gallo:
Ora a fome, ora o gêllo,
Ora, mais destructor que o gêllo, e a fome,
O prostra, o mata, o barbaro Cossaco.

EPODO VI.

Respira o Prusso ousado,
Austriaco, Sueco, e de passagem,
Engrossando com hostes
Das Nações, que libertam.
Vem com fulmineo impeto trazendo
Perante si dos Vandalos do Senna
A torpe multidão, e em França a fecham.

STROPHE VII.

Com pasmo, e raiva, e dôr o Franco observa
Em seu proprio terreno
Os mesmos, que ao relampago tremiam
Da sua espada ha pouco!...
Desadora o seu despota, deixado
De amigos, e de afins, parentes, servos!

ANTISTROPHE VII.

Porém pasma inda mais, mais desadora,
Quando á sombra das Quinas,
Reflorece em Bordeaux pisado Lyrio!
Quando o Gascão remido
Delira de prazer, e em gratos hymnos
Com João, com Luiz atroa os ares!

EPODO VII.

Em luminosa nuvem
Do Martyr Rey o espirito fulgente
Dizem que então foi visto,
Todo em prazer celeste
Rutilando o semblante magestoso,
Aos filhos apontar, e á bella Espoza
Para a livre Cidade em bençãos ledas!

STROPHE VIII.

Gloria ao Pio João, gloria mil vezes,
Que o Ceo nos concilia! . . .
Gloria aos Vassallos de tal Rey credores! . . .
Gloria á Consorte Augusta,
Que em Prole digna delle o faz tão rico!
Gloria ao Tronco, que deu tão gentil Fructo!

ANTISTROPHE VIII.

Muros de Badajoz, e de Rodrigo!
De Talavera oh campos!
Bussaco! Pireneos! Adour! e Nive!
Apóz que sorva o Lethes
Centos de Gerações ao mundo em pasmo
Mémores contareis nossas proezas!

EPODO VIII.

Não mais, não mais oh Musa!
Que pelago a sulcar nos resta immenso
Si proseguir intentas
Do Principe sublime
Louvores immortaes! . . . as vellas colhe;
E, antes que a naufragar te leve o Noto,
No porto, que já vêz, entra, e dá fundo!

ODE IV.

Ao Infante D. Henrique.

Talent de bien faire!
Brazão do mesmo Infante.

STROPHE I.

Presta-me, Eutherpe, a Cythara de Homero,
Mas tira-lhe os bordões, em que retumbam
Ferrisonas batalhas,
Igneo rodar dos carros,
O trote dos ali-pedes Ginetes,
O sibilo das frèxas,
O crépito das chammas,
Ais dos vencidos, clangorar das tubas!

ANTISTROPHE I.

Poem-lhe as cordas de tempera mais fina,
Com que dascanta da ridente Venus
O amorigeno Ceston;
A meiga despedida
Da Consorte de Heitor, e o lindo Infante,
Que, no materno seio,
Chorando, esconde o rosto,
Do Elmo paterno ás irrissadas crinas (1)

(1) Ω'ς ειπὼν, οὗ παιδός ορέξατο φαίδιμος 'Εκτωρ.
'Αψ δ' ὁ πάις πρὸς κόλπον ευζώνοιο τιθήνης
Εκλίνθη ιάχων, πατρὸς φίλου όψιν ατυχθείς,
Ταρβήσας χαλκόν τε ιδὴ λόφον ιππιοχαίτην,
Δεινὸν απ' ακροτάτης κόρυθος νεύοντα νοήσας·
Homero, Iliad. Lib. 5. vers. 466.

EPODO I.

De Guerreiros Heróes acções cruentas
Nem sempre hão de atroar do Pindo as Grutas;
Quantas perolas jazem
Sumidas nas entranhas do mar fundo!...
Quantas flores perfumam
Com suave fragrancia os invios Ermos!...
Quantos nomes preciosos
De Heróes da sapiencia o Lethes sorve,
Sem que os lembrem Padrões, descantem Vates!

STROPHE II.

E eu, que nas veigas floridas de Dirce,
De não murchando Myrtho a frente enramo,
A quem accende o peito
Electrica scentelha
Que Amor da Patria, e Merito despedem,
Deixarei que do Elysio
Vagueis não cantado,
Philantropico Henrique, os lèdos Campos!

ANTISTROPHE II.

E' gloria o descender de um tronco illustre,
Cujas ferteis raizes vão pender-se
Nos confins do passado;
Em quanto a basta cópa
Nos Campos do presente alarga as sombras,
E os madurandos Fructos
Doce conforto auguram,
Ao remoto futuro esperançoso.

EPODO II.

E' gloria inda maior, subindo afouto
Do alti-sono Renome ao Templo augusto,
Prender da Estatua de Ouro
No argenteo pedestal fio assombroso
De preclara Progenie;
Primeiro de seu nome ser qual Tulio,
E dizer como Phebo,
» Esta luz, que me adorna, e circumverto,
» De emprestado fulgor não se alimenta! »

STROPHE III.

Mas quem d'Avitas glorias scintilando
Generoso transcende o brilho herdado,
E, ao Universo, e á Patria,
Venturas promovendo,
Abre novas da Fama ao Templo estradas,
Entre os Heróes levanta
A placida cabeça, (1)
Os sobre-vê sublime, e emula os Deoses!

ANTISTROPHE III.

Elmos, Lorigas, Clipéos, Grevas, Lanças,
Arrancadas com sangue aos inimigos,
Viste adornar paredes
De teu Alcaçar Regio,
E sem inveja os viste!... Africa adusta,
Cortada de teo ferro,
Tremendo confessava
Que d'aquelles trophèos ganhar sabias!

(1) Placidum caput. *Horat.*

EPODO III.

» Longe, (disseste) de mui longe o sangue,!...
» Nem da Viuva, e Orphãos os gemidos
» Destemperem o canto,
» Em que soar meu nome! eia acolhei-me,
» Frondentes arvoredos,
» Floridas veigas, que a Sciencia habita!
» Em voz meditar quero
» Altos planos, que ás Terras de luz faltas
» De Sophia, e da Ventura a luz reforcem!

STROPHE IV.

Favonias virações, que aromatisam
Flores, de que se esmalta Ilheo formoso,
Os canticos das Aves,
Que em torno lhe revoam,
Menos convidam fatigado Nauta,
Que, por ignotas ondas,
Vagara entre procellas
Falto de agoa, e corrupto o mantimento,

ANTISTROPHE IV.

Que de Regio favor bafagem meiga
Chama as Sciencias, e convida as Artes,
Que em torno assim reune!...
Novo Lycêo resurge
A tua vóz, oh Principe, nas praias
Da maritima Sagres; (1)
Sagres então sem nome,
Hoje nobre por ti, por ti famosa!

(1) O Infante D. Henrique todo entregue aos seos projectos de descobrimentos, deixou a Corte para hir habitar em Sagres no Algarve, onde fundou a celebre Academia, que tanto floresceu dirigida pelos dois sabios Jodeos Rabi Joseph, e Rabi Rodrigo, e de que sahiram os grandes Navegadores, que naquella epocha tamanha gloria nos deram.

EPODO IV.

Como ali, de um teu riso estimulados,
Os Genios do saber, do engenho os Genios,
Lidam, reformam, criam!
Aquelle aos Astros lucidos assesta
Longe-vidente Vidro;
Mechanicos segredos sonda estoutro
Esse a amplifica os Mappas,
Cartas este Hydrographicas inventa,
Novo soccôrro ao Nauta aventuroso!

STROPHE V.

Assim, quando nos prados se recrea
Por mão da Primavera a linda Flora,
Das Colmeas em torno
Melificas Abelhas
No seu vario mister fogosas lidam;
Qual as flores carreta,
Qual as cellas prepara,
Qual ao Zangão daninho a entrada impede!

ANTISTROPHE V.

Jubiloso o Commercio vê descendo
Dos empinados montes velhos Pinhos
Que ora tecendo a quilha,
Ora o concavo bôjo,
Ora subindo em mastro, se trasformam
Em véli-vogas Torres,
Que suas ferteis Plantas
Vão dispôr sobre novos Continentes!

EPODO V.

Alongam-se do mundo os Horisontes
Aos olhos Européos! . . . por Evos longos
Envolta em nevoa espessa
A bosqui-gera frente já descobres (1)
Oh vinosa Madeira,
Fertil filha do Atlantico, onde outr'ora
Amor prestara azylo
Aos Britanos Amantes sem ventura (2)
Com cuja Historia, e Tumulo te enfeitas

(1) Que do muito arvoredo o nome teve.

(2) Sous le regne d'Edouard 3.° Roy d'Angleterre, un Homme d'esprit, et courage; nommé Robert Makin, ayant conçu une passion fort vive pour une jeune persone d'une naissance superieure á la sienne . . . (elle se nommait Anne Dorset) . . . ils resolurent enssemble de quiter l'Angleterre, et chercher une retraite em France . . . mais l'inquietude et la precipitation de Makin ne lui avoient pas permis de choisir les plus habiles Matelots d'Angleterre. Le Vent d'ailleurs lui fut si peu favorable que ayant perdu la terre de vue, il se trouva le lendemain comme perdu dans l'immensité de l'Ocean, . . . enfin le quatorzleme jour au matin, ses compagnons apperçurent fort pres d'eux une terre . . . l'Isle paraissait deserte, mais elle leur offroit du moins un asile . . . Ils s'y firent conduire aussi-tot en laissant le reste de leurs gens pour la garde du Vaisseaux . . . un grand Arbre, que leur offroit son ombre leur fit prendre la resolution de s'arreter dans cette belle solitude. Ils y dresserent des Cabannes . . . mais leur repos dura peu; trois jours aprês, un orage de Nordest arracha le Vaiseaux de ses ancres . . . Makin n'ayant retrouvè aucune trace de son Batiment, conclut qu'il etait coulé á fond. Cette nouvelle disgrace . . ., fit tant d'impression sur sa Compagne que . . . elle expira au bout de deux jours sans avoir prononcé une parole . . . son amant ne vecut que un jours aprés elle, et demanda pour unique grace a ses amis de l'enterrer dans le meme Tombeau.

Histoire General de Voyages.

STROPHE VI.

O medonho terror, que enthronisado
Sobre o cabo de Não,. entre o Cortejo
De horrisonas Tormentas,
E Tufões, e Naufragios
Por vóz dos escarceos longi-bramindo,
A passagem vedava
Aos descorados Lenhos,
Cede aos impulsos teos, no mar se afunda.

ANTISTROPHE VI.

Deve-se a ti, oh Principe sublime,
Se Dias, novo Ulysses, corre os mares;
Deve-se a ti, se o Gama,
De Adamastor triumpha,
E ao Malabar aprôa! . . . o Gama ousado
Que tão alto retumba
De Camões na trombeta,
Que em vão tenta abafar ladrando a Inveja!

EPODO VI.

Tu passo abriste ás inclitas proezas
De Almeida, de Moniz, Castro, e Pacheco,
O Luzitano Achyles! . . .
Tu soltas-te a caudal de argento, e de ouro,
Que, das Indianas Plagas,
Dos Brazilicos Montes, onde Pluto
Seus Armazens encerra,
Correndo, oppulentando a Patria nossa,
Europa enriqueceo com seus sobejos!

STROPHE VII.

E' por ti que hoje America, despindo
Selvatica rudeza, ao Mundo antigo
Em polimento emula!...
Tu derribaste altares;
Em que ao nefando Eponamon queimava
O Mexico aviltado
Sacrilegos perfumes
Sobre o sangue de victimas humanas!

ANTISTROPHE VII.

Nem Cook, ou Drake, ou Bourguinville, ou Anson (1)
Sem ti luziram tanto!... nem dos Mares
Hoje o sceptro empunharas,
Oh soberba Britania?
Tão grande Reaumur, Linneo tão grande,
Nem tu, Buffon serias!...
E a Newton franqueára
Menos arcanos seus a Natureza!

EPODO VII.

Oh Bemfeitor Universal dos Homens!
Da Patria resplendor, do Mundo assombro!
Por ti, sabio, suspiram
De Lysia os Promontorios saudosos?...
A bem dizer-te ensinam
Agradecidas Mães aos seus filhinhos!
E de Atilas, e Ninos
Morre o nome, ou nas Chronicas só vive
Dos flagelos do globo em sangue escripto!

(1) Quando nós descobriamos novos Ceos, e novos Mundos, essas Nações, que hoje afectam menoscabar-nos jaziam sepultadas na barbaridade, e ignorancia, occupadas em justas, e torneios, ou dilacerando-se em guerras civis, e por questões de Theologia Escolastica.

ODE V.

Aos annos de Sua Magestade Jorge 3.º Rey de Inglaterra.

Serus in Cœlum redeas, diuque
Lætus intersis Populo.
Horat. Od. 2.ª *Lib.* 1.º

STROPHE I.

Que Heróe, que Semideos, oh Clio, ordenas
Que na Thebana Lyra,
Em Gregos modos, que por mim sam Lusos (1)
Aos luminosos Astros
Cercado de relampagos, e raios
Nas azas da harmonia ovante eu suba?

ANTISTROPHE I.

Para quem vejo matizar solertes
Nymphas do Tejo, e Thames,
Laureas capellas com Punicas Rosas? ...
Por quem alternam cantos,
E, ao ledo som de Tympanos, e Flautas,
Pulçam com leve pé, dançando, a Terra? ...

(1) Ἀναξιφόρμιγγες ὕμνοι,
Τίνα θεὸν, τίν' Ἥρωα,
Τίνα δ' Ἄνδρα κελαδήσομεν.
Pyndaro, Ode Olimp. 2. *Strof.* 1.

EPODO I.

Se, a longos olhos, eu prescruto a serie
Dos Lusitanos Fastos,
Ou se na idade nossa
Os ficto acaso, multidão sem conto
De Heróes em paz, ou guerra,
O tributo reclamam de meus hymnos!

STROPHE II.

Albuquerque terrivel, Castro forte,
Moniz, Pacheco, e Lima
Mostram d'Asia os trophéos!... Cabral recúa
Os terminos do Mundo!...
Lybia o chão morde aos pês de Lopo, e Nuno
Trovão de Aljubarrota, e raio em Ceuta.

ANTISTROPHE II.

Na de Nymphas gentís Olhão fecunda
Lá surge o invicto Sousa;
Segue-o Miranda, e Bacellar, flage-los
Da Corsica impiedade!
Brilha entre todos o astro de Silveira (1)
Como em vazo argentíno esmalte de ouro.

(1) Micat inter Omnes
Julium sidus, velut inter ignes
Luna minores!
Horat. Od. 15. *Lib.* 1.°

EPODO II.

Mas provecto Mortal, que um Deus remeda,
Em portamento, em face,
Tu me apontas, oh Musa! ...
Na cabeça o Diadema, em punho o Sceptro,
Em augusto silencio
Parece que medita a bem do Mundo.

STROPHE III.

Salve, oh Anglico Jove! oh Jorge! oh Mestre
De Reys, de Reys modelo!
De Lysia Protector! da Galia espanto! ...
Cançada ha muito a Parca
O aureo fio prolonga de teus dias,
E o Palladio de Europa em ti respeita!

ANTISTROPHE III.

Arde em teu peito o Espirito sublime,
Que em Epochas ditosas (1)
Em que Roma imperou do Tybre ao Indo,
Deu Cezares, e Augustos,
Titos, e Aurelios deu! a Paz amando,
Sem que temas a guerra, és grande em ambas!

(1) Worthy of that spirit,
That dwelt in antient Latian breasts, when Rome
Was Mistress of the World
Rowe, Fairy Penintent. Act. 5. Scen. 2.

EPODO III.

Eri-sona Trombeta anima a Fama,
E retumbando os échos
No alcaçar da Memoria,
A quantos no futuro imperios rêjam
Em teu Governo aponta
De um Governo feliz, o exemplo, a norma!

STROPHE IV.

Diz que ao público Bem sempre entregado
Noute, e dia promoves
A ventura de um Povo, que te adora;
Que, do teu sceptro á sombra,
Recolhe em paz as messes, que lavrára,
Sem temer que lhas ceife estranho ferro.

ANTISTROPHE IV.

Cobrindo o mar de Náos, de Homens a Terra,
Embora o tetro Corso
Queira opprimir do Globo a liberdade
De teu poder um sôpro
Sobre as aguas, as Frotas lhe submerge,
Sobre as terras exercitos lhe varre!

EPODO IV.

Além do Continente, além dos mares,
Teu influxo decorre,
Quaes dous rios, que brotam
De oppostas Fontes, e ao correr confluem, (1)
E, unidos, espraiando
As áridas campínas fertilisam.

STROPHE V.

Unido com João, que par só achas,
E só sem mancha amigo,
Ao inculto Brazil rudeza despes,
E povoações se volvem
Embrenhadas Florestas, duro asilo
Do Tapuia boçal, da Onça traidora!

ANTISTROPHE V.

Oh Rey sublime! teu Natal bençoam
Elysia, que remiste,
O orbe que vingas, Albion, que illustras!
Balbucia o teu nome
O Orphão infante, e aos Céos te recommendam
Luctuosa Viuva, ingenua Virgem!

(1) Are you not mix'd' like streams of meeting rivers
Whose blended waters are no more destinguish'd
But roll into sea one common flood?
Rowe. Fair. Penitent. Acto 3. Scen. 2

EPODO V.

Tarde, oh! bem tarde! o Astro, que se adorna
De teu sagrado nome (1)
Vas habitar, oh Jorge!... (2)
Milhões de Sóes primeiro á morte cedam!...
Milhões de sóes primeiro,
Para á Terra dar luz, do cahos surjam!

(1) Alusão ao Astro, que os Astrónomos chamão Uranus: e Herschel, que o descubrio, agradecido ao seu Augusto Protector, denominou o Psalterio de Jorge 3.°

» Arctoa parat convexa Bootes »

(2) Australes reserat portas succinctus Orion,
Invitant que novum sidus, pendet que vicissim
Quas partes velit ille sequi, quibus esse sodalis
Dignetur Stelis, aut qua regione moveri.

Claudiano.

ODE VI.

Na tornada das nossas Tropas triumphantes em Agosto de 1814.

Oh immaginativa, che ne rube
Tal volta si di fuor, ch'nom non s'acorge
Purche d'intorno suonin mile tube.
Chi move te s'il senso non ti porge? . . .
Muoviti lume, che nel ciel s'informa
Per se, o per voler, che giu lo scorge!
Dante. Purg. Cant. II.

STROPHE I.

Estro! . . . Immaginação! . . . divino Influxo! . . .
Pierio Fogo! . . . Genio! . . . Phantasia! . . .
Enthusiasmo! . . . qualquer emfim, que seja
Tua essencia, teu Nome! . . .
Omnigeno principio,
Que sinto em mim, e que explicar não posso,
Salve! . . . o Astro tu és, que o Homem guia
Com seu propicio lume
Pela estrada immortal da Gloria, e Honra!

ANTISTROPHE I.

Tu arrancas as lagrimas de Cezar
Quando do Macedonio encara o Busto! . . .
Por ti Socrates bebe o lethal succo,
E, com sereno rizo
Diz, ao Sol apontando,
» Resurgirei, como elle, em melhor Mundo!
Por ti sonha Colombo ignotas Gentes
De Dio entre destroços
Mascaranhas não treme, e pugna, e vence!

EPODO I.

Sem ti não ha prazer, desbotam flôres,
As Estrellas se eclypsam, perde a graça
Das Aves o gorgeio!
Languida a vida visos tem da Morte,
E, embrutecido o Homem
Ensurdece aos reclamos da Ternura,
E' gêlo, é pedra aos osculos da amada!

STROPHE II.

Foram sem ti monotono susurro
De compassados sons sem alma as notas
De Paysiello, ou Bomtempo! . . . pintaria
Como Saunier psalmea
O deissimile Rubens! . . .
Kent, e Le Notre, Girardon, Bernini,
Não pergoára a fama, e confundira
Caldarini com Todi, (1)
E nem de Actriz vulgar Crisp extremara (2)

(1) Luiza Roza Todi, cantora Portugueza, ouvida com geral applauso, e enthusiasmo sobre os mais famosos Theatros de Italia, França, e Russia; o consenso universal a graduava em a melhor cantarina do seu tempo; e com effeito ninguem possuio mais a fundo os segredos da arte, que exercia. Ninguem soube melhor reunir os dotes de perfeita cantora, e de sublime Actriz!...

(2) Actriz Ingleza, e a mais excellente Dama Tragica, que tenho visto. Figura elegante, vós clara, e flexivel, um semblante que se moldava a todos os affectos; vivissima effuzão de sentimentos, perfeição, e facilidade de aptitudes, intelligencia de Scena, tudo nella se reunia, tudo brilhava nella. Macbeth, The Fairy Penitent, Julieta e Romeo, foram os Dramas, em que com especialidade a vi tocar a perfeição.

ANTISTROPHE II.

Tu ensopaste em tenebrosas tintas
Energico pincel, com que traçava
Do rabido Ugolino, e incesta Amante
Horri-armonico Dante (1)
A lamentosa Historia! ...
Longi-vibraste os sons d'argentea trompa
Com que Milton, Céos, Terra, e Inferno abala!
E temperaste a Lyra
Do velho juvenil cantor de Teios (2)

EPODO II.

Com o energico Rouwe (3), e o bom Racine
D'Anglia, e de Gallia passeaste ufano
Tragica illustre Scenna!
Terencianno Aticismo, e saes de Plauto
Profundis-te em Goldoni! ...
Guias-te pela mão Tompson, Delille,
Por templos de Estações, jardins do Gosto! ...

(1) Aquelles que estiverem em estado de conhecer a fundo, e sentir toda a força da Poesia Italiana, confessarão que no Poema = a Divina Comedia = do celebre, e antiquissimo Dante, se encontram rasgos do mais terrivel pincel, e da mais eloquente Poesia. Tal é a Historia de Ugolino, de Francisca de Rimini, a descripção do Arsenal de Veneza etc. etc. se Tasso me encanta mostrando-me o genio, que remonta por ares livres até á região dos Astros, Dante me enche de obstupefacção, presentando-me o Genio que em toda a sua força lucta contra as trévas de um seculo barbaro, e de espaço a espaço as rompe com aquelles relampagos de luz original, que immortalisará seu nome, como creador da lingoa, e da Poesia Toscana!

(2) Anacreonte.

(3) Nicoláo Rowe, excellente Poeta Tragico, natural de Irlanda; os Inglezes o chamam o Racine de Inglaterra, e com effeito se aproxima muito a Racine, pelo estillo, e séntimento. A bella Penitente, Joanna Shore, e Tamerlão, são as suas melhores Tragedias.

STROPHE III.

Comtigo suspirava entre os Sepulchros
Young, e Gray! de Darwin, de Lucrecio
Na dulci-sona voz amenizaste
Philosophia austera!
E comtigo vestindo
Mascara zombeteira Garth, e Pope
De ardente ortiga a sátyra espinharam!
A satyra, que armáras
Em Persio, e Juvenal de ferro, e fogo!

ANTISTROPHE III.

Tu me ensinaste de Dirceas plumas
A armar canoro alti-toantes Hymnos,
Que entre o versi-color clarão, que espalham
Relampagos Philintios,
Aos astros levantaram
O nome de João, de Jorge o nome!...
Ou esses, que das Tagides cantados,
Do Tejo atroam margens
Com Welingthon, Silveira, e Castro, e Nuno!

EPODO III.

Estro!... ao Cantor, que languido, já sente
O Arroio esmorecer da vital Fonte,
Conforta, vivifica!
Da que inda, interrogando as Delias cordas,
No Barbiton desfira
Vibrado som Dirceo, que os Evos vença,
E eterno sobre o Pindo echo-retumbe!...

STROPHE IV.

A suspirada Paz volveo ao Orbe!...
Fecha o Templo de Jano; as Furias descem
Dasafrontando o dia ao negro abismo!
Já dos canhões o brado
Os mares não atrôa,
Não faz tremer a terra, e se rebomba,
E' nuncio do prazer, e não do estrago!
Nem de escuta-lo esfriam
A saudoza Máy, e a terna amante!

ANTISTROPHE IV.

Cahio do Throno despota orgulhoso,
Que as gerações apressurar quizera
Para dobrar de victimas á Morte
Sanguinoso tributo!
Quiz os Reys seus Escravos,
Quiz absorver em si da terra o Ouro,
Quiz de Jove arrogar-se os atributos!...
Com horrido estampido
Cahio no mar seu Astro, e mais não surge!...

EPODO IV.

Assim feros Titaes escadeando (1)
Montanhas em montanhas pertendiam
Hir escalar o Olympo!...
Tudo é susto!... fugindo os Numens vagam!...
Eis assoma o Tonante,
Co' a nubi-coga dextra os raios vibra
Ruem de involta Montes, e Gigantes!...

(1) Magnum illa terrorem intulerat Jovi
Fidens Juventus horrida bracchiis,
Frates que tendentes opaco
Pelion imposuisse Olympo. = *Horat. Lib. 3. Ode 4.*

STROPHE V.

Lá com mole flamivoma subjuga
Ethna ao raivoso Enceledo, que tenta (1)
O pezo sacudir!... curva a Inarime
Tigri-simile Rheco;
O furibundo Mimas
No Ida basti-arbori-gero se enterra;
Arde no Hecla Typheo! trovão ruidoso
Adamastor submerge,
Que no pego venti-sono se estende. (2)

ANTISTROPHE V.

Por seculos de Phlegra os ermos campos
De mephitico sulphur recenderam!...
Por seculos ali em vão fendias,
Agricultura, os Arvos;
E os rios, escondidos
Pelo amago da Terra, não ousavam
A' flôr della surdir!... assim da Guerra
Que ha pouco em nós ardia,
Eternos durarão fataes vestigios!...

(1) Fama est Enceladi semiustum fulmine corpus;
Urgeri mole hac, ingentem que insuper Ethnam
Impositam ruptis flamarum expirare caminis,
Et fessum quoties mutat latus intremere omnem
Murmure Trinacriam, et Cœlum subtexere fumo.
Virg. Eneid. Lib. 3. Vers. 578.

(2) Vid. Cam. Lusiad. Cant.

EPODO V.

Desce, benigna Paz! turbados ares
Asserene um surriso, que se escape
Das rozas de teus labios!
Amigoza influencia lavre, e corra
Pela assolada Europa! . . .
E largando o fuzil, depondo os Elmos,
Póvos (thegora em odio) alfim se abraçem!

STROPHE VI.

Oh quanto apraz agora olhar nos templos (1)
Entre verdes Laureis, rotas Bandeiras
Por trophéos do Valor! ouvir das Musas
Os Canticos divinos,
Que á Liberdade entoam!
Vêr nas margens do Senna re-brotando
Com todo o seu viçor sagrados Lyrios!
E os uzurpados Thronos
Aos Monarchas legitimos volvidos!

(1) Alors sur les Autels de la hainc etoufée,
La Paix, l'aimable Paix dressera son trophée,
Alors je prend ma Lyra, alors ma foible voix,
Ranimera ses sons pour la derniere foix,
Trop heureux, en mourant, se de l'Etat, qui tombe,
L'Astre victorieux èclaire enfin ma tombe.
Delille. Imag. Cant. 7.

ANTISTROPHE VI.

Seu manto mil-color, que em gemas arde (1)
E de basto ouro esqualido, já solta (2)
Sobre as vagas azuis dos mares livres
Omni-phylo Commercio!...
Marcham por elle a salvo
Genios da Industria, que de oppostos climas
As ricas pruducções couduzem, trocam,
E o homem quasi esquece
Em que plaga nasceo, que Mundo habita!

EPODO VI.

Paz, que só vales mais, que mil triumphos,
Prazer universal, Mãi da ventura,
Comigo te saúda
O pobre Lavrador que já não teme
Que barbaros Cavallos
Lhe pizem, lhe devorem ricas messes,
Trabalhoso suor de largos dias!

STROPHE VII.

Alegram-se comtigo Artes, Sciencias,
Que para seus milagres, seus inventos,
Feliz ocio te devem!... jubilosa
Te estende Astrea os braços!
Exulta alma Virtude,
Que incensos vê de novo em seus altares!
Tu qne do Heróe destruidor de Troya
O nome immortalisas,
Ergue emfim, Ulissêa, a frente augusta!

(1) Arde-o-Rubi.
Manuel de Galhegos, Templo da Memoria.
(2) Squalentem auro. *Virg.*

ANTISTROPHE VII.

Em arcos triumphaes por mão solerte
Virente Louro entretecido adorne,
Tuas formosas Praças, e amplas Ruas!
Do pincel os milagres,
E do Permesso as Flôres
Lustre lhe dem maior!... e assim recebe
Entre vivas de applauso, e lêdos brindes
Teus inclitos Guerreiros,
De que Iberia pasmou, tremeu Garona!

EPODO VII.

Queimem da escura noute o manto escuro
Milhões de lumes remedando o Dia!...
E' todo o applauzo escasso
Ao que a Patria salvou da vida a custo!
Fique a barbaros Corsos,
A estolidos Sultões o perzumirem
Quando os acceitam galardoar serviços!

STROPHE VIII.

Sem premio, sem louvor não cresce, ou vinga
Em generoso peito a sêde á Gloria;
Tal dorme occulta a chamma, e só desperta,
E fulgida scintilla
Da pedra, e do Aço ao choque!...
Tal sem o orvalho animador nos campos
Esmorece, e definha, e curva, e murcha
Linda Flôr que devêra
Encantos realçar na gentil Noiva!

ANTISTROPHE VIII.

Pelas sombras do tumulo se entrenha
A doce vóz do Encomio! frias cinzas
Dos extinctos Herões calôr recobram
Ao escuta-la, e brilha
Em seus tristonhos mannes
Hum raio de contento! o proprio Jove
Sempre benigno ouvio mortal, que o louva! . . .
E de prodigios tantos,
Porque ao louvar o instruam, cerca o Homem (1)

EPODO VIII.

Cidadãos ao prazer! é tempo agora
Da cabeça inflorar de Myrtho, e Rosas
De que o chão se fatigue
Com cadenciada planta! . . . o Canto, a Lyra,
O brinde não repouse! . . .
Crime é não delirar de gosto em dia,
Que nos deu liberdade, e a Paz nos scella! . . .

(1) Cœli narrant gloriam Dei *Psalm.* 18.

ODE VII.

A Duarte Pacheco.

El nombre peregrino
A la posteridad abre el camino.
Silveira Mechab. Cant. 2. *Strop*. 38.

STROPHE I.

Quando galerno Vento,
Soberbo redondando as brancas vellas,
Levava foz em fóra
O Galião potente,
Em que afoito tendia ao rubro Ganges
» O grão Pacheco, Achyles Lusitano. (1)

ANTISTROPHE I.

O Tejo, levantando,
Co'as cerulas melenas rorejantes,
A placida cabeça, (2)
Dizem, que então foi visto,
Sobraçadas as ondas, e olhos fitos,
No saudoso Lenho, assim falar-lhe.

(1) E conta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano
Sem saber o que em si o mar trazia,
O Grão Pacheco, Achylles Lusitano.
Cam. Lus. Cant. 10, *Est.* 12.

(2) Placidum caput extulit undis.
Virg. Eneiad. L. 1.

EPODO I.

» Propicio resplendôr de amiga Estrella
» Pelas turbidas ondas neptuninas
» A salvo te conduza,
» Belligero Mancebo,
» Gloria de Europa, assombro do Oriente,
» De cuja espada pendem
» Os fados do Indostão, de Lysia os fados.

STROPHE II.

» Benigno enfrêa, Eólo,
» Nas retumbantes horridas cavernas
» Brami-sonas Procellas,
» Euros Tufões, e Nottos,
» Que se descem pugnando ao plaino equoreo,
» Com vastas serras d'agoa os Ceos afrontam.

ANTISTROPHE II.

» Bellissimas Nereidas,
» Em torno lhe assomai da quilha ovante
» Risonhas offertai-lhe
» Fino coral luzente,
» Fios de Aljofar, perolas custosas,
» Thesouro, e producção do Imperio vosso.

EPODO II.

» Tremer já vejo as praias orgulhosas
» Do adusto Malabar!... descora, esfria
» De seus Naires cercado
» O Samorim perjuro,
» Quando o Heróe salta em terra!... em seus Pagodes
» Os Idolos Indianos,
» Do fundo dos Palmares, dam bramidos.

STROPHE III.

» Qual no bojo de hum monte,
» Que arreiam vinhas, e arvores coroam,
» Vulcão fermenta occulto,
» The que horisono estoura,
» E, de liquido incendio sobre as azas,
» Pelos campos o estrago em torno espalha.

ANTISTROPHE III.

» Tal mercantil ciume
» Nos Mauritanos peitos! . . . e em soccorro
» Chama o pallido Medo,
» E o memore Despeito,
» Que assim de Perimal ao fero Herdeiro,
» E aos avaros Catuaes denigre os Lusos.

EPODO III.

» Dormes Imperador! . . . dormis Ministros!
» Surdos da Patria á voz, que pede auxilio! . . .
» Insensiveis a injurias
» Dos Corsarios de Europa? . . .
» Tão depressa esqueceo do Gama a audacia,
» E as horridas bombardas,
» Que esta Cidade misera prostraram? . . .

STROPHE IV.

» Essas occiduas Aguias
» Aninhar em Cochim deixaes inertes,
» Para que em breve a Próle
» Nutram com sangue vosso,
» E do Oceano álem nas curvas garras
» Levem soberbas, a oppulencia Indiana! . . .

ANTISTROPHE IV.

» Quando entre nuvens nasce,
» Vemos o sol sem custo, e nos deslumbra
» Quando ao Zenith scintilla?
» Tenro Menino arranca
» Mimoso rebentão, que, andando os Tempos,
» Zomba dos ventos, das procellas zomba.

EPODO IV.

» Sus! a tempo accodi, antes que Europa
» Toda ao Indo transmigre, e que insolente
» Trimumpara por preço (1)
» Da Patria, que lhes vende,
» Com Sceptro imperial na dextra alçado,
» Escravo elle dos Lusos,
» Escravizar-vos venha, e leis dictar-vos

STROPHE V.

» Eis do golpho opulento
» De Narsinga, que em perolas abunda,
» De Cranganor devota;
» De Tanor, de Bipure,
» Vem Naires adargados, vem de Amoucos (2)
» Tonsa Caterva devotada á morte.

(1) O Rei de Cochim, o mais fiel Aliado, que os Portuguezes tiveram na India, e que a seu respeito se expoz magnanimamente a perder o reino e a vida.

(2) Fazer-se Amouco era entre os Malabares huma especie de voto de Cavallaria, pela qual os valentes, rapando a cabeça com certas ceremonias superaticiosas, se obrigavam a vencer, ou morrer.

ANTISTROPHE V.

» Por mar por terra os guia
» Com regaçado braço, e curvo alfange,
» A multicôr Cohorte
» De adustos Mauritanos,
» Gente fera, e que mostra em rosto, em peito
» Têr na Lybia encetado a Lusa espada.

EPODO V.

» Com medonho zunido estalam arcos,
» Com medonho fragor pelouros troam,
» Em terra, e mar vomita
» A dura artilharia
» Sobre as azas de fogo estragos, mortes,
» E terra, e mar se inundam
» De espedaçados corpos, sangue em rios!

STROPHE VI.

» Os ais dos muribundos
» As carvernas echi-sonas prolongam;
» Os brados dos que vencem
» Nos aureos ceos retumbam,
» A terra treme, os mares se revolvem,
» E estremece Nereo no fundo algozo.

ANTISTROPHE VI.

» O sordido Charonte
» Não póde dar vasão na fatal barca,
» A' multidão guerreira,
» Bramindo, aberta a golpes,
» Que chove sobre as margens do Cocyto,
» Quaes as folhas, que solta a mão do Inverno!

EPODO VI.

» Por seis vezes o Despota reforma
» Seus rotos Esquadroens, e, por seis vezes,
» O ferro de Pacheco
» Os desordena, e varre!
» Tal sobre os Diques teus, Hollanda em montes
» O Pelago escumoso
» Bramindo bate, parte-se, e recua! . . .

STROPHE VII.

» Menos brioso o Grego
» Na apertada Termopylas empata
» Dos Persas a corrente:
» Menos Heroes os Fabios,
» Abarreirando sós hum Povo inteiro,
» Morrem, pé firme, victimas da Patria! . . .

ANTISTROPHE VII.

» De huma parte troveja
» O intrepido Pacheco, e de outra parte
» O Samorim fuzilla!
» Por onde o ferro esgrimem
» Longo Rio de sangue se diffunde,
» E fica longa estrada á Morte horrenda.

EPODO VII.

» Cansado de matança o fero Marte
» Hum pouco se desvia, e deixa a pugna
» A Egydigera Pallas!
» O Desespero, a Raiva,
» O Delirio, a Vergonha, as Furias todas,
» Do Imperador em roda,
» Ao ultimo tentamen lhe alumiam.

STROPHE VIII.

» Eis todo o equoreo plaino
» De inflammados Castellos vai coberto, (1)
» Qual se avulso o Vesuvio,
» E o flami-vomo Ethna,
» A impulso de Neptuno, o mar corressem!
» Como outro tempo as Cycladas nadaram!

ANTISTROPHE VIII.

» A campina precorre
» Com apparato igual a horrenda Guerra:
» Pacheco, alegre o rosto,
» A toda a parte accode;
« Aos Lusos, de que hum só não vê sem golpes,
» Sem victoria esperar, victoria abona.

EPODO VIII.

» O Touro, que cioso investe aos troncos,
» Famelico Leão, Tigre raivoso,
» Incendio devorante,
» Raio que em cinzas funde
» Torre empinada, similes sam fracos
» Do cruento denodo,
» Com que a pugna renasce em solo, em agoas.

(1) Depois de ter perdido 6 batalhas o Samorim, envidando o resto de suas forças, veio atacar Pacheco com 298 Baixeis bem esquipados, e trouxe de mais a mais 8 grandes Castellos sustentados cada hum em duas Barcaças fortemente atracadas Estes Castelejos estavam guarnecidos de Artilharia grossa, e de varias machinas de invenção de Engenheiros Mouros. Precedia todo este trem huma multidão de jangadas, cheias de materias combustiveis, que como outras tantas Piramides de fogo ameaçavam destruir as caravellas Portuguezas. Mas com assombro do mundo de tudo soube triunfar o grande Pacheco com só 300 soldados nossos.

STROPHE IX.

» Mas já dos seus o resto
» Tenta em vão suspender na alada fuga
» O Samorim brioso,
» Roga, ameaça, fere,
» E agourosa bombarda, a par com elle,
» Mata hum valido, e lhe espadana o sangue!

ANTISTROPHE IX.

» Fanatico então perde
» A esperança de todo, e segue a fuga;
» Mas impetos de esforço
» Mil vezes o compellem
» A frentear os contrarios! . . . delirante,
» Ou pugnando, ou fugindo, hum monte o salva! . . .

EPODO IX.

» Restos de seus Paráos, Corpos, Turbantes, (1)
» Vê dali revolvendo-se co'as ondas;
» Vê rodar sobre o Campo
» Cabeças, braços, troncos!
» Armas dispersas vê, tombados carros,
» E o cocar de Pacheco
» Ovante a tremular, qual Astro infesto!

(1) Os Paráos sam humas Embarcaçoens de fórma particular usadas nos mares da India.

STROPHE X.

» Com voz, que o pranto entalla,
» Repellando a melena, oh meus perdidos
» Tantos antigos Lauros
» Sobre esse Campo! (exclama)
» Lusos, vencestes! vosso Imperio he firme,
» Quem o destruirá, sendo eu vencido?

ANTISTROPHE X.

» Mas Dezejo mo finge,
» Ou mo promette hum Deos? ... oh quantas guerras,
» Que estragos vos esperam
» Neste usurpado clima! ...
» Praia não ficará, monte, ou rochedo,
» Rio, ou mar sem tingir-se em vosso sangue!

EPODO X.

» E tu, que vencedor hoje campeias,
» E ris da minha fuga, e meos despojos,
» Oh! quanto mais quiseras
» Cahir ao meu alfange! ...
» Lá te espera na Patria atroz calumnia;
» Lá morrerás inglorio,
» Atido a hum Pão de esmola, em pobre Hospicio. (1)

(1) Allude ao triste fim de Duarte Pacheco, que morreo ao desamparo em hum Hospital de Lisboa ! ! !

ODE VIII.

A D. Fuas Roupinho, Capitão das Galeras d'ElRey D. Affonso Henriques.

Su frente, que de triunfos se corona,
Per que su fama el Tiempo no consuma,
Engrandecer los Hados determinan,
Con luzes, que estos Orbes iluminan.
Silvei. Macabeo, Cant. XV. Est. VI.

STROPHE I.

Desde as margens auriferas do Tejo
A negociosa Archangel, e te onde
He Padrão de Albuquerque
A torreada Goa;
Do Zaire adusto á livre Pensilvania,
Vejo armadas undivagas nadando! . . .
As variadas côres
Das flamulas Reaes briosas nutam;
E o longo equoreo plaino
Da irada artilharia ao som retumba!

ANTISTROPHE I.

Mas entre Anglas, Danezas, Russas, Francas,
Batavas quilhas, navegar não vejo
Os Baixeis Lusitanos,
Que outrora retalhando
Com successivo gyro os longos Mares,
Hiam levar destruição, e a morte
Da Patria aos inimigos;
Ou transportavam de Oriental riqueza
Amplo tributo ao Tejo,
E mostravam ao Mundo ignotas Gentes!

EPODO I.

Ah! como te deslembras, Patria minha,
Da maritima gloria, que outro tempo,
Subio aos Ceos teu nome
Terminos alongando ao vasto Mundo!...
De Lysia o braço invicto
Menos não trovejou no Mar que em Terra,
Mesmo do Imperio seu na tenra infancia!

STROPHE II.

Vós o attestai, Nereidas, que de susto,
Vós fostes esconder no fundo algozo,
Quando o forte Roupinho,
Maritimo Mavorte,
Sobre os Mares vibrou de Affonso o raio!
Quando em nuvem cruenta, a Morte horrenda
Com jubilo sentada,
Seus ministros cansou, que afadigados,
Dos que a pugnar morriam,
Almas levavam ao Elisio, ao Orco.

ANTISTROPHE II.

Duro foi vêr com impeto chocando
As armadas Galés abalroar-se,
O canto, o dardo, a lança,
As implumadas settas,
Rechinando, e toldando os longos ares:
Vêr da espada, e do Alfange aos crebros golpes,
Cahir as bravas hostes
Como cahem no Campo á foice, as messes!
Tingir se em sangue o Pego,
Gritos de raiva, e dor, rasgando as Nuvens!

EPODO II.

Este nadando valido algum tempo
Seu transito retarda! Sobre o escudo
Aquelle as praias ganha!
Quem, matando-se, evita o captiveiro!
Quem, como infernal Furia,
Na inimiga Galé se arroja armado,
E quanto se lhe oppõe derruba, e varre!

STROPHE III.

Qual depois que apoz si fechadas sente
O valeroso Turno as ferreas portas
Da renascente Troya,
Maior nas armas soa,
Mais sinistro clarão dos olhos vibra,
Revolve com mais força a longa espada,
E, firme, os golpes todos
Rebate no broquel Septi-taurino, (1)
The que ao rio se arroja,
Ganha seus Arraiães illezo, e armado; (2)

(1) Formado de sete couros de Boi sobrepostos huns aos outros.
(2) Tum demum præceps saltu sese omnibus armis
In fluvium dedit: ille suo cum gurgite flavo
Accepit venientem, ac mollibus extulit undis,
Et lætum sociis, abluta cœde, remisit.
Virg. Eneiad. L. IX. Vers. XXXV.

ANTISTROPHE III.

Assim no lenho voador penetra
O Luso Capitão, chovendo estragos,
Pela inimiga frota.
Quantos medonhos Genios
Gera a destruição, e a guerra seguem,
Com horrido estridor em torno d'elle,
As negras azas batem!
E aprezados conduz ao Patrio Porto
Quantos Baixeis Mouriscos
Não salvára a fugida, o mar tragára!

EPODO III.

Menos brioso no cruento Ourique
De cerrado Esquadrão rompendo o Centro,
Das mãos do fero Abdalla
A bandeira remio c'o a morte d'elle!...
Nem ganhou tanta gloria
Quando do impio Gamir dispersa as Hostes,
O cercado Castello libertando! (1)

STROPHE IV.

Fati-dico Protheo, que a pugna via,
Vezes tres meneando a fronte algoza,
» Que vasto incendio (exclama)
» Este clarão promette!...
» Quantas, correndo o tempo, as longas agoas
» Terão de ensanguentar, Batalhas Lusas!
» Quantos Mares sem nome
» Das Camenas na voz serão famozos!...
» Que Promontorio, ou Praia
» Não hirão assombrar Pendões do Tejo!

(1) Hum dos muitos Regulos Mouros, que então occuparam as terras de Portugal. D. Fuas o commetteu, e derrotou obrigando-o a levantar o sitio, que havia posto a hum Castello nosso.

ANTISTROPHE IV.

» Quantos potentes Reys largando o sceptro,
» Do throno se derrubam! ... quantos Reinos
» Novo Culto recebem
» Novas Leys, e costumes! ...
» Que longiquas Nações, em laços de ouro
» Dadivozo Commercio enlaça e prende!! ...,
» De que alto asombro cheia
» Vê Europa dos Mares levantar-se
» Num novo continente,
» De males, e de bens perenne Origem!

EPODO IV.

Ouvio do Vate a voz, e estremeceu-se
Toda a Costa Africana! ..., a dura juba
Sacudio despeitoso
D'Adria o Leão rugindo! ... retumbaram
O Indicos Palmares,
Correntes do Erythreo a côr perderam,
E o fulgôr se eclypsou de Egypcias Luas!

ODE IX. (*)

Ao Ill.mo Sr. Visconde de S. Lourenço.

Non ingrata cano, penitusque injussa, neque unquam
Arguerint ventura meis te secula chartis
Preteritum.

Sannazaro Eclog. 5

STROPHE I.

Quando inspirado a Cythara remonto
Com Pyndarico Plectro aos sons Thebanos,
A Adulação, que beja
Cruentada roseta
Do flagello, que o dorso lhe laçera,
Meus Hymnos não impluma,
Nem prepara grinaldas, que circumdem
Do titulado vicio impropria fronte

ANTISTROPHE I.

Livre nasci; Verdade foi meu Numen,
Por Jardins do Prazer, Vergeis da Gloria
Verdade andou comigo;
Não me deixou a Diva
Nos ermos da Desgraça errando em trevas;
Thé no amor, que de Jove
Mentindo chama o riso, andei sincero (I)
Só merito cantei, cantei virtude.

(*) Pedida
(1) Perjuria ridet amantum. *Virg.*

EPODO I.

Indignado rubor me accende as faces
Quando deifica enfatico Lucano
De Aggripina o Algoz; ou quando avilta
O energico pincel sublime Estacio
Adulando hum Tyranno! arroja aos mares
Perolas ricas no Erythreo pescadas,
Quem desta arte profana o sacro influxo!

STROPHE II.

A qual, sobre arco Ismenio hoje se apronta
Luminoso farpão, alvo sublime?
Quem nas azas dos versos
Hirá voando aos astros?
Varão grato á Virtude, a Jove acceito,
Grato a ti propria ó Clio?
Inda por esses bosques, e essas grutas
O Nome de Targini, e os versos sôam?...

ANTISTROPHE II.

Solta a voz divinal, publica ó Deosa
Que em teos braços nasceo, que os tenros labios
De armonia ensopaste;
Que lhe embebeste n'alma
Os germens do saber, do honesto os germens
Que as flores lhe apiedavas,
Como avido Colono ao novo arbusto,
Que breve em fructo o adita, e paga em sombra.

EPODO II.

Veio logo Amizade, e tomou praça
Dentro em seu coração; desceo com ella
A Paixão dos Heroes, o Amor da Patria;
No magnanimo peito eis arde, eis cresce,
Dezejo de ser util; fita a Gloria,
Da Experiencia ao facho o passo move
E encara novo Bivio Alcides novo.

STROPHE III.

Aponta-lhe de hum lado o ferreo Marte
De guerreiros Heroes trilho escabroso;
Cidades que se abrazam,
Rios que de entallados
Com montões de cadaveres recuam,
E algemadas seguindo
Nações inteiras de Alexandre o carro,
De Frederico, Eugenio, e Castro, e Nuno.

ANTISTROPHE III.

Mas varão, que ao nascer propicio riso (1)
Das Camenas obteve, em aureas letras
Vêr no Templo da Fama
Não deverá á Espada
Esculpido o seu Nome! as Sacras fontes,
Dos Satiros, das Ninfas
Ledas Choreas, citharas, e flautas
O separam do vulgo, e á Gloria enviam!...

(1) Quem tu, Melpomene, semel
Nascentem placido lumino videris,
Illum non labor Isthmius
Clarabit pugilem.
Horat. Od. II. Lib. IV.

EPODO III.

A outra senda que rosas alcatifam,
Que fructiferas arvores ensombram,
Sapiente Minerva o chama, o guia;
Inda alli dura o venerando rasto
Do Sabio de Estagira, Homero, e Maro,
De Newton, de Bufon, melifluo Tullio,
Incruentos Heroes, do Mundo esmalte.

STROPHE IV.

Esta perfire; sãa Filosofia
Do Supremo Principio o sobe á face,
Na luz, que espalha o Dia,
Vê reflectir seus olhos,
Ouve-lhe a voz no sibilo dos ventos,
Vê nas flores seu riso,
Seu furor no bramir do mar, que empola,
Seu poder na extensão dos longos ares.

ANTISTROPHE IV.

Curvam ao novo Orpheo Olmos, e Robles
Os alterosos tópes, quando enfeita
De dulci-sono metro
Da virtude os dictames!...
Param os Rios... vem ouvi-lo as feras...
E das margens do Senna,
Quando seus versos de oiro escuta á Fama
Filinto, (Horacio Luso,) ao longe applaude!

EPODO IV.

Themis imparcial nas mãos lhe entrega
A rigida balança, que hum momento
Não deixa elle inclinar! . . . Donzella infausta,
Desvalida Viuva, ou Velho inerme
Nelle tem protecção, tem nelle escudo:
E á sombra de seu braço pode affoito
Zombar das furias de opressor iniquo.

STROPHE V.

Direi seo coração ingenuo, e puro,
Que mais que as portas de Orco odeia o Impio
Que em fraude tinge os labios?
O magnanimo Genio
Continuo auri-chovendo á desventura?
E, como outr'ora Tito,
Perdido reputando o infausto Dia,
Que não assignalou com beneficios!

ANTISTROPHE V.

Cidadãos de Ulissea, a vós appello! . . .
Tu o assella, o Brazil, a quem deslumbra
De mil seus raros dotes
O explendor luminoso! . . . .
Mas quem pode evitar halito impuro
Da perfida Calumnia! . . . .
Segue a virtude, como a sombra o corpo,
A Maripoza a Luz, e o ferro o Iman!

EPODO V.

D'Anyto ella por mão em plumbea taça
Morte propina a Socrates! por ella
Na fronte de Scipião laureis definham!...
Pacheco ao desamparo acaba a vida!
Por ella (Ovidio novo) em terra alheia
A lyra de Filinto abranda os ecchos,
E o divino Camoens á mingoa expira.

STROPHE VI.

Com viboras na grenha, e na alma o odio,
Torvo olhar, formas mil vestindo a um tempo,
Como da Pomba o cóllo
Varia ao sol mil côres,
O Monstro eu vejo erguer!.. dá Intriga ao lado
Em torno ao sólio Augusto
Do sublime João nevoas engloba,
E o nome de Targini envolver tenta!

ANTISTROPHE VI.

O ouro acrisola tórrrida fornalha,
Do Diamante o primor prova-se ao fogo,
Na tormenta o Piloto,
Sobre o campo o Soldado,
Alardeiam pericia, esforço inculcam;
Co' a má ventura a braços
Quando o atino não perde, e a vence, e calca,
Mais venerando o sabio alteia a fronte.

EPODO VI.

Prudencia, que do Principe sublime
Sempre a mente illumina, eis ergue o faxo;
A treva se desfaz, calumnia foge:
João lhe ri qual Febo em Primavera,
Da-lhe a dextra real, Grande o nomeia,
Orna a Grandeza ... mas o Heróe modesto
De ouvir proprio louvor, se enfada ha muito.

ODE X.

A Lucrecio, Poeta Romano.

Felix, qui potuit rerum cognoscere causas
Virg. Georg.

STROPHE I.

Hum Hymno de louvor na eburnea Lyra,
Com que as Musas no Pindo me brindaram,
Tambem será votado
Ao sabio Antesignano
Dos Romanos cantores, que, eloquente,
Da Grecia ao Patrio Tibre
De Epicuro frugal trouxe a doutrina,
Ao canto Philosophico amoldando
Da Senhora do mundo a sacra lingoa:

ANTISTROPHE I.

Expraia-se, diffunde-se, qual Rio
Com montesinos feudos engrossado,
O alti-sono Lucrecio;
Qual devorante incendio,
Que atêa, lavra, cresce, estala, e bosques
Seculares consome;
Qual crepitante raio, que, cahindo
Das enroladas Nuvens, deita ao longe
Solta em fragmentos empinada Rocha.

EPODO I.

Fera superstição nos Ceos sentada
Entre Ignorancia, e Medo,
Trevas do humano Espirito engrossando,
Pluralizava os Numes!... (1)
Numes impios, crueis, que a sede infanda
Cevam sómente em sangue!

STROPHE II.

Assim, da Mãi aos braços arrancada,
Que delira de dôr, por mão paterna,
De rojo foste ás aras
Da muito irada Cynthia, (2)
Iphigenia infeliz! sagrado ferro
Rasgou teu lindo seio,
Porque, sôltos os ventos represados,
A' vingadora Armada Aulide abrissem;
Tantos, Superstição, malles sugeres! (3)

(1) Não sem misterio alcança este prodigio
De admittir, sendo hum só, pluralizar-se;
Pois se não foi em partes dividido,
Não podia caber n'huma só parte.
João Tavares Mascarenhas.

(2) Veja-se Lucr. *de Rerum Natura.* L. 1.º
(3) Tantum Religio potuit suadere malorum!
Lucr.

ANTISTROPHE II.

Assim ondas do lugubre Cocyto (1)
Ninguem atravessou na fatal barca
Sem lá solver seu naulo!
Assim ao pomo á limpha
Em vam Tantalo ergueo a vista, os braços! . . .
Assim penedo enorme
Pezou nos hombros de Sisipho, o Abutre
Mordeo de Tycio entranhas rebrotantes.
E continuo ululou Mastim trifauce.

EPODO II.

Mas se, rodando de ingremes montanhas;
Vinham auritas pedras
Cedendo á lyra de Amphião canoro,
Formar soberbos muros
A' Patria de Lico, depois manchada
Com fraternas contendas;

STROPHE III.

Aos vivos sons, que a Cithara troveja
Do Latino Cantor, se aballam, gemem,
Se desunem, baqueiam
As Pedras, que sustiam
O Templo pavoroso, onde, evos tantos,
Veio o mundo embahido
A mentidas Deidades render cultos,
E altares só conserva a linda Venus, (2)
Nome, com que elle adora a Natureza!

(1) Veja-se Lucr. ibi, L. 3.°
(2) Lucr. L. 3.°

ANTISTROPHE III.

Sim foi teu Deos, Lucrecio a Natureza! ...
Oh! cegueira do homem! foge hum erro
Para enredar-se em outro!
A razão vindicando
Dos infames grilhoens da Idolatria,
Presentir não soubeste
Hum Deos, que se revella em quanto existe! ...
Tal co'a Lua equivoca o tenro Infante
Reflecção que no Lago a representa!

EPODO III.

Mas como co'as boninas da Poesia
O teu engano enfeitas!
Como por inacessos labyrinthos,
Do Raciocinio ao facho,
Sustendo a mão da Experiennia o fio,
Das cousas vás á origem! ...

STROPHE IV.

Como coloras de mimosas tintas
De Venus o prolifico sorriso,
Que o ar, a terra, os mares
Povôa, aformosêa,
Dissipa as nuvens, asserena os ventos,
E faz, que, bonançosa,
Com difuso clarão, rutile a Esphera! ...
Como a Dedala Terra ferve em flores,
E arvores curvam para dar-lhe abrigo!

ANTISTROPHE IV.

Eis chega a Diva!.. a seu benigno aspecto
Amorosa influencia se difunde
Pelos equoreos plainos,
Por verdejantes bosques,
Rapidos rios, elevados montes!...
Com canticos ás aves,
Rugindo as feras, saltitando os peixes,
E os homens com ternissimos suspiros
A ditosa chegada lhe saudam!...

EPODO IV.

Eis em seus braços o iracundo Marte
Se arroja enternecido,
E, sofrego fitando o rosto amado,
Entre meigas caricias,
Ouve-lhe os rogos, e, depondo as armas,
A paz outhorga a Roma!

STROPHE V.

Eis em seu berço rustico nascendo (1)
A infante Humanidade; e a pouco, e manso
O commercio a conjunge
De articuladas vozes:
Eis da Necessidade á voz solerte
As uteis artes brotam;
Brotam artes gentis; Cidades se erguem.
Thurificam altares; e, troando,
As rigorosas Leis poem freio ao crime!

(1) Lucr. L. 5.°

ANTISTROPHE V.

Mas ah! com qne igneos rasgos representas
Os que Venus ferio de amor insano!
Que tumultuosas ancias!
Que insasiaveis dezejos!
Que embriaguez frenetica!... qual corre
Da Fonte do feitiço
Veio amargoso! e como murmurando
Conscio remorso no intimo do peito
As rosas do deleite murcha, e cresta!...

EPODO V.

Em vão brando sopôr derrama a noite;
Em vão da Aurora ao riso
Sorri de emtorno o Globo! o triste amante
Não dorme, não repousa,
Não vi, não folga!... a idolatrada imagem
Continua o circumvoa!

STROPHE VI.

Mas, para castigar do mundo os erros,
Se a Deosa da Vingança as redeas solta,
Oh! que espantosos quadros
O teu pincel ostenta!...
Arrepiam-se as carnes, e o cabello,
Quando nos seus cimentos
Mugindo horrivelmente aballa a Terra; (1)
Quando do Sol, da Lua, e demais astros
O tenebroso Ecclipse enluta o brilho!

(1) Lucr. L. 6.°

ANTISTROPHE VI.

Como os ventos, que rabidos rebramam,
No caminho arrancando idosas selvas,
Ao pelago se arrojam!...
O pallido Naufragio
Nos fofos escarceos campeia iroso;
E ás praias bramidoras,
Delatando as traiçoens do Mar infido,
Vam tumidos cadaveres, que alvejam;
Mastros, Vellas, Bandeiras, Lemes, Curvas!...

EPODO VI.

Eis das gargantas do Ethna escapa, e foge
A inflammada corrente...
Lá se abrasam Virgeis, Palacios, Povos...
E os rios onde ha pouco
As Nymphas se banharam, ora estancos
Esteril lava os cobre!

STROPHE VII.

Mais cruel, que freneticos affectos,
Que naufragios, vulcões, procellas, raios,
Dos tumulos surgindo
Horrifico contagio (1)
Libra-se sobre o Mundo em azas negras;
De um ramo de cypreste
Mortifero licor sacode em roda,
Cahindo no sepulchro infaustas gentes
Como no fim do Outono as seccas folhas!

(1) Lucr. L. 6.°

ANTISTROPHE VII.

Hum tabido vapor corrompe os ares!
E apenas rompem lugubre silencio
Lamentosos gemidos!...
Foge do amigo o amigo,
Foge o amante da amada, o Pay do Filho,
Medonha hórrida morte
Despedaçou os vinculos mais doces!...
Não ha praça que os mortos não allastrem,
Nem caza, que de lucto senão cubra!

EPODO VII.

Então... mas temeraria despenhar-te
Não vás, insada Musa,
Seguindo mais ávante o egregio Vate!...
A' timida andorinha
Não é dado co'as aguias remontar-se
Ao claro firmamento!..

ODE XI.

A Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Ya, Muerte, verdugo triste,
A nadie querrás matar,
Ni te preciarás llevar
Otro, pues llevar podiste
Esto que no tuvo par.
Jorge de Montemayor, Pyramo e Tysbe.

STROPHE I.

Lindas Musas do Ismeno,
Que a septi-sona Lyra
Dedilhaes sonorosas,
Prestai-ma; que enramar hoje pertendo
Com as flores de Dirce,
Do sublime Moniz a douta fronte,
Moniz gloria immortal do Luzo Pindo.

ANTISTROPHE I.

Vosso poder abrange
Tudo, que é grande, e bello;
Vós nos sagrados Templos
Guias airosas misticas choreas,
Que em cadenciados gyros
A marcha imitam dos lucifluos Astros
No espaço ao som da espherica harmonia.

EPODO I.

A's festas nacionaes, banquetes, nupcias,
Da Scena aos quadros, do Amphitheatro aos ludos,
Vós presidis risonhas;
Vossa dextra regula
Do Esculptor, do Pintor, pincel, e escopro,
Do Archytecto o Geometrico compasso.

STROPHE II.

Quando Jove iracundo
Contra os flagicios do Orbe,
Empunha o raio ardente,
A modulada voz soltaes, e o Nume
Desfranze a testa, o raio
Larga; encantada no espaldar do Throno
Se encosta, escuta, os olhos fecha, e dorme!

ANTISTROPHE II.

Foi por vós inspirado
Que Orpheo amançou Tygres;
E que aos Thebanos muros
Fez cantando Amphião chegar penedos, (1)
Mas os accentos vossos
Retumbam qual trovão no peito do Impio,
No Throno assustam palidos Tyrannos.

(1) Quo carmine muris
Jusserit Amphion Tiriis adcedere montes.
Stat. Theb. Lib. I.

EPODO II.

So vós ergueis o véo da Natureza;
Sós no laboratorio entraes subterreo,
Onde os metaes concreta;
Onde matiza as côres;
Onde elabora, Chymica sublime,
No Alambique da Morte o ser, e a vida. (1)

STROPHE III.

Da Creação no dia
A grande obra assististes,
E com sereno rosto
Do fervente bolhão do cahos negro
Vistes brotar troando
A terra informe ainda, os Astros turvos,
Que a potente Attracção librou no espaço.

ANTISTROPHE III.

Tal do cérulo Oceano,
C'o infante Amor nos braços,
Em coralina concha
Surgio a Deosa de Amatunta, e Paphos;
Os Tritões, as Neyeydas
Do carro triumphal em torno brincam,
Animam buzios, e mudulam cantos.

(1) Estes versos exprimem o axioma da antiga Phylosophia = *Os mortos sahem dos vivos, e os vivos sahem dos mortos* = que indica as successivas metamorphoses da materia animal, e vegetal, que se descompoem morrendo, para resussitar reorganisada em novas formas. E' neste sentido que alguns doutos explicam a Fabula da morte, e resurreição de Adonis.

EPODO III.

Os garços olhos, com meneio airoso
A Diva volve em roda; e com sorriso
De brandura inefavel
O ceo, a terra, os ares,
E os Numes todos do Estrellado Olympo
Atrae, deslumbra, e de ternura inflama.

STROPHE IV.

Vós a Camões, e a Tasso
Destes pinceis, e tintas,
Com que um pintou sublime
A terna Ignez, Adamastor tremendo;
Outro d'Armida encantos,
De Gofredo o valor sempre prudente,
O invencivel Rinaldo, audaz Tancredo.

ANTISTROPHE IV.

Vós ao filho mimoso
Da viva Phantasia,
A Ariosto franqueastes
Da Magía o condão; Jardins de Alcina,
Os prestigios de Atlante,
Em torno de París duros combates
Canta, e no canto seu se iguala a Homero.

EPODO IV.

Cinge á Rogerio, e Bradamante a fronte
Com as rozas de Amor, Laureis de Marte:
Trememos se escutamos
De Durindana os golpes,
Quando Orlando de zêlos endoudece,
Arraza os bosques, e os rochedos fende.

STROPHE V.

Vós ainda no berço
Vate a Moniz fadastes,
Vossas lições proficuas
A mente juvenil lhe doutrinaram;
Por vosso influxo, oh Deozas,
Alcançou no verdor da juventude
No Pindo Luzitano honroso assento.

ANTISTROPHE V.

Digno rival d'Elpino,
Pelos campos de Dirce
Guia a quadriga Elea,
Pyndaricos relampagos vibrando;
Aos Heróes Luzitanos
De louros immortaes adorna a fronte,
Ergue Padrões, que o tempo não consome! ... (1)

EPODO V.

Agora á sombra de rosal frondoso,
Discipulo honrador do Grão Phylinto, (2)
Do Cantor de Venusa
Pulsa o dôce Alaúde;
Canta Amor, Amizade, e Baccho, e Venus,
Ou de austera moral lições prestantes.

(1) Allusão ás Odes Pyndaricas de Moniz, em que este tomou por modelo a Antonio Diniz da Cruz e Silva.
(2) Moniz é um dos melhores Lyricos da Eschola de Francisco Manoel, e as suas Odes Horacianas, são as mais numerosas, e mais bellas das suas composições.

STROPHE VI.

Ora sentado á meza
Entre a festiva turba
Dos sinceros amigos
D'Anacreonte imita os sons chistosos; (1)
Ou Lafontaine Luso,
Vicios dos Homens atribue aos Brutos,
E dos Brutos co'a voz ensina os Homens. (2)

ANTISTROPHE VI.

Da flebile Elegia
Eis solta a voz gemente,
E crepes arrastando
Em torno á urna, que Firmina encerra,
Tão cedo em flôr cortada,
Nos prantos, com que a morte lhe lamenta,
As virtudes, e as Graças lhe eterniza!... (3)

EPODO VI.

Mas que novo expectaculo!... na Scena
De Thermacia, e de Irene, de Selira, (4)
Os tragicos successos,
Sephocles Luso, ostenta!...
Compaixão, e terror aflux derrama!
E entre applausos, e lagrimas triumpha!

(1) Odes Anacreonticas de Moniz.
(2) Collecção de dusentos Apologos em toda a sorte de metros, que admitte a nossa lingua.
(3) Alusão aoã seus Epicedios, e Elegías, e ao Poema em quatro cantos intitulado = *A Apparição* = em que deplora a morte prematura de D. Firmina Carlota da Silva Serva.
(4) Titulos das trez Tragedias de Moniz, repretentadas com grande applauzo no Theatro da Rua dos Condes.

STROPHE VII.

Do Grão Ferreira a sombra
Nos Elysios se alegra
Vendo de novo um Vate
Romper afouto pela nova estrada
Que elle primeiro a Europa (1)
Ousou de abrir co'a Castro; exemplo honroso
Raro seguido por Poetas Lusos!

ANTISTROPHE VII.

Oh Genio alti-sonante,
Que os tiros meus deriges,
A que alvo apontar mandas
Farpões Dirceios que na aljava tenho?
Direi como a Thersytes,
Zoilo immoral, na fronte a infamia imprime,
E uma vida de crimes lhe eternisa? (2)

EPODO VII.

Como, deixando do Parnaso as grutas,
Da Patria, que o chamava, á voz accode,
E Desmosthenes Luso,
Firme em Côrtes advoga
A causa da rasão, da liberdade,
Idolo Augusto d'almas bem nascidas?

(1) Não está bem averiguado, se a primeira Tragedia da Europa moderna, foi a Castro de Ferreira, ou o Sophonisba de Trissino; mas não é aqui o logar de elucidar essa questão da historia Litteraria.

(2) Agostinheida, Poema Heroe Comico, em que Moniz tomou espantosa desfórra das injurias, e calumnias, que Joze Agostinho havia vomitado contra elle, e Camões. E' desatino provocar o homem de talento, que tem uma penna bem aparada, e a arma de ridiculo á sua disposição.

STROPHE VIII.

Como rochedo immoto,
Do infortunio ás procellas
Não se acurva, não cede
Do Carcere ao rigor, do exilio ás dores?
Como entre áridas rochas
Que cerca remugindo o vasto Oceano (1)
Co'a sãa Philosophya exulta, e folga?

ANTISTROPHE VIII.

Banido assim do Olympo
O pulchri-como Phebo
Pastoreava os rebanhos
De teu esposo, Alceste! e desterrado
Assim na China adusta
Da Gloria Portugueza o Bardo illustre
Os quadros dos Lusiadas traçava! (2)

EPODO VIII.

Mas que vejo?... oh pezar!... em negra Nuvem
Desce a Morte, e lhe corta o vital fio!
Ei-lo descóra!... expira!...
E ainda no arranco extremo
O embriaga a dulcissima esperança,
Que em breve a Liberdade em Lysia brilhe! (3)

(1) A Ilha do Fogo, uma das de Cabo Verde.

(2) E' tradicção vulgar, que Camões desterrado da India, para a Cidade de Macáu, ahi em uma gruta, que hoje tem o seu nome, composera grande parte do seu Poema.

(3) Ainda não ha tres mezes que Moniz me escrevia em sua ultima Carta « Lançando os olhos, por cima destes rochedos, que po» dem chamar-se poeticamente = *Hymerrhoidas da Natureza* = to» dos os dias espreito o reflexo da Liberdade, que não pode tardar » em amanhecer de novo, sobre o Horisonte da nossa terra!» Sim a Aurora dessa Liberdade já principia a raiar sobre nós, porem Moniz jà não existe!...

ODE XII.

Aos Reys de Portugal.

Nor time shall mar, nor steel nor fire, nor rust.
Touch the hard polish of the immortal Bust.
Darwin's Botanic Gaid.

STROPHE I.

Eu, que, outr'ora, seguindo, insano, a piza
Da solta Mocidade,
Ergui para baliza
Fantasmas de Prazer, e Liberdade;
Que nos jardins de Gnido,
Tripudiando co'as Nymfas, c'os Amores,
Colhi mimosas flores,
Que depuz sobre as aras de Cupido;
E de Theios á lyra
Já Lálage cantei, cantei Delmira:

ANTISTROPHE I.

Hoje que o facho da Estação terceira
Da Razão me descobre,
Já da vital carreira
Sobre o termo, de longe o Alcaçar nobre;
Melhor objecto ao canto
Tomo alfim, e seguindo o Ismenio Vate,
Contra a Inveja, que late,
Ulula, geme, vendo alçar-me a tanto,
O carcaz despovôo
Do Desprezo, e Virtude, e Heroes entoo!

EPODO I.

Assim nos versos meus retumba a Gloria
Da alta Prole de Henrique,
Que no sagrado Ourique,
Face a face agourando-lhe a victoria,
O proprio Jove encara;
E o Reino que fundara,
Entrega a Sancho, alumno de Mavorte,
De quem Affonso forte
O herda, e com mil virtudes ennobrece . . .
Mas ai, que o Filho ignavo o desmerece!

STROPHE II.

Qual segue o claro dia a noite escura,
Voar do Sena ao Tejo,
Ingrato á formusura,
Mas Heroe sobre o Throno, o Irmão eu vejo.
Contra elle Iberia a espada
Arranca em vão; em vão Roma fulmina;
A' Iberia atroz ruina
Chove, e os feros de Roma conta em nada!
Monarcas ensinando
A manterem o jus do Regio Mando.

ANTISTROPHE II.

Descem em nuvem de ouro as Sacras Musas,
E em armoniosos Hymnos
Vem sobre as praias Lusas
Protegidas vibrar os sons divinos.
O Tejo, athe li rudo,
Vê da Sciencia o fructo cultivado
Pelo assiduo cuidado
Do Rei Agricultor, que dava tudo,
E a propria vida dera,
Se util nisso aos Vassallos se volvera

EPODO II.

Cantar com digna voz, com digno metro
Só pode Febo intonso
Valor do quarto Affonso,
Pedro, que á morta Esposa outhorga o Sceptro, (1)
Fernando, e o que brioso
D'estranho jugo odioso
A Patria salva! o misero Duarte
Caro a Minerva, e Marte,
João, que cede ao Pai, que, sobre-humano;
Teve um Arzilla o nome de Africano.

(1) Desenterrar huma amante depois de alguns annos de sepultada para coroar o seu cadaver, e cobrir legoas, e legoas de luzes para por entre ellas passar o seu feretro, he o rasgo mais gigantesco de paixão amorosa, que tenho encontrado na Historia; elle me daria a maior idea do sublime caracter deste Rey; mesmo sem as grandes acçoens de seo brilhante Reinado. Os Perversos, a quem a sua inexoravel justiça nunca perdoou, mancharam seo nome com o afrontoso epitheto de cruel, como se o coração de hum Nero, ou de hum Caligula podesse amar como D. Pedro! Os Homens de bem lhe chamaram Justiceiro, e a Posteridade, que examina os factos, e que jujga imparcial, lhe comfirmou este titulo, o mais honorifico para hum Monarcha. Os mesmos Homens que assim em Portugal mancharam a fama de D. Pedro I. appellidaram na Allemanha Tyranno ao Imperador Joseph 2.° que toda a sua vida trabalhou em felicitar os seus Povos, chamaram na França Rey da Canalha ao bom Henrique 4.° a quem o Povo chamava seu bemfeitor, quizeram fechar-lhe o caminho do solio, e alfim o assassinaram por mão do perverso Ravaillac.

STROPHE III.

Qual Astro bemfazejo, e luminoso,
Que ao mundo traz a vida,
Manoel reluz ditoso
Unico em nome, e fama esclarecida:
Seus pendoens triumphantes
Por virgens mares o Indostão pavoram... (1)
Os Promontorios choram (2)
O Filho, qne entre estrellas scintilantes
A Elysia hoje brilhara
Se, qual Roma, seus Reis divinizara!

ANTISTROPHE III.

Mas que Nympha gentil, solto o cabello,
Em erma algoza praia
O extincto Esposo bello
Chorando abraça, e de pezar desmaia?...
Que alto Roble frondoso,
Patriarcha dos Bosques, jaz prostrado,
Apenas perservado
Junto á raiz hum rebentão mimoso?...
Napeias, apiedai-o,
De Rez daninha, e Furacoens salvai-o!...

(1) El Promontorio, que Eolo sus rocas
Candados hizo de otras nuevas grutas,
Para el Austro de alas nunca enjutas
Para el Zieizo espirante por cien bocas,
Doblaste alegre, y tu obstinada entena
Cabo lo hizo de Esperanza buena.
Gorgor. Soled. I.

(2) Os altos Promontorios o choraram.
Camões Lusiad.

EPODO III.

Porque subito os ares se toldaram?
Porque o trovão rebrama,
Serpêa etherea chama,
E prantos femininos, tudo atroaram?
Quem carregou de lucto
Esses Orfãos, que escuto
Andar carpindo os Pais em soledade?
Que diz a immensidade
De Spectros, que das campas surgem fora?
O Sol que enfia?... a Lua, que descora?...

STROPHE IV.

La vai Sebastião mal conselhado
Levar ao Mouro a guerra;
Mancebo desgraçado,
A si, aos seus, ao Reino em Lybia enterra!
E por mor deventura,
Apoz extincto Fabula das Gentes,
Caterva de Dementes
Affirma, que ainda existe, e que vem jura!
Qual relampago escoa
O Velho que une o baculo á corôa:

ANTISTROPHE IV.

Oh! fado das Nações! tranquilla outr'ora
De Sião a Princeza
Com gloria insultadôra
Em seus muros confia, os Reis despreza:
Do Jordão caudaloso
A margem com mil bailes retumbava,
E nos ecchos quebrava
A doce flauta o canto deleitoso;
Porém troca lhe a sorte
Alegria, e prazer, em lucto, em morte!

EPODO IV.

Sobre ella o Babilonio açoute estalla,
No Templo o fogo gira,
Ao ferro o Povo expira,
E Rapina brutal vem dessolalla:
Prendem ferreas correntes
As Virgens innocentes,
Que aljofrando de pranto o lindo aspeito,
Vam adornar o leito
Do vencedor soberbo; ou desditosas!
Servir Escravas Barbaras Espozas!

STROPHE V.

Tal oppressa, envolvida em negro manto,
Doze lustros jazia
Elysia em magoa, e pranto,
E de sua Gloria o brado enrouquecia:
Clama o vencido Oriente
» Onde os Lusos Pendões? onde tremolam?
» Já a Orbe não desollam!
» Do Ganges expiador ao Zaire ardente?
» Nem vam Lusos ousados
» Por mares nunca de antes navegados?

ANTISTROPHE V.

» Em quanto la na Occidua furna encerra
» Fero Leão rugindo
» Estes monstros da guerra,
» Demos praça ao Prazer, que a nós vem rindo;
» Sem recear-lhe a furia
» As tranças ennastremos de mil flores,
» Vaquemos aos Amores,
» As Danças, aos Festins, e á doce Incuria! . . .
Assim Indiano, e Mouro
Insultava, oh Pezar! nosso desdouro!

EPODO V.

Mas tem limite o mal, se o bem não dura;
Da tetrica Doença
Saude extingue a offensa,
Bonança apoz tormenta os Ceos depura:
O prado assolla o gelo,
E Flora o faz mais bello;
Alternam Rizo e Pranto, e Pranto e Rizo
Dos Ceos por sabio avizo;
Nação, que satisfez no abatimento,
Torna de novo ao prisco luzimenoo.

STROPHE VI.

Já desnevôa Jove o rosto irado,
» Vai (diz á Liberdade
No tom com que abalado (1)
» O Polo faz vergar.) minha piedade,
Humilhada ao castigo
» Elysia mereceo! não mais consinto
» Que de seus Reis extincto,
Fique o faxo, eu recordo o pacto antigo.
» A Ulyssea descende,
» E com luz Bragantina o faxo accende:

ANTISTROPHE VI.

» Mostrarei outra vez no Luso Imperio
» Minha Mão providente,
» Em hum e outro Hemisferio
» Fazendo prosperar a invicta Gente:
» O effluvio mais perfeito
» Do fogo animador de Ceos, e estrellas,
» As virtudes mais bellas
» Com a vida fará brotar no peito
» Dos, que o tronco fecundo
» Desse, que hoje installei, Reis der ao mundo.

(1) Terrificam capitis concussit terque, quaterque
Cosariem cum qua terras, mare, sidera movet.—*Ovidio*.

EPODO VI.

» Qual sobe ao ar seus cachos descançando
» Sobre fertil Pereira
» A frondosa Parreira
» Fructo, e sombra ao colono prodigando,
» Unidos com ternura
» Dois Irmãos de ventura
» A Patria inundarão; se amor infrene
» Não fizer que os condemne,
» Ao ve-los disputando, lacrimosa,
» Com Thebano furor o Sceptro, a Esposa.

STROPHE VII.

» Eis o quinto João! com mão profusa
» Distribuindo o ouro,
» N'alma da Gente Lusa
» Lucra imperio maior, maior thesouro!...
» Como sobre a corrente
» O Tejo se ergue, e as Filhas melindrosas
» Em cançoens sonorosas
» Festejando Joseph, o Heroe prudente
» Por quem culta Lisboa,
» Das ruinas surgindo, a fronte emprôa!

ANTISTROPHE VII.

» Na belleza Mulher, no mais divina,
» Da Náo do Estado o Leme
» Toma Excelsa Heroina,
» Afronta os Escarceos, tufoens não teme!...
» Reinado portentoso
» De Alegria, e Pezar, de Lucto, e Glorias,
» De estragos, e victorias...
» Nella deve o Brazil, dos Ceos mimoso,
» Contra fero Inimigo
» A seus Reis em seus Bosques dar abrigo!

EPODO VII.

» Abre-se a Esphera... divinal chuveiro (1)
» Conduz ao Luso Estado
» João de mim Traslado,
» Em nome Sexto, em merito Primeiro:
» Vencerá na piedade
» Tudo o que a prisca idade
» De Tito divulgou; seo Nome a Fama
» No aureo clarim acclama,
» Por quanto argenta o mar, doura Piróo
» Da Tumba occidental ao Berço Eóo (2)

STROPHE VII.

» Por elle afortunar devem a Terra
» Os evos de Saturno,
» E mordendo-se a Guerra
» Cahir do chofre ao Bárathro suturno!
» Astrea foragida
» Recobra, os que deixou no mundo, altares, (3)
» No seio de seus lares
» O velho findará tranquillo a vida,
» Nem mais o Varão forte
» Hirá, deixada a Esposa, expôr-se á morte!

(1) Rorate, Cœli, desuper, et Nubes pluant justum *Isaias.*

(2) Bem conhecidos versos de Fr. Jeronimo Bahia

(3) Et virgo cede mandantes.
Ultima cœlestum, Terras Astrea reliquit.
Ovidio.

ANTISTROPHE VIII.

» Não mais se hão-de esconder nos vitreos paços
» Do azul Nereo as Filhas,
» Ouvindo os, que em pedaços
» Fazem bronzeos trovoens, guerreiras quilhas:
» Só, declinando o Dia,
» O canto escutarão do Navegante,
» Que á saudosa Amante
» Expede sobre as azas da Harmonia,
» Modulado queixume
» Filho do affecto, ou filho do Ciume!

EPODO VIII.

» Os ermos vestiram purpureas rosas, (1)
» E de escalvados montes
» Hirão murmureas fontes
» Fertilisar campinas sequiosas:
» Não mais em sangue humano
» Hade o punhal tyrano
» A Traição macular, nem vil Mentira,
» Orgulho, Ambição, Ira,
» Homem, degradarão teo ser sublime,
» Será sem pejo Amor, Amor sem crime!

(1) Lætabitur deserta et invia, et exultabit solitudo, et florebit quasi lilium.

Isaias C. 35. St. 6.

STROPHE IX.

» Morre em feras o instincto carniceiro, (1)
» Junto ao Tigre fermente
» Dorme o manso Cordeiro,
» Brinca em roda do Açor Pomba innocente;
» O Cervo temeroso
» Dá que virginea mão lhe enflore a testa;
» E o da brava floresta
» Coroado Terror, Leão juboso,
» Prezo o collo arrogante
» Em festoens, seguirá timido Infante:

ANTISTROPHE IX.

» De Asia poly-climada, Africa adusta, (2)
» De America plumosa,
» (Então Rival Augusta
» Da culta Europas ou sabia, ou belicosa)
» Oppostos Moradores
» Ao Lusitano Rei trarão gostosos,
» Por tributos preciosos,
» De Genio, Producção, e Arte os primores:
» Qual a Roma offertaram
» Povos, que seus Heroes avassallaram.

(1) Habitabit Lupus cum Agno, et Pardus cum Hædo accubabit, Vitulus, et Leo, ot Ovis simul morabuntur, et Puer parvulus minabit eos.

Isaias C. 11 V. 6.

(2) Serva ad Eroe si degno
Cura di Giove e Prole,
Quanto rimiri il Sole
Quanto circonda il mar.

Metastasio Allemand Act. 3. Scen. ult.

EPODO IX.

Oh Musa, que, nos Ceos fitando os lumes,
Sobre as plumas Dirceias
Tanto os vôos alteias,
Que devassas a pratica dos Numes:
Pára, que eu vou languindo,
E a Inveja está zumbindo
Que ha muito já trasborda este meu hymno....
Bem que lhe torne Elpino (1)
Que não cabe da concha no regaço
O Mar que rólla por immenso espaço. (2)

(1) O Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Sylva.

(2) Esta foi a primeira Ode Pyndarica que escrevi; tinha então 17 annos, e frequentava a Aula de Rhethorica ouvindo as lições de um Mestre, excellente sujeito, e na verdade mui versado nos preceitos da Arte, mas, como depois conheci, fraco Poeta, e Critico ainda mais fraco. Eis a causa de ella ser rimada, o que não sam as outras; acreditava então, por que elle mo dizia, que a rima era essencial á Ode Pyndarica, e elle o dizia talvez sem mais razão que o haverem Diniz, e Chiabrera rimado as suas.

O assumpto desta Peça foi dado por elle para exercicio de classe; e tanto lhe agradou que tomou sobre si fazer-lhe algumas emendas em versos, que lhe pareciam menos bem torneados, e o que he mais notavel, he que nada o contentou tanto como as imitações de Isaias, que vem nas ultimas Strophes, que elle achava mui bem cirzidas com o assumpto!

Se eu hoje escrevesse esta Ode, deixaria em paz os Leões, os Cervos, os Miniosos e toda essa Poesia Biblico-Collegial, que tinha tanto que ver com o reinado de D. João 6.º como com o nascimento do Duque de Bretanha na Ode, em que Rousseau a introduzio tambem, e com menos disculpa que eu, porque era então hum Poeta de idade madura, e o maior Lyrico de França! Lembroume illiminar essas Strophes, mas não o fiz porque fujo de alterar composições da meus primeiros annos; e quando julgo que não podem passar sem grandes emendas, prefiro suprimi-las; tenho que he util haver nas obras de hum Poeta algumas que marquem o seu ponto de partida, para se julgar bem o espaço, que precorreo, e o que aproveitou com a idade, e os estudos.

LIVRO II.

ODES HORACIANAS HEROICAS.

ODE I.

A' Restauração de 1808.

> **Eu canto o peito illustre Lusitano,**
> **A quem Neptuno, e Marte obedeceram!**
> ***Camões. Lusiad. Cant. I.***

1.

Deozes, que sinto!... não tocada a Lyra
Sonorosa resoa!... que improvizo,
Sacro estremecimento vai passando
D'alma ás fibras, que attonitas aballa!...
Que inumera phalange
De ideias arrojadas,
De alti-sonos conceitos
Comessa a burbulhar na mente acceza!...
Sobre as azas de rapido transporte
Com vôo desenvolto os ares fendo.

II.

Que monte he este alcatifado em flores,
Onde, Urania, pouzei?... que bando aquelle
De engraçadas, harmonicas Donzellas,
Que nesse ledas vagam laureo Bosque?...
Rompe-se o veo que a vista
Turbido me encortava,
E aos olhos se me expande
Quanto no vasto seio Europa enserra:
Tal o Moderador de Homens, e Numes
Lustra de hum golpe o dilatado Mundo!

III.

Cedendo ao pés seo, montão de gelo
Dos Alpes se desata, e vem rodando
Mais, e mais a engrossar: o Nilo, o Eufrates
Rivalizando já, a lava undoza (1)
Com horrido estampido
Os Bosques traz comsigo,
As Aldeias derruba,
As ponteagudas Rochas, e parece
Alardeando estragos, e ruinas,
Que pertende engolir a terra inteira.

(1) Une masse de niege, que son poids seul detache des hauteurs, sur la pente des quelles elle etait suspendue, est ce qu'on appele une *Lave de Froid*, parce, que c'est ordinairement en hyver, que l'accumulation des nieges en determine la chute. Elle est tonjours acompagnèe d'un fracas horrible, et rien ne pent s'opposer á sa tendence. Des habitations, des Villages entiers sont ensevelis, des Forets son rasêes, des roches même cedent au choc, et sont entraineès.

W. Coxe, Lettres sur la Suisse. trad. de Ramond.

IV.

Taes os Modernos Vandalos eu vejo
Tingidos de innocente Regio sangue,
(Nem que pouco lhes fosse d'Attentados
Terem enxovalhado o Patrio ninho)
Seos ciumes, seus flagicios
Levar a toda a parte
Grilhões lançando duros
As miseras Nações, que atropeladas
Se armam a força em prol de seus Tyrannos, (1)
Que a Seducção preçede, e segue a Morte!

V.

Tu entre as Regiões Roza entre as Flores,
Throno de Marte, de Minerva Throno,
Oh Patria da Belleza, e dos Prodigios,
Das Sciencias abrigo em ferreos Tempos,
Doutrinadora Italia,
Por Monstros, qne entre Escravos
Outrora confundiste,
Em proprio, e sangue alheio ora te ensopas:
Teos Muros, teos Padrões, Templos, Thezouros,
Ves cahir, ves roubar, e ves-te Escrava!

VI.

Brama no Elysio de Camilo a Sombra
Por Brenno novo escravizar-lhe a Patria,
Que elle a sangue remio do Brenno antigo; (2)
E, Trebia revocando á ideia, e Cannas, (3)
Brama o valente Annibal
Porque aviltado Celta
Dome em tão pouco aquelles,
Que, apoz estragos mil domar não podes;
E, sepulchro a Pompeo, tão arduo a Cezar,
De assim ver-se algemado escuma o Nilo!

(1) Conscripsoens.
(2) Vid. Tito Livio. (3) Ibidem.

VII.

Negras roupas trajando o Despotismo
A' frente lhes troveja!... infando Monstro,
Que topeta com os Ceos, e destendendo
Hum braço ao mar, e o outro ao continente
Quer abarcar o Mundo!...
Mas surge-lhe de encontro
Do Thamiza o Neptuno,
Que, alongado o tridente, o mar defende:
Mas a Furia, do pelago repulsa,
Mais rabida na Terra se encarniça.

VIII.

Em giro perennal onda apoz onda
Se revolve no mar e em giro eterno
A traição ás traições, o crime aos crsmes
Estragos a Violencias Gallia ajunta!...
Sobre usurpados thronos
Phantasmas de Monarchas
Promulgam Leis de ferro.
Devasta-se Germania, cede a Russia,
E tu dos Prussos, oh Virgilio, oh Cezar!
Ves teu Solio ruvindo, oh Frederico!

IX.

Em nevoa envoltas, tremulando as Aguias
Vam funestar de Lysia os horisontes!...
Eis o Tejo a bramir soltando a urna,
Os seus priscos Heroes debalde invoca!...
Eis Carceres aos Justos!...
Eis promios aos Malvados!...
Eis roubos, e assassinios!...
Eis proscripto o Reinante!... em terra as Quinas!...
Eis o sangue a golfar!... zunindo o Fogo!...
O ameaço troando!... e prompto o raio!...

X.

Mas já da Região, que o Nome obteve
Do fraternal Amor, nuvem fulgente
Do mais purpureo azul conduz ondeando
Divindade gentil de Lysia aos ares!,...
Negrumes detensosos
Ao seo aspecto esvaem-se!...
Eu a conheço!... he ella!...
Salve, Filha dos Ceos, oh Liberdade!...
Mãy do Genio, e Ventura, e Brio, e Gloria,
Oh Deoza do Phylosopho, eu te adoro!

XI.

Que benigno seo ar!... singelo o trage!...
A Virtude, o Valor conduz comsigo:
Olha ao Tejo, ao Mondego, ao Douro, ao Minho,
E a persuaziva voz assim desata.
» Como! os briosos Povos
» Do Ganges Domadores,
» De Luso a illustre Prole,
» Intolerantes sempre a jugo estranho,
» Esquecidos de si, de Nunos, Castros,
» Com o resto do Globo assim se humilham?

XII.

» Quem Aguias espancou da invicta Roma,
» Quem não temeo Liões da nobre Hespanha,
» Quem derrubou feroces Africanos,
» Ferreos Rumes, e Naires adargados,
» Quem sugeitou brioso
» Crizi-geros Malaios,
» Janizaros guerreiros,
» Quem marchou sobre a Morte, que nos mares
» Junto de Adamastor se opoz de encontro,
» Do Senna ás Aguias pavido se encolhe?...

XIII.

» Arde no dorso escravo o vergão negro,
» Que imprime da Oppressão duro flagelo,
» E nada vos desperta? . . . olhai bem perto
» Os Hispanos Liões, que embravecidos
» Co' as Aguias arremetem (1)
» Que seos Reys lhe roubaram,
» E rugindo raivosos,
» Co' as vigorosas garras, as empolgam
» Co' as vingativas presas as laceram.
» Seo exemplo imitai, segui-me, oh Lusos! . . .

XIV.

» Pela raiz se arranque Arvore infame,
» Que em fructos tão pestiferos floresce;
» Vosso brio encarando o iluzo Mundo
» Conheça os seos grilhões, quebre-os, e vingue-se;
» Aperte a seos Tyrannos
» Correntes, que lhe apertam;
» Eia! segui meos passos.
» Haja tambem Leonidas em Lysia,
» Se outro Xerxes a opprime! atado ao emo,
» Quem não desperte a isto, eterno durma!

(1) Veis quebrada la fé, rota la guerra,
Los pactos uan del todo em rompimiento,
Siento la aspera trompa en el oido,
Y veo un fuego diabolico encendido.
Escilla. Arauc. Cant. 3.

XV.

Como por sabia mão calcado, e preso
O pó sulphureo subterrado em minas,
Se o fogo o toca, subito se enflama,
E, co' a mor rezistencia mais possante
Sacode, pelos ares,
Muralhas, Edificios,
As armas, e os Armados,
Como Leão dormente, que, espertando
Ao clangor da trombeta, errissa as jubas,
E ao caçador, que o busca, iroso investe;

XVI.

Tal do Numen a voz n'alma dos Lusos
Sopra despeitos! subito sam fogo;
Todo o sangue Francez beber já querem!
Edicto insultador vendo a fixar-se
O magnanimo Souza (1)
Banhado em pranto heroico,
Exclama furibundo
« Portugal expirou! » e o rasga, e piza:
E a turba, que o circumda acceza em brios,
« Portugal inda existe! » e ás armas correm.

(1) Ninguem ignora esta inemoravel expressão, com que o Marechal de Campo Joze Lopes de Souza, então Brigadeiro, acompanhou a acção nesta Strophe fielmente pintada.

XVII.

O esteli-fero Polo hum brado atroa
Por vingança clamando, e as Quinas surgem!...
Veneravel Prelado ás armas chama (1)
Do vini-fero Douro a Gente ouzada.
Troa o feroz Menezes (2)
Com Bacelar, e os Freires! (3)
Lá deixa a Lusa Athenas
Bravo Esquadrão de nobres Escolares (4)
Que a morrer pela Patria se offerecem,
Seos defensores já, Mestres hum dia.

XVIII.

Mas eis vergando o mar ao pézo immenso
Dos Baixeis dos Britanos, que briozos
Voam a defender o amigo auzente:
Surgem, fundeiam, desembarcam; fere
O Sol nas limpas armas,
E fulgindo se antolha
O campo hum mar de fogo; (5)
Soam clarins, tambores, treme a terra
Com som quadrupedante, e co'as carretas (6)
Que o fragor do trovão rodando imitam!

(1) O Exc. e Revendissimo Bispo do Porto.
(2) O Exc. Marquez Monteiro Mór.
(3) Os Exc. Srs. Bacellar, e Freires.
(4) A legião Academica.
(5) Ce formidable amas d'armes etincelantes,
Cet or, ce fer brillant, ces lances eclatantes,
Ces casques, ces harnois, ce pompeux appareil
Defiaient dans les champs les rayons du Soleil.
Voltaire, Heruiad. Cant. 8.
(1) Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.
Virg.

XIX.

Assim outr'ora as combinadas Turmas
Da Argiva Mocidade se estendiam
Pelos campos Iliacos, secando
Do Simoonte, e Xantho em marcha as ondas.
Tremem de Troya os muros,
E Priamo vacilla,
Cantam bellicas tubas;
Vario em opiniões o Vulgo incerto (1)
Com trepido tumulto acode ás armas,
Em vencer, ou morrer fixada a mente.

XX.

Como em margens do Narva em sangue tinto
Os Russos semi-barbaros cahiam
Do Alexandre do Norte aos pés triumphantes,
Tal dos Gallos a chusma espavorida,
Duros canhões largando,
E os sabres assassinos
Curva o joelho, e implora
De Arthur, de Luzos, e Anglos, que a fulminam,
Benigna Compaixão, e deslembrada
Da passada ufania, capitula!

XXI.

Mil parabens, oh Lysia, oh Patria amada,
Findou-se a Escravidão, despoja o Lucto:
Em Porto, em Torres teo Pendão tremula,
Teos Aliados Fieis, teos nobres Filhos
De verde louro enrama,
De jasmins, e de rozas
Entre festivas salvas!
Renasçam dias de prazer, de gloria,
Que abandonando amor, eu voto a Lyra
A ti, oh Patria, ati, oh! Liberdade!

(1) Scinditur incertum studia in contraria Vulgus.
Virg.

ODE II.

A Hespanha.

Feitos altos a Musa, que te excita,
Em grandiloquo metro me aparelha;
Ja me assignala as chordas,
E a meu sugeito ouvido o canto ajusta.
Salve, placido azilo
Da casta, foragida Liberdade,
La vejo o Templo seo aprico, immenso,
Que encerrar-se não deixa
De bronzeas portas de artesoados tectos.

Francisco Manoel.

I.

Quem perturba o pacifico silencio
Do asilo, onde me occulto ao Mundo, aos Homens?
Quem bole os verdes ramos,
Que a entrada á gruta encobrem? . . .
Hes tu, Musa, que outrora meo deleite,
O Vate a visitar volves de novo? . . .

II.

Eu te deviso já! . . . teo sacro fogo
De luzida espadana o peito accende! . . .
Atropellado corre
O sangue pelas veias! . . .
Conheço o extasi santo, com que Apollo,
De mim travando, me arrojava ao Pindo!

III.

A Lyra eis tomo!... as sonorosas cordas
Já feridas do plectro ouzadas soam!...
Pelas faces em chamas
Resumbra, verte o Estro!..,
Em torrente abundoza os versos solto,
Que as lindas Graças na harmonîa ensopam!...

IV.

Silencio, oh Terra!... não sopreis, oh Ventos!...
Rios, emmarmorai!... Nações, ouvi-me!...
Sacode as igneas asas,
Phalange de meos Hymnos,
E onde o Ebro revolve ondas de sangue,
Vai da Victoria aos Canticos juntar-te!...

V.

Oh Princesa do Mundo!... Flor d'Europa,
Senhora em terra, e mar, invicta Hespanha!...
Que, lustrando o Universo,
De Jove os olhos buscam,
Onde, em sacro Hymeneo, Amor, Virtude
O generoso Heroismo produziram!

VI.

Hes tu, que eu canto!... qual rompendo os diques
O sobrestante mar, cahindo a montes,
Do Batavo assustado
As Povoações derruba,
Na dextra o ferro, na senistra o ouro
Gallia sobre as Nações rollava estragos!...

VII.

Espavorida então da terrea face
Fugia a Liberdade! . . . e foragidas
As Artes, e as Sciencias,
Seo candido cortejo,
Azilavam-se em ti, e, á sombra tua,
Novos prodigios sem cessar brotavam! . . .

VIII.

Incendio, que pegara em basta selva,
Mais, e mais devorando, mais se augmenta! . . .
Tal da Ambição a sede
Augmenta-se adquirindo! . . .
E Gallia, que só livres vê teus pulsos,
A lansar-lhe grilhoens soffrega corre! . . .

IX.

Ah! que deslembra a perfida que Mestra
Quem ataca he de guerra em solo, em agoas,
Verdade, que lhe attestam
Dois Mundos debelados
E, nodoa eterna no explendor dos Francos,
A expensas proprias lho ensinou Pavia (1)

X.

Já, na amizade desfarçando a guerra,
Marcham seus Esquadroes! . . . trazem na fronte
O bilingue Perjurio,
E quando generosa
Braços lhe abrias . . . roubam-te os Monarchas,
E, erguendo as Aguias, teus pendões abatem! . . .

(1) A celebre Batalha de Pavia, em que os Hespanhoes derrotaram completamente os Francezes, ficando captivo Francisco Primeiro, Rey de França.

XI.

Lagrimas de furor banham-te as faces,
» Filhos? (aos Povos teos brioza exclamas)
» Comigo se offenderam
» Homens, Reys, Ceos, Justiça;
» Eia... ás armas! a guerra! em taes affrontas
» Hum crime he lamentar; sangue, vingança!

XII.

» Vede roubadas sacrossantas aras,
» Os Princepes ouvi gemendo em ferros.
» Vossos brazoes avitos,
» Vossas Filhas, e Esposas....
» Ah! se rebrotam Sarracenos novos,
» Novos Pelaios a estraga-los surjam!...

XIII.

» Vida escrava que monta?... he morto o Escravo,
» Authomato, que move alheio arbitrio;
» Do Medo se atropellem,
» Os perfidos conselhos!...
» Embora hum Hespanhol não salve a vida,
» Mas livres pelas sombras entrem todos! (1)

(1) Forza non c'é che basti
Popoli a soggiogar forti, ed invitti,
D'ardir, di ferro, e di costanza armati.
Metastasio.

XIV.

Bem cemo a nuvem gravida de espessas
Exhallações, que se urgem, que se enflamam,
E horrissonas rebentam,
Se despeija em saraiva,
Relampagos, trovões, raios, torrentes,
Que as campinas mais fertiles inundam:

XV.

Correm da Patria á voz co' a espada em punho
Heroes, Campiões de Iberia, que retalham
O Gallo fraudolento.
Surge a morte em mil formas;
Mordendo a terra o usurpador expira,
Em sangue as Aguias afogadas boiam.

XVI.

Oh Argivos Heroes, Heroes Romanos,
Themistocles, Leonidas, e Cimons,
Catões, Regulos, Decios,
Olhos cravai na Hesperia,
Vede aqui desputando hum Povo inteiro
Quem primeiro se exponha a bem da Patria! (1)

(1) What pity is it
That we can die but once to serve our country!
Addison's Cato.

XVII.

Heroinas d'Esparta embora applauda,
Quem só acata o Merito envolvido
Nas sombras do passado! ...
Heroinas da Iberia
Trocam settas de Amor de Marte ás settas,
Atropellam canhões, combatem, vencem! (1)

XVIII.

Esmalte encantador do sexo amavel,
Nymphas do Betis, meo primeiro affecto,
Em quanto volva o Tempo
Dos seculos o gyro,
Coroadas de Mirtho, e Louro eterno,
Do vosso adorador soai na Lyra!

XIX.

Mas onde, oh Musa, rapido voamos
Em carro auri-lusente? .... esses que jazem,
Pantanos sam da Estyge! ....
Que fumo espesso ós cobre?
Com medonho sorriso algemam Furias
Os Welches Esquadrões, que inteiros baixam! ....

(1) Consta dos Papeis publicos que no dia da memoravel revolução de Maio em Madrid, as mulheres se lançavam apinhadas sobre a Artilharia Franceza impedindo-a assim de continuar a fazer fogo.

XX.

Graças a ti, que luminosos ares
Respiro alfim! . . . de Primavera eterna
Já trilhamos o Elysio! . . .
Respeitando Congresso
De Heroes da Hespanha, d'alta Corte, imitam,
Providente Concilio, em laureo bosque! . . .

XXI.

Que serie de Guerreiros, de Monarchas? . . .
Sorriso approvador lhe assoma aos labios
Quando em braços recebe
De gloria reluzindo
A multidão de Martyres da Patria,
Que seus brios lhe assellam com seus golpes!

XXII.

Mas o Grão Campeador, Cid invencivel,
Flagelo destructor dos Mauritanos,
Trez vezes sopezando
A victoriosa lança,
A cujo coruscar Nações tremeram,
Em Idyoma dos Ceos dest'arte exclama! . . .

XXIII.

» Bençãos! gloria! louvor! á prole eximia
» Dos armigeros Godos, que sacodem
» Estranho, ferreo jugo!
» Mais que o nectar he doce
» A quem campos de luz ditoso habita,
» Ver seos Netos vence-lo em brio, em gloria!

ODE III.

A S. M. Fidelissima D. João VI.

Forse un di fia che la pressaga penna
Osi scriver di Te quel ch'or n'accena.
Tasso Gof. Cant. I. St. IV.

I.

Quando tentava desferir na Lyra
Portentosas acçoens d'Heroes valentes,
Que em Europa, Asia, e Africa ensoparam
Em sangue a imiga terra:

II.

Quando entre turbilhoens de fogo, e fumo
Já Sampaios eu via, Castros, Cunhas,
Sobre cahidos thronos, razos muros
Hir tremular as quinas!...

III.

Fragrante exhallação (qual sahe das rosas
Ao surrir da manhãa) perfuma os ares,
E, ao fulgor d'hum relampago, diviso
Donzella sobre humana!...

IV.

Na fronte a laurea, em purpura cingida,
De neve o cinto, o manto de esmeralda,
Solta a voz, que dos Ceos remeda a fraze, (1)
E que serena os ventos.

V.

» Vate, (ella diz) não mais! de sanha, e de odio
» Embriagado o Mundo assás tem visto,
» E ouvido, com prazer, soár no Pindo,
» Da Humanidade o estrago.

VI.

» Oh não foi a tal fim, que entre meus braços
» Te surri ao nascer; que a Lyra de ouro (2)
» Te confiei benigna, e no teu peito
» Soprei divino alento

VII.

» Busque o arco Phebeo alvo mais digno,
» E hoje que a esphera lucido abrilhanta
» O dia de João, do Ismeno as flores
» A João se tributem!

(1) Luccevan gli occhi suoi piu che la stella:
E cominciomi a dir soave, e piana,
Con angelica voce in sua favella.
Dante, Inf. Cant. II.

(2) Quem tu, Melpomene, semel,
Nascentem placido lumine videris.
Horat.

VIII.

» João, mimo dos Ceos, de Jove Alumno,
» Da Patria Redemptor, do Mundo exemplo,
» Prole dos Reis Heroes, Heroe mais que elles,
» Da Liberdade esteio!

IX.

» Remove á Lusitania a dextra sua
» A negra Escravidão! . . . franco he seu peito
» A's lagrimas do afflicto, que alli pode
» Depôr sua amargura.

X.

» Como a hum riso de Jove a terra exornam
» Metaes, Arvores, Rios, Plantas, Flores:
» A favor de João Sciencias brotam,
» E as melindrosas Artes.

XI.

» Pasma o inculto Brazil, vendo em seu seio
» A Policia d'Europa, as Leis, e os Uzos,
» Vendo fructificar-lhe a Industria os Campos,
» Erguer Palacios ricos!

XII.

» Soberbo, reclinado em montes de ouro,
» Vê como verga o mar, gemendo ao pezo
» De mil, e mil Baixeis, que lhe conduzem
» Tributos de dois Mundos.

XIII.

» Tanto deve a João! oh fausto Nome! . . .
» Nome sempre famozo em vossa Hesperia! . . .
» Eterno sejas no Orbe, e de E'vo, em E'vo
» Medrando vás em gloria! . . .

XIV.

» Oh Nome de João! por ti tres vezes
» Sacodio Lusitania o jugo estranho! . . .
» Oh Nome de João! por teu influxo
» Espera a paz o globo! . . .

XV.

» Sim eu vejo-a descer em rosea nuvem
» Vem com ella a Virtude, e Amor, e as Graças
» Riem-se os Montes, riem-se as Florestas
» Da Deoza á grata vinda!

XVI.

» Desfaz-se a escuridão, que assombra a Terra,
» Quem a espada brandio cultiva as messes,
» Quem dêo planos de morte as Leys proteje;
» Nasce a geral concordia

XVII.

» E curvando o joelho, e as mãos erguidas
» Em torno ás áras, emflorada a frente,
» A João, como a Numen, darão culto
» As Nações do Universo.

ODE IV.

No faustissimo Nascimento do Infante D. Sebastião.

Jam nova Progenies cœlo demittitur alto.
Virg.

I.

Que alegre vem do rubido Oriente
Nascendo o Sol! . . . tão morbido, tão ledo,
O Thalamo da Noiva,
Não deixa Arabe Esposo
Por olhos, e por faces ressumbrando
Mimos, triumphos, que fruio de Noite!

II.

Rozas, colhidas no Jardim da Aurora,
Çingem-lhe a fronte, e em mil festões lhe ondeiam
No peito, e sobre a espalda:
Fumam-lhe em aureo vaso
Pangeo perfume, que se emrolla em nuvens,
O Aromatico Alóes, Sándalo ameno! . . .

III.

Tal sobre o Coche esmeraldino voa,
Setas vibrando de esplendor mais vivo! ...
Por auriga a Ventura
Os impetos refrea,
Dos fogosos Ethontes, que não pode,
Por seo mal, subjugar o audaz Climenio!

IV.

Salve, Dia de Paz, que nos conduzes
Luminosa porção do Astro mais puro,
Porque espirito influas
No abençoado fructo
De Maria, e de Pedro! ... eis elle assoma,
E dos Pais, e do Avô resume os dotes! ...

V.

No Mundo antigo, e novo atroa o brado,
Que abona a Redempção de Lysia em risco;
Do florido Janeiro
As Nymphas melindrosas,
Tecem Choreas, Canticos ordenam,
Que lhe repete o Tejo, aplaude o Thames

VI.

Mil parabens, oh Patria, oh Mãi preciosa,
Tu viveiro de Heroes, Berço de Numes! ...
Tu inda encontras graça
Ante os olhos de Jove,
Que em ti se alegra, memore do pacto,
Que a elle te enlaçou no sacro Ourique! ...

VII.

Blazone embora o Despota orgulhoso
Do Senna, e Rhim, que de Bragança a estirpe
Co' a de Bourbon findara;
De Bourbon, e Bragança
Nova vergontea fulgida rebenta
Onde Planta Real jámais brotara!

VIII.

Comessa a distinguir, mimoso Infante,
No afectuoso sorrir materno affago, (1)
Na Purpura nascido
Ve lustroso Congresso,
Que te rende homenagem! . . . turba immensa
De Heroes nos Climas teos, Brazão de Lysia!

IX.

Sobre o Mosquete horrisono se encosta
O Grão Caramurú, trovão dos mares,
Cada passo, que move,
Protervos invazores
Parece inda esmagar, Vieira ouzado,
Generoso Rival, Barreto o segue! . . :

(1) Incipe, parve puer, risu cognoscere Matrem.
Virg.

X.

Crespa a grenha, bravio em phraze, em modo,
Marte no peito, se no rosto a Noite,
Do grupo se destaca
O portentoso Dias,
E qual Heitor Brazilico, e Serpedon,
Abraça hum que lhe he Par em cor, em brio.

XI.

Que embebido ouviras (crescendo a idade,
E fulgindo a Rasão) de Heroes tão grandes
A Chronica instructiva!
Que estimulos de gloria
Não sentirás ao leres-lhe as façanhas
Golpes, que deram, Povos que domaram!

XII.

Cresce Infante gentil! no Avô piedoso
Na encantadora May, no Pay sublime,
Modelos tens viventes,
Onde aprendas sem custo
Guanto pode moldar a hum Regio peito,
Quanto pode hum Mortal subir a hum Numen!

ODE V.

A S. A. R. o Principe de Galles.

Principe illustre, Successor di Regi,
Or che a toccar la Lyra
Sacro furor me spira,
O dimi, e se il mio canto a sdegno prendi
Non qual io son, ma quel ch'io dico attendi.
Filicaja Canz. 5. Str. 7.

O' Cythara, em que outr'ora discorrendo
Septi-sona harmonia,
Em Pindaricos sons mandei aos Astros
Os respeitados Nomes
Dos Heroes que de Lysia sustentaram
Em paz, ou guerra o sceptro,
Justos na paz, impavidos na guerra;
De novo hoje te invoco,
E ao não menor objecto sagraremos
Precioso tributo
D'almos hymnos Dirceos: delles nas azas
Vá retumbar pelo Orbe
De Jorge o Nome excelso: o Tejo exulte,
E o Thames de ufanado

Incline toda a Urna, engrosse as ondas,
Velocidade augmente,
As margens sobremonte, ouvindo o Vate,
Que em Piério transporte,
As chordas dedilhando, assim se exprime: (1)
» Salve Flor de Britania,
» Heroe Filho d'Heroe, que ao Pai provecto
» Sustentas o Diadema:
» Surgindo ao lado seu qual verde chôpo
» Que sombri-feia rama
» Profuzo sobr'estende ao chopo annoso,
» Que sem viço, e sem folhas
» Inda he bello, respeito inda promove,
» Nos galhos conservando
» Grevas, Lorigas, Morriões, Pavezes,
» Arrancados com sangue
» Nos campos de honra ao perfido contrario,
» Por vingadora dextra
» De Viriato audaz, que ali pendentes
» Por troféo os votára
« A Endovelico Patrio, estranho Alcides!
» Da liberrima Galles,
» Fertil de Bardos, de Guerreiros fertil,
» Benefico Patrono,
» Qual se admira em Heroes, se présa em Homens
» Insólita virtude,
» Que no teu Coração não brote, e enflore?
» Tua mente abastaram
» De proficua doutrina as sacras Musas;
» O proprio Deos da guerra
» Teu valeroso braço adéstra ás armas;

(1) Huns tocam instrumentos sonorosos,
Outros harpas dedilham com que encantam,
Barbuda. Virg.

» E Minerva te aponta
» Norma de bem-reinar no Patrio exemplo!
» O teu Governo, ó Jorge,
» Restituirá ao Mundo a Idade de ouro!
» Escrito está no Fado:
» O que hum Jorge traçou outro complete.
» Oh! grata prespectiva
» De Ventura, e prazer!... O Norte em chammas,
» De liberdade acceso,
» A teu influxo brame, hum odio eterno
» Nas aras da Vingança
» Ao Corso usurpador protesta, e jura:
» Como Tufão que arrasta
» Tudo comsigo em gyro, corre, e vôa
» Wezingerode ousado;
» Kutuzow como Jove relampeja;
» Platow fulmina, e trôa:
» Do fatal Berodino assoma o dia,
» Que em véo cruento envolto,
» Ao Gallo negrejando, aos Russos brilha.
» Na Peninsula em tanto
» Anjo exterminador Wellington gyra,
» De si varrendo em frente
» As Corsicas Phalanges: a seus golpes
» Exercitos succumbem,
» Praças ruem, Castellos não resistem,
» Debalde oppõem barreiras
» Os caudalosos Rios, salta os Rios,
» E em Victoria, e Sorauren
» Descoroa Joze, Soult affugenta!...
» Precipitai, oh Templos,
» O momento feliz, em que remate
» Arthur impondo á guerra,
» Possa o Esposo fruir da Esposa os mimos;
» Possa entregar se o Sabio

» Sem susto á indagação d'altos portentos
» Que com dextra profusa
» Por Aguas, Terra, e Ceos soltou Natura;
» O Agricula nos campos
» Livre os sulcos abrir; e, recostado
» Do Pomar que plantára
A' odorifica sombra o Pomareiro,
» Tranquillo adormecer-se
» Ao som da vitrea fonte que murmura,
» Sem que ao clangor desperte
» Da trombeta Marcial! . . . Então, ó Jorge,
» Os ditosos Humanos
» Ledos dividirão comtigo, e Jove
» Seus cultos, seus affectos.

ODE VI. (*)

A Lord Wellington.

Sic Uibem ingreditur tanto comitante Senatu,
Et vulgo ad spectata Ducis simul ora ruente.
Silio Italico de Bello Punico. Lib. 11.*

Dias de applauso, e pompa,
De gloria, e de prazer, quando sentada
No excelso Capitolio,
Roma via a seus pés montões do Sceptros,
Que palidos Monarchas
Alli vinham depôr, seguindo em ferros
Triumphantes Carroças
De Marios, Scipiões, Cezares, Syllas! . . .
Dias de applauso, e pompa
De gloria, e de prazer! vós ténue sombra,
Vós simile sois fraco
Do que hoje Elysia jubilo demostra,
Quando em seu gremio acolhe
De Roliça o Trovão, do Porto o Raio,
Do Rodrigo o Luzeiro,
Wellington sem igual, de Marte Alumno,
Discipulo de Pallas,
Do Tejo Remidor, Brazão de Thames! . . .
Wellington que reune
Prudente Ulysses, denodado Achylles! . . .
Wellington, mais do que Elles
Digno da Tuba do Meonio Vate,
Que armonica retumba
No seio da longiqua Eternidade! . . .
Não vê o Heróe (voltando
Após tres annos de saudade, e auzencia.

(*) Pedida.

De pugnas, de victorias)
Pyramides soberbas, que decoram
Em seu obsequio as Praças,
Nem caminha sob Arcos de triumpho,
Onde esculpidas note
(Apuro do cinzel) suas proezas,
Magnificos emblemas
Que Politica ergueo, não puro Affecto!...
Mas a alma lhe não ferem
Descahidos semblantes, que nublára
A taciturna Inveja,
Ou que enrugára c'o a tremente dextra
Ciosa Desconfiança!...
Vê transportes, vê rizos, que ressumbram
Por olhos, e por labios,
Em toda a condição, em toda a idade!...
Sobre as azas dos Vivas
Seu Nome sóbe aos Ceos! d'hum lado, e d'outro
A encontralo concorrem
Apressuradas Turmas, que disputam
Quem primeiro saude
O Grande General! assim outr'ora
Da torreada Goa
Contentes Cidadãos o invicto Castro
Recebiam cingido
De viçosos laureis, inda escorrendo
Bruto, perfido sangue
Do infido Guzarate!... Oh como o accento
Do Louvor merecido
Delicioso cála em conscio peito!...
Com que extasi, oh Wellington,
Ora escutas a candida Donzella,
Dizendo » eis por quem posso
» Inda ao seio estreitar o Pai provecto,
» Sem temer me salpique

» De seu sangue innocente o Gallo alfange! . . .
Mais ávante a Matrona,
Com Esposo, com Filhos abraçada,
Com lagrimas de gosto
Te envia bençãos mil, seu Deos te acclama . . .
Salve Britanno Marte,
Heróe Homem! prodigio desta idade,
Sem Ti de bronze, ou ferro! . . .
Caro Libertador da Patria minha,
Em quem Nunos, e Almeidas
Olha para seu bem, renascer Lysia,
Tu lhe soltaste os ferros . . .
Por ti o Lavrador semeia, e colhe, . . .
Por ti em nossos Campos
Podem soltos pascer nossos rebanhos, . . .
E com dextra profusa
Por ti nossos Jardins Chloris floreja.
Tu novo Astro propicio,
Em torno aquem, Satellites brilhantes.
Assombro dando ao Globo,
Ardem Silveiras, Bacellares fulgem,
Sulpulvedas rutilam,
Com luz, que ao teu brilhar só não compite!
He obra de teu Braço
Se existe a Segurança em nossos Muros;
Se inda o benigno mando
Do Piedoso João escuta o Luso;
E quando (e talvez breve)
A Paz universal descer á terra,
Os ditosos Humanos
Pregoarão d'hum Hemispherio a outro,
Que Arthur com braço, e mente
Ensinando a domar o orgulho, e a sanha
Do Despota da Gallia,
A Paz universal foi obra sua.

ODE VII. (*)

A Lord Wellington.

The stars shall fade awaiy, the sun himself
Grow dim with age, and Nature sink in years,
But thou shalt flourish in immortal youth,
Unhurt amidst the war of Elements,
The wreks of Matter, ande the crush of Worlds!...
Addisson's Cato. Acto 5. *Scen.* 1.

Como o louro Phebeo se agita, e treme!
Como se aballa o Templo!
Como o Bosque, que em roda lhe sombrea,
A' terra curva os topes,
E em jubiloso fremito sauda
Apollo, que já desce
Em auri-rosea Nuvem! longe, oh longe,
Profanos, que não soffre
O Numen lhe encareis a face augusta,
Que so concede ao justo!...
Eis o Deos! Eis o Deos!... fragrante effluvio
De celeste ambrosia
Presente o manifesta!... curvai, Moços,
Curvai, gentís Donzellas!
Eis o Deos! eis o Deos! madeixas de ouro
Sobre a despida espalda
Lhe ondeiam ao desdem, tinindo ao hombro
A circumtecta aljava!...

(*) Pedida.

Do sacro pé tocado o chão se enflora,
E do vizinho lago
O Cisne com seu canto atroa os ares! . . .
Salve Boedronio, Clario,
Smintheo! Carneion! Pithio! . . . se outro Nome
Ha que mais te contenta,
Eu libente to dou! de ti recebem
Luz os dois Hemispherios,
Côr os objectos; o calor e a vida
De ti deriva aos Entes;
Nas campinas por ti loureja Ceres,
Pluto no centro exulta,
E Baccho de seus pampanos reveste
Os ingremes Outeiros!
Tu guias Machaon quando procura
Salutiferas plantas,
Que moribundo enfermo ás trevas furtam;
Girardon, e Bernini
Ensinados por ti dam forma, e moto
Aos marmores, e bronzes!
Tu reges o pincel na mão de Albano.
E por ti sobre a tella
De phantastico mundo entorna os seres!
Por ti Mozzart, Paissello
A harmonia dos Ceos no mundo imitam;
A ti deve o Poeta
Seus extasis, seu canto! . . . ao teu aspecto
Já me revolve a mente
Pyndarica refrega, e sobre as cordas
Da Phylintica Lyra
Rapidos, floreando, os dedos correm! . . . .
Mas que assombroso Nome
Hoje aos Ceos mandarei! já nos meus Hymnos
Soberbos retumbaram
Quantos Lysia acatou ou Reys ou Numes;

Soou o invicto Nuno,
Albuquerque terrivel, Castro forte.
O sem igual Pacheco,
Cabral que o mundo novo ao velho ajunta,
Mas o remido Tejo
Douro (1) Gualdaquivir, o Adour, o Nive
A brados me convidam
Ao Britano Campião! . . . sejam meus versos
Hoje a Arthur dedicados,
Quem mais digno de canto! Que virtude
Lhe não florece n'alma?
Politico, e Guerreiro a penna, a espada
A tempo ou larga ou toma;
Rico sem altivez, Nobre sem fausto
Sem orgulho em triumphos!
Intrepido em revezes, talha, ordena,
Executa, promove,
Arroja-se ao porvir, constrange os Fados:
De Jove á semelhança
Pode o que quer, e quer o que só deve:
E do mundo os applausos,
Mais merecer, que consegui, deseja.
Tal, quando a vez primeira
Os olhos descerrava á luz do dia,
Extasiado Bardo
Cantou verace á mui ditosa Erina, (2)
» Esse, que era em teu gremio
» Qual astro assoma de esplendor não visto.

(1) Gualdaquivir! parece-me que o Rio,
Cada vez que lhe chamam tal alcunha,
Impetos tem de pro no hombro a urna,
E hir despeja-la em terra, onde o não chrismem.
Heroino d'Aragão.

(2) A Irlanda.

» Breve encherá de assombro
» Os Continentes quatro, e quantas Ilhas
» Nereo circum-defende
» Quando a Hesperia lhe abrir o immenso estadio
» Que vencedor despeje,
« Quando barbaros Celtas em seu damno
» Dos Pyreneos se arrojem
» Immensos como estrellas, que scintillam
» Em clara estiva noite;
» Como a neve, que em flocos pelo Inverno
» Dos Alpes se debruça!...
» Que prantos! que alaridos hão-de erguer-se
» Nas miseras Cidades,
» Que o Betis ennobrece, e rega o Tejo!...
» Nos Asturianos Serros
» Nas saudosas ruinas de Granada,
» Onde em memores Cifras,
» O Mouro galanteio a amar convida!...
» Quando do Senna as Furias
» Dem ao fogo Jardins, Vergeis, Pomares,
» Soberbos Edificios,
» Templos augustos, c'o Primor das artes;
» E nas cruentas Praças
» Sentadas em cadaveres celebrem
» Horrorosos banquetes,
» E a doida embriaguez ajuste os brindes
» Aos ais dos muribundos!...
» Mas de ti, ó Arthur, c'a dextra tua
» Ha-de sahir o raio;
» Que de tanto attentado, e tantos Crimes
» A enormidade puna!

ODE VIII. (*)

A Lord Wellington.

Had Death been French, then Death had d'yd to day!
Shakespeare.

I.

Nymphas do Tejo, aos cantos, aos Tripudios! . . .
He Dia de prazer, Dia de gloria!
Novos Lauros á fronte se accomodam
Do sem-igual Wellington! . . .

II.

Novo raio de luz desbasta as sombras,
Que d'Iberia, e de Lysia a face enlutam!
Novo golpe mortal ao Despotismo
Novo deslustre á França!

III.

Branca pedra assignale este aureo dia,
Não pare o riso, não repouze a Lyra,
Não cesse de espumar nas amplas Taças
Almo licor de Bromio!

(*) **Pedida.**

IV.

Brindemos aos Heroes, que a Patria illustram,
Aos Mavortes Bretões rivaes no esforço,
Aos briosos Hespanos, que não sabem
Abandonar-lhe a piza!

V.

Mas do brinde o primor, do applauso a estrea
A ti compete, oh Lord! a ti sublime
Claro Fabio Albionez, Scipião mais bravo,
Malborough mais ditoso!...

VI.

Blazone embora o Despota da Gallia
De Marengo, e Austerlitz, d'Eyland, e Jena,
Roliça, Badajoz, Porto, Rodrigo,
Mor brado dam pelo Orbe.

VII.

Seos Bravos Generaes, que se enfeitavam
De aparatosos Titulos, que ousados
Se atreviam ao Ceo, veja o Tirano
Por ti fugindo, ou mortos!...

VIII.

Prosegue invicto Heroe! a Gloria ao termo
Te prepara laureis, grinaldas tece;
Lysia remida, Hespanha libertada,
Te dam cultos, e altares!

ODE IX.

A' queda de Bonaparte.

Then let the Muses with such notes as these,
Instruct us wat belongs unto our peace!
Your battles they hereafter shall indite,
And draw the image of our Mars in fight.
Waller. Pang. de Cromwel.

I.

Dirceia Lyra, que deteste as ondas
Do Ismeno outr'ora, acompanhando o Canto
Do Eleo Poeta, cuja cinza honraram
Barbaras Hostes!...

II.

Que em mão de Flaco resoaste Lydia,
Glicerio, Pyrrha com Latinos modos,
Qual d'amplo Rio vem cristaes ornar-nos
Floridos Hortos!

III.

Que o de Savona levantou de novo
Da clave Argyva aos belicosos pontos,
Que sustentaste, submetida ao grave
Plectro d'Elpino!

IV.

Ficarás hoje no silencio envolta?
Hoje que hum dia tem de festa o Mundo,
Des-assombrado dos grilhões, que urdira
Perfido Corso?...

V.

Oh! não! mudeça muito embora, e morda
As mãos de raiva abominando Elmiro!
Eu, que amo a Patria, represar não posso
Fervido canto.

VI.

Sem que repouse, teus bordoens ferindo,
Bem como outr'ora, rubro mar passando,
Hebreo Propheta Pharaó submerso
Soou continuo!

VII.

De mais terrivel Pharaó moderno
Farei retumbe a estrepitosa queda
Do extremo Occazo the do Sol ao rubro
Fulgido berço!

VIII.

Immensa Torre de feroz soberba
Se erguia o Monstro, sitibundo á sangue,
E ao vasto Globo, que a seu Sceptro curve
Despota ordena!

IX.

Ao seu acceno, de aguerridas Hostes
Marchando Enxames, desolavam Reinos!....
Terror lhe he Guia, vai na frente a Morte
Segue-os o Estrago!....

X.

Baqueiam Thronos com fracasso horrendo,
Reis descem, sobem!... vai de sangue tinto
O Rheno, o Odér, Mansanares, Douro,
Baltico, e Adria!

XI.

Oh ceos! Que densos torbilhões de flamas
Por entre fumo vam crestar a esphera!....
Por longas leguas o clarão medonho
Trémulo corre!....

XII.

Moscow he cinza!....memorando exemplo
De heroico Amor da Liberdade! Roma
Quando hum teu Filho te salvou dos ferros,
Dando-te ás chamas?....

XIII.

Do Grande Pedro revoava a sombra
Em torno ao Neto, que, enchugando o pranto,
Da nuuca vista acção pasmoza o arduo
Wkase firma!...

XIV.

Mas eis da face da universa Terra,
Do fundo equoreo, pela voz do sangue,
Contra o Tyranno por vingança clamam
Victimas suas!

XV.

O Eterno as ouve!... relampeando corta
Anjo da Morte, qual Procella, os ares;
Estygias settas de seu Arco expelle
Que horrido estalla!

XVI.

Qual se, ao abrigo da Caverna escura,
Dormindo o Urso de seu patrio clima,
Dos Caçadores ao estrondo, aos golpes
Subito accorda,

XVII.

Urrando se ergue, vingativo investe,
Este suffoca, despedaça aquelle,...
Dispersa os campos Venatoria Turba
Pavida corre!

XVIII.

Assim do Corso os Esquadroens, que a centos
Tragava o Gelo, devorava a Fome,
Do Russo as Hostes, do Cossáco as Turmas
Talham, destroçam!...

XIX.

Eis que se agregam ao Cossáco, ao Russo
Feróz Suéco, marcial Tudesco:
Une-se ainda da recente injuria
Mémore Prusso!...

XX.

Sobre derrotas as derrotas fervem! . . .
Deixam Amigos, Aliados deixam,
Deixam Parentes o do Senna em lucto
Atilla Novo! . . . .

XXI.

Estende os olhos, vê d'hum lado o Lyrio,
Que o Luso arvora de Bordeaux nos muros;
Vê triumphantes em Tulosa entrando
Anglos, Hispanos!

XXII.

Vê d'outro lado (em huma vista em outra
O Inferno encontra) todo o Norte em armas
Cercar Lutecia de seu novo Imperio
Pulchra cabeça!

XXIII.

Braveja o Monstro repellando as tranças,
A mil recorre de vingança arbitrios,
Tudo debalde, que do Throno o priva
Duro Decreto.

XXIV.

No mesmo Paço onde traçara o plano
De usurpar Lysia, solitario vaga! . . .
Vil, que não achas hum veneno! hum ferro! . . .
Vil, que não morres! . . .

XXV.

Vida que monta quando opprobrio a cobre?
Tigres combatem the que a vida exhallam;
Tu, maior Tigre, sem pugnar acceitas
Feio desterro!

XXVI.

Gallia recobra seu primeiro lustre;
Európa exulta; dissensões findaram;
Com floreos laços as Naçõens ajunta!
Paz venturosa!

ODE X. (*)

A Camões.

Fond impious Man! thinkst thou you sanguine cloud
Rais'd by thy breath, has quench'd the orb of Day?
To morrow he repairs the golden flood,
And warms the Nations with redoubled ray.
Gray. Od. 6. Epod. 3.

I.

Serás lido, Camões, em quanto o Luso
Livre aos ares erguer a heroica frente;
Em quanto os nossos Campos
Bacho, e Ceres adite, e Flora enfeite;
Em quanto, revolvendo
Aurinitidas ondas, leve o Tejo
Mais guerra, que tributo, ao Rey dos Mares.

II.

Pinceis, Boris, e Marmores, e Bronzes
Embora eternizar a gloria ostentem
Desses grandes, que o Mundo
Maldiz genu-flectindo; a mão do Tempo,
Faz a hum ligeiro toque
Derrubados cahir, rodar no Olvido
Monumentos, Pyramides, e Bustos! (1)

(*) Esta Ode he em grande parte composta com versos de Camões, não aponto os lugares por me persuadir, que não ha Portuguez tão completamente ignorante que os não conheça.

(1) The cloud-capt Towers, the gorgeous Palaces,
The solemn Temples, the great glob it-self,
Yea, all which it inherit, shall disolve,
And like the bascless fabric of a vision,
Leave not a wreck behind.
Shakespeare.

III.

Assim pelos dezertos forra o musgo
Do impio Tyrano o Mausoleo pomposo,
Que inerte pó cobrira! . . .
Mas do sabio, e do Vate inflora a Urna
Justa Posteridade,
E a Patria saudosa vê seo Nome
Reflorecer co' a morbida Verdura! . . .

IV.

Tal refloreces Tu! . . . de Phebo ao lado
Inda embocas eri-soná trombeta,
Que, retinindo ao longé,
O peito accende, e a cor ao gesto muda:
Indo avidos Alumnos
Bebem Lições preciosas no teu canto
Cujo brado aos dois Orbes se destende!

V.

Promptos co' a vista em ficto, elles não podem
Seguir-te por luz fluida navegando
A espassos sem medida! . . .
Quando, da guerra alardeando as Scenas,
Mostras o immortal Nuno,
Que pelo Rey, e a Patria arranca a espada
Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo! . . .

VI.

Aqui fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
E de Magriço aos golpes
Cae a suberba Ingleza do seo throno! . . .
Quem tinge em sangue as armas! . . .
Quem, co' cavallo em terra dando, geme! . . .
Quem, cos penachos do Elmo assoita as ancas! . . .

VII.

Quando Neptuno sobornado ordena,
Que des-enclaustre Hypothades soberbo
Os Ventos, que dormiam
Pelas covas escuras peregrinas,
Quem ha hi que não trema,
Vendo as Naus em tormenta, o mar roncando,
E os raios, em que o Polo todo ardia? (1)

VIII.

Não vai mais doce desdobrando as ondas
Remanso sem rumor como os do Lethes,
Que de Ignez os queixumes
Ante o Rey já movido a piedade.
Ignez, de quem saudozas
As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram.

IX.

D'onde houveste o pincel, com que traçaste
O veo de rouxos Lyrios pouco avaro,
Que a Venus cinge a Forma,
Porém nem tudo encobre, nem descobre?
O sorrir lacrimoso, (2)
E por columnas morbidas trepando
Dezejos, que como era se enrolavam?

(1) Camões est le Virgile Portugais, admirable dans l'Art de peindre les objets phantastiques.

Baillet.

(2) Δακρυεν γελασασα.

Hom. Liv. VI.

X.

Compungem-se os rochedos, quando a Affonso
Soccorro implora a divinal Maria,
Contra a chusma Africana,
Que a vivos medo, e a mortos faz espantos!....
Quando em ais suffocada
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' orvalho fica a fresca Rosa!...

XI.

Vêde-me em Raphael, vêde-me em Rubens
Quadros, que vençam o inspirado sonho,
Em que ao Monarcha Luso,
Estando já deitado no aureo teito,
Vem offertar de longe,
Venturosos tributos do Oriente,
O palmifero Indo, o sacro Ganges!...

XII.

Como amargas, e energicas retumbam.
Quando as velas ao vento entrega a Armada,
Vozes do velho honrado
Que ficava nas praias entre a Gente,
E não soffre, que, ó Luso,
Deixes criar ás portas o Inimigo
Para hires buscar outro de tão longe!

XIII.

Ali-geros Amores correi promptos,
Salvai o terno Moço, e a linda Dama,
Que abraçados perecem
Na fervida implacavel espessura,
Depois, oh dor! de haverem
Visto morrer com fome os Filhos caros
Com tanto amor gerados, e nascidos!

XIV.

Para acolher de Lysia os Navegantes,
Que tanto mar, e terras tem passado,
Eis brota hum novo Elysio!....
Mil Arroios susurram!.... embalsamam
O ar milhões de Flores!....
Vam Alimarias mil cruzando os prados,
E mil Aves descantam sobre os ramos!....

XV.

Os does, que dá Pomona, alli Natura
Produze differentes nos sabores;
Ali limões viçozos
Estão virgineas tetas imitando;
A purpurea cereja
Co' a Larangeira lustra, e o Persio Pomo
Milhor tornado no terreno alheio!....

XVI.

Mas prodigio maior, ficção mais rica,
Tudo teo, tudo assombro, eis chofra aos olhos! (1)
De procelosa Noite
Horror dobrando a horror, lá ergue a fronte
Adamastor medonho
Solta funesto agouro, e lida em balde
Para o Gama torcer da heroica Empreza!

(1) La descripcion du Geant Adamastor, le Gardien du Cap des Tourmentes, est une peinture des plus Poetiques, que l'Imagination puisse se former, l'idée en est tonchée avec une force qui saisit, et enleve l'Esprit.

Mr. du Carlengas.

XVII.

De nobre emulação n'alma pungidos
Os Numens de Epopeia, que te ouviam
Em pasmoso silencio,
Rompem o aplauso aqui, cedem-te a laurea;
Discordes não decidem
Qual tem preço maior, mais jus á Fama
No quadro original dezenho, ou cores!

XVIII.

Mas torpe inveja ao Merito não deixa
Saborear em paz da Gloria o nectar!...
Onde ha mais luzimento
Mais se envipéra, a tudo inverte o nome, (1)
Os vivos atassalha,
Mortos não poupa, Tumulo profana,
As Urnas despedaça, e cresta os Louros,

XIX.

Seos ultrages sentio de Smyrna o Vate, (2)
De Sulmona o Cantor (3) de Mantua o Bardo, (4)
Que no Jardim das Musas,
Como hum Cedro no Libano, se eleva!...
Nem tu proprio lhe escapas,
Oh Camões immortal! oh gloria Lusa,
Posto divino em metro, em voz divina!...

(1) Ella, que acceita a Empreza contra vivos,
Por mais se enviperar em sanha nova,
Nestes da Culpa Espiritos captivos,
De tormentos crueis, faz dura prova.
Mozinho Aff. Afric. Cant. I.

(2) Homero. (3) Ovidio (4) Virgilio.

XX.

Eu vejo levantar do lodo impuro
Da Ignorancia, e do Crime, em que rojava
Negro Zoilo, que intenta
Teu nome denegrir, e entrar na area (1)
Onde unico triumphaste:
Corvo que, revistir do Cisne alvura!...
Ganso quer emular d'Aguia o remonte!... (2)

XXI.

Mas justa ley de imparcial censura
As mãos da Zombaria em pena o deixa,
Que, azindo-lhe da grenha, (3)
Trez vezes o volteia em giro á fronte,
E atordoado o arroja
Ao somnolento Rio, onde de chofre
Cahindo, vai qual chumbo a fundo, e fica!

(1) Lustravitque fuga mediam Gladiator arenam.
Juve. Sat. 2.

(2) Da qual profonda, e tenbrosa buca,
Nottula temeraria, al giorno ucisti?
Torna la dove il sol mai non riluca,
Tra foschi orrori, e lacrimosi, e tristi:
Tu trionfi cantar d'invitto Duca?...
Tu di Mondi noveli eccelsi aquisti?...
Tu dell' invidia rea figlio maligno,
Di Pipistrel vuoi trasformarti in Cigno?
Marini.

(3) Paris ajoelhou, a que o valente
Meneláo corre, e azindo-o da cellada,
Arrastrando o levava, onde acabara
Se Venus, que isto via, o não salvara!
Gabriel Pereira de Castro.

XXII.

Tal Salmoneo, rodando em bronzea ponte,
E o facho sacudindo, do potente
Therpicheraunio' Jove (1)
Relampago, e trovão contrafazia; (2)
Mas irritado o Numen
O não fingido raio arroja ao impio,
E com ponte e Quadriga em cinza o funde!

(1) Fulmine gaudens.

Homero.

(2) Quatuor hic invectus Equis, et lampada quasans,
Per Graium Populos, mediamque per Elidis Urbem,
Ibat ovans! . . . Divumque sibi poscebat honores,
Demens! . . . qui nimbos, et non imitabile fulmen
Ore, et cornipedum cursu simulabat Equorum.
At Pater Omnipotens, densa inter nubila telum
Contorsit, (non ille faces, et fumea tædis
Lumina) præcipitemque inani turbine adegit.

Virg. Eneid. Liv. VI.

ODE XI.

Pela morte de Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Candidus insuetum miratur limen Olympi.
Virg. Ecl. Daph.

I.

Do estellifero Olympo as aureas portas
Se abrem de par em par! por ellas entra
Guiado pela mão das ledas Musas
O Lusitano Homero:

II.

Deixado á terra o rude, inerte espolio
De novo revestido ethereo corpo,
Que Natura formou das mais mimosas
Exhallações das flores,

III.

Fulgura como o Sol no umbral do Oriente!
Braços abertos a acolhello accorrem
Do Tejo, e Sado, e Monda, e Lima, e Douro
Os portentosos Vates.

IV.

O Divino Camões, Virgilio Luso,
Que d'entre elles descolla magestoso
Qual Chiópia Piramide entre as duas (1)
Que o sacro Egypto assombram!

V.

» Vem, Thomino. (lhe diz) tomar no Empyreo
» O adamantino assento luminoso
» Que em convivios celestes Jove outhorga
» Aos como nós famosos.

VI.

» Meu émulo em talento, e desventura,
» Cantaste qual cantei, como tu viveste,
» Morreste onde eu morri, e a Patria nossa,
» Como eu honrei, honraste.

VII.

» Do nectar immortal as plenas taças
» Saboreando aqui com rósea boca
» Tranquillo aguardarás teu caro Sylvio,
» Que os Versos teus amava:

VIII.

» Sylvio, que breve aqui virá, trilhando
» Talvez a estrada que trilhaste infausta,
» Sylvio, que saudoso em teu sepulchro
» Dispõe odóras flores.

(1) Chiópia por se dizer seu edificador Chiops, hum dos mais antigos Reis Egypcios.

ODE XII.

Ao Retrato de Bocage.

> Manca il parlar, di vivo altro non chiedi
> Nè manca questo amor se agli occhi credi.
> *Tasso.*

I.

Eu o conheço! . . . he elle que inda pensa! . . .
Por olhos, e por face inda transpira
A Santa Inspiração, com que abondozas
As Musas lhe acodiam!

II.

Sim! . . . hes tu, oh Bocage! embora em cinzas
Urna apertada teo espolio encerre;
Vivem tuas feições nos rasgos Mestres
Do alto pincel de Henrino! (1)

III.

Bem hajas, Phebo, que a zombar da Morte
Ensinaste os Humanos! . . . não contente
De que a Lyra, ou Trombeta eternisasse
O Espirito no Mundo

IV.

Para o roubo vingar da Irmã de Clicie,
Por quem mortaes, e Deozas desprezaras,
Inventaste a Pintura, que remisse
Do seo Imperio o Corpo!

(1) Henrique Joze da Silva.

ODE XIII.

A Mr. Le Brun, o mais sublime dos Lyricos Francezes.

» Escribe lo quo Febo
» Te dicta favorable, que lo antiguo
» Iguala, y passa el nuevo
» Estilo. »

Fray Luiz de Leon. Ode X.

I.

Sonho? vello! ou seduz-me
Deleitosa illusão! resurge, e torna
A afortunar o mundo
O alto Cantor do Ismeno,
Que acezos turbilhões na voz desata!

II.

Rápida como o Tigre
De seus versos despenha-se a torrente;
Já d'alma as chordas todas
Unissonas ressoam
Co' a Phebeia impulsão, que as estremece!

III.

Suspende hum pouco, oh Vate,
Suspende o vôo altivo, em quanto eu curvo,
E, a frente descingindo
Da Lyrica grinalda,
Ao Genio teu adorações tributo!

IV.

Mas do Cantor de Thebas
Não sam estes os sons! mais arrojados
Euros transpondo, e nuvens,
Em aligera turba
Teus Canticos, Le Brun, aos Astros sobem!

V.

Oh pulsador sublime
Da Druidica Cythara! respira
Em tua phraze, e ideias
O Espiriro divino
Que animou Bardos teus, e os teus Eugbages!

VI.

Na solidão dos Bosques
Pela intempesta Noite consonavam
Aos só-pensados Numes.
E os robles tropheados
Co' as armas dos Heroes, curvavam topes,

VII.

Ao seu canto bramava
O emmarmorado mar, e o mar em serras
Ao canto seu dormia!
De Phebo, e Phebe os raios
Cobria, e descobria horrendo Eclypse!

VIII.

Ou, dos matos sahindo,
No calor das refregas accendiam
O intrépido Guerreiro,
E electrizado o Celta
Tudo em Mavorcio frenezi varria.

IX.

Mas de feroz conquista
Ferro devastador banio dos Bosques
A inspiração, e os Numes,
E os dispersos Ministros.
Tingiram com seu sangue aras sem culto.

X.

Novas Artes vieram,
Nova Religião! e o Gallo afeito
A servil dependencia
Balbuciou longo tempo
Afeminados sons em Lyra estranha!

XI.

Sobre o Franco Horisonte
Qual Sol emfim raiaste, oh d'alma Euterpe
Verbi-potente Filho,
E ousaste, imberbe ainda,
Do Barbiton Druida apoderar-te!

XII.

Do teu plectro pulsado
Alti-sono troveja, e nos sepulcros
De seus antigos donos
Ledo rumor se escuta,
Gallia se ensoberbece, e pasma o Mundo.

XIII.

Sublime ordenadora
De mil-colores, fulgidos Phantasmas,
Robusta Phantasia
Com seu facho te mostra
Da vasta creação campos sem termo.

XIV.

Alli o enthusiasmo
Vês á vida chamando Homero, e Maro,
Que Heroes immortalisam,
Nasão, que inverte os seres,
Racine, que as paixões na Scena rege

XV.

Brada o Deos: » Mayer cante,
Raphael pinte, e Angelo edifique;
Tome o cinzel Bernini,
Linneo ensine e Newton,
Seja Nuno Guerreiro, e Nauta o Gama. »

XVI.

E o globo absorto escuta
A harmonia dos Ceos no canto humano.
Verte o pincel na tella
Mais formoso Universo,
Roma atonita vê n'hum Templo o Mundo.

XVII.

Os marmores, e os bronzes
Parecem respirar, sentir parecem,
E Amor terçando o arco,
Sem que o Ciume o siga,
Volupiosos farpões dispara ás flores.

XVIII.

Atracção portentosa
Nos ares equilibra os varios globos.
Os rebeldes cómetas
A leis o cólo inclinam,
E he das cores o enigma aos olhos franco.

XIX.

A fulminante espada
Denodado vibrando o Luzo invicto
De Hispálicas ruinas
Aljubarrota inunda,
E o turbante orgulhozo em Ceuta abate.

XX.

Tremúlam pelos ares
Em nadantes Baixeis sagradas Quinas,
E a Frota aventureira,
De Liêo a despeito,
Zomba de Adamastor, e assusta o Indo.

XXI.

Assim do Esquecimento,
Numerozo Cantor, salvas teu nome!
De Grecia, e Roma os Astros
Teu resplendor eclypsa,
Só te iguala Philintho, os mais transcendes!

XXII.

Oh! venturosa Senna,
Que os dois Numens da Lyrica Harmonia
Juntos cantando ouviste!
E se Le Brun fallece,
Te adoça a mágoa de Philintho a Lyra!

ODE XIV.

A Moniz.

Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno!...
Camões Lus. C. I.

Como, a impulso da roda apressurada,
A torneanda Peça
Ao ferro cortador (girando ardente)
Sobre a Espera abandona
De si propria porções em cada giro,
Tal, nossa vida, Oleno,
Sobre a foice do Tempo a cada instante
Se gasta, se atenua,
Perde hum feitiço, perde huma ventura,
The que, estallando, acaba!
Inda hontem da saude as rubras rozas
As faces nos lustravam,
Inda hontem scintillavam nossos olhos
Com viva inquieta chamma;
E hoje a face enrugada se desbota,
E a languida retina
Dos externos objectos basta a custo
A' reflexão mal firme!
O fogo das paixões, n'alma sopito,
Fulgura, e não aquece,
Dura, mas não se augmenta, inda que affane
Por despertar-lhe os brios

Com vivifico assopro alma Esperança!
Jardins, vergeis florentes,
Cupulas de verdura, e rociantes,
Flucti-sonas cascatas
Não nos movem prazer! asperos montes
Silvestres Espessuras
Rochas agrestes, e Vulcaneos Lavas
Pavor não nos suscitam!...
Ai? que he do tempó em que enredado em braços
De Lieutard como Ulmeiro,
Da vide entre os abraços pampinosos,
Rogava ás leves horas,
Aos minutos rogava que inda hum pouco
A fuga suspendessem?...
Tudo, tudo voou!.., só conservamos
A Cythara, que, outr'ora,
Sobre as margens do Ismeno, nos doara
O Vate honra de Thebas,
Por quem rutillam nos fulgentes astros
Os gloriosos Nomes
Dos Athletas, que intrepidos cingiram
Triumphante corôa
Ante a Grecia no Olympico certame.
A dextra, que, pezada,
Desatina nas chordas melindrosas
Do ledo Anacreonte,
Inda move com força Ismenio plectro,
Seguir póde inda o canto,
Em que soam Heroes... oh! não deixemos
Que da existencia o resto
Escoe inglorio, e que a gelada dextra
Da tremula velhice
Nos despoje do plectro; e desarmados
Da morte nos arroje
No abysmo deslembroso!... os patrios Bosques
Que ledos nos ouviram
Doces canções d'Amor, curvem-se agora

Para que em nossos Hymnos
Escutem revivendo Heroes do Tejo! . . .
E quantos não reclamam
Tributos de louvor das nossas Lyras! . . .
Ves o primeiro Affonso
Que empunha a espada, com que o throno alcança?
Vês Sancho que brioso
Do dei-simile Pai segue os vestigios? . . .
Vês Moniz que offerece
Em troco da palavra não cumprida
Da Esposa, dos Filhinhos
A vída, que doe mais que a propria morte!
Eis do Luso terreno
O Codro generoso, o Curcio ousado,
Que, entalado na porta,
O invencivel Castello aos seus franqueia! . . .
Oh! que benigno influxo!
Que sublime clarão derrama em torno,
Diniz, a estrella tua!
Florece a Agricultura, Artes florecem,
E de teu solio á sombra
Encontram novo azilo as castas Musas!
Como a gloria lhe emulla
O terceiro João! . . . eu te saudo,
De Pedro oh Filho excelso,
Primeiro Redemptor da Patria opressa,
A quem escora o throno,
» Ameaçando a terra, o mar, e o mundo,
O Heroe, que com justiça,
» Portuguez Scipião chamar-se deve! . . .
Treme Azamor, e Arzilla,
Treme Ceuta da espada Lusitana,
Que he raio em mão de Affonsos,
De Ataides, de Loppos, de Menezes! . . .
Mas onde vou deixando
O teu nome, ó Catão do Reino Luso,
Freitas, que, preferindo

A causa da justiça á da ventura, (1)
Fiel ao juramento,
Só quando o Rei não vive, a Praça entregas!...
Oh Regulo do Tejo,
Faria, mais que Heroe, que enxuto o rosto,
Que o Forte não rendesse,
Conscio de horrida morte, ao Filho ordenas...
Onde ha Filho de Lysia,
Que escute sem transporte o nome augusto
Do impavido Pacheco,
De Almeidas, de Albuquerques, de Barretos?..
Quem pode amar virtude
Sem os Castros amar! que digno verso
Celebrar pode o nome
Do feroz Mascarenhas, de Vieira,
Hum, que em Dio rebate
De Cambaia o poder, outro que arranca
Ao Batavo espantoso
A lacrimosa Olinda!... oh! com que assombro
Vistes, Xemins briosos,
Ribeiro, que de hum Reino senão cega!...
Conte dos Ceos estrellas
Conte areias do mar, da terra as flores
Quem as proezas tuas
Numerar possa, intrepido Furtado!
Dai-me ó Musas de Flacco
A dulci-sona voz, porque descante
O portentoso Henrique (2)
O sabio Nunes, e os Hebreos sapientes,
Que applanarão a estrada
D'arduas Navegações ao Genio Luso!...

(1) Victrix causa Deis placuit, sed victa Catoni.
Lucano. Liv. I.

(1) O Infante D. Henrique, que fundando a Academia de Sagres, e promovendo o Estudo das Methematicas preparou os grandes descobrimentos, e Navegações dos Portuguezes.

Auri-chuvo Commercio,
Ergue Estatuas aos nossos Argonautas,
Que, por mares ignotos,
Foram lançar a magestosa ponte,
Porque do largo Mundo
Os varios Continentes se conjugem,
Por onde os teus Alumnos
Trocam as producções de oppostos climas!
Os Dias, os Baldaias,
Crescencios, e de Zargo o Genio invicto,
Que os baixeis Luzitanos
De igni-vomos canhões armou primeiro!
Gama, que ousou, sem medo,
Furia arrostar de Adamastor sanhudo?
Novoa, que a esteira sua
Resoluto seguindo foi dar susto
Ao Malabar infido!
Cabral, que novo Mundo ao Mundo ajunta,
Correa, que descobre,
Manjimnifera Olinda, o teu recife!
O forte Albergaria,
Que em Meca faz tremer, sobre o sepulchro
Do mentido Propheta,
Moura superstição!... em quanto os mares
Se empolem, se revolvam
Ao rijo sôpro d'Aquilos sanhudos,
Ha-de viver teu nome
Ousado Magalhaens, que estradas novas
No pelago marcaste!....
Oh! que emprego sublime a nossas Lyras!...
Oleno, que ampla messe
De não-murchandos louros, que sombreiem
Nosso Jazigo honrado!

ODE XV.

Ao Padre Vicente da Cruz da Congregação do Oratorio de Lisboa.

Como em limpida fonte, em nossos mestres
Do Seculo das Letras Lusitanas,
E nas paginas ferteis dos Latinos
Tomem lingoagem pura os bons engenhos.
Francisco Manoel Epodo. I T. I.

Se intentas no bicipete Parnaso,
Vicenio, ser ouvido,
Sublime Tangedor da Lusa Lyra,
Ao occio dá d'avesso,
Que não se alcança a gloria por caminhos
De inactiva brandura,
Põem peito aos alcantis de improbo estudo
D'onde risonha a Diva
Co'a laurea não murchanda te convida;
Ensopa essa alma inteira
Em nectar de omnimémor sabia Historia,
Que o estro te vigore,
Como ao fertil Arbusto anima, e presta
Humor vivificante
Rega salubre de opulento Rio:
De Sophia o Sol proficuo
Do teu engenho os fructos madureça:
Noite e dia medita
Quanto Grecia nos deo do Ceo bemquista;
De Theocrito, e Moscho
Ruraes doces canções, festivos Jocos
Do velho Anacreonte,

De Pyndaro os alti-sonos arrojos,
De Sofocles os Dramas,
E os portentos de Homero, que agigantam
A fraca Especie Humana ...
Vê depois como altivo o meu Lucrecio
Por não tentada senda
Guia ao Lacio as Aonias, e, nas azas
De seo metro robusto,
Sempre mais as ideias, que as palavras,
Percorre a Ausonia Esphera,
Qual rubido Cometa, sacodindo
Da grenha horri-luzente
Medos que enfiam palidos Tyranos!
Se em mais polidos tempos,
Se em fortuna melhor honrasse o mundo,
Só elle disputara
Da Romana Poesia o sceptro augusto
Ao Mantuano Vate;
Bem que ao nascer Caliope em seus braços
O recolheo benigna,
E com favos de Hymeto as lindas Graças
A infancia lhe allentaram....
Virgilio .... a Nome tal, quem não se inclina!...
Quem pode ouvir sem pranto
Dido infeliz, que immerita perece...
Quem não prova a saudade
De Andromacha abraçando envolta em lucto
O Hectoreo Cenotaphio...
Quem frio póde ver tenros meninos,
As Virgens, as Matronas
Com suas proprias mãos introduzindo
Entre festivos cantos
Na cara Patria os Gregos homicidas,
Que o ligneo bojo encerra...
Quem impetos não tem de arremessar-se
Na piza de Crebo
Para salvar a misera Princeza,

Que aos astros ergue os olhos,
Os olhos, porque as mãos lhe opprimem ferros ... (1)
Ou não suspira vendo
Priamo infausto, e a misera Rainha
Com sangue maculando
As aras que elle proprio consagrara ... (2)
Vá longe de Hypocrene
Não nasceo Vate, não profane a Lyra! ...
Nem desprezes de Estacio
As Thebanas canções, quando na mente
Pierio ardor lhe ferve, (3)
E hostes fraternas, e alternado mando,
Em lamentosas pugnas,
Com sacrilegos odios disputado
Na marcia trompa entôa:
Se vai de longe a Eneada seguindo (4)
Nenhum Cantor Romano
Recebe de mais perto os seus fulgores:
Censor, que te deslumbras
Com profuso clarão de hum estro em chammas,
Cujo gelido peito
Jámais se acalorou de ethereo fogo,
Queres de Genio os vôos
Sugeitar ao Geometrico compasso?
Escaça a Natureza
Monotono caracter deu aos Entes?
Porque he bella huma Roza

(1) Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.
Virg. Eneiad. Liv. II.

(2) Sanguine fœdantem quos ipse sacraverat ignes
Virg. Ibid.

(3) Fraternas acies, alternaque regna profanis
Decertata odiis, sontesqe evolvere Thebas,
Pierius menti calor incidit.
Stat. Thab. L. I.

(4) .... Nec tu divinam Æneida tenta.
Sed longe sequere, vestigia semper adora
Theb. L. I.

Em verdoso folhame entronizada,
Com redolente aroma
Em roda embalsemando os longos ares,
He menos bello hum Cedro,
Que no cume do Libano ás estrellas
Com orgulho levanta,
Pouso das Aguias, a ramosa copa?
Não tem de Philomella
O dulci-sono canto, e os sons maviosos
A Brasilence Arara,
Mas appraz c'o matiz das varias plumas!
Não moldam de Ericina
Meigos requebros, e anelladas tranças
A Pallas, que, arrogante,
Embraça o forte escudo, empunha a lança,
E Exercitos derruba! . . .
Contente de assombrar, de mais não cura
Estacio, e se desmede
Qual o Nillo fervendo am catadupas! . . .
Tydeo daqui troveja,
Alem fulmina o Augure, e baqueia
Com armas, com quadriga
No Tenaro que espanta ! . . . ali Jocasta
Com lagrimas, com rogos
Tenta acordar nos barbaros seus Filhos
Fraterno amor dormente! . . .
Mais ao longe impia Furia assombra as aras
No regio sacrificio
Votos a Jove pervertendo a Dite ! . . . (1)
Rapida em aurea Nuvem
Desce dos Ceos a candida Piedade,
Entre os dois campos pousa,
Armas se abatem, lagrimas em chorro

(1) Nec Pater Ethereus Divumque has ullus ad aras.
Sed mala Thesyphone trepidis incerta Ministris
Adstat, et Inferno provertit vota Tonanti
Theb. L. XI.

Rebentam das vizeiras! . . . (1)
Não rival, sem rival the hoje Ovidio,
Acceito ás Musas todas,
Por mares de harmonia navegando,
Lá da origem dos evos
Deduz o longo verso, em novos corpos (2)
Mudando antigas formas,
A fecunda invenção, e as faceis cores
Deste, ó Vicenio, aprende,
E honra as vezes com pranto os seus trabalhos.
Que mellico sonido
Sobre as azas dos Zephiros tremulla? . . .
Escuto nelle a hum tempo
Pyndaro, Alceo, e a namorada Sapho! . . .
Horacio, eu te saudo
Legislador do Pindo, e Gloria, e delle,
Ou, qual rapido Boreas
Preclpitados numeros correndo
Altivo aos astros subas (3)
As proezas de Drusso, ou suspirando.
Qual vespero Favonio,
Tanto mais bella, quanto mais perjura (4)
Barina galanteies! . . .

(1) Vix steterat campo subita mansuescere pace
Agmina, sentirique nefas; tunc ora madescunt
Pectoraque, et tacitus subrepsit Fratribus horror.
Hel. Liv. XI.

(2) In nova fert animus mutatas dicere formas
Corpora . . . . .
Ovid. Met. Liv. I.

(3) Videre Rheti bella sub Alpibus
Drussum gerentem, et Vindelici.
Hor. Liv. IV. Ode IV.

(4) . . . . . Simul obligasti
Perfidum votis caput, initescis
Pulchrior,
Hor. Ode VIII. Liv. II.

O que bebe no Rhodano espumoso, (1)
O douto Ibero, o Anglo
Decoram hymnos teus; e apenas cedes
Na satyra ao de Aquino!...
Terno Propercio, fervido Tibullo,
Facil cantor de Lesbia,
Em quanto tiver culto amôr na terra
Sereis na terra amados!...
Nos mysterios das Musas erudido
Por mestres tão sublimes,
Qual da Grecia os Philosophos, que outr'ora
Hiam ao sacro Egypto,
Ao remoto Indostão da alma Sapiencia
Colher salubres pomos;
Para depois com indefesso estudo
Da indole da Patria
Nella os bens promover com luz estranha,
Então virás, Amigo,
Dos Vates immortaes, que o Tejo ufanam
Beber lições precisas
Com que á Patria proficuo á Patria agrades!...
Vês como alegres correm (2)
Os braços destendendo ao novo Alumno?...
Esse que avança em frente
He Ferreira, que ao metro as leis prescreve,
E, das rasteiras trovas,
A lingoagem levanta aos sons cadentes
Da venusina Lyra,
E com grego cothurno ousa primeiro
Pizar soberbo a scenna?

(1) ..... Me peritus
Discet Iber, Rhodanique potor.
Hor. Ode XX. Liv. II.

(2) Fint of your Kind! Sociaty divine!...
Still visit thus my nigths, for you reserv'd,
And move my soaring soul to thoughs like your.
Thompson Winler.

Qual liquido cristal, que, em tenue veia,
Com morbido susurro,
De rocha em rocha escapa, assim nas almas
Melifluos vão callando
De Bernardes suavi-loquo os gorgeios.
Como da aurora os raios
Quando, surgindo, o Ganges avermelham,
Com branda luz fulguram
Teus versos, oh Rival do eximio Vate, (3)
Que os rudes Pescadores
Ensinou a trocar por doce avena (I)
Os retorcidos busios...
Aligeros Amores, vinde á pressa
Trazei de Idalia, e Chipre
Lyrios, Boninas, Amarantho, e Rosas,
Que a plenas mãos lancemos
Ao divino Camões, ao Luso Homero,
Que a meta assigna exacto
Do Dialecto de Phebo ao Luso engenho;
Que da rotunda boca (2)
Gradiloquo, e corrente aflux entorna
Harmonioso flumen,
Que, os campos fecundando á nossa Historia,
Prodigios circum verte,
E faz que inveje o Tibre a gloria ao Tejo!....
Satellites brilhantes
Destre Astro alti-splendente, os Ceos de Lysia
Douraes, sublime Castro, (3)

(3) **Fernão Alvares de Oriente.**
(1) **Sannazaro**
(2) **Dedit ore rotundo**
Musa loqui.
Hor. in Art. Poet.
(3) **Gabriel Pereira de Castro, Author da Ulissea**

Que á Patria, ao mundo, á Eternidade cantas (1)
Entre as armas nascendo
A Grão Lisboa, e seus primeiros muros!...
Tu do Douro ufania,
Brazão de Lysia, armonico Menezes, (2)
Cantor do Luso Achylles,
O intrepido Albuquerque cuja dextra
Na aurifera Malaca
Fixou das Quinas Santas o estandarte!... (3)
Tu que de Ilion em cinzas
Oh nectareo Macedo, á nossa Hesperia (4)
A braços co'a Fortuna,
Vendo varios costumes, varias gentes (5)
O multiconscio Grego
Guias em marcio som de Smirnea tuba!...
Tu pollido Quebedo, (6)
Em cujo culto metro ouvante vôa
O Varão portentoso,
Que de Africano tem insignia, e nome, (7)
Que lhe lucrara Arzilla!

(1) A Grão Lisboa, e seus primeiros muros
De Europa, e largo Imperio Lusitano
Alta cabeça, se eu podesse tanto,
A' Patria, ao Mundo, á Eternidade canto.
Uliss. Cant. I. Est. I.

(2) Francisco de Sá e Menezes Author da Malaca conquistada.

(3) As Armas canto, e o grande Cavalleiro
Que ao vento as vellas deo na occidua parte,
E onde lá nasce infante o Sol primeiro
Fixou das Quinas santas o Estandarte.
Mal. Conq. Cant. I. Est. II.

(4) Antonio de Sousa Macedo, Author do Ulysipo.

(5) Ανδρα μοι εννεπε Μουσα πολυτροπον, ος μαλα πολλα.
Homer. Odys. Liv. I.

(6) Vasco Mouzinho de Quebedo, Author de Affonso Africano.

(9) As Armas, e o Varão illustre canto
Que de Africano tem insignia, e nome.
Aff. Afr. Cant. I. Est. II.

E tu em cuja Cithara sonora
Virgilio não desdenha
Na lingoa de Camões soltar seus versos!...
Por tal arte, oh Vicenio,
Foi ao Templo da Fama o culto Elpino (1)
Cujas Ismenias setas,
Bem forjadas nas incudes Dirceas,
Tanto o Tempo feriram,
Que exaníme soltou das mãos avaras
Os nomes saudosos
Dos Indicos Heroes, que o monstro infame
Nas turbidas correntes
Hia arrojar do Lethes deslembroso!....
Em tão gentil Pallestra
Adestrado Garção, mais forte Alcides, (2)
Feroz prostrou, luctando,
Feias Chymeras, horridos Phantasmas,
Que do Parnaso as faldas
Com deshonra da Patria salteavam ....
Assim o culto Alfeno (3)
(Nome saudoso a mim) e o Luso Ovidio (4)
Mereceram, que as Urnas
As Tagides saudosas lhe engrinaldem!...
E o divino Phylinto (5)
Vôa a la par do Lyrico Romano!...
Tu pois da Gloria amante,
Tu, que genio possues, arte grangeia;
Trabalha, e serás Vate,
Trabalha, que he desdoiro entrar no campo,
Para co' as armas limpas
O Campo abandonar!... nos dubios lances
Terás no Amigo auxilio!

(1) Antonio Diniz da Cruz e Silva.
(2) Pedro Antonio Correia Garção.
(3) Domingos Maximiano Torres.
(4) Manoel Maria Barbosa du Bocage.
(5) Francisco Manoel do Nascimento.

ODE XVI.

A Domingos Pires Monteiro Bandeira. (*)

. . . βάθω
τῶδ' ἀνδρὶ προνῶν τω πάν τ'ἀγαθῶ,
χοὐδ' ενί πω λώονιθνητῶν
. . . ὅτ'ἦν, τότε φωνῶ.

I.

Em quanto na Germania espavorida
Em silencio espantoso
Calla de Marte a horrisona trombeta; (1)
E aprompta o Gallo audaz ao Mundo os ferros,
Que a liberrima Albion das mãos lhe arranca:

II.

Em quanto pelo mar, que enrubecera
Com mortes, e com sangue,
Quando ovante soltaste o vôo aos astros,
Oh! Nelson immortal, e envolto em fogo,
Foste ornar, nova Estrella, o firmamento: (2)

III.

Surgem louçans Nereidas, e admiradas
Reciprocas se mostram,
Memorando as acções do Heroe preclaro,
Na Patria, que se ufana com seu nome,
Pyramide triumphal no azul Imperio:

(*) Secretario da Meza da Consciencia, e Ordens, e Deputado com voto nella.

(1) Tratava-se da Paz entre a Austria, e França.

(2) Tinha-se dado a celebre batalha de Trafalgar, em que morrera este grande Almirante, depois de haver destroçado as Frotas Hespanhola, e Franceza.

IV.

Muza, tu, que meus labios bafejaste
De celeste ambrozia,
Quando recem-nascido os debeis olhos
Mal descerrava á luz, e nos teus braços
Apresentar me foste ao Délio Nume:

V.

Tu, que nas azas d'extasi acendido
Guias o Grão Filintho
The ao mistico throno, onde o Destino
Rege a seu grado o Mundo, e lhe descobres
Do futuro recondito os arcanos.

VI.

Se vallem minhas supplicas comtigo,
De jasmins, rhodias flores,
Da rama virginal, ao raio izenta,
Tece a Bandeira industrioza croa,
Que os séculos, volvendo-se, não murchem.

VII.

Quem mais digno do que elle? ... Ah de mim longe,
Que a Lyra, que me d'este
De mentido louvor profanar ouze.
Canto a Virtude: he da Virtude Alumno,
Da Virtude cultor sôa em meo canto.

VIII.

Themis imparcial, que os seus Altares
Desconsolada via
Sem Ministro, sem victimas, sem fogo,
Em tão fausto natal a voz desprende,
E os grandes Fados teus abrio dest'arte.

IX.

» Graças oh! Jove! A estupida Injustiça
» Nem sempre as aras minhas
» Ha-de incultas tornar! lá surge hum Génio,
» Que, o facho da Razão tomando em punho,
» Ha-de incensos queimar nos meus altares.

X.

» Meu severo cultor, cultor de Pallas,
» Os annaes revolvendo
» Da douta antiguidade, de urnas de oiro
» Gostozo ha-de extrahir para reger-se
» Exemplos de Catão, de Tito exemplos.

XI.

» No seio d'Amizade, e da Clemencia
» Tranquillo, recostado,
» Do crime zombará, que em vão bramindo
» Co' a cicatriz do raio do castigo
» Irá de chofre baquear no Inferno.

XII.

» Corre, ó Templo veloz, ditozo Dia,
» Sacro a mim, sacro aos Vates
» Por vezes cento, ou mais te veja ornado
» De Paradisicaes, cheirosas flores
» A fronte alçar no triumphado Ganges.

ODE XVII. (*)

Aos Annos da Ill.ma, e Exc.ma Sr.a D. Constança da Cunha e Menezes.

L'Amour a formé ses appas,
A l'Art elle sert de modele,
Et les Graces font sentinelle
Pour que le Temps n'y entre pas.
Voltaire.

I.

Com que suave, torneado metro,
Me acodes hoje, sonorosa Euterpe,
Porque descante da gentil Constança
Lucido dia?...

II.

Constança, esmalte de preclara Estirpe,
De excelsos Cunhas, Marciaes Menezes,
Ciume a Venus, que das Graças bellas
Numero augmenta!...

III.

Amor se ufana, que ao fulgor divino
Vê de seus olhos dilatar seo Reino;
Folga a Virtude, que em sua alma ingenua
Candida vinga!

IV.

Quanto dar pode femenil Talento,
D'Arachne as Artes, de Minerva apuros,
Brilha em Constança, e d'arrostrar não teme
Improbo Estudo

(*) Pedida.

V.

Já se apropria do Britano austero
Nervosa phraze, que o perceito esquiva,
Os sons do Gallo, da engenhosa Italia
Musico Idyoma!

VI.

Com brando accento, nova Karsch, adoça (I)
De Kleist a Lingoa devotada ás Armas,
E entre as ruinas do Latino Imperio
Tacita escuta

VII.

Do grave Maro magestosos echos,
Que, inda retumbam de aluidos Templos,
Nas que, já de ouro, Colonatas forra
Virede musgo!....

VIII.

Entra com Kant o santuario augusto,
Onde desbasta do Empirismo os erros
Transcendental Phylosophia, e varre
Turbidas sombras!

IX.

Desce outras vezes com Linneo aos prados,
Caracter, sexo, distinguindo ás Flores, (2)
Ou de Natura com Buffon percorre (3)
Epochas, Fastos!

X.

Agora admira nas douradas Folhas
Da Patria Historia portentosos Feitos,
Brazão de Lysia, que d'Avoz seos narra
Inclita Fama!

(1) Anna Luzia Karsch, natural de Slesia, dita por Antonomasia a Improvizadora do Norte.

(2) Veja-se o systema sexual de Linneo.

(3) Recorra-se a obra do Conde de Buffon, intitulada as Epochas da Natureza.

XXI.

Pende outras vezes dos canoros Cisnes,
Que o aureo Tejo, modulando encantam,
Camões sublime, refulgente Elpino, (1)
Melico Elmano (2)

XII.

Ouve nas margens do soberbo Thames
Gray suspirando (3), trovejando Dryden (4)
Vê como empola, Metastasio ouvindo (5)
Tumido Tibre

XIII.

Vai com Delille por sapientes campos, (6)
Que florejara de Lucrecio o Genio (7)
Ou proprios versos accommoda á grave
Cythara Lusa! . . .

XIV.

Vem pois, Eutherpe, minha Lyra affina,
Saphicos modos soarão Constança,
The que repouze nos umbraes de Tethis
Languido Phebo.

(1) O Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos.

(2) Manoel Maria de Barbosa du Bocage, o mais harmonizo dos nossos Poetas, e elegante Traductor dos Jardins de Delille, das Plantas de Castel, da Agricultura de Rosset etc.

(3) Celebre Lyrico Inglez.

(4) O mais variado e Universal dos Poetas Inglezes, Traductor de Virgilio, e Author da celebre Ode Pyndarica, para a Festa de Santa Cecilia, que bastaria para o immortalisar.

(5) Depois de Virgilio nenhum Poeta soube melhor que Metastasio aliar o sentimento com da Phylosophia.

(6) O mais perfeito metrificador dos Francezes, e o melhor dos seos modernos Poetas.

(7) Famoso Poeta Latino, Author do Poema de *Rerum Natura.*

ODE XVIII. (*)

Ne dì tanto vo licta ch'io no gema
D'esser lontana dalla donna mia,
Lontana sempre!

Foscolo.

Do conjugal Amor Symbolo puro,
Terna, candida Pomba,
De Josino, e Marilia os Lares busca;
Os Lares onde alvergue
Encontrou foragida, a saã Virtude!....
Os Lares onde brincam
Comedido Prazer, modestas Graças!....
E aos dois ternos Consortes
Prezenta o tenue dom, que te confio!....
Tenue dom, porém Filho
De ingenua gratidão, pura amizade!
Dize-lhe que, fugindo
Do Mundo enganador scilladas, riscos,
Quando corro a lançar-me
Entre os braços de hum Deos, que, compassivo
Dos Ceos descendo á Terra,

(*) Esta Ode foi remetida no bico de huma Pomba de alcorce acompanhando hum mimo, que a dois respeitaveis Consortes remeteo a Senhora D. Maria Jacintha, que tomava o veo no Convento da Villa de Cuba, no dia anniversario do Matrimonio dos ditos Senhores.

Pelicano melhor, com vivo sangue (1)
De seo rasgado seio
A' vida nos volveo; do Perystillo
De melhor Universo,
He para elles só, que a espassos volvo
A saudosa vista!...
Mas que leda lembrança acode á ideia?...
Este o dia ditozo,
Que os vio ante os Altares, enlaçando
As amorozas dextras,
Jurar-se eterna fé!... com que sereno
Encantador sorriso
Entre o pejo, e prazer suspensa a Esposa
Não proferio tremendo,
„ Sempre tua serei!.., serei teo sempre,
Em extasi de gosto
O Esposo proferio!... de Empyrio lume
Luminosa espadana
No vasto Templo subito se expande!...
As marmoreas Columnas,
As argentadas aras se abalaram
Com tremor jubiloso,
E do Orgão não tocado retiniram
Com suave harmonia
Os espontaneos sons!... e em quanto em roda
O attonito congresso
Em pio acatamento se immergia,
Suave, como o sopro
De hum vespero Favonio, que o silencio
De clara estiva noite
Murmurando entre as rozas enterrompe,
O melodioso accento

(1) **Kasce ptizu, ka raspira**
Osetrjen kgljunn svoje parssi,
I svom karvi bes osira
Draghe ptichje pitta, i marsi.

Palm. Chro.

Da voz de hum Seraphim cantou desta arte.
» Salve, Par venturoso,
» Delicias do Senhor, da Terra esmalte!...
» Crescei, qual cresce a Vinha
» Sobre a fertil colina, em sãa Virtude!...
» Florescei na ventura
» Como o Lyrio floresce em terra amiga!...
» O Sol da Providencia
» Verterá sobre vos mais brando influxo!...
» Da vossa vida o tronco
» Regatos de Prazer banharão sempre!...
» E seos frondosos ramos
» Aura benigna de feliz socego
Embalará continua!...
» Virá Prole de vós, que vos semelhe,
» Que viva, cresça, e vingue
» Vosso esteio, e brazão, da Patria Exemplo
» Dos Ceos devello, e gloria!

ODE XIX.

Nos Desposorios da Sr.ª D. Anna Rodrigues Sette.

Χαιροιτε λοιπον ἧμῖν,
Ηρωες η λυρη γαρ
Μονωυς ἔρωτας ᾄδει.
Αναχ.

Heroes, para sempre
Vos deixa o Cantor,
Que a Lyra resoa
Somente de Amor.
Ana. Liv. I. Ode I.

I

De novo enfloro a frente, afino a Lyra,
E, entre Amphionias falsas
Canticos de prazer c'o a voz lhe ajusto,
Que vam do Tejo a Olinda
Qual vem Progne, ao sorrir da Primavera (1)
De enregelado clima a Ceo mais bello!

II.

Fiquem de parte Iliacas Batalhas,
Simullados Ulysses,
Impios Diomedes, inclitos Sarpédons,
Sobrecenhos de Jove,
Que ao sacudir das cerulas melenas
Aballa, e treme o vasto Firmamento! (2)

(1) My Muse, as a Bird of passage, flies,
From fronzen climes to milder sakies
Young. Epist. a Voltaire.

(2) Η, και κυανεῃσιν επ' ὄφρυσι νεῦσε Κρονιων
Α'μβροσιαι, δ'αρα χαῖται ἐπερρωσαντο ἄνακτος
Κρατος απ' αθανατοιο, μέγαν δ'ελελιξεν ὄλυμπον·
Hom. Iliad. L. I.

Assim dizendo, de Saturno o Filho
Franze o negro sobrolho, e do Monarcha
Os ambrosiaes cabellos se enderessam,
Na immortal fronte, e treme o vasto Olympo.

III

Chordas tremi, dulcisonas da Lyra
Amor tão só resoem,
Só resoem de Amor tambem meus versos!...
Vem Annalia aos altares
Com o Esposo feliz!... correi, oh Graças,
E de ricos festões os dois se enlaçem.

IV.

Qual rutila nos Céos entre as Estrellas
A prateada Cinthia,
Quando no pleni-lunio larga entorna
Reverberos de Luzes,
Que lhe Phebo emprestara, e a quem, deixando
Só macio clarão, tolhe ella o fogo!

V.

Tal de Olinda entre as Virgens, e as Matronas
Fulge a formoza Annalia,
Tem nos olhos prazer, nos labios rizo,
E não sei que feitiço
Desfarçado adejando-lhe d'entorno
Lhe ensaia o moto, lhe regula o passo (1)

VI.

Desce oh doce Hymineo! com o facho accezo,
Preside ao juramento
Da eterna fé, e amor! Pronuba Juno
Do Consorcio lhe explica
Misteriosos ritos, leys sagradas,
Que o Dever promulgou, e os Ceos approvam!

(1) Quidquid agit pariter certant componere furtim
Et Decor, et Charites, et Pudor ingenuus.
Balth. Castiglione.

VII.

» Ter hum só sentimento, huma vontade,
» E em corações diversos
» Os Prazeres communs, communs as magoas,
» E hum ao outro apoiado
» Afrontar repelões da instabil sorte,
» Como a vide abraçada ao Chopo amante!

VIII.

» A senda he nova que te aponta o Fado.
» Assim dura entre os Astros
» Graváda o Nome de Eponina, e de Arria,
» De Mausolo a consorte
» De tal modo luzio; e de E'vo, em E'vo
* Hypermnestra realça em fama, em gloria.

IX.

» Ella, unica piedosa entre Irmãas Tygres,
» Do Adolescente Esposo
» O punhal não cravou no peito inerme!
» Ao nefando Decreto
Do abominoso Pay faltou briosa,
» Ao rancor se lhe opoz, poupou dois crimes.

X.

» Surge (disse) oh Linceo, o somno expelle,
» Que do Thalamo em roda
» Par a par co'a Traição destende a Morte
» Sangui-manchadas plumas!
» Foge em quanto te envolve a Noite em sombras,
» Se hum momento perdeste, a vida perdes!

XI.

» Ouves rugir como Leão, que a presa
Famelico lacera?...
» Minhas impias Irmãas lá se entre-animam
» A Espozicidio infando!...
» Ouves nos ares tremulos suspiros?...
» Teos trahidos Irmãos a vida exhallam!

XII.

» Ah! foge! o tempo em lagrimas não gastes!
» Embora me sepulte
» Barbaro o Genitor em carcer negro,
» A ferro acicalado,
» A veneno recorra; eu não desmaio;
» Meu Consorte salvei, com gloria acabo!

XIII.

» Parte: o meo coração levas comtigo,
» E onde quer que te arroje
» Destino mais feliz! mares transponhas,
» Ou te acolham Desertos,
» Lá ergue hum Cenotaphio; alli piedoso
» De quem tanto te amou dá honra aos Manes.

XIV.

» Como o Arbusto gentil nascido á beira
» De cristallino Rio,
» Com quem sabio Cultor benigno esgota
» Amor, desvelo, industria,
» Suberbo emfolha, e em sazonanados fructos
» Ao seu bom Bemfeitor paga a Cultura!

XV.

» Quando no peito do mimoso Infante
» Por maternal industria
» Dispostos foram da Virtude os germens,
» Em virtude progride,
» He da Patria Brazão, aos Pays da Gloria,
» Mimoso aos Ceos se volve, a si proficuo!

XVI.

» Oh se algum dia eu te allumiar com Prole,
» Com ditames, e exemplos
» O Espirito lhe forma! que não cinge
» Grinalda mais preciosa
» De huma Matrona a fronte que a difficil
» Perfeita educação, que lhe orna os Filhos! . . .

ODE XX. (*)

A Lycidas.

E vedi che i Pastor d'erbe novelle
Sacrificio ti fanno; e dicon poi
Sic propizio a chi t'ama, e a chi tonora.
Vennica Gambara.

Quando a mais pura emanação do Lume,
Que os astros vivifica,
Desce a infundir na Terra alento, e vida
No Heroe, que o vasto mundo,
Nascendo, vem honrar, na Olympia Estancia,
Desenrugando Jove
O rispido sobrolho, o raio deixa,
E a solemne banquete
Os immortaes Celicolas convida,
O flavo Ganimedes,
A sempre-joven Hebe se affadigam,
Hum ministrando o nectar,
Outra adoce Ambrosia! o Pai dos Numes
Ufano se recreia,
Contemplando as Virtudes, que adereçam
A nova copia sua,
Que aos Homens, seu desvello, e seu deleite,
De conferir acaba,

(*) Pedida.

E os bens, que della brotarão sem conto! . . .
Assim na Lusa Esphera
Rutilou teu Natal, Lycidas caro,
Tu, que do affecto Luso
A estrêa grangeaste, e os Lusos honras!
Tu, Protector do Honrado,
Amparo do Infeliz, recto Ministro,
Cuja inflexivel vara
Torcer-se nunca soube, e que prendendo
Em tão difficil laço
Inteiresa, Piedade, Honra, e Sciencia
E's Cidadão proficuo,
E's Amigo fiel, e dás ao mundo
O sublime transumpto
Da gabada virtude em priscas eras!
Fallas, e em teus discursos
A facundia de Cicero se escuta;
Julgas, e em teus juizos
Parece de Catão, ou de Aristides
Na Curia, ou no Areopago
Destribuir justiça o Genio eximio! . . .
Se do saber te entranhas
Pelo bosque vedado ao nescio Vulgo
Acorrem-te ao encontro
Livio, Heredoto, Homero, e Maro, e o Sabio
Perceptor de Alexandre,
De Estagira brazão, do Globo estrella!
Vem Euclides, e Newton,
Justiniano, Licurgo, e quantos outros
Ou nas priscas Idades,
Ou nas modernas Epochas souberam,
Do estudo a luz seguindo
Abrir caminho, atropellando empeços.
Para o monte escarpado
Onde torrea o venerando Templo
Da Literaria Fama
Onde nunca se ouvio fragôr das armas

Nem bellica trombeta
Com medonho clangor chamando á Morte;
Onde a dextra homicida
De injusto vencedor jámais pendentes
Deixou troféos cruentos
Em que atroz Despotismo emprega a vista
Com impia complacencia! . . .
Mas Templo, cujas portas se franqueiam
Só do merito ao brado,
Só aos raros Humanos, que apresentam
Por titulos, por foros
Os Titulos, os Foros, com que hum dia
Lá subirás ovante,
A approvação dos Ceos, do Mundo o applauso
Do desditoso as bençãos!

ODE XXI.

A Sr.ª Maria Gramville Oldman.

Dedicando-lhe a Traducção das tres Odes de Gray, intituladas: O Bardo, os Progressos da Poesia, e a Adversidade.

Carmina possumus
Donare, et pretium dicere muneris.
Horat.

I.

Tu, que possues do Luso, e do Britano
Os Idiomas des-similes, e ás Musas,
Amada Oldman, te inseres,
Ou no Cimbalo brinquem
Os dedos teus co' as flores da Armonia,
Ou soltes, Angla Sapho, Hymnos de fogo:

II.

Oh tu, de cujo riso ó Sol dimana,
Que a lugubre existencia me illumina;
Que nos amantes braços
Fido azillo me offertas
Contra os dolos de amigos refalsados,
Punhaes da Inveja, e assinte dos Destinos;

III.

Como outr'ora das cábalas dos Zoilos
Com a engraçada Emilia s'esquecia (1)
De Bourbon o Virgilio,
Ora com ella transpondo
Do Mundo Metaphysico as barreiras;
Ora folgando nos jardins de Gnido.

IV.

Pois que mil vezes m'enfeitaste a Lyra
De rosas, e jarmins, e á fresca sombra
Desse Plátano annoso,
Contente m'escutaste
Versos do Coração, de que eras alvo,
Que decoravas terna, e Amor pagava.

V.

Canções, que á margem do soberbo Thames,
O Filinto Britannico entoava. (2)
Quando co' a mente acceza
De Pyndarico influxo
Ilia, brioso, transvoando as nuvens
Beber no Olympo a pratica dos Numes. (3)

(1) Gabriella Emilia, Marqueza de Chartelet, celebre igualmente pela sua vastidão de conhecimentos Phylosophicos (de que são bastante prova as suas Instituições Physicas, onde explana os principios de Loke, e a traducção, e comento de Newton) pela sua belleza, e extremoso amor a Voltaire, com quem viveo mais de 20 annos.

Il bet Parigi
Che tu Voltaire, via piu bello fai
Riveder mi fia dato, e Emilia tua
Dei Mondo Methaphysici leggiadra
Abitatrice. *Il Conde Algaroti Epist. a Volt.*

(2) Se para exagerar o merito de hum Poeta Lyrico se lhe chama o Pyndaro, ou o Horacio da sua Nação, porque não poderei eu para elogiar o suavissimo, e sublime Gray appelida-lo o Filinto Inglez? . . . O nome de Francisco Manoel, valle, pelo menos, tanto como o de Horacio, ou Pyndaro; e o Patriotismo manda, que não escacee a gloria dos meus para a dar aos estranhos.

(3) Verso de Filinto, ou Francisco Manoel.

VI.

Que altaneiro seu vôo! . . . a dextra armada
De Apollineos relampagos, e raios,
Ora se ostenta em chamas;
Ora se envolve em sombras,
Qual Jupiter seus lumes fecha em trevas
Mais magestoso a transluzir por ellas! . . .

VII.

Precioso expolio, que aturado estudo
Para mim conquistara em Pindo estranho,
E a que dei mor belleza
(Em quanto Elmiro as plantas
De rojo oscula a estupidos Lucullos,)
O meu Amor liberrimo te offerta,

VIII.

Qual gentil Virgem, nos Certões nascida,
Que Uraguai banha, em simples attractivo,
Sim Amores inspira,
Mas hum certo ar bravio.
De entorno della de continuo expelle
Graças polidas, que ella attrahe continuo.

IX.

Ah! que hum dia se mostre amaciada
Por mão da Urbanidade, e troque á seda
Plumoso antigo ornato! . . .
Verá subito o enxame
De férvidos Mancebos disputar-lhe
Hum sorriso ao desdem, hum terno affago.

X.

Tal de Gray a Poesia: o Genio a inspira,
Orna-a Philosophia, o Gosto a pule;
Mas de seo pátrio Idioma
Natural aspereza
Hum pouco offende a louçania, o viço
Da egrégia consepsão do eximio Bardo

XI.

Hoje envolvida em melica Armonia
Da mimosa de Venus Lingua Lusa (4)
Soberba a ti remonte
Quem ha hi que lhe negue
Applauzo, e estima aos quadros portentosos,
Se he Britano o Desenho, e o Pincel Luzo? . . .

(4) Hum dos motivos, que Camões no 1.° Canto da Luziada allega para a paixão, que Venus, mostra pelos Portuguezes, he a doçura da sua lingoa, tão parecida com a Latina.

Sustentava contra elle (*) Venus bella
Affeiçoada á Gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antiga tão amada sua Romãna:
No forte coração, na grande estrella,
Que mostraram na Terra Tingitana,
E na Lingua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção, crê, que he a Latina.
Camões Lus. Cant. I.

(*) Contra Bacho.

ODE XXII.

A Jonio.

Nunc est bibendum, nunc pede libero
Pulsanda tellus.

Horat.

Entre as neves do turbido Janeiro
Ergue risonho a frente
De Jonio o Natalicio; raia luzes
Na Lusitana Esphera,
E convida ao prazer quantos se votam
A' sincera Virtude! . . .
Jonio de Marte, e de Minerva Alumno,
E que Rival de Achylles
Troveja sobre os campos de Belona,
E ao destemido Gallo
Faz a Terra morder, vertendo em sangue
Abominosa vida!
Mas, se tregoas hum pouco faz a Guerra,
Entregue todo a Phebo,
Nas curtas Ferias d'improbo trabalho,
A Cythara d'Elpino
Com doce Plectro harmonico ferindo,
Hymnos Dirceos lhe ajusta,
E vê, d'emtorno a si Graças, e Amores,
As Dryas, e as Napeias,
E as Tagides gentis, que, pare ouvillo,
Fóra d'agoa levantam

As orvalhosas frentes, como outr'ora
As Savonenses Nymphas
Vinham bordar as Ligures campinas
De Chiabrera aos accentos!...
Se para enriquecer-me o Sol lidasse
Como operoso Escravo
Nas Brazillicas minas, convertendo
Em ouro a esteril terra,
Eu dera a Jonio Luculianos mimos!... (1)
Mas se o mesquinho Fado
Me nega os Bens, que Numes são do Avaro,
Rico só d'alma pura,
De Ingenuo coração, festejar quero
Seu grato Natalicio
Com quatro copos d'explendente Alambre,
Que Madeira enriquece,
Prezado Filho das preciosas cepas,
Que para ornar-lhe o seio,
O Veneto sagaz roubara em Creta!...
Com mil fervidos votos
Aos Ceos, por que a carreira da existencia
De rosas lhe tapizem,
Com versos, que aprendi do eximio Mestre
Venusico Phylintho!

(1) Bonarem páteras, grataque comodus
Censorine meis ara sedalibus.

Horat.

ODE XXIII.

A' Sr.ª D. Leonor Bernardina Xavier Durão.

Hic, hic morabor sedulo;
Ubi Gratiæ, Decor, et Venus
Tam blanditer simul canunt,
Petrus Crinitus.

I.

Pôde o Thracio Cantor de Pluto ao Reino
Tenebroso descer, e ali soltando
A dulci-sona voz casada á Lyra
Embrandecer Charonte.

II.

O infero Jove se recosta ao sceptro,
E extasiado o attende: commovida
A rígida Prosérpina lhe outorga
Tornar á vida a Espoza.

III.

Euridice ditosa, se no amante
Menos ternura houvesse! por fraguedos
D'aspera senda, que conduz ao Mundo,
Vam tenteando as sombras.

IV.

Qual, do mirante, ao Mercador inquieto,
Que observa entrando com galerno vento
Do Tejo a barra o Galeão, que o Ganges
A enriquecelo envia

V.

No peito ao Vate o coração palpita;
Devora ávido o som dá planta amada,
E se falha hum momento, já presume
Lhe he roubada a Consorte!...

VI.

Quanta vez a impaciencia, e quanta o susto
A voltar-se o persuade, e a contemplala!
Veda-lho ordem fatal do Rei dos Manes,
Em quanto pize o Averno.

VII.

Já lhes reflecte a tibia claridade
D'aproximada terra... ah! que he mais facil
O excesso sustentar da desventura,
Que da ventura o excesso!...

VIII.

De prazer, e de amor Orpheo delira;
Perde memoria, e cizo! e transportado
Volta-se á Bella, quer lançar-lhe os braços,
Salvámo-nos, exclama!...

IX.

Transgredido o preceito, arrebatada
Lhe he subito a Consorte!... em vão procura
De novo obtela; rogos balda, e os mestres
Seus musícos primores.

X.

Ah! se elle houvera o magico prestigio
Da tua linda voz, oh Ninfa amavel!...
Se elle soubese, como tu, juntar-lhe
Da armonia os florêos!...

XI.

Da efficaz expressão, com que revestes
Alheios sentimentos, se adornasse
Sua eloquente dor, então veria
Novo prodigio o Mundo.

XII.

As cenhosas Euménides dormirem,
Vira parar dos Réprobros as penas;
De marmore o Trifauce, e a fatal Urna
Da mão cahindo á Minos.

XIII.

Vira inda mais os Despotas do Inferno
Derrogar sua Lei, torcer-se os Fados,
Trouxera á luz a Esposa vezes duas
Perdida, e recobrada.

ODE XXIV.

A' Actriz Jozefa Thereza Soares, representando a parte de Ninna.

> **N'alma, no coração, que effeitos deixa! . . .**
> **Ou júbilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto! . . .**
> ***Bocage.***

I.

Surge, sublime Actriz, surge, e dá gloria
A' Lusitana Scenna, empenha os muitos
Prestigiosos encantos, que Natura
Te deo com mão rasgada.

II.

Surge, que tecem flóridas grinaldas
Melpomene, e Thalia, que laureem
Daquella, que na Elysia as traz vallidas,
A magestosa frente.

III.

Eia! faze-me ouvir em som magoado
Ais de Amor infeliz, quanto extremoso;
Farta meu coração, que em sentimento
Anhella d'ensopar-se

IV.

O Palladio Mondego, ora em silencio
Morde lascivo a espreguiçar-se, as margens,
Ora em levada, empola-se, trasborda,
E solto assola os campos,

V.

Da Estação modelado. Em fina tella
Se o divino Urbinate, o genio apura,
Talhes, gésto, expressão, varia, e roupas
Como o requer o assumpto.

VI.

D'arte igual mais enérgica Pintora,
Das diversas paixões nos dás as cores;
E esteril, sem-sabor monotonia
Jámais te assombra os quadros.

VII.

Quanto em mil se admirou, em ti se aduna
E's no imperio Clairou, Gaussin no pranto, (1)
Le Couvreur no sentir, Oldfield no gésto,
Dusmenuil no tocante.

VIII.

Assim te elevas da Memoria ao Templo,
E Aguia Real sobre olhos com desprezo
D'além das nuvens clangorosos Ganços
Nadando em lago humilde.

(1) Clairon, Gaussin, Le Couvreur, e Dusmenuil celebres Actrizes Francezas. Oldfield celebre Actriz Ingleza, qne foi sepultada junto dos Tumulos dos Reis de Inglaterra.

Si les Anglois ont inhumé la celebre Oldfield á coté de leurs Rois, ce n'etoit pas son metier, mais son talent qu'ils voulaient honorer. Chez eux les grands talens annoblissent dans les moindres etats : les petits avilissent dans les plus illustres. Et quant á la profession des Comediens, les mauvais. et les mediocres sont meprisés á Londres autant, ou plus que par tout ailleurs.
Rosseau.

ODE XXV.

A desastrosa morte de duas Jovens que se afogaram na Praia das Maçãas.

De toutes ces formes l'effet,
Et tant de sodaines nuances,
Et telles diverses nuances,
Un jour les fait, et les defait.
O nature, nous nous plaignons.
Que des fleurs la grace est si breve,
E qu'aussi tot que les voyons,
Un malher tu dons nous enleve.
Baif.

O' praia das Maçãas, famosa outr'ora
Por orlares risonha
O Eden Luzitano! a quem saudam
Com jubilosos vivas,
Descobrindo-te ao longe, os Navegantes.
Que deslembram ao vêr-te
Da viagem penosa os tedios todos! . . .
Teu nome já tão grato
Como perdeste assim? porque resoa
Aos ouvidos dos Lusos
Agora aborrecido, em som de pranto!
Porque de ti desviam
Agora o rosto as Graças, e os Amores?
Porque a risonha Venus
Te maldiz iracunda, e te pragueja! . . ?
Porque a torva Desgraça
Sentada em negra nuvem nos teus ares
Leda, e ufana campea? . . .
» Porque (materno pranto alem responde)
» Essa praia funesta
» Theatro foi do tragico successo;
» Porque a foice da Morte

» Flores alli ceifou, que começavam
» No Jardim da existencia
» A hir desabrochando entre os aromas
» De juvenis encantos!
Como o prazer sorrindo nos conduze
Do precipicio á beira,
E d'elle atraiçoado nos arroja
No abysmo do infortunio! . . .
Das maritimas praias fugi cautas,
Oh juvenis Donzellas! . . .
Sim, fataes para vós em todo o tempo
As praias se mostraram,
Corria as praias de Phenicia Europa,
Quando o fingido Touro
Para sempre a roubou ao Pai, e á Patria.
Nos litoraes rochedos
Geme Alcyone meiga em fórma alheia;
De Scicilia nas praias
Colhendo flores, ella flor mais linda,
Foi pelo Rei do Averno
Colhida, arrebatada a linda Filha
Da Legifera Ceres? . . .
Oxalá que taes quadros aterrassem
As tres formosas Nimphas
Que do Banho o prazer a ti chamara,
Oh praia lastimosa! . . .
Inda nos braços teus, honrado Almeida,
Extremoso apertaras
A Filha em quem teus olhos se reviam! . . .
Bemdiceras ainda
O justo Céo, a Esposa que aditara
Seu talamo pudico
Com tão formosa prole, inda te houveras
Pelo Pai mais ditoso
Da Lusitana terra! . . . nem teus lares,
Adelaide formosa,
Retumbariam com sentidos prantos,

Com maldições ao fado
Que a teus ternos parentes te roubara! . . .
E menos dois jazigos
De Colares no Templo indicariam
O Nada da existencia! . . .
Que idade juvenil, virtudes, graças
Não valem contra a Morte! . . .
E se inda os olhos teus, gentil Sophia,
Se abrem do Sol aos raios,
E luzeiros de amor derramam inda,
De intrepido Mancebo
Ao heroico denodo é só devido! . . .
Nas cristallinas aguas,
Pizando a mole areia, alegres rindo
Entraram mal cuidosas
As tres miseras victimas! . . . ao longe
Furibunda se enrolla
Cresce como montanha, onda espumante
A' praia vem, e envolve
As Donzellas gentis, que sepultadas
Nesse liquido abysmo
Á' vista se esconderam; com cem braços
De irresistivel força
A funesta resaca as leva ao longe! . . .
Soam afflictos gritos
Das miseras, respondem-lhe outros gritos
De quantos presenceiam
Tão funesta cathastrophe! . . . não gritas,
Intrepido Vieira,
Mas resoluto arrojas-te, combates
Co'as ondas, que soberbas
Por toda a parte rugem! . . . triunphante
Eis surge! . . . eis tras nos braços
Da mimosa Sophia o doce pezo,
Desanimada, e fria,
Em quanto as companheiras desditosas
Da vida despojadas

Lá vão rolando á descrição dos mares,
Que alfim á terra volvem
Seu exanime expolio!... ousado Joven,
Recebe em minha Lyra
Merecido louvor!... tu encaraste,
Salvando alheia vida
O semblante da morte!... e vós oh Nymphas
Da ditosa Ulisseia,
Carpi das vossas ternas companheiras
O miserando fado;
Derramai-lhe na campa odoras flores,
Simbolo verdadeiro
Dos que Natura lhe doara encantos,
Na curta vida sua!

SONETO

Que o Sr. Francisco Joaquim Bingre dirigio ao Author por occasião de ler esta Ode.

Tagitano Cantor, Silva laureado
Pela delfica Mão, que assás te inspira
A tirar doces sons da acorde Lyra,
Que a fama tem da terra, aos Ceus alçado!...

Eu, que ahi já cantei, quando do Sado
Aos dois Cisnes cantar o Tejo ouvira: (1)
Hoje nas praias da salobre Mira,
Onde o Vouga descáe, vivo curvado.

Bem que ao estro gelasse a longa idade
O sabôr me ficou, teu triste canto,
Me encheu de dôr, de magoa e de saudade.

O tragico successo, é d'alto espanto!...
Do teu sentido carme a suavidade;
Até das pedernaes, arranca o pranto.

(1) Bocage, e Santos e Silva.

ODE XXVI.

A Actriz Josefa Thereza Soares, apparecendo pela primeira vez em Scena, depois de estar dois annos fóra do Theatro.

Jamque aderat spectata dies, quá nulla redibit
Dum lucem effnndet Titan formosior ulla.
D. Thomaz de Bem. Castreidos Liv. II.

I.

Outra vez retrilhar, Clairon de Lysia,
Vens o estadio Theatral esquivo a tantos;
Como descende coroado Athleta
A' já deixada area.

II.

Mais os olhos encanta a Luz de Phebo
Pondo em fuga os Satellites da Noite,
De que ao Zenith, profusa derramando
Diluvios d'esplendores!

III

Quam doce he disfructar da Patria os mimos!
Mas no furor d'horrisona procella,
Surdindo á praya o Naufragado allagado
Mais doce a encontra ainda.

IV.

E eu que do Pindo com despeito ouvia
Estranhado na Scena o sacro Idyoma
Qual de barbaros labios viciado
Nos trava o patrio accento,

V.

Mimosa de Melpomene, e Thalia,
Quam ledo ora assomar te observo á Scena!
D'hum lado a Compaixão, e o Terror d'outro
Avanças magestosa.

VI.

O severo costume te precede (1)
Do veo dos E'vos atravez t'aponta
D'Egypto, Grecia, Roma, as Nações todas
Usanças, modos, trages.

VII.

Mil coloradas plumas destendendo
Viva Imaginação te circumvoa;
E d'ella a influxo, alheios sentimentos
Vivos te brotam n'alma.

VIII.

De ti, de nós, do Mundo nos deslembras
Quando empenhas os magicos prodigios
Teus olhos fallam, tua voz retumba
Dos corações no fundo (2)

(1) Arte de caracterizar tanto em desuso em nossos Theatros algumas vezes pela indolencia dos Directores, e quasi sempre pela ridicula vaidade dos Actores, e Actrizes, que só consultam o que lhe fica melhor, e não o que he mais conveniente: por isso vemos a cada passo os Romanos vestidos de Turcos, os Chinas vestidos de Romanos, os Inglezes do tempo d'Alfredo como os dos nossos dias, as Nymphas de mantos, e toucados, e as criadas como as Princezas. etc.

Par un mensonge heureux voules-vous nous revir? . . .
Aut severe costume il faut vous asservir'
Sans lui d'illusion la Scenne deprovue
Nous laisse des regrets, et blesse notre vue.
Je me rie d'une Actrice indigne de son art
Qui rejecte ce joug et s'habille au hazard;
Don't l'ignorance altiere ouseroit sur la Scene
Dans un cercle enchainer la majeste Romaine,
Et qui n' offrant aux yeux qu, un faste inanimé
Consulteroit Meri (*) pour draper Idamé.

Dorat. Declam. Cant. I.

(*) Modista de Paris que fornecia os adornos de muitas Actrises.

(2) Words that weep, and tears, that speak.

Powley.

IX.

Onde hum Carre feroz, que te rezida?...
Quando imploras piedede, és Castro inerme (1)
C'os filhinhos beijando o chão, que piza
O vacillante Affonso.

X.

Mas se marchando da Vingança ao faxo,
Furibunda Medea, anhellas sangue,
Tens na boca, o trovão, na vista o rayo,
No rosto as furias todas!... (2)

XI.

Paga-se Actriz vulgar de palmas, vivas: (3)
Tu silencio, tu lagrimas exiges,
(Mais energico applauso) e, em nossos peitos
Despotico dominio.

(1) Voulez-vous sur la Scene exciter la tendresse?...
Il faut que votre abord, que votre air interesse,
E puisse faire eclore en nos coeurs agités
Le feu des passions, que vous representés.

(2) Aux roles furieux voux etes vous livrée?
Qu' une oeil etincelant peigne une ame egarée.
Ayes l'accent, le geste, et le port effrayant,
Que tout le peuple ému fremisse en vous voyant
Layssez-nous pressentir vos complots homicides,
Et sur vos pas sanglants trainez les parrecides.

O mesmo A.

(3) Paroissez, armez-vous d'une noble assurance,
Et de cette fierté, que permet la decence:
Que jamais vos regards fautiffs, et caressans
No semblent mandier lês applaudissemens;
Le Public de dai-gneux, hait, ce vain artifice,
Il sifle la Coquete, Il applaudit l'Actrice.

O mesmo A.

Que arredadas desta doutrina não vam a maior parte das nossas Actrizes, que eu tenho visto desmaiar rindo, conversar para os Bastidores, e houve tal a quem eu vi com todo o descaramento acceitar da Friza de boca hum papelisso de bolos.

ODE XXVII. (*)

A Mireo.

Sume superbiam
Quesitam meritis.
Horat.

I.

Cythara de Philintho, em que descorro
Novos modos de Lyrica Harmonia,
Cujos echos retumbam pelos campos
Da longa Eternidade!

II.

Cythara, grata aos Numes, e aos Humanos,
Hoje de novo te dedilho as chordas,
E o Nome de Mireo salvo das ondas
Do deslembroso Lethes!

III.

Divina Gratidão me inspira o Canto,
Divina Gratidão, que as mãos travando
Co' a sãa Beneficencia os Homens prende,
Em religioso laço!

IV.

Une-se deste modo ao Desditoso
Aquelle, a quem sorrio nascendo o Fado:
Agros espinhos da Existencia em Rozas
Dest'arte se convertem!

(*) Pedida.

V.

Bramisonos tufões o mar revolvem,
Tortuoso corisco estala, e fende
Pezadas trevas, que envolvendo a esphera
A noite antecipavam,

VI.

Rasgam-se as vellas sibilando . . . estoura
O Mastro, as vergas; não regula o leme,
E as Náos gemendo em grande copia as ondas
Pelas junturas bebem!

VII.

Debalde o Gama sem pavor pertende
Com grave mando, exhortações amigas
Chamar dos Nautas ao gelado peito
O Lusitano esforço!

VIII.

Eis subito clarão depura os ares,
Fogem os ventos; tranquilliza o Pégo,
E a Frota salva do eminente risco
Soccorredora Venus!

IX.

Porém menos propicia ao Luso Nauta
Foi a Deoza, oh Myreo, que a mim teu braço,
Que me arrancou das ondas Infortunio,
Que naufrago cortava.

X.

Quando se mova o Sol, parando os Astros,
Quando a Terra de flores não se arreie,
Quando a ingenua Virtude achar entrada,
No coração de Elmiro,

XI.

Deixarei de cantar Virtudes tuas,
As Virtudes dos teus, que vingam, crescem,
Quaes Salgueiros nas margens saudosas
Dos Babylonios Rios,

XII.

Hoje que de Açucenas coroado
Teu festivo Natal ao Mundo assoma,
Como a Festa, de hum Deos celebrar quero
Tão venturoso Dia

XIII.

Oh Genios do Prazer, voai ligeiros,
Rozas colhei nos Hortos da Amizade,
Com ellas, e fragante Rosmaninho,
Me guarnecei o alvergue!

XIV.

Ledas Donzellas, festivosos Moços
A Alegria conduza; e se resumam
Em solertes Choreas, e Tripudios
As prolongadas Heras.

XV.

Livre circule, e trasbordando, a Taça,
Beba o Nectar de Chypre o pavimento
E metade da Noite ao plumbeo somno
A Musica subnegue.

XVI.

Cante a intervallos, jubilozo Choro
Da minha Lyra ao som: « Em farta cópia
» Chova sobre Mireo, de gloria, e ditas
» Benefica torrente!

XVII.

» Puros, seus Dias, quaês Nectóreos, durem,
» Corram serenos quaes do Tejo as ondas,
» E os doces pomos da vivaz saude
Natnra lhe offereça!

XVIII.

» Prodigio de saber, e de Virtude,
» Aos Lusiranos grato, aos Ceos mimozo
» Viva o seu Nome, quanto o Sol, na Terra,
» A florecer na Fama!

ODE XXVIII.

A' Actriz Luduvina Soares, representando na minha Traducção da Zaira de Voltaire.

Da voi vienmi lo stile, e voi levate
Sovra se stesso il debile intellecto,
Poi che la Cetra mia ranca, e discorde
Si ha da lucci d'amor fate le corde.
Marini Adon. Cap. VII. Stan. V.

I.

Versos marcados de Aganippe ao cunho
Foram em toda a idade
Anciada recompensa
De intrepido valor, sublime engenho.

II.

Versos, que a Eternidade lhe afiansam,
Mais prezam, mais estimam
As almas bem nascidas,
Que do fulgido Oriente as perlas todas.

III.

Recostado no gremio da Victoria,
O Venecdor de Arbelas
Inveja ao fero Achylles
O grave som da Homerica trombeta.

IV.

E eu, que, mercê de Phebo, á frente enramo
De verdejante Louro,
Meus versos te consagro,
Porque os sabes prezar, e hes digna delles.

V.

Outro, pulsando a Cythara de Theios,
Celebra em metro ameno,
Formosa Luduvina,
Teo rosto encantador, e olhos divinos.

VI.

Descante as longas tranças côr da noite,
Que no nevado colo
Em ondas se debruçam
Como Ebano brilhando unido ao Jaspe.

VII.

Não (bem o sabes) que oblações eu negue
As raras graças tuas,
Ellas d'amor o incendio
No mui sensivel coração me ateiam.

VIII.

Porém quiz dadivosa a Natureza
Tão prodiga dotar-te,
Que em ti, tão raro em muitas,
He menor predicado a formosura.

IX.

Eu quero que por mim aos E'vos conste,
Que tu da Lusa Scena
Foste esplendor, e assombro,
Que de Gaussin a par soe o teu nome.

X.

Gaussin, sublime Actriz, se hoje te vira
De Zaira imitando
A candidez amavel,
Com peito ingenuo te cedera a palma.

XI.

Eu te vi! e de amor o fogo todo
Nos olhos teus ardia,
E brando sentimento
Por tua voz, e gestos se expressava!

XII.

Quem melhor do que tu pinta o combate
Dos oppostos deveres
De Filha, Irmãa, e Amante,
Que de honesta Donzella o peito agitam?

XIII.

Quem mais terna acolheo aos meigos braços
O Pay caduco, afflicto?
Quem d'alma abrio segredos
Com maior effusão ao terno Amante?

XIV.

Do Expectador em lagrimas os votos
Aos votos teus se uniram,
Quando humilde imploravas
A protecção dos Ceos na magoa tua.

XV.

Como suave, e puro o Luso Idyoma
Dos labios teus corria!
E por ti modulados
Julguei nos versos meus fallava Erato!

XVI.

Quasi nas veias se gelou meo sangue
Ao ver buido ferro
Rasgar-te o lindo seio,
A ver-te sobre o chão, luctar co' a morte!

XVII.

E inda no arranco extremo procurares
Do irado Amante os olhos
Como se inda buscasses
Justificar com elle os teus afectos.

XVIII.

Então me pareceo que Amor, e as Graças
Em luminosa Nuvem
Vinham cubrir teo corpo
De candidos Jasmins, purpureas Rosas.

XIX.

Tanto póde a illusão da arte engenhosa
Em quem da Natureza
Co' a vida recebera
Alma capaz de lhe sentir o encanto!

XX.

Ah! conserva, Melpomene divina;
Tua milhor Alumna,
Faze que na ventura
Os bellos dias seus tranquillos corram,

XXI.

Ponham-me onde do Norte o Polo alveja
Com sempiterno gelo,
Ponham-me onde abrazado
Phebo o carro conduz proximo á Terra,

XXII.

Cantarei Ludovina, os teus louvores
Ao som da eburnea Lyra,
Serei sempre o teu Vate,
E heide morrendo articular teu nome.

ODE XXIX. (*)

A Mireo.

Com que fervidos votos, com que incensos
Hoje festejar devo
Os santos Numes que Myreo protegem?
Com que mimosas flores
Enfeitarei suas benignas aras?
Qual sobre a eburnea Lyra
Soltarei ledo altisonóro canto,
Canto que, prolongado
Dos E'vos pela intérmina carreira,
Alto pregôe ao Mundo
Que elle he presidio meu, minha esperança; (1)
Que o que eu sou, o que eu valho
Obra he de sua mão, que me sustenta
Do precipicio á beira,
Onde ha muito sem elle eu resvalára?
Pelo chão rastejando,
Dos rebanhos pizada, a Hera espira,
Mas se frondoso Ulmeiro
Seu amparo lhe presta, então viceja,
Eleva-se, distende
Nos amplos ares os ramosos braços,
E presta amiga sombra
Contra o calor ao lasso Viandante,
Ou á ingenua Serrana,
Que, ao bulicio das outras esquivada,
Só do Amador ausente
Alli vem recolher memorias ternas.

(*) Pedida.
(1) O et presidium, et dulce decus meum.

Horat.

Tal hera o meu destino,
Tal he com tua protecção; mil vezes
Ditozo quem obteve
Dos Ceos, qnal hes, hum verdadeiro Amigo!
Feliz, feliz a Patria...
Que vio no gremio seu, nascer hum Filho
Que tanto a glorifica!
Que virtude em tua alma não se alvergue?
Que Phocião, que Cimon
Póde comtigo equiparar-se? Roma,
Quando livre dictava
Em épocha feliz as leis ao Mundo,
Ao ver-te invejaria
Tão grande Cidadão; bem que blasone
Com Regulos, e Fabios,
Com Cincinnatos, Decios, e Fabricios
Cujos brilhantes nomes
Os seus Fastos de gloria coroaram.
Canta libente a Musa
Intrepidos Heroes que, fulminando
Ou sobre as crespas vagas
Do encachoado Oceano qne remuge,
Ou sobre os marcios campos
Armados esquadrões de ferro e fogo,
Em triumphante carro
Vão receber a laurea da victoria
Em adornado Templo,
Precedendo-lhe a marcha os tristes grupos
De miseros captivos,
Que estridulas cadeas arrastando
Com violento despeito
Tragam o pó que se ergue no triumpho;
As prostradas effigies
Das vencidas Nações! porém mais leda,
Mais satisfeita a Musa
Aos Alexandres, Carlos, e Turennas
Para cantar prefere

Pacificos Heroes que na virtude
Sua grandeza firmam;
E que só, como Tu, trabalham, lidam
Em prol da Humanidade;
Que noite e dia revolvendo assiduos
Os cultivandos Livros,
Archivos do saber dos tempos todos:
Nelles cuidosos buscam
Da moral salutiferos dictames,
Das Nações os direitos,
E dos Homens o juz; que se da Patria
Os confins não dilatam,
Zelam dos Cidadãos bens, e fortuna.
Qnanto com firme dextra
Custa a balança equilibrar de Astrea!
Ver com serenos olhos
Montes de ouro nas mãos da fina Astucia
Sem deixar corromper-se!
He este o teu brazão: tu, raro exemplo
De probidade intacta
N'huma idade de crimes, e flagicios,
Por longo, tempos vive.

ODE XXX.

per gli acrei campi
Semínavan concenti, e spargean lampi
Tasti.

I.

Tal de Orpheo era a voz melodiosa,
Quando apoz si levava as vocaes selvas,
E, a natural fereza, des-vestindo
As Ferras o escutavam! (1)

II.

Quando de Bosques, Rios, Prados, Fontes
Vinham d'involta Satyros, e Nimphas,
Huns esquecendo Amor, outras o Medo
Do canto extasiados!...

III.

Taes os sons heram do Alaude eburneo
Do canoro Amphião, que auritas Pedras
Montava em torno ao demarcante sulco (2)
Da portentosa Thebas.

IV.

Quando toca Moreira, a magoa esquece, (3)
Ri-se a Tristeza quando Isbella canta, (4)
E Amor contente novas setas vibra,
Que no meo peito encrava!

(1) Silvestres Homines sacer interpresque Deorum
Cœdibus, et victo fœdo deterruit Orpheus,
Dictus ob hoc lenire Tigres rabidosque Leones;
Dictus et Amphion Thebanœ conditor arcis
Saxa movere son Testudinis, et prece blanda
Ducere quo velet.
Horat.

(2) Interea Æneas Urbem designat Aratro.
Virg.

(3) O Senhor Carlos Francisco de Assis Moreira.

(4) A Senhera D. Maria Izabel Ferreira.

ODE XXXI. (*)

Aos Annos da Prioreza de Santa Monica.

Davidico Cinnor, que retumbavas
Com divina harmonia
De Sião nos palmiferos cacumens,
Do Cédron pelas margens,
Orlas de Siloé, Jordanoas praias,
De Ramá nas alturas,
Onde consolações Rachel não soffre;
Perdoa, se; deixando
Hoje as flores do Pindo, ouso pulsar-te
As sonorosas chordas:
Mas da Lyra de Pyndaro, e de Horacio
Os volupiosos modos
Cantar profanos o Natal não devem
Da Vestal que, deixando
Do Mundo as illusões, ante os altares
Do Sempiterno Esposo
Em sacro amor se inflamma, arde qual lume
Da que em sagradas campas
Funebre tocha seu clarão diffunde.
Longe, longe do Vate
Ideas que dos Ceos a luz não córe.
Tu que sobre Harpa de ouro
Do Eterno á face sem cessar psalmeas,
Oh Seraphim ardente,
Melodioso Eloá, meu Canto inspira.

(*) Pedida

Eis me referve a mente
Com divinal ardor! ante os meos olhos
Profusas coruscando
Com brilho septifulgido, qual vemos
No pacifico Arco,
Sublimes concepções, visões de gloria
Gyrando se apressuraui.
Que cidade de gemmas estradada
Com cem saphyreas portas
Patente alli diviso! como corre
Por leito esmeraldino
Da vida o largo rio! que briosas
Multi cores phalanges
De ditosos Espiritos resplendem!
Que Alma sublime, e pura
Reveste Gabriel de hum lindo corpo
Formado á voz do Eterno,
Da essencia mais subtil das varias flores
De que se adorna o E'den!
Eis curva vezes tres, e da existencia
Com respeitosa dextra
Abre Uriel septi-sello volume,
Aponta immortal verba,
Que proclama com voz que alegra os Orbes
O Cherubim que assiste
Dos justos ao natal » Baixa (diz elle
Vai adornar a Terra
» Com virtudes sem par, com puros dotes:
» Vae, e de exemplo serve
» Do Eterno Esposo ás candidas Esposas,
Que regeres prudente
» Por dilatados lustros. Pór em campo
» Ha-de das trevas o Anjo
» Todos os philtros do enganoso Mundo,
» Em vão, para apartar-te
» Do santa vocação; porém que montam

» As pompas da nobresa,
» Dos terrestres prazeres os prestigios,
» Aos mui previstos olhos
» Daquella, a quem o Ceo predestinara,
» E o nada lhe penetra,
» Como penetra o sol a nevoa espessa,
» Como o ferro candente
» Derrete a branda cera, e solve a lympha
» De sal hum niveo monte.
» Completo sobre a terra o longo gyro
» De penitente vida,
» Na sagrada Solyma, origem tua,
» Virás receber leda
» A palma triumphal, florea coroa,
» Que eternas te decorem.

ODE XXXII.

Ao Sr. Mauricio Joze Sendim.

> **Me il Phebeo lauro alla tua dotta frente**
> **Premio, e corona, me dei sacri ingegni**
> **Amor con santo, inviolabil nodo**
> **Distrinse teco.**
>
> ***Bettinelli. Epist. a Ticpolo.***

I.

Imitar c'o pincel as varias Scenas,
Que oppulenta offerece a Natureza;
Oppondo a sombra á luz, e a luz á sombra
Dar vida a novos seres,

II.

Eis teu emprego, oh magica Pintura!
Tu encantas o Mundo, tu conservas
Egregios feitos dos Heroes, e salvas
Da morte as feições suas!

III.

Da Grecia o puro Sol sobre o teu berço
Brilhante amanheceu; pelos seus bosques
Os teus infantis passos ensaiaram
As Dryadas mimosas.

IV.

Aguia nascente, que seu ninho deixa,
E busca em Ceo estranho imperio, e prezas,
Tu foste alardear na culta Italia
Tua gloria, e prodigios!

V.

Roma no Capitolio te deu cultos: (1)
Sagrou-te sobre o mar Veneza hum Templo; (2)
Aras te ergueu Florença, (3) e Lombardia; (4)
Rivaes no estilo, e gosto.

VI.

O Belga nos seos pantanos obteve (5)
Tuas inspirações, e longo tempo
Menoscabado amante, o Gallo pode (6)
Conquistar teus affectos.

(1) Eschola Romana, cujo fundador foi Miguel Angelo. Raphael foi o seu maior genio. O Cardeal Bembo grande Poeta Latino, e Italiano, honrou a sua sepultura com o seguinte Epitaphio.
Ille hic est Raphael, timuit quo sospite vinci
Rerum magna parens, et moriente mori.

(2) Eschola Venesiana fundada por Bellini. Os seus maiores ornamentos são Ticiano, e Paulo de Verona.

(3) Eschola Florentina; o seu Chefe foi Cimabue, e produzio muitos Pintores de primeira ordem.

(4) Eschola Lombarda. O seu fundador foi Corregio; Guido, e Zampieri são os seus melhores Artistas.

(5) Eschola Flamenga, fundada por Vaneyk. Os seus Artistas mais famosos sam Rubens, e Vandik.

(6) Eschola Franceza; divide-se em duas, a Eschola antiga fundada por Coussin, e cujos maiores Genios foram Poussin, e Lebrun; esta Eschola não gozava de grande reputação por causa de seu estilo amaneirado, desenho pouco correcto, e falta de conhecimento da antiguidade. A' Eschola moderna fundada por Vien; e cuja maior gloria he David, talvez he hoje a primeira Eschola Pictorica da Europa.

VII.

Entre cultas Nações teu carro ovante
Marcha tirado por brilhantes Genios;
Seguem-no grupos de formosas Nymphas
Floreos festões brandindo!

VIII.

O severo Desenho te precede,
Que copia fiel, e observa tudo:
Marcha de hum lado a Historia carregada
C'os passados successos.

IX.

Com cruento escalpelo a Anathomia
D'outro descose palpitantes membros,
E a teus olhos curiosos poem patentes
Veias, musculos, nervos!

X.

Mostra-te em breve mappa a Geographía
Do Mundo o quadro, os trages, e os costumes
Dos varios Povos: Physica, e Mathesis
Te dam lições proficuas!

XI.

Tua regoa, e compasso a Perspectiva
Sustem na sabia dextra, em quanto as tintas
A Optica illusora te mistura
Na engenhosa palheta!

XII.

Assim a hum teu acceno os bosques d'Asia
Zimbram com o vento sobre a tella, os Alpes
Com as geleiras suas se levantam
A' região das nuvens!

XIII.

De verdejantes Ilhas coroado
Ergue a frente o Orelhana, resuscitam
Do Trasimeno as pugnas, e de Troya
O incendio reflammeja.

XIV.

Aos Filhos abraçada outra vez Castro
Do inflexivel Affonso aos pés prantea;
Novamente de Ormuz se inclina o colo
A' espada de Alboquerque.

XV.

Nem os campos do Tejo ás Musas gratos,
Desdenhaste habitar Deosa engenhosa;
D'aqui de teus Alumnos leva a Fama
Pelo universo a gloria.

XVI.

Ouve-se com louvor, e com respeito
De Alexandrino o nome, e dos Vieiras,
O do grande Coelho, cujos quadros
O Escurial decoram.

XVII.

Tambem, Sendin amigo, ha-de o teu genio
Merecer no futuro igual coroa;
Então os quadros teus serão thesouros
Do entendedor aos olhos!

XVIII.

Não te dê pena, que ao Pintor, e ao Vate
Sobre a campa é que a Patria faz justiça;
Vivos, nossa grandeza dá ciumes
A' soberba ignorante!

XIX.

Mas a Morte desarma a negra Inveja, (1)
E conduz a Justiça, que pesando
Na balança imparcial do Genio os dotes,
Nos dá devido apreço.

XX.

Dos Destinos o Livro o louro Apollo
Officioso descerra aos seus Alumnos;
Nelle vi registado em aureas Letras
Teu posthumo renome.

(1) Pascitur in vivis livor, post fata quiescit.
Ovid.

ODE XXXIII.

Ao Exc.[mo]*, e Rev.*[mo] *Sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz.*

Bispo Conde de Arganil, e Reitor da Universidade de Coimbra. (1)

> Quinci a te sacro mia Lyra
> Ricca ognor d'etherei suoni.
>
> *Chiabr.*

I.

Que vale o ouro, se ignorado dorme (2)
D'obscura mina no nativo centro,
Sem que das trevas o Trabalho o tire,
E sem que a Arte o repula?...

II.

Que vale o sabio, se, esquecendo os Homens,
Em vãas cogitações todo embebido,
Foge do Mundo, que illustrar devia,
Que o seu auxilio implora?...

III.

Alto não sôa de Licurgo o nome
Porque, de doutos Livros rodeado,
Das féras Parcas aguardou tranquillo
Em seu remanso o golpe!

(1) Hoje Cardeal Patriarcha de Lisboa.
(2) Nullus argento color est avaris
Abdito terris.

Horat.

IV.

Mas porque a Esparta que gemia oppressa,
Com leys sublimes acudiu proficuo;
Heróes creando, que tremer fizeram
O Persico Tyranno.

V.

O titulo honrador de Pay da Patria, (1)
Que Roma livre a nenhum outro outhorga,
Não ganhou Tulio discursando o frouxo
Nos Lycêos d'Academo.

VI.

Mas fulminando no Senado, e Rostros,
Com voz de fogo abominanda turba
Dos Impios, que a Romana Liberdade,
Exterminar tentavam!

VII.

De homens tão grandes seguidor, correste
A promover a redempção de Lysia;
Da Nau do Estado soçobrada ao leme
Affouto a mão lança-ste.

(1) Roma patrem patriæ Ciceronem libera dixit.
Juv.

Roma depois teve muitos Pays da Patria; mas como já não era livre quando os proclamou taes; esses Pays da Patria foram os Tiberios, os Neros, os Commodos, e os Heliogabalos; os peores Principes, os Tyrannos mais ferozes, sam de ordinario os mais festejados, os mais honrados com Estatuas, e monumentos publicos, e parece que por huma especie de dirisão, e requinte de tyrannia para com os povos, a quem opprimem, capricham de se arrogarem de preferencia as denominações indicativas de clemencia, e de bondade. Mas lá está a Historia, lá está a Posteridade inflexivel, e incorruptivel, que lhes arranca a mascara e os reduz a seu justo valor! . . .

VIII.

Ao despeito, e ambição inaccessivel,
Cedeste á intriga com desdem; de novo
A's vozes da Nação, que te chamava,
Magnanimo accudiste!...

IX.

Assim Camillo desterrado outr'ora,
Sua injusta sentença perdoando,
Correu, voou, e de Quirino os muros
Salvou do horrivel Brenno.

X.

Independente os versos meus te voto,
Eu que teu rosto nem de longe hei visto;
E que as tuas virtudes admirando,
Lhe auguro eterna fama.

ODE XXXIV.

Wheresoe'er I turn my ravishd eyes,
Gay gildeld Scennes, and shining prospects rises.
Poetic fields encompas me around,
And still I seem'd to tread on classic ground;
For here the Muse so oft her harp has stroung,
That not a montain rears its head unsung,
Renownd in verse each shady theiket grows,
And e'vry stream in heav'nly numbers flows.

Addisson.

Se, não tarde, meu prospero Destino
Me permittir, bem como
Lisongeira esperança me assegura,
Que do Tejo deixando
A saudosa foz, corra aos Paizes
De Poetico influxo
Onde Homero nasceo, onde Alexandre;
Que nas margens do Ismeno,
Em Elide, em Olympia estasiado
De Pyndaro recite
Os Hymnos immortaes, e que em meu torno
Veja pular de gosto
As arvores, o chão, outeiros, fontes,
Que outr'ora os escutaram
Em dias de explendor, e hoje aturdidos
Dos barbaros accentos
Do indouto Habitador, do Turco atroce...
Que sensação promiscua
De gosto, e de pezar, saudade, e assombro
Se apossará desta alma!
Rio alli não verei, planice, ou monte,
Ou Pelago, ou Ruina

Que de antigos portentos me não falle!
Do bicorneo Parnaso
Aos cumes subirei já não canoros!....
Do Cythéron á sombra
De Edipo, e de Jocasta as desventuras,
D'Antigone a piedade,
Sacrilego furor dos impios Filhos
Hão-de occorrer-me á idéa!...
Vendo os destroços do Pyreo, tão ermo
O tremendo Areopago,
Derribado o Pecil, hão-de inundados
De lagrimas meos olhos
Presumir que do gelido sepulchro
Merencorios surgindo
Melciades, Themistocles, e Cimon,
E Pericles facundo
Vem accusar degeneres seos Nettos!
» Onde, Sparta, onde existe
» Prisco brio de intrepidos Guerreiros,
» Com que luziste hum tempo?
» Termopilas (direi,) mostrai-me aonde
» Impavidos pugnaram
» Sos trezentos Heroes, votando a vida
» A' patria Liberdade,
» Contra, as Hostes de Xerxes que empataram?
» Quero odorosas flores
» Soltar a plenas mãos no sitio honrado,
» E em Lusitano metro
» Hum cantico entoar-lhe... eu vos saudo,
» Maratona, Plactea,
» De renome immortal!... tinto de sangue
» O Mar de Salamina
» Cuido inda ver!... como deixaste, Apollo,
» O teu mimoso Pindo?
» E tu que, em solidão de estiva noite,
» Inda escutas gemendo
» Da ternissima Sapho a mesta Sombra,

» Ao menos me descobre
» Por entre a relva, oh Lencate, hum vestigio
» De teu soberbo Templo,
» Mostra-me hum capitel dessas columnas
» Que os raros, que escapavam
» Do fatal salto, miseros amantes
» Em torno delle erguiam,
» Tropheo religioso! ou dá que ao menos
» Eu possa recostar-me
» No tumulo de tantos que morreram!...
» Do Archipelago ó Filhas,
» Insulas productoras, leves sombras,
» Mostrai-me em vosso gremio
» Dos quadros de Theocrito!... nas vozes
» De vossas lindas Ninfas
» A harmonia ouvirei, e os meigos quebros
» Do culto antigo Idyoma,
» Que inda em versos de Sophocles me encanta!
» Me lembrarão seus bailes
» Das antigas Choreas? em seu rosto
Notarei alguns traços
» Do formosura de Helena »... oh! dos Vates
Modelo, Pai, e Assombro,
Oh cego Lynce, oh portentoso Homero!...
Como o sol sempre novo,
E sempre inspirador, e sempre o mesmo,
Cujo berço disputam
Sete povos rivaes! onde foi Troja,
Nesses magicos sitios
Que inspiraram a Iliada, minha alma
Hirá colher imagens
Com que nos versos meus teu canto exprima!
Eu, que de noite e dia
Teo Poema immortal folheio, estudo
Nelle prestigios novos
Absorto encontrarei, quando sentado
No verdoso cacumen

Do Ida basti-arbori-gero destenda
A deslumbrada vista
Pelos campos de Troada marcados
Pelas batalhas tuas,
Pela amena extensão de Misia, e Thracia,
Por longos Promontorios,
Margens do Xanto, margens do Simoente!
Desandando évos trinta,
Minha Imaginação das mudas cinzas
Reergue os Teucros muros,
Os Gregos arraiaes outra vez bordam
As bellicosas praias! . . .
Meia espada despindo o fero Achylles
Ao Rey dos Reys se attreve! . . .
No carro destructor Meneláo vôa,
Lá se trava, e combate
Contra o formoso Adultero, a quem salva
Soccorredora Venus! . . .
Qual em manso redil dois feros Lobos
Ulysses, e Diomedes
Prostram de noite adormecidas Hostes
Do miserando Rheso,
E os cavallos fataes ilezos trazem! . . .
Depondo o capacete
Toma nos braços o assustado Infante
Heitor, e ao lado o rosto
De perolas orvalha a terna Esposa! . . .
Lá de involta combatem
Homens, e Numes! . . . qual trovão rebrama
Do fervido Mavorte
Nas cavernas echi-sonas o brado! . . .
Sobre o Athos lá pousa,
Descendendo do Olympo, a augusta Juno! . . .
Lá Neptuno contempla
De Samothracia os Teucros, e os Achivos! . . .
Deixa em Imbros seo coche,
E aos trepidantes Danaos tras auxilio . . .

Eis vem Vulcano armado
De devorante incendio, e queima os Rios,
Que já piedade imploram!
De Croco, e de Jacintho se matiza
Gargara, em quanto envolto
Em aurea nuvem da Consorte em braços
O Padre se adormece!
Jas Patroclo... Sarpedon, não te valle
De Jupiter ser Prole,
Que no manto da morte estás envolto!...
Eís do amigo á vingança
Frenetico o Pelida se arremessa,
Vai o sangue em torrentes,
Destruidor, como a peste, varre e prostra
Os miseros Dardaneos!...
Surdo aos rogos da Mãi, Heitor o encontra,
E, em torno aos patrios muros,
Prezo ao carro do imigo furibundo,
Se arroja o seu cadaver!...
Eis, succumbindo aos annos, e aos desgostos
Por Cylenio guiado,
O miserando Priamo de beijos (1)
Cobre a Mão homicida,
Que o filho lhe roubou, e a peso de ouro
Lhe rime o espolio exangue!...
Oh! sublime cantor! quando algum dia
Se extingua este Universo,
Da geral destruição benignas Musas
Hão de salvar teus versos,
Para o som de aureas Harpas decanta-los
Nos convivios do Empyreo.

(1) Χερσι Αχιλλησε λαβε γενα τα, και κυσε χειρας
Δεινας, ανδραφονυς, α, οι πολεκω κτανον υιες.
Hom. Il. L. XXIV.

ODE XXXV.

A' Chegada do Principe Augusto.

O della stirpe dell' invitto Marte
Verace figlio, a cui cedé pugnando
Ogni del Mondo piu remota parte,
Non ch'il Belga, il German, l'Anglo, il Nermando
Zappi Sont. II.

I.

Vem, Lysia jubilosa te abre os braços,
Prole do invicto Heroe, de quem recorda (1)
O valor, a justiça, os beneficios
Saudosa a Italia em ferros!

II.

Não vez como das Tagides cercado
O Rio, que já leis dictava ao Ganges,
Acode ao teu encontro, e te sauda
Com clamor jubiloso?

III.

Porque o caminho ao teu baixel ajude
A urna inclina serenando as vagas,
Em quanto d'agoa á flor nadando as Filhas
Co' as niveas mãos o impelem.

IV.

Ah! com menos prazer nos aureos tempos
Por sua larga foz entrando viram
Co' as ledas novas de encontrado Oriente
O aventuroso Gama!

(1) O Principe Eugenio, ViceRei da Italia.

V.

Mas já firmas o pé no chão dos Lusos,
Que de prazer estremecendo, brota
Espontaneo do seio em ledo agouro
Os Myrthos, e os Loureiros!

VI.

Olha da Lusitania as sabias Musas,
Que, as Lyras dedilhando, te recebem! . . .
» Bem vindo! (cantam) vezes mil bem vindo
» Da alta Maria o Esposo!

VII.

» O que de Pedro herdou a espada invicta (1)
» Estrago de Tyranos; o que acceita
» De defender com ella o encargo honroso
» A Lusa liberdade:

VIII.

» A Lusa Liberdade, que comprada
» Foi com tanto valor, com sangue tanto!
» Nos redutos de Cale, e nos do Algarve,
Nas linhas de Ulysseia!

IX.

» Oh nobre Protector das doutas Musas (2)
» Do Rheno, e do Danubio, que teo nome
» Em Cantos immortaes aos Astros erguem,
A' Eternidade votam!

X.

» Musas, e Vates acharás em Lysia,
» Que se o vôo tão alto não despregam,
» Mingoa d'Estro não he! . . . mas foi-lhe avara
» Sempre de Augusto a Sorte!

(1) O Imperador D. Pedro legou ao Principe Augusto a espada, com que ajudou a libertar Portugal.

(2) Dizem que S. A. R. tem grande affecto á Poesia, que a cultiva, e tem na sua livraria huma collecção completa das obras dos milhores Poetas Allemães.

XI.

» Facil definha sem cultura a Planta,
» Facil do Engenho o fogo se esmorece
» Quando do Throno as virações fagueiras
» Benignas lhe não sopram!

XII.

» Mas já ao nome teo propicio Aurora
» Faz que em seo peito as esperanças brotem,
» E de Ti, e da Esposa as acções grandes
» A celebrar se aprompṭam!

XIII.

» Vem Heroe Cidadão, vem chefe invicto (1)
» De Cidadãa Milicia! . . . estes que observas,
» Do Luso Povo Cidadãos Soldados,
» Por chefe já te acclamam!

XIV.

» Não temem arrostrar comtigo á frente
» Phalanges, Esquadrões de Escravas hostes,
» Se cumpre defender Raynha, e Carta,
» Que n'alma tem gravadas!

XV.

» Por ambas morrerão! . . . na Liberdade
» O Throno de Maria está fundado,
» Huma sem outra subsistir não podem,
» Nem a Nação sem ambas!

XVI.

» Mas quem com tanto ardor te aperta no peito?
» A linda Amelia, o Idolo dos Lusos,
» Cujo affecto ganhou com meigo afago,
» Com maternos desvelos! . . .

(1) S. A. R. he Commandante da Guarda Nacional em Baviera.

XVII.

» Tua Irmã, que a te amar nos ensinava,
» A ler tua alma nas virtudes suas;
» Assim formosa Aurora nos promete
» Hum mais formoso dia!

XVIII.

» Maldita a Morte! vezes mil maldita!
» Que assim na flor da Idade a condemnara
» A verter pranto eterno envolta em crepes
» Sobre funerea Urna!

XIX.

» Tal ao Hectoreo tumulo abraçada (1)
» A mui leal Andromacha, regeita
» Ternas consolações, e invoca a sombra
» Do defensor de Troia!

XX.

» Eia!... da tua Amelia os passos segue,
» Que ao Thálamo de Esposo te encaminha;
» Ella he digna de ti! sua ventura
» Lysia de ti confia!

(1) Solemnes tum forte dapes, et tristia dona
Ante urbem luco, falsi Simoentis ad undam,
Libabat cineri Andromache manesque vocabat
Hectoreum ad tumulum, viridi quem cespite inanem,
Et geminas, causam lachrymis, sacraverat aras.
Virg. Aneid. Liv. II. vers. CCCCI.

ODE XXXVI.

A' Sr^{a} D. Maria Isabel Ferreira.

Se l'Angiolletta mia tremolo, e chiaro
Alle stelle, onde scese, il canto invia,
Ebra del suono, in cui se stessa obblia
Col Ciel pensa la Terra irne del paro.
Testi.

I.

Nova guerra intimando á Natureza,
O deshumano Amor tinha formado
Seus crueis Batalhões, tenindo ao hombro
Curvo arco, e plena aljava!

II.

A' grande expedição dos Ceos se arrojam,
Qual plumosa Colonia, que fugindo
Da rispida Estação vai de arribada
A Ceos mais aprasiveis.

III.

Ei-los na Terra: hum amoroso influxo
Como electrico fogo abala tudo,
Une-se planta á planta, o bruto ao bruto,
E o Racional suspira!

IV.

Já sibilam nos arcos recurvados
Os buidos farpões; gemidos soam;
E o ciume feroz co' as negras azas
Assombra a face ao globo!

V.

Prezos Entes innumeros, ávante
O cruel vencedor segue a Victoria;
Hia acabar no mundo a Liberdade
Sem hum ditoso acaso!

VI.

Onde o Tejo triumphal por floreas margens,
As correntes auri-feras desdobra,
Ouve Isbella cantar, e então suspenso
Fica o Tyranno hum pouco!

VII.

Presta funda attenção; descora, esfria,
Cahem-lhe armas, e esforço, pende á terra,
E o que inteiras Nações rendem ha pouco
Rendido a Isbella fica!

ODE XXXVII.

A' Excellente Actriz Josefa Thereza Soares.

L'Illusion, cete Reine des coeurs,
Marche a tá suite, inspire des alarmes;
Le sentiment, les regrets, les douleurs,
Et le plaisir de repandre des larmes.
Voltaire Epist. á Mad. Gossin.

I.

Debalde o sabio Prometheo lidando
Com mão solerte humedecido Barro,
Plasmara hum vulto, que em feições, em talhe
Jove semelha! . . .

II.

Debalde a trança lhe debruça em ondas,
Lhe rasga os olhos, o nariz lhe afila,
Lhe avulta as faces, lhe dilata a boca,
Barba crinesce!

III.

Debalde, em meio de igualados hombros,
Surgir fizera o torneado collo,
Debalde ao termo de nervosos braços
Mãos espalmara!

IV.

Em vão sústera o bempalpado Tronco
Duplece escora, apta a suste-lo immoto,
Apta a leva-lo de hum lugar ao outro,
Rapida, lenta!

V.

O apuro excelso do Esculptor divino
Seria apenas linda Estatua morta,
Se de hum seo raio não fraudasse a Phebo
Sabia Minerva!

VI.

Tocado o Busto do sidereo lume,
Scintillam-lhe olhos, vem-lhe á face as rozas;
Purpureo rio lhe decorre as veias,
Move-se o homem!

VII.

Rival do Filho de Japeto eu pude,
Fervida a mente de Phebeio influxo,
Formar Medea! Shakespear tivera
Vendo-a ciumes!

VIII.

Ah! tu, que pódes, Theatral Minerva,
Tu aviventa esse gentil composto;
De ti he digno, delle hes digna, surja
Comtigo á Scenna!

IX.

Tacito susto, ao coração em gyro
Congelle o sangue da Donzella amante,
Tema ao ouvir-te, que o seu bem se volva
Perfido Grego!...

X.

Quando levantes o punhal, e ao Filho
O golpe impendas... oh! detem-te, brade,
Mãi extremosa!... astri-formoso Infante
Una a seo peito!

XI.

De crebro applauso retumbando em roda
Trema o Theatro! da grinalda minha,
Flores, que a trança, tirará, te exornem,
Tragica Musa!

ODE XXXVIII.

Improvizada vendo passar a guarnição da Fragata Cisne, que voltava de Argel resgatada.

Auro redemptus scilicet acrior
Milles redibit! flagitio additis
Damnum.
Horat. Lib. III Ode V.

I.

Resgatam-se, aditando o Mouro infido,
Lusos Nautas, que armados se renderam,
Como se á Lusitania pertencessem
Cobardes combatentes!

II.

Que espera a Patria do que em pés, e em pulsos
Traz os vergões de barbara corrente?
Do que humilde tremeu ao grito, á vara
Do Cómitre Agareno?

III.

Pensa que de outras armas revestido,
N'outra peleja os Mouros desbarate?...
Não! que esforço viril não ressuscita
No peito, em que morrera!

IV.

Solto das rêdes é valente o Cervo? (1)
Recobra a lãa tingida a côr primeira? (2)
D'alma a metade ao que empolgou co' as garras
A Escravidão não rouba?

V.

Do opprobrio ao damno outro maior ajuntas,
Do ouro o dispendio; a luz do brio apagas;
Se o que poude morrer, e acceitou ferros,
Mal-conselhada Patria.

VI.

Prosegues em remir! . . . ah! verás breve
Virem de Argel, e Tunes os Corsarios
Os teus navios capturar nas aguas
Das Fortalezas tuas.

VII.

Não era assim quando de Lysia os bravos
Com ferro, não com ouro, os seus remiam;
Quando as Cortes negaram por Fernando
A conquistada Ceuta!

(1) Si pugnat extricata densis
Cerva plagis; erit ille fortis
Qui sese perfidis dedidit hostibus,

(2) Neque amissos colores
Lana refert medicata fuco
Horat. Od. V. Liv. III.

LIVRO III.

ODES HORACIANAS MORAES.

ODE I.

A' Esperança.

Vem, vem, doce Esperança, unico alivio
D'esta alma lastimada,
Mostra na croa a flor de Amendoeira,
Que ao lavrador pervisto
Da Primavera proxima da novas.
Francisco Manuel.

Foram-se as neves, os trovões, e as chuvas,
E o calor bemfazejo
Do renascido Sol Natura accorda
Da inação, do letargo!
Pelas veigas, que os frios não apertam,
Temeraria Violeta,
Do Floreo Reyno Embaixadora amavel,
Vai levantando a fronte,
Que affaga o olfato, que emfeitiça os olhos,

Roupagens de Esmeralda
Veste a Terra: abrigar-se em nossos campos
Lá de gelidos climas,
Progne já volve, e a Irmãa a injuria antiga
Que n'alma inda lhe punge,
Em dulci-sono canto lhe deplora,
E lhe responde em coro,
Sonoroso trinar do alado Povo.
Maculosa Serpente,
Que tumida jazêo no gelo envolta, (1)
Ora de acceza crista
Despe a velhice, e a pelle, e o Sol enfia,
Em sibilos brandindo
A tri-farpada lingoa!... em quanto ao longo,
Pelas margens dos rios
Segue na flauta da Pastora ás modas
O Pastor, sobre a relva
Vendo os Gados brincões pular contentes.
Tua Estação he esta,
Doce Esperança!... em reluzente nuvem
Tu desces sobre os campos
Pela mão da risonha Primavera!...
He ella a Aurora do Anno,
E tu da vida o Sol, doçura, e mobil!...
Flor dos mimos de Jove,
Nada ha grande sem ti, nada ditoso!
Tu hes quem leva ao campo
O denodado Heroe, co'a gloria em mira.
Por ti, sem susto arroja

(1) Vestibulum ante ipsum, primoque in limine Pyrrhus
Exultat telis, et luce coruscus aena;
Qualis ubi in lucem Coluber mala gramina pastus,
Frigida, sub terra, tumidum quem bruma tegebat,
Nunc, positis, novus, exuviis, nitidusque juventa,
Lubrica convolvit, sublato pectore, terga,
Arduus ad solem, et linguis miscat ore trisulcis!
Virgilio.

Por entre os Esquadrões, por entre o fogo
O fervido Ginete!...
Por ti Gama, e Colomb, soltando as velas
Por incognitos rumos,
Uniram novo Mundo ao Mundo antigo!
O Mercador avaro,
Por ti não teme de arrostar Neptuno!
A' tua voz suando
Abre o Agricula os sulcos d'onde brotam
As luridas Espigas,
Sustento das Nações, riqueza dellas;
E o Mineiro da Terra
Vai no centro escavar a prata, o ouro,
Que ou chamam sobre os Povos
Altas Venturas, ou mortaes desditas!
Do teo bafo se alenta
Mal-premeado Amante, que em suspiros
Envia parte da alma
De huma Ingrata pulsar, tremendo, o ouvido!...
Tu confortas o Emfermo
Sobre hum Colchão de dores!... a penuria
Comtigo o pobre esquece,
E em lugubre masmorra o Prizioneiro
Canta ao som das correntes. (1)

(1) Estes versos me foram suscitados pela bella *sirvente* (canção na Lingua Provençal (que o bravo, e desgraçado Ricardo 1. Rey de Inglaterra, aleivosamente encarcerado na Alemanha, e entregue ao Imperador Henrique VI, quando voltava de Palestina (*) compoz na sua prizão: eis aqui a 1.ª Strophe

Ja nul hom pris non dira sa rason
Adreistement se comme hom doulent non:
Ma per conort pot el faire chanson,
Pro a d'amis; mais poure son li don,
Honta i auron se per ma reeson
Souy fach dos yvers pris,

(*) Veja sobre este successo, e seus motivos o Padre d'Orleans.

Historia da Rev. de Ing.

Encostado em teo hombro, em ti co' a vista,
Ante o Rey ressentido
Se apresentou Moniz » Eu fui (diz elle
Com accento não tremulo)
» Temerario em jurar; do regio Moço
» O espirito brioso
» Regeita sujeição, pague a cabeça
» O delicto da Lingua,
» Farta de sangue meu buido Alfange,
» Rey, com causa agastado,
» Que a palavra cumprindo o peito offerto! . . .
Tanto no Heroe podia
A formosa Ambição de immortal gloria,
E o quadro linsongeiro?
Em que, oh doce Esperança, lhe mostravas
Os ultimos seus Netos
Enramando-lhe hum Tumulo de Flores!
Vem pois, benigna Deoza.
O azilo entra do Vate, que te envoca,]
E te consagra a Lyra!
Nas aras tuas, que enfeitei devoto
Co' a flor da Amendoeira,
Desangrada verás em sacrificio
A rez, que te he mais grata! . . .
Oh possa eu sempre desfructar teus mimos,
E, da prizão terrena
Ao remir-re minha alma, entre teos braços
Desfalecer tranquillo!

ODE II.

A' Verdade.

L'Eternel nous cacha ces objets des Sciences,
Il nous rendit heureux sans tant de connaissances.
Le Roy de Prusse.

I.

Deshumana Verdade,
Perenne manancial de nossos males,
Retalhadora, aspérrima tyrana
De nossos corações, de nossas almas,
Foi de vingança em hora,
Que ao Mundo te enviou Jove agastado.

II.

Ao clarão de teu facho
Foram em fuga as Illuzõens amaveis,
Que da vida o caminho tapizavam
De candidos jasmins, purpureas rozas:
Nunca mais as veremos
Nossa face ameigar com mão benigna.

III.

Onde os bens, ó Verdade,
Que prometeste aos credulos Humanos!...
» Eu vos fiz ler (dirás) fundos misterios
» Da maquina do Mundo; pezar tudo
» Por seu real emporte;
» Ler sem vos illudir no amago d'alma.

IV.

Teus favores são esses? . . .
Leva-os embora aos Incolas do Averno.
Roubaste-nos o nectar da existencia,
E com dextra de bronze, em plumbea taça
Aos labios nos chegaste
O fel da isolação, e do receio.

V.

Em teu hombro encostado
Carrancudo Philosopho me clama:
» Prezumes, Nescio, que os fulgentes astros,
» Que os olhos te enfeitiçam, te alumiam,
» Sam meigas Divindades,
» Sobre o Mortal vellando, accorde, ou durma? . . . (1)

VI.

» Despe tão rude engano,
» São como este, que pizas, meros globos,
» Crês que moram nos bosques ruraes Nymphas? . . .
» Erras: Pois Amizade, e Amor ao menos (2)
Com seu balsamo abrandem
Meus agros, espinhosos dissabores,

(1) J'ai dejá dit ma pensée sur le systême des Anciens, que peuploit tout l'Univers de substances moyennes entre Dieu, et l'Homme. J'ajouterai ici que ce systeme ne pouvoit manquer de reussir parce qu' au fond nous sommes si persuadés de notre faiblesse, de la disete de nos talens, que nous rapportons toujours à quelque chose exterieure tout ce qui peut nous arriver d'heureux, nos bons mouvemens, le succés de nos affaires. De lá sont nées tant de Divinités dont le Paganisme abondoit, inventées proprement pour leur faire honneur de nos vertus, et pour nous en oter la gloire: comme si, malgré tous nos efforts, nous ne pouvions rien meriter. De la sont venu les Anges, les Genies distribués suivant le systeme de Platon, qui veilent à tout le governement subluaire, et qu' avertissent chaque Homme de la voie dans la quelle il doit marcher.

Mr. Deslandes Histoir. Critique de la Philosophie.

(2) Amitié. doux penchant des humains vertueux,
Le plus beau des besoins, et le plus saint des noeuds,
Le ciel te fit pour l'homme, et sur tout pour le sage.

De Lille.

VII.

» Que fallas d'Amizade?
» Que me fallas de Amor! sonhos! . . . chimeras!
» Nesses augustos, respeitosos nomes
» Se envolve apenas sórdido interesse:
» O Amigo, que te abraça,
» Onde crave o punhal c'os olhos busca.

VIII.

» Imaginas que Lydia,
» Que te chama seu Bem, que nos teus braços
» Languida morre, e languida resurge,
» Te he fiel, e te adora? Como a Abelha
» De flor, em flor adeja,
» Vôa perjura de hum amante a outro.

IX.

Se os astros não m'escutam,
Se n'hum bosque estou só, se Amor he sonho,
Se Amizade he chimera, talvez ache
No estudo de mim mesmo os meus prazeres! . .
» Novamente deliras,
» No Mortal, que verás? . . . Hum verme a rojo.

X.

Se teu fructo, ó Verdade,
A perda he do prazer, eu te maldigo. (1)
Volve Amor, Amisade, illusão, volve, (2)
Povôa os bosques, diviniza os astros,
Entre os vossos feitiços
Morro enganado, mas ditoso morro!

(1) Solem enim é Mundo tollere videntur, qui amecitiam é vita tollunt; qua a Deis immortalibus nihil melius habemus, nihil jucundius. *Cicero.*

(2) Venez Plaisirs charmans, venez Graces naiyes,
Que vos jeux desormais embellissent nos rives,
Je consacre mon Luth au beau Dieu des Amours,
Je suis sous son empire,
Dejà ce Dieu m'inspire,
Adieu, Mars, pour toujours.
Frederic, Roy de Prusse.

ODE III.

Allegoria.

Si pourtant quelque Esprit timide,
Du Pinde ignorant les detours,
Opposoit les regles d'Euclide
Au desordre de mes discours,
Qu'il sache qu' antre fois Virgile
Fit meme aux Muses de Sicile
Eprouver de parcils transports,
Et qu' enfin cet heureux delire
Peut seul des Maitres de la Lyre
Immortaliser les accords.

Rousseau.

I.

Oh Nau soberba, que por mar de leite,
Soltas vellas, e flamulas vogavas,
Em teo rumo tranquilo demandando
O Porto da Ventura!...

II.

Que Aquilo, e Boreas subito bramindo
Contra ti rebentar unidos viste,
Romper-te a Enxarcia, derribar-te as Vergas,
Sumergir-te o Piloto!

III.

E d'improviso o Aquilo amainando,
A Boreas resistindo astuta, e forte,
Em fim ganhaste as praias do repouso
Com constancia inaudita;

IV.

Oh pelos Ceos, que aos impios habitantes,
Que tam bem a acolheram, e te affagam,
Não se fie, a que intrepida te rege,
Generosa Equipagem!

V.

Sam Listrigões!... sam perfidos!... dególam
Do somno em braços hospedes encautos,
Ou, em traidor banquete, impio veneno
No vinho lhe misturam!

VI.

Este o asilo, que o barbaro Diomedes
Offertava n'hum bejo refalsado,
E o impio Polyphemo ao Grego astuto,
E aos tristes, que o seguiam!...

VII.

Fugi da infanda Terra, oh nobres Moços,
E de novo insultando ventos, mares,
Não deis fundo se não no ameno porto,
Que segurança he dito!

ODE IV.

A Invasão Franceza.

Neque
Per nostrum patimur scelus
Iracunda Jovem ponere fulmina
Horat.

I.

Assás lançado Jove colerico
Tens sobre Lysia setas mortiferas:
Assás rasgado a Guerra
Tem já seo seyo candido.

II.

Vimos cobrindo Phalanges barbaras
Ferteis campinas que o Tejo aurifero,
Entre flores correndo,
Rega tranquillo, e placido:

III.

Vimos por terra pizadas, láceras
Sacras bandeiras, que outr'ora a Affrica
Curva adorou com o Indo;
E a recem vista America.

IV.

Vimos roubados com mãos sacrilegas
Puros Altares, que, em vez de victimas,
Tingiam com seu sangue
Assassinados Flámines.

V.

Do Despotismo martello horrisono
Sobre a bigorna batia fervido
Corrente eterna, e dura
A nossos pulsos tremulos.

VI.

Os que, a aditar-nos sulcando o pelago
Ricos thesouros, vinham undivagos
Sam do fero Estrangeiro
Presa á avaricia sordida. (1)

VII.

Inda fumegam nos campos horridos
Com sangue, e cinzas Leiria, e Evora;
E assustado o Habitante
Conta o successo tragico;

VIII.

» Aqui, diz elle, brioso, impavido,
» Aberto a golpes de imigos Vándalos,
» Eu vi cahir Almonte
» Banhado em sangue tépido.

IX.

» Nenhum mais basto gado lanigero
» Contou pulando na relva morbida:
» Ou mais extensos campos
» Cobrio de espigas luridas.

X.

» Nunca a seus lares Pobresa misera
» Pulsou debalde: remio benefico
» Mil Orfãos desvalidos
» Da Fome ás garras tétricas.

XI.

» Alem renhindo Tigres famelicos
» Por terna Virgem, com furia horrifica,
» Poupando-a a mor desdouro,
» A espedaçaram rabidos.

XII.

Neste de males profundo Bárathro
Tu nos lançaste, nefando seculo,
Que de nós tão remota,
Tens a virtude timida.

(1) A enorme contribuição lançada sobre este Reino.

XIII.

De Heroes famosos Netos degéneres,
Torcendo o passo da estrada lúcida,
Que os conduzira á gloria.
A perdição corriamos

XIV.

Da vil Molleza nos braços languidos,
Não caprichava nos jogos belicos
Do primor, do triumfo
O Prevertido Jóvene;

XV.

Mas sabe em paga na infame Cithara
Das Lays o nome cantar armonico,
Como a des-horas entre
D'alheia esposa o Thalamo!...

XVI.

Oh pejo! oh crime!... que direis Pósteros?...
Matrona illustre sem pejo a escandalo
Franca diz que a seus filhos
Não sabe o Pai legitimo.

XVII.

Mas se violento co' a dextra rubida
O Réo fulmina, se o acha súplece,
Jove espalha a tormenta,
Volve a bonança placida.

XVIII.

Se ao Ceo envias humildes suplicas,
Vertendo, oh Lysia, sinceras lagrimas,
Verás o Sol da dita
Dourar-te a escura athmósphera!

ODE V.

Ao Somno.

Je t'attends, vole, ó doux sommeil,
Qui regnes sur la Terre entiere
Tour á tour avec le soleil.

Fusclier.

Com que doçura desusada os membros
Me prendeste, e sentidos
Hoje, oh benigno Somno! quanto tempo
Ha que, em vão revolvendo
Na ingrata pluma o quebrantado corpo,
Com debil voz bradava «
» Vem, do Silencio carinhoso Filho!
» Vem, meos despertos olhos,
» Com a vara letargica tocando,
» Em supor deleitoso
» Meos pezados desvelos adormenta! ....
» Assim de Pasythea
» Sempre mais vivo, sempre mais constante,
» Por ti o amor floresça! ....
» Assim depares sempre em seo semblante
» Novas graças, e encantos! ....
Mas, surdo aos rogos meus, longe teo vôo
Dos Lares desviavas
Do suplece Cantor, e aos aureos Tectos
Dos mimosos da Sorte
Teus dons hias levar mal-recebidos! ....
Em quanto horrida turba

De Espectros feios, de medonhos Sustos,
De Visões espantosas,
Em torno de meo leito divagando,
A idea me atterravam!
Hoje porém desceste, e a flux a taça
De teu nectar suave
Me fizeste esgotar! entre teos braços
Jazi inteira a Noite
Em branda paz, que a do sepulcro imita!
Oh ditosos aquelles,
Que, adormecendo, nunca mais despertam!
Mas tarde ao desgraçado
Esse mimo concede a Natureza!...
Mas tu ao menos pódes
Dar-lhe, piedoso somno, que a miude
Tal ventura antegoste?...
Ah silencioso Deos! se cotinnuas
A vezitar meos Lares,
Se ás vezes me concedes, que entre sonhos
A imagem de Josina
Com amoroso gesto se me antolhe,
A minha eburnea Lyra,
Que outr'ora enfeitiçou do Tejo as praias,
Já cantando as Virtudes
De briosos Heroes, que a Patria honraram;
Já soltando arrojado
Germanos Cantos por affoito estillo;
Aquella eburnea Lyra,
A que juntar não desdenhou seo metro (1)
O portentoso Homero,
Virgiliano Delille, d'ora avante
Em piano sonido
Louvores do teu Bem, e os teos Louvores
Resoará somente!

(1) Alude a Tradução da Imaginação de Delille, que o Author publicou em 1817, e da Illiada de que publicou o 1.° Livro em 1811.

ODE VI.

Ao Padre Manoel Ferreira Giraldes.

Tu, quidem, ut es lecto sopitus, sic eris ævi
Quod superest, cunctis privatus doloribus ægris
. . . .
Quid tibi tantopere est mortalis, quod nimis ægris
Luctibus indulges? quid mortem congemis ac fles?
Nam si grata fuit tibi vita ante acta, priorque
Et non omnia pertusum congesta quasi in vas
Commoda perfluxere, atque ingrata interiere,
Cur non ut plenus vitæ conviva recedis!

Lucr. Liur. III.

Tão preciosa, Dorindo, a vida encontras? . . .
Tão arduo te parece
Dizer eterno a Deos ao mundo, á Gente?
Tu, que outr'ora a meo lado
Escutaste as lições, que o bom Limano (I)
Da magistral cadeira
Aos attentos Discipulos dictava,
Tu, que já de Epitecto
Releste extasiado aureos dictames,
Que ao somno esquivos olhos
Sobre os livros de Seneca rendias,
Mulhermente receas
Restituir teu corpo á socia Terra!
Que bens lograste, e perdes?
Emborcou-te a Fortuna os amplos cofres?

(1) O Padre João Silverio de Lima, Professor de Philosophia Racional, e Moral.

Acaso reflectido
Do rutiloso Sol da Magestade,
Qual Cinthia illuminaste
Com alheio fulgor teus conterraneos?
Divina Melodia
Te acalantou nos braços da Riqueza?
Seus mais viçosos pomos
Te offereceo risonha a Formosura!
Da Pobreza e do Honesto,
Obscuro Cidadão, marchando em meio,
Tens gasto essa existencia,
E saudades terás de hum Mundo infame;
Onde prospera o Vicio,
Onde a Fraude triumpha, onde a Virtude
Geme aos pés da Insolencia,
Se persegue a Verdade, e o Genio opprime?
Vê Socrates, que bebe,
Victima da Rasão, lethal Cicuta!...
Vê cego Belisario
Mendigando no Imperio, que salvara!...
Co'a vencedora dextra
No morrião, que abolara a Goda espada,
Hum obolo recebe!...
Famelico, descalço, e roto, e quasi
Insano pelo excesso
De tanta desventura, a Italia gira
O Cantor de Goffredo
De immeritas prizões fugindo a custo!...
Vê Leibnitz no desterro,
Lavoissiere em patibulo affrontoso!...
E sem que Lisia deixes,
Que recompensa teve o bom Pacheco?...
Porquem anda esmollando
Aquelle honrado Ethiope?... Homem digno
Do canto de hum Virgilio,
Ou desse, cuja vida assim prolongas,
Emfermo em pobre leito

O divino Camões, o Luso Homero
Suspira pelo auxilo,
Que com pejo virtuoso lhe grangeias! . . .
E o seu Rival Thomino
Proximo a perecer, sem pés, sem olhos
Onde agora o deparas? . . .
Onde findou Garção? . . . Alfeno aonde! . . .
Onde o nosso Philinto
Em breve acabará! . . . em terra alheia
Sem a mão de hum amigo,
Que as palpebras lhe cerre! sem que ao menos
No ponto extremo escute
De seu nativo Idioma o meigo accento;
Misero! . . . em ar estranho
Exhalará o Espirito! . . . ah! quem póde
Com tão feios exemplos
Inda a vida prezar? qne espera o Sabio! . . .
Que espera o virtuoso! . . .
Magoas, perseguições, trabalhos, lidas,
A indigencia, o desprezo! . . .
Oh! não! benigna Morte, ah! tu me poupa,
Acolhe-me em teu gremio,
E minha alma recosta no paterno
Seio de hum Deos piedoso!

ODE VII.

Ao Sr. João Vieira Caldas, Alferes do Real Corpo de Voluntarios Commerciaes, mandando pedir-lhe as Obras de Francisco Manuel.

Oh di stato, e di fortuna
Potesse io cangiar con te!
Metast. Zenob. Act. I. Scen. III.

I.

Viajante immenso de ignorados Mundos,
Militar, Caçador, Mercante, e Vate,
Philosopho, Estadista, Alumno eximio
Do Lyceo do Rocio;

II.

Tu que ladino da existencia as nuvens
De prazer com relampagos matizas,
E a porta fechas ao protervo bando
De aturados desgostos.

III.

Caldas jovial, que do motejo as setas
A' flux encravas no brutal Travanca, (1)
Quanto o génio te invejo, e esse elasterio
D'espirito inturbado.

IV.

Dos braços de Lycêo, de Amor ao braços
Passas sem custo; se Mavorte o manda
As' armas corres, se a Mercurio aprouve,
Tranquillo vás á Praça! . . .

(1) Célebre estupido, que o Amigo, a quem dirijo este Poema, fazia desesperar, intimando-lhe como certas disparatadas viagens a Paizes, que nunca existiram: divertimento que se nos tornava em verdadeira comedia, e lhe adquirira o epitheto de Viajante, entre os Amigos, e para os quaes = Viagem, e Mentira = eram synonimos.

V.

Triste de mim, a quem louçãos Amôres,
A quem não ri Prazer, e a mão pezada
Da esréril, sem sabor Melancolia
O coração rebenta! . . .

VI.

Manente o Sol, entre empoeirados rumas
De Cívicos Papeis barafustando,
Estrago a vista, de paciencia apuro,
Athe, que assoma a Noite,

VII.

E languido, e cançado aos lares volvo;
Mas se procuro amenisar hum pouco
O amargor da tristeza, tenue allivio
N'outrs fadiga encontro.

VIII.

Com Kant estudo, Newton me illumina,
Buffon da Natureza abre-me arcanos,
Com Heródoto, e Livio o veo levanto
Dos annaes do Universo.

IX.

De Smyrna o Bardo sobre as azas do estro (1)
A's campinas Ilíacas me arroja,
Vejo o Simões em sangue, o Xanto em fogo,
Homens preliando, e Numes.

X.

D'aqui Ajax veloz, d'alem Sarpédon, (2)
Pelos Teucros Heitor, por Grecia Achylles,
Estão librando a ferro, a sangue, a fogo
D'Europa, e d'Asia os fados.

(1) Assim chamavam os Germanos aos Poetas, que com seus Cantos celebravam os Heroes, ou animavam os Soldados nas batalhas, e a quem quadrará melhor tal nome do que a Homero?

Vos quoque, qui fortes animas, beloque peremptas,
Versibus in longum, Vates, dimittitis ævum,
Plurimis, securi, fudisti carmina, Bardi.

Lucano Phras. Liv. I.

(2) Consulte-se a Illiada, ubique.

XI.

Lamento o honrado Priamo: já corro
A soccorrer Andromacha infelice,
Que o Filho beja em lágrimas, e eis noto
Sobre elevada Torre

XII.

A Argiva divinal, que attenta ás pugnas,
Que accendem seus encantos, como a Lua
Os mares, qne revolve, e ouvindo-a, e vendo-a
Quasi lhe absolvo o Amante.

XIII.

Oh! quanto custa á Lusitana Lyra
Transpor de Homero a solpha portentosa!...
Oh! quanto conservar-lhe o garbo, a força
A's mui difficeis notas,

XIV.

Que mil não deram, mil desafinaram,
Menos, Pope o teu genio, e o teu, ó Monti, (1)
Mas se, havendo os pinceis em vão cançado
De arduo objecto na copia,

XV.

Destro Pintor de subito effervece
De Wanloo, ou d'Albano ao ver hum quadro,
Talvez consigam de Filinto os versos
Afferventar meu Estro,

XVI.

E sons prestar-me, que de Homero exprimam
Os enérgicos sons: seu livro de oiro
Me envia, oh! Caldas, faça obsequio ás Musas,
Quem tanto ás Musas deve!

(4) Alexandre Pope, o melhor dos Inglezes Traductores de Homero, e nisto sem rival em quanto entre os Italianos não appareceram o celebre Poeta o Abbade Vicente Monti, e o Cavalleiro Hypolito Pindemente, dos quaes o primeiro traduzio a Illiada, e o segundo a Udisseia, ambos com a maior perfeição.

ODE VIII.

Ao Sr. João Vieira Caldas.

Il fant parmi le Monde une vertu traitable,
A' force de Sagesse ou pent ete blamable;
La parfaite raison fuit tonte extremité,
Et vent que l'on soit sage avec sobrieté.
Moliere Misantr. Act. I. Scen. I.

I.

Se o doce Aonio c'os Tufões a braços,
Vai ver no gremio da rosada Aurora
Nascer Infante o Dia á verde sombra
Dos frondosos Palmares,
Que ao Ganges expiador as margens orlam!

II.

Teo pranto, oh Caldas, censurar não ouzo;
Não deslustra o Guerreiro o sentimento
Chora o Pelida se o seu Bem lhe roubam,
Ou ve morder a terra
A esvair-se de sangue o caro Amigo.

III.

De ti se auzenta o Irmão, metade tua,
Quasi em annos igual, socio em prazeres,
Na dor consolo! . . . mas não des no excesso!
Triste fado he dos homens
Ser-lhe a propria Virtude estrada ao Vicio!

IV.

O turbido sobrolho desenruga,
Dilata o coração, que a magoa empena,
Espulsa, ou, se istó he muito, adoça ao menos,
O amargor da saudade
Co' este Licor, que Bromio te offerece,

V.

Eis o Bressane, e o Maximo, que ajudam,
Comnosco empunha a taça! erga-se a Aonio
Immensa libação!... nas azas do Estro
Quando as vellas desfira
Vá consola-lo nosso adeos sincero

VI.

Já não descora o duro Granadeiro
Do Indo o nome escutando: alegre Nauta
Medonho Adamastor desdenha ao longe,
E volve em breve ovante,
Como Aonio vira, fulgor na Patria!

ODE IX.

As saudades de melhor Tempo.

Questo é il fággio, Amarilli, e questo é il rio,
Ove Thirsi, il mio ben lieto solea
Venir alle fresche ombre, allor che ardea
Con maggior fiamma il luminoso Dio,

Faustina. Maratti.

I.

Estes os Sitios, que a mimosa Infancia
Me acolheram benignos: estes troncos,
Ora de vinte Invernos carregados,
Quando eu nasci, nasceram!...

II.

Como parece, que risonhos folgam
De acolherem com sombra o prisco Alumno,
Ai quam diverso do que então me viram,
Ora aqui me recebem!...

III.

Murchou duro Desgosto a cor das faces,
Banio dos labios festival sorriso,
E com gélida dextra afogou n'alma
O prazer pululante!

IV.

Lanso os olhos em torno, e quanto observo
Que saudosas memorias me recorda!...
He este o tanque em que eu expunha ao Vento
Navios de cortiça:...

V.

Como tudo mudou!... barbaro ferro
Extinguio a Parreira, a cuja sombra
Em corridas, em luctas longas horas
Com meos iguaes folgava.

VI.

Inda essa rua, que atravessa a Herdade,
Não se estendia aqui!... ondeavam messes
Por onde agora os tardos Bois arrastram
Os chiadores carros!

VII.

Recendente Alecrim, verdosa Murta,
Horta frugi-ferente, que em Meandros
Rega a torcida limpha, novo he tudo,
Meus olhos tudo estranham!...

VIII.

Ja repousa na Terra o Dono amavel, (1)
E mesquinho Senhor domina agora,
E a Caseira banio, que tantas vezes
Em seus braços me trouxe!

IX.

Longos serviços, probidade exacta
Nada á triste valeo!... cansados annos
La vai a degraçada ao desamparo.
Arrastrar na indigencia!

XX.

Aqui á sombra da Arvore de Tysbe
Mudo rscolherei memorias ternas!...
Talvez aqui mais recordar não possa
Os prazeres da Infancia!

(1) Domingos Pires Monteiro Bandeira.

ODE X.

A Lieutard.

Trahit sua quemque voluptas
Virg.

I.

Em dourado caminho estrepitando,
Folga o ouco Myreo, quando posterga
Nas ruas, que embaralha, quantas seges
Avante lhe corriam.

II.

Namorado de si o fofo Auliso
Nem pelos proprios Numes se trocara,
Se attrahio no Passeio os vagos olhos
De lepidas Madamas.

III.

Cravando aquelle pelos Ceos a vista,
Compõem, descompõem Mundos, e insensato
Cuida dar Leys aos Orbes, quando o pobre
Nem a si reger sabe.

IV.

Eu outro a expensas de ouro, Insectos, Pennas,
Pintadas Conchas, Esqueletos d'Aves,
Sofrego ajunta, em quanto os rotos Filhos
Escasso Pão almejam!

V.

Amaldiçoa o mar, que a nado evade,
Ganhoso Mercador, e, ao vello em calma,
De novo fia ao perfido Elemento
Os dias que salvara!

VI.

Outro esquecido da saudosa Esposa,
Das doçuras de amor; pezado o braço
Do lustroso fusil, fatiga os montes
Na piza ao veloz Gamo!

VII.

Dominante Paixão arrastra a todos;
Eu Estranho ás Invejas, e aos Partidos,
Sem de nada curar, mesmo da gloria,
Porque se matam tantos.

VIII.

So desejo viver tranquillo, e quedo
A teu lado, oh Lieutard, as amarguras
Adoçando no Nectar, que produzem
D'Hesperia, e Lysia os montes! . . .

IX.

E passeando na inmanchada Lyra
Os dedos perguiçosos, teos feitiços
Hir descantando em sons, a quem sobeja
Ser de ti escutados;

X.

Em extasis de Amor beijar-te as faces,
As niveas mãos, os tentadores olhos,
E em teo morbido seio esperguiçado
De manso adormecer-me!

ODE XI.

Despedida a Amor, e ás Musas.

Muses, gardez vos faveurs pour quelque autre;
Ne perdons plus ni mon temps, ni le votre
Dans ce debats, ou nous nous egayons;
Tenez, voilà vos pinceaux, vos crayons,
Reprenez tout: j'abandonne, sans peine,
Votre Helicon, vos bois, votre Hypocrene,
Et vos lauriers d'êpine envelopés,
Et qui la foudre a si souvent frapés.

Rousseau.

Outra vez (embocando
O Clarim do prazer, e a aljava prenhe
De envenenadas settas,)
Mandas que siga, Amor, teus estandartes,
E que entre em novas pugnas? ...
Compassivo huma vez, oh Nume, poupa
Teu não remisso escravo:
Já combatí, valente, e não sem gloria, (1)
Da ternura no campo
Por teu Imperio, oh Deos! ... inda gotejam
Não fechadas feridas
Do coração, que impavido rasgavam
Das Marcias, das Licores
Olhos gentis, sorrisos vencedores.
Inda repete o Echo
Nas longas praias, que entrecorta o Tejo,
Ardentes cantilenas,
Em que elevei da Cithara nas falsas
Aos Astros teu Imperio.

(1) Peleijei, peleijei, (e não sem gloria)
Nas barbaras, indomitas phalanges
Do forte domador de humanos peitos,
Insano Amor potente.
Garção, Od. II. Stroph. II.

No teu soberbo Capitolio ainda
Pendem trophéos sem conto
Que este braço alcançou! . . . Mas ora é tempo
Que, as vellas amainando,
Entre no porto alfim: d'adolescencia
Murchou-se a florea quadra,
Primavera da vida: perto assoma
O Estio co'a prudencia,
Serios cuidados, rigidos deveres;
Mais severos estudos,
Pedem minha attenção: reclama a Patria
Do incansavel cultivo,
Que dera a meu espirito nascente
O fructo, a recompensa.
Lindas filhas do Ismeno, eu vos entrego
A Cythara sonora,
De que mantive em ambas as Fortunas
Illesa a dignidade.
A influxo vosso surgirão quaes Astros
Mais felizes talentos,
Q'as prestigiosas cordas lhe temperem,
Não lamenta Lucullo
Tenue jactura de metal luzente;
Não defalca o Danubio
Mesquinha soga, que infeliz Colono
Torce a banhar seus Campos,
Nem vai menos soberbo, ou mais tardio
Ao negro Mar por guerra.
A que porção longiqua do Universo
Não chega o vosso Imperio!
Té nesses Campos de tristonho aspecto
De Phebo onde os reflexos
Luz não diffundem, são visiveis trevas,
E tem horrido Inverno
Gelado o mar, gelladas sempre as fontes,
Entre as neves entoam:
Seguindo os vôos de Venusa ao Cisne

Na Lyra altisonante,
Dersehávim, Lomónson aureos Hymnos; (1)
Sobre a Tragica Scena
Ssumarokow grandiloquo troveja,
Pranto, suspiros, palmas
Do Expectador em extasi arrancando! . . .
Profundo como o rio
Despenhado d'alpestres eminencias,
No som da Epica tuba
Chereaskow magestoso aos Astros sobe (2)
A Russiana gloria! . . .
Vós, a quem Genios taes votam seus Cultos,
Deixai que mudo eu fique
Envolvido na paz do esquecimento:
Feliz porque meus Versos
Nitidos sempre de moral severa,
Nem sordido interesse,
Nem torpe adulação inficionaram:
Porque de Padua o Vate (3)
Gostoso o repetia; o douto Alfeno (4)
Os pedio vezes cento;
Oleno (5) os preza; e até do Sado o Homero,
O Cantor de Silveira, (6)
Attenção lhes prestou, folgou d'ouvillos.

(1) Poetas Russianos de grande fama adquirida por muitas obras, e o ultimo por huma Tragedia intitulada — O Falso-Demetrio.

(2) Chereaskow, grande Poeta, e profundo Litterato, Author d'huma Epopea intitulada — a Russiada.

(3) Francisco Maria Pamfili, Paduano de hum decedido talento para o Genero Anacreontico.

(4) Domingos Maximiano Torres.

(5) Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

(6) Thomaz Antonio dos Santos e Silva, Author do Poema, em 4 Cantos, intitulado — Silveira — não tinha ainda composto a sua Brasiliada, a primeira das nossas Epopeias modernas.

ODE XII.

A's desgraças da vida.

S'a ciascum l'interno affanno
Se vedesse in fronte scrito,
Quanti mai che invidia fanno
Ci ferebbero pietá!

Metastasio.

Quanto fora melhor que a humana Especie
No germen sofocada
Perecesse ao nascer! . . . quantos poupatas
Oh misera Progenie
Do criminoso Adão, trabalhos, lidas! . . .
Contra nós se conjuram,
Fazem-nos guerra os Elementos todos! . . .
O Ar nos enregella,
O Fogo nos devora, o Mar nos sorve,
A Terra nos sepulta! . . .
Do tenro Infante ao Joven, delle ao Homem,
Do Homem ao caduco,
Só contemplam meos olhos, só descobrem (1)
De duros soffrimentos
Funesta Gradação ! ! . . se o Desgraçado,
Que no pó se revolve,
Erguer podesse os olhos, e hum momento
O recatado arcano
Das almas penetrar, desses, que o Mundo
Aclama venturosos,

(1) Nec nox ulla diem, nec noctem aurora secuta'st
Quæ non audierit mistos vagitibus ægris
Ploratus, mortis comites, et Funeris atri.
Lucr. de Rerum Nat. Lib. II.

» Guardai, guardai (dissera) essas grandezas,
» A purpura, que cobre
» Ralados corações d'internas ancias;
» A coroa, que cercam
» Diamantes por fora, e dentro espinhos;
» Esse fulgido throno
» Apoz cujo espaldar Perfidia empunha
» Acicalado ferro!
» Lautos Festins, a que preside o Medo,
» As gemosas Baixellas
» Cujos fulgores chamas sam Inferno,
» Que os crimes alumiam
» De quem as mal-ganhou! .... os prenhes cofres
» De lagrimas, e gritos,
» De maldições do Orphão despojado
» Da trahida Viuva?....
» Mais miseros sois que eu, pois vos nem resta
» O desafogo ao menos
» De poder-vos queixar! » .... oh! não bastava
Que apenas matizassem
Entre bastos Espinhos raras Flores
Os campos da Existencia?....
Não bastava a terrifica Phalange
Das tremulas Doenças?....
Da desprezada, sordida Indigencia
Abominosos Filhos,
A Fome, e o desamparo? .... o tropel negro
Das Paixões, que devoram
O triste coração, onde se aninham?...
Inda, oh sorte! cumpria
Para mais refinar nossa amargura,
Que n'alma nos bratassem
Esta ancia de saber, estas ideas
De futura existencia,
De gloria, perfeição, jubilo, e dita,
Que por sendas nubladas
De duvidas, de trevas, de incertezas,

A's cegas nos impelem
O vacillante Espirito, que envolto
No escuro Laberintho
Não depara hum Fanal, não topa hum fio?...
Em vão forceja, e lucta
Com as superstições, com vãos systemas,
Com pavorosos Medos,
Monstruosas Chymeras, torpes Erros!...
A Razão orgulhosa,
Que blazona de Mestra, e luz promete,
Ou traidora nos deixa,
Ou com fatuo clarão nos extravia!...
Cem vezes mais ditoso
Bruto, que, sem que a preze, acceita a Vida,
Que sem temor existe,
Perece sem pezar! facil instincto
A's precisões lhe acode;
De abusivo poder não teme os ferros;
Não receia ignominia,
Tem na garra o seu jus, e a lei na força;
Rugir não ouve ao longe
Medonho Phlegetonte envolto em chamas,
Nem das Furias ao brado
O Vaso do Prazer das mãos lhe escapa!...
Que mais quizera o sabio
Que, como elle, viver em liberdade,
Tranquillo entrar na Campa!

ODE XIII.

A prematura morte do meo Irmão Antonio Avelino da Costa e Silva.

> Chiamavi 'l Cielo, e intorno vi si gira,
> Mostrandovi le sue bellezze eterne.
> *Dante. Purg. C. XIV.*

I.

Cortado na viçosa Primavera,
Cahiste, Antonio, qual Botão mimoso,
Que ao abrigo das Folhas entre-abria
O purpureo escarlate! . . .

II.

Já mil Nymphas gentis o disputavam
Ornato ao seio, esmalte das madeixas,
Quando o sopro de hum Zephyro mais forte
O desarreiga, o murcha!

III.

Mas inutil não fosse esses, que a Parca
Te fiou de existencia escassos dias,
Soubeste amar os teos, os teos te amaram
Por seo te houve a Virtude!

IV.

De Gloria ao Templo o Espirito elevaste,
A Patria em risco impavido te ha visto,
Terçando as Armas, hir jurar teo sangue
A seus Pendões sagrados!

V.

Porém quando, estendendo as nivias plumas,
Pomba innocente se aproxima ao ninho,
Troa o duro fuzil; sente ella o estrondo
Ao mesmó tempo, e a morte!

VI.

Curvando aos aureos fructos, que, ambiciosa
Tenta esconder co'a verdejante coma,
Se ufana a Laranjeira; eis desce o raio,
Pōem-lhe a uffania em cinzas.

VII.

Soberba Náo, que os mares do Levante
Vencera impune, e que dobrara os cabos
Naufragosos impune, á foz do Tejo
Ao fundo se desliza!

VIII.

De igual maneira os phantasiados Louros,
Que intentavas roubar ao Gallo ovante,
Viste trocados na funerea pompa,
E sem temor os viste!

IX.

Eu que de Zeno, co'as lições ferrenhas
Petrefiquei meo peito, que insensivel
Dita, e desdita encaro, olhei-te em pasmo
A combater co'a morte!...

X.

Longos mezes eu vi o infausto Joven,
Subjacente ao punhal d'horrido Morbo,
Entre as ancias folgar, rir entre as dores
Sem descorar na lucta!

XI.

Hum suspiro, hum só ai, hum só queixume
Anuviar não vi teo rosto inberbe;
E ao tremendo signal que envolto em lucto
Lhe fez o Anjo da Morte,

XII.

Já sem voz em meo peito reclinando
A amortecida fronte, que nadava
Em gélidos suores, mal surrindo
Dormio do Justo o somno (1)

XIII.

Manes do caro Irmão! se he grato, he doce
Do fragil barro ao animo liberto (2)
Ver saudade nos seos, vede pranteando,
Como lhe enfloro a Urna.

(1) Imitação de Klopstock.
(2) Allusão a aquelles bellos versos de Gray.
On some fond breast the parting soul relies,
Some pious drop the closing eye requires;
Ev'n from the tomb the voice of Nature cries,
Ev'n in our asshes live their wonted fires

ODE XIV.

Á brevidade da vida.

a los honrados vida honrada
Les conviene, o la muerte accelerada.
Ercilla. Araucana. Cant. VII.

Dia com dia, mez com mez se absorve,
O anno ao anno devora,
O E'vo ao E'vo!... e se escoa impersentida
A Vida como o Rio
Hindo sempre apoz si, de si fugindo!... (1)
Sentidos se enfraquecem,
Cedo, sem saber como, ao tempo eu cedo!...
Meo Estro, outr'ora em chamas,
Na mente arrefecido apenas dura!...
E quasi observo inerte
Da Formozura o tentador sorrizo!...
Ante a Razão austera
De meos passados Erros se desdobra
A prolongada teia!...
Que pejo!... que pezar!... oh se eu podesse
Comessar novamente
A carreira vital?... como, emmestrado
Da sabia Experiencia,
Correr sobera a salvo o ambage abstruso,
Que o Laberintho enreda!...
Ai misero de mim!... debalde fora!...
Se recuasse o Tempo,

(1) Le Tygre écumeux, et bruyant
Se poursuivant toujours, et toujours se fuyant.
Le Moine, Saint Louis.

Eu de novo insanira! . . . eu deslembrara
Propositos de agora! . . .
Taes os Votos, que, em horrida tormenta,
Forma o pallido Nauta
Mal que se applaina o pélago empolado,
Galerno sopra o Vento,
De azul se forra o Ceo, subito esquecessem! . . .
De novo escravo incenso
Levara da Fortuna ás surdas aras;
De novo pertendera,
Subir afadigado ao Pindo esquivo,
Para deixar ao Mundo
Caduca aura de Fama, nem qus ás cinzas (1)
No gelido sepulchro
Podessem com louvores deleitar-se! . . .
Novas Lálages, Lydias,
Outras Delias, Oldmans, Lieutards, Marilias
Fariam sem descanço
As chordas resoar da éburnea Lyra! . . . .
Discreta andou Natura
Em ordenar, que as Parcas nos fiassem
Tão curto o vital fio!
E existencia maior, de que servira? . . .
De se augmentar a Lista
De trabalhos, insanias, magoas, crimes,
Remorsos, e infortunios! . . .
Foram de desejar mui-largos dias
Se ao Homem, conduzido
Por sisuda Razão, ao seo arbitrio
Pelos Ceos fora dado
Prescrever-lhe o theor, the que por tedio
De ver o Sol nascendo,
Morrendo o Sol, desse o postremo arranco
Em braços da Virtude!

(1) Seram del denique famam
Non audituro Cineri post fata relinquens.
Vaniari. Praed. Rust. Liv. I.

ODE XV.

Ao Sr. D. Antonio Caetano da Penha Pinto C. R.

I.

Hirás breve viver, amavel Pinto,
Co'as Venus de mantilha, e pé gretado;
Cos hirsutos Camponios,
Que, á porta das Adegas,
De barrete na mão, torcida a gambia,
Sobre o cajado o canjeirão te offertem!

II.

Destendendo nas arduas serranias
A froxo os olhos, do Breviario alçados,
Já tarde arrependido,
Verás teus soes sumir-se
Nos perguiçosos braços da Indolencia,
Da Inercia sem sabor, do triste Enjoo!

III.

Terás por ternas expressões polidas,
Por doces mimos da louçãa Gertruria;
Dois irras por fineza,
E, em vez do ambar, que espiram
Labios de rosas, sorveras trombudo
Nojente exhalação d'alhos sediços!

IV.

Como arderás de Tedio, e de despeito,
Quando em bom Portuguez o ideia engastes,
Ao ver de boca aberta,
Estolidos ouvintes,
Qual se fallasses Grego aos Tupinambas.
A hum Arabe Latim, Hebreo aos Chinas!

V.

Como então volveras vista saudoza
Ao bom tempo passado, em que na Elysia
Pelo Anglo Cemiterio
Scismavamos sozinhos,
Lembrando-nos que a Terra he pó dos mortos,
Amassado com lagrimas dos vivos!

VI.

Nunca mais me veras, e o bom Jacindo (1)
Com o fio correr da Experiencia
Physicos Laberintos;
Nunca mais has-de ver-me
Com Virgilio nas mãos, ao meo Vicenio (2)
Gostoso revelar do Pindo arcanos!

VII.

Nossos debates, e amigosas teimas
Quanta a ti, quanta a mim darão saudade!
A mim, que solitario
Fico á tristeza entregue,
A ti, que vegetar vás nesses montes,
Entre Homens, que só tem d'Homens o nome!

VIII.

Misera condição da espece humana!
Longuissima cadeia de disgostos
Nos ata ao sofrimento!...
He por turno infallivel
O dia de amanhã peior do que o de hoje;
Sempre o passado lagrimas excita.

(1) Bacharel em Medecina Jacintho da Costa Pinheiro.
(2) O Padre Vicente da Crus da Congregação do Oratorio de Lisboa.

ODE XVI.

Ao Doutor Antonio Soares de Azevedo.

Me il Febeo lauro alla tua dotta fronte
Premio, e corona, me dei sacri ingegni
Amor con santo inviolabil nodo
Distrinse teco.

Betineli.

I.

Elegante Cantor, que ao Patrio Douro
Sustens co'a Lyra as fugitivas ondas,
Que meiga olhou Melpomene nascendo,
Erato ornou de Flores,

II.

Tu, que soltas á Scena Lusitana,
Como Perseo a Andromeda, as correntes,
Com que o máo Gosto da Nação castrada
Ao poste a tinha preza,

III.

Por ti remida a augusta fronte elleva,
Falla; o Terror seus quadros alardeia,
E as deliciosas Fontes se deslizam
Do sympatico pranto! (1)

(1) Or ope the sacred source of sympathetik tears.
Gray, Od. V. Strop. III.

Vendo-a triumphante, a trepida fugida
Os sonorosos Monstros arremetem,
E a severa Moral em metro augusto
Solta sentensas de ouro!

V.

Surjam de novo os Cezares, e os Titos,
Radamistos, Cromwels, Brutos, Mafomas,
Surja de novo Atreo, sangue parente
Fumando a taça horrivel.

VI.

Nymphas do Douro, entrelaçai Choreas
Cingi de Louro a frente ao Vate eximio,
Que outra vez reconduz aos nossos campos
As Musas foragidas!

VII.

Oh! se do Tejo, onde me prende o Fado
Eu podesse ajudar a illusrre Empreza!
Da Patria benemerito meo nome,
E o seo subira aos Astros!

ODE XVII.

Ao Sr. João Pedro da Costa. (*)

> **Quando di grembo a Teti**
> **Sorge a mortali un desiato giorno,**
> **Volgere il piede intorno**
> **Con le liete Bachanti alcun non vieti!**
> ***Chiabrera.***

Se rico Eu fosse do metal, que avara
No seio a terra esconde,
Com que se compra a propria formosura;
Se os Lares me adornassem
Pulchras Estatuas, falladores Quadros,
Assombroso trabalho
D'Angelos, Girardons, Tiepolos, Paulos,
Ouro, Estatuas, Pinturas,
Em teo Natal, não parco, te offertára,
Mas a insana Fortuna
Trépida foge a habitação do Sabio,
E vai levar seus mimos
Aos ricos Pavilhões, onde encostado
Da Ignorancia, e do Vicio
Nos torpes braços Prebendado Idiota,
Vai o rol soletrando
Dos reditos immensos do Rebanho,
Que esfola, e não tosquia;
Mas, se não posso dadivoso honrar-te,
Farei que espume o Nectar
Nas amplas taças, e em festivos cantos
Brindarei aos teus annos,
Rogando aos Numes, que da vida o estame
Benignos te prolonguem
The que des cabo da emfadonha empreza
De publicar meus versos!

(*) **Guardamór da Camara Municipal de Lisboa.**

ODE XVIII.

A Pedro José Constancio.

Amansi a la Campagna,
L' Agnella, e il Capro, e la Giovenca, e il Tauro.
Ne ve chi del gioir premio rechieda;
La sua cara Compagna,
Che seguitando va del Myrto al Lauro,
Senza mercede il bel Colombo ha in preda:
Sol le Donne rapaci
Vendon gl'amplessi, e i bacci,
E'l prezzo fanno a le lor gioie stesse,
E'l uom le compra, e'l piu ne godon esse.
O Conde D. Fulvio Testi.

I.

Já me enfadam lamurias amorozas
Em versos sem sabor, que ao Mattos cheiram, (1)
Em que, oh Dorindo, vezes mil ao dia
Por Metaphora espiras. (2)

II.

Arruma a hum canto a Lyra, e deixa Phylis,
Que entre lançóes d'Holanda, n'alta noite,
Quando em regello á porta lhe descantas,
Dorme á perna estendida.

(1) Sem sabor pelo assumpto. Perdoem os apaixonados de João Xavier de Mattos, confesso que sam estimaveis alguns dos seus Sonetos, e Canções: mas quem poderá levar ao fim sem dormir a maior parte das suas froxas Eclogas de legua e meia?

(2) Faudra-til de sang froid, et sans etre amoureux,
Pour quelque Iris en l'air faire le langoureux?
Lui prodiguer les nom de soleil, et d'Aurore,
Et toujours bien mangeant, mourir par metaphore?
Boileau.

III.

De riso estoiro se me sobe á mente
Que insensato porfias na conquista
D'hum peito femenil, só com belleza,
Cizo, ternura, e versos: (1)

IV.

Moeda, que no Imperio do Namoro
Não tem giro, ou valor: Mulher he aço,
Que só se atrahe ao Iman protentoso
Dos Dobrões, e das Peças.

V.

Sahiste ha pouco do Collegio, e assentas
Ser artigos de Fé mil noções falsas,
Que a berreiros nos cascos te impingiram
Doctissimos Pedantes.

VI.

Pensas, que pódem com seu canto as Muzas
Bosques desarraigar, mover penedos, (2)
Render o coração empedrenido
D'esquiva formosura.

(1) .... Io con musici accenti
I miei lunghi tormenti
Raconto a Phylli: Ella sen ride, e mira
Che'n man, non porto altro, che plectro, e Lyra.
Il Conte D. Fulvio Testi.

(2) Movit Amphion lapides canendo,
Tu que, testudo ressonare septem
Callida nervis
....
Tu potes Tigres, comites que Sylvas
Ducere, et rivos celeres morari.
Cessit immanis tibi blandienti
Janitor aulæ,
Cerberus: quamvis furiale centum
Muniunt angues caput, æstuatque
Spiritus teter, saniesque manat
Ore trilingui.
Horat. Liv. III. Od. XI.

VII.

Pois os Bosques, e as Penhas já perderam
O sentido de ouvir, e as nossas Damas
Em quanto ellas s'esganam psalmiando,
Ou dormem, ou conversam.

VIII.

Venha de mil Iliadas munido (1)
O Patriarcha Homero sem dinheiro,
E verá dar-lhe a lépida Madama
Co' a porta nos narizes.

IX.

Assim pensava Ovidio, settas duas (2)
Dando ao Filho de Venus, huma de oiro,
Que amores concilia, outra de chumbo,
Que amores affugenta.

X.

Pões as mãos na cabeça, a casa giras,
Bradas qne o bello-sexo calumnio,
E o catalogo immenso desenrolas
De antigas Heroinas.

(1) Carmina laudantur: sed munera magna petuntur
Dummodo sit dives barbarus ipse placet.
Aurea nunc vere sunt sæcula; plurimos auro
Venit honos: auro conciliatur amor.
Ipse licet Musis venias comitatus, Homere,
Si nihil attuleris, ibis, Homere, foras.
Ovid. Art. de Am.

(2) Eque sagittifera prompsit duo tela pharetra
Diversorum operum, fugat hoc, facit illud amorem.
Quod facit auratum est, et cuspide fulget acuta:
Quod fugat obtusum est, et habet sub arandine plumbum.
Ovid. Met. Liv. I.

E da aljava das settas duas tira
De contrarios effeitos; esta aparta,
Aquella Amor produz, mas he dourada
A que o produz, com ponta aguda brilha:
Romba a que apartá, e chumbo tem em baixo.
Tradução de Almeno, aliás Frei Joze do Coração de Jesus.

XI.

Citas-me Hélena o Espozo, a Patria, o Throno
Pela Amante deixando; e cá mais perto
Lucrecia austera o involuntario crime
Lavando com seu sangue.

XII.

Do Troyano gentil cheirosas tranças,
Bem polido fallar, gesto engraçado,
Doce voz, doce canto, não prenderam
A bandalha Princeza. (1)

XIII.

Mas do Phrigico Imperio o fausto, a pompa,
De que idea não tinha a ferrea Esparta,
Ouro, rubis, e purpura, em que ardia
O julgador das Deosas. (2)

XIV.

Se impavida Lucrecia o ferro encrava
No coração, e em sangue verte a vida,
Raiva foi de cedido haver forçada
O que vender podia.

(1) Hélena

(2) Paris.
Innumeras urbes, atque aurea tecta videbis:
Quæque suos dicas Templa decere Deos,
Ilion aspicies, firmata que turribus altis
Mœnia Phebeæ structa canore Lyræ.
Quid tibi de turba narrem numerosa virorum?
Vix populum tellus sustenit illa suum.
Occurrent denso tibi Troades agmine matres:
Nec capiet Phygias Patria nostra nurus
Oh! quoties dices, quam pauper Achaia nostra est!
Una domus quamvis Urbis habebit opes.
Ovid. Epist. Paris ad Helen.

XV.

Se o patóla Tarquinio, em vez de hum ferro,
Hum milhão de sestersios lhe mostram,
Huma vez, e cem vezes a acharia
Mui franca a seus desejos. (1)

XVI.

Em quanto o duro Inverno espreme as Nuvens,
E a chuva cahe a cantaros na terra,
Commigo vem no lar intrincheirar-te
Contra o furor dos Frios.

XVII.

Ferve no aheneo vaso a Perdiz nédia;
Eis do bom Moscatel botelhas oito,
Dom de singello Amigo, que não tarda
Em vir acompanhar-nos.

XVIII.

De Epicuro discipulos contentes;
Conversemos, cantemos: no amplo copo
Bebe amavel loucura, que deslembre
Teus agros dissabores. (2)

XIX.

Vagando apoz por Bosques de Parreiras,
N'outro mundo melhor, Ninfas aos bandos
Acharás, que benignas te compensem
Dos rigores de Philis.

(1) Non ego divitibus venio præceptor Amoris;
Nil opus est illi, qui dabit, arte mea;
Secum habet ingenium, qui, cum libet, accipe, dicit,
Cedimus, inventis plus placet ille meis
Ovid. Art. Am.

(2) Verum pone moras, et studium lucri;
Nigrorumque memor, dum licet, ignium,
Misce stultitiam consiliis brevem,
Dulce est desipere in loco.
Horat.

ODE XIX.

A hum Traductor de Horacio em proza.

Voi-lá les beaux emplois de cette nouvelle secte de Traducteurs. Ne pouvant s'elever jusqu'a nous, ils nous abaissent jusqu'à eux, et nous font ramper comme des miserables. Parce qu'il leur est impossible de suivre notre rapidité, que les entraine, il nous estropient; et par un defaut de jugement, ou de veine poetiqne, ils metent tout em prose, jusqu'a nos chanssons.

Horace se plaignant dans le Parnase reformé.

I.

Que impio delicto o numeroso Horacio
Cometeu contra ti, que o dilaceras? . . .
Ouve, Alcino, a razão da Obra mesquinha
Levanta a penna inerte.

II.

Se piadora Perûa des-azada
Pode altiva igualar d'Aguia o remonte,
Se orelhudo Jumento ao Urco airoso
Disputar galhardia,

III.

Se a turbida Aguape desemxabida;
Pode em força exceder ao bom Champanhe,
Poderá Tulio em bem limada proza
Verter d'hum Vate o estro (1)

IV.

Siga-lhe passo a passo os pensamentos,
S' o colorido falta, o quadro he morto; (2)
No leito funeral Belleza extincta
Já não accende amores.

V.

Não basta da invenção nas ricas minas
Cavar novas ideias: cumpre ornallas;
Hum Sultão d'hum Derviz no pobre traje
Mais que hum Derviz não mostra.

(1) A l'exception de Madame Dacier, peut-eut trop interessée sur cette matiere, pour qu'on doive s'arretter a son temoignage, il me paroit que les sçavants conviennent assez qu'on ne peut traduire les Poetes, qu'en vers; la seule experience sufit pour nous en convaincre. Je m'ettenderais d'autant moins là-dessus qu'un homme celebre, que nous rapelle ces sçavants Magistrats qui parurent à la renaissance des lettres, vient, dans un ouvrage nouveau, de prouver que les vers seuls peuvent nous rendre une partie du génie, et du caraetere de ceux qui ont êcrit en vers; mais ce qui me semble vrai des Poetes en general, je le crois principalement vrai des Poetes Anglais.

Mr. du Resnel..

(2) Touto traduction en prose d'un excellent Poete est l'estampe d'un tableau de Rubens; quoique je n'y trouve pas Rubens, j'y voit son invention, son dessein, son ordonnance; mais comme je n'y vois pas son admirable coloris, que anime tout, l'ouvrage est mort.

Racine, le fils, Reflex. sur la Poesie.

VI.

Ouve na Tuba de Delille, e Pope
Como troa soberbo Homero, e Maro! . . .
E ve s' em Dacier, se em Desfontaines (1)
A sombra encontras d'ellos.

VII.

Sei que pode sem metro haver Poesia;
Não Poema; substancias sam diversas
Alma, e Corpo; porém formar-se o homem
Não pode sem que s'unam. (2)

(3) Soions persuadés qu'une traduction en prose ne peut rendre qu' imparfaitemant un bon Poete. Je lis avec plaisir la traduction de Homere par Dacier; mais je n'y cherche pas ce qui je n'y puis trouver, c'est a dire tout Homere. Elle ne prétend pas elle meme nous le donner: elle compare sa traduction au cadavre de Helene, sur le quel on remarqueroit seulement les restes defigurés de cette beauté, qui fit tant de bruit.

Racine le fils, ubi supra,

(4) Le consentiment unanime des Nations confirme ce qui j'avance. Apulée, et Lucien quoique tous deux fertiles in fictions, et ornemus poetiques, n'ont jámais eté comptés parmi les Poetes. La Fable de Psichée auroit étéappelée un Poeme s'il auroit des Poemes en prose. Le songe de Scipion, quoique fiction tres-noble, écrite en stille poetique, ne fera jamais mettre le non de Ciceron parmi ceux des Poets Latins; de même que parmi ceux de nos Poetes Français, nous ne mettons point celui de Fenelon.

Le meme.

ODE XX.

Ao Sr. Carlos Francisco de Assis Moreira.

Viens, oh ma bouteille cherie,
Viens enivrer tous mes chagrins;
Douce compagne, heureuse amie,
Verse dans ma coupe êlargie
L'oubli des Dieux, et des Humains.
Mr. Parny.

I.

Não, ó Moreira, amargos desfavores
D'essa ingrata gentil, que me inamora,
Não encravam no peito do teu Silvio
As settas do desgosto.

II.

No pavez da razão baldo-lhe os golpes:
Satelite d'Amor, não delle escravo,
Trocára do Universo as bellas todas
A huma hora de repouso.

III.

De Romanesco Heroe não quero a gloria:
Amo, se amado sou, se odeiado, odeio;
Plena Botelha, como agora, empunho,
E a flux bebo a alegria

IV.

Presumias tal vez mesto hoje olhar-me
Sustendo a custo as lagrimas nos olhos,
Qual mil vezes te vi quando o ciume
Te borbulhava n'alma!

V.

Eia! arrazem-se os copos! brinda, Amigo,
A' minha liberdade!... Nunca falta
Bella Mulher, que a libito nos busque,
Nos ame, e nos traiçoe.

ODE XXI.

Ao Sr. Antonio Bernardo Rodrigues Sette.

Va; ti consola, addio,
E da me langi almeno
Vive piu licti di.
Metast. Zenob. Aclo II. Scen. III.

Vai, caro amigo, e retranspondo os mares,
Lá onde coroada
Dos Cannaviaes preciosos, que destillam
Saluti-fero Nectar,
Com que se adoça o paladar da Europa;
Entre amenas Lamedas
De auri-floreos Manjins, que desabroxam (1)
De seos verdes cazulos
O arminho vegetal, que inveja o Gallo.
E, por mão fabricado
De solerte Britano, arreia o Luxo,

(1) Manjim chamam os Indios ao Algodão; nasce em humas Arvores semelhantes ao Marmeleiro, de que ha Pomares arruados. Sua madeira he molle como a do Sabugueiro, a folha semelhante á da Pereira; com pé comprído, e vermelho. Com o suco desta arvore se curam feridas; dá huma formosa flor amarella á feição da campainha; e no centro tem hum botão verde do tamanho de huma noz, que fecham trez grossas folhas, como as que occultam a rosa; dentro do tal botão he que se cría o Algodão; tanto que está perfeito, que he por Agosto, a mesma natureza abre as folhas, para o mostrar tão candido como todos sabem, e, se ha negligencia em o apanhar, logo cahe por terra. Em cada botão ha quatro cazulos, com seus caroços pretos continuados por quatro ordens, que he a sua semente. No mesmo anno em que se semea, produz. O Gentío come os caroços cosidos, em hum guizado, que chama *mingáo*. Estas Arvores duram 7 a 8 annos.

A tua Patria Olinda,
Esteiada nas belicas façanhas
Do azevichado Achylles, (1)
Do Vieira magnanimo, desfructa
Da Liberdade os mimos,
Ao Genitor Ancião, que te suspira,
E atalaiando os mares,
Cre, que em cada Baixel lhe chega o Filho,
Piedoso a dextra oscula;
Co' a Filhinha gentil, que he teo retrato,
Apresenta-lhe a Espoza, (2)
A linda Flor, que a America transplantas;
Que por seguir-te affronta
Furias de Eolo, furias de Neptuno;
Que para mais não ve-los
Patria, Pais, Affins deixa, e o Choro amavel
De Nymphas desde o Berço
Consortes de seus ais, e de seos risos;
Troca de ameno Tejo
Deleitosas Vergeis, de que hera ornato,
Por broneas penedias,
Que estranha Sol escalda, outro Ceo cobre;
Por barbaras campinas
Nunca trilhadas pelo pé das Musas;
Onde Rios sem nome
Sem gloria estendem perguiçosas ondas;
Testemunhas apenas
Da impiedade do perfido Armopira,
Do antropophago Aymore,
Do Tapuia boçal; procura os braços
De Irmã saudosa, e meiga,
Por quem já Hymineo accende o faxo;
Por quem Pronuba Juno
Manda ás Graças tecer festões de Flores? . . .

(1) O valente Capitão Negro, Fellipe Camarão, hum dos Restauradores de Pornambuco.
(2) A Sr.ª D. Maria Theresa do Carmo.

Oh quanto he deleitoso,
Oh quanto he doce ao coração dos nossos,
Apoz comprida ausencia
Salvo tornar! . . . se resurgisse o Homem
Mor prazer não sentira
Vendo, ao sahir do gelido sepulchro,
A Aurora apavonada
Durando as sombras, e vertendo as cores,
Pelas densas ramagens,
Pedimpenados Zephyros brincarem,
E o Rouxinol saudoso
Sua ternura harmonico trinando
Ao som da clara fonte,
Que por entre os seixinhos serpenteia! . . .
Sê pois, sê venturoso
Tu, a quem ao nascer sorrio Fortuna,
Amor, e a Natureza;
Ve tranquillo correr serenos dias
Ao lado da Consorte
Anjo no coração, Anjo no rosto! . . .
Teus patrios Arvoredos
Te offertam sombra, e paz! . . . Já desfolhar-te
As Rosas da Allegria
Não hirá de Politica Procella
Impetuosa rajada;
La *Elmiros* não ha, *Cotins* de Lysia,
Que as redes da calumnia
Com malefica mão lançar-te intentem;
Que apupados em Scenna, (1)

(1) Allude-se á Comedia intitulada = o máo Amigo = com que Antonio Xavier castigou os caninos abocanhamentos com que o Zoilo de Camões tambem o atassalhara nas Cartas de *Manoel Mendes Fogaça*; e que, representada no Theatro do Salitre, foi recebida com geral applauso, e mais daquellas pessoas, que conheceram quem era o ridiculo original que alli se copiava. Nesta Peça o Actor Caetano José de Sousa arremedou Joze Agostinho tão perfeitamente, que a illusão foi quasi completa.

Armem o arco do crime, e te desparem
As settas da Impostura;
Oh! que diverso o fado meo se ostenta!...
De Jenny os agrados,
Bem como a sombra ao sol, se esvaeceram!...
De meos prazeres socio.
Moreira se ausentou, tu me abandonas!...
Solitario, remoto
As doçuras de Amor, e ás da Amizade,
Literarios Insectos
Circum-zumbir-me ouvindo, e o que mais fere
Meo coração sensivel,
Vendo cahir, como em marmoreo Dique,
Sobre os muros da Patria
A atroz alluvião, que Europa affunde,
E arrastrou na corrente
Tantos thronos, e Reys, tantos Imperios!...
Quando alfim no Horisonte
Te verei assomar, tranquillo Dia,
Em que em nossas fronteiras
Cessem de retumbar trovões da Guerra, (1)
Nem cruenta Victoria
Mais offerte em dourado amphycopello
Sobre enramadas aras
O sangue dos Heroes ao Despotismo!
Desce em purpurea nuvem,
Desce, oh Filha dos Ceos, Paz suspirada,
No bárathro sepulta
Essas Furias crueis, que se apostaram
A despovoar este Orbe!...

(1) No more shall Nation against Nation rise,
Nor ardent warriors meat with hatefall eyes,
Nor fields with gleaming steel be coverd'o'er
The brasen trumpets shall kindle rage no more,
But uselefs blades into sithes shall bend,
And the broad faulchion in a ploug-share end.
Pope.

Basta de horrores, lagrimas, estragos,
Basta de odios, e ciumes!....
Suba ao throno de novo a Humanidade!....
O duro Granadeiro
Troque o fuzil ao Vomere!... a Matrona
No mais suspire ao verse
Alumiada c'hum Filho!... o fero Marte
Direito não tem nelle!...
Volva Hymineo, e Amor, volvam Prazéres!...
Amplo entornando o ouro,
Fraternize o commercio as Nações todas!
As Artes, as Sciencias
Quebrantem seos grilhões, surjam mais bellas!
Os Mirons, os Lysippos
De novo animem marmores, e bronzes!
Novos Albanos soltem
Do magico pincel portentos raros;
Nas azas da Harmonia,
Inda aos Ceos Crescentini, e Hayden se ellevem;
Lavoisieres melhores,
Outros Newtons, e Kants, Ciceros, Livios
O Universo abrilantem,
E da Lyra de Pindaro interrogue
Mais ditoso Phylinto
As harmoniosas chordas; veja as Graças
Enflorarem-lhe a fronte,
E rima o Tejo de invejar o Eurotas!...
Mas, amiudando os sopros
Galerno Vento teo Baixel convida!...
Adeos, e não te esqueça,
Que nas margens auriferas do Tejo
Hum amigo deixaste!

ODE XXII.

Ad Sodales.

Juissons des ce soir de ce charmant jardin.
Le present est plus sur que n'est le leudemain,
Souvent un Ciel serein se couvre de nuages,
Aux charmes des beaux jours succedent les orages.
Le Roy de Prusse.

I.

Bebamos; que, a compasso dos momentos,
Nos vai cortando a Morte o estame á vida,
Não veremos quiçá surgir de novo
O Sol que ora declina!...

II.

Talvez attaque da existencia as fontes
Repentino torpor; talvez vingado,
Nosso sangue vertido a bem da Patria
Inunde os Campos d'honra!... (1)

III.

Mas longe, oh melancolicas ideias,
Longe, longe de nos!... ao Gallo infido
Vão perturbar opiparos banquetes,
Vão aguar-lhe a allegria.

(1) Illustres fils d'Albert, l'enemi de son foudre
Tous les deux, juste Ciel! vous a reduits en poudre,
Mais, si vous périssez, cest sur le Champ d'houneur.
Le Roy de Prusse. Epist. sur l'employ du courage.

Mais vous avez un fils, que Vienne vous envie,
Et peut au champ d'honneur mourir pour la Patrie.
Beloy, Siege de Calais, Act. I. Scena I.

IV.

Outros, deixada do Empirismo a esphera,
Reinos transcendentaes com Kant invadem; (1)
He nosso estudo affugentar cuidados,
Lico preceptor nosso: (2)

V.

Regule o Fado o turbido futuro.
O Presente afferremos, que ligeiro (3)
Voa o Prazer, e desandar seu voo
Não sabe a humanas preces.

VI.

Eia! arrazem-se as taças emfloradas
De liquido rubi; a Lillias, Marcias
Brindemos, e ao prudente, que não fia
Em femenil constancia. (4)

(1) Kant celebre Philosopho natural de Konisberg, Author da critica da Rasão pura, e de muitas outras Obras, marcadas ao cunho do grande Genio.

(2) . . . . . . Dulce periculum est,
Oh Lenee, sequi Deum
Cingentem viride tempora pampino . . .
Horac.

(3) Je suis de son avis, ici bas tout mortel
Doit jouir du present, c'est le seul bien reel.
Le Roy de Prusse.

(4) Nel onde solca, et ne l'arena semina,
E il vago vento spera in rete accogliere,
Chi sue spiranze fonda in cor difeminia.
Sanazaro, Arcad. Egl. VIII.

ODE XXIII.

A João Antonio dos Santos. (*)

Scribendi recto sapere est principium et fons
Horat.

Do bem escrever saber primeiro he fonte.
Ferreira.

I.

Por affincados, improbos estudos
Se compram os laureis com que as Camenas
Engrinaldam a frente magestosa
De inspirado Poeta.

II.

Se desejas, ó Jonio, que o teu Nome
Largo sôe nos campos do Futuro,
Dá de avesso á Preguiça lisongeira,
Ao O'ccio, aos vãos Prazeres.

III.

Nos livros immortaes de Grecia, e Roma
Tens do bello ideal o vero typo;
E, nossos bons Auctores te franqueam
Da elloquoção as minas.

IV.

Estuda, pensa, escreve, emenda, e lima;
Nem consintas que a Cythara te infame
Com louvor de Magnatas viciosos
Adulação mesquinha.

V.

Vem d'alma livre os versos que não morrem,
E do Escravo a acanhada phantasia
Azas d'Aguia não tem, com que transponha
O Lethes deslembroso.

(*) Condiscipulo, e amigo do Author, e fallecido em 1836, exercendo o lugar de Secretario da Camara Municipal de Lisboa.

ODE XXIV. (*)

Ao Author.

I.

Encarcerado pela mão da Sorte
Na Torre annosa de funestos dias;
Com rija Escolta de pungentes Dores,
Que os grilhões atalaia;

II.

Escassa fresta da Prizão medonha
Mostrando apenas que inda Phebo he vivo;
E á dura porta, com as negras chaves
Canescente velhice!

III.

Divina voz, semi-divinos dedos
Gozar não posso, nem fruir me he dado;
Som, que não seja de funereos Corvos,
Ou Mochos agoureiros!

IV.

Supre porém reminiscencia amiga,
Imagens feias da masmorra austera;
E congruente paralelo idoneo
Lindos quadros lhe pinta!

V.

Ella então finge Phylomela doce,
Nas tardas Horas do lascivo Mayo,
Soltando aos ares o melifluo nectar
Dos magicos seos trinos!

VI.

Zephyro meigo despargindo em torno
Finge ella a hum tempo as vibrações cellestes,
Tal soa o Canto das formosas Marcias,
Tal de Moreira o Cravo!

(1) Esta Ode me foi dirigida pelo meu muito prezado Amigo Thomaz Antonio dos Santos e Sylva, que em nossos dias renovou o quadro dos talentos de Homero, e Camões com o das suas desventuras! . . .

ODE XXV. (*)

O corte escasso, que da teia Jove
Talhou, convém borda-mo-lo de flores,
Só vives longo tempo
Quando á Tristeza encolhes
As azas, que ao Prazer prudente largas.
Francisco Manoel.

I.

Se ao doce canto das formosas Marcias,
E arpejos doces do Moreira amavel,
Do meu Thomino se juntasse o grave
Fulgido metro!

II.

Se a par com elle tactear podesse
A eburnea Lyra do meo grande Mestre,
Phylintho eximio Utz, e Rousseau, e Horacio
Pindaro Luso,

III.

Se quando em taças de fervente Ponche,
Fuma a Alegria, eu te dissera « Amigo,
» Brinda sem pejo, que juizo he raro
» Ser doido a tempo!

IV.

» De parte arruma nebulosas penas,
» Serios cuidados! ve que a vida he breve,
» Ou que he só vida, o que dourou momento
» São rigosijo!

(*) Em reposta á precedente.

V.

» Deixa o praguento, sem sabor Thersites (1)
» Hir do Argonauta no Barquinho ao Lethes, (2)
» E que o mesquinho Manteigueiro arrote
» Critica, e versos!

VI.

» Deixa o Futuro, que nos não pertence,
» Magoa prevista da dobrada angustia, (3)
» Aos sostenidos, variações, volatas
» D'alma te entrega!

VII.

» Ladino espreita na emoção, que eu sinto
» Qual das Cantoras, quando a voz desprende,
» Dos lindos olhos me despede ao peito
» Setta amorosa!

VIII.

Então fruira galhofeiras Horas,
Curtas achara prolongadas Noites,
Das Bellas Artes, e de Amor lançado
Sobre o regaço!...

IX.

Mas se Thomino, em tenebrosa Estancia
Encarcerado pela mão da Sorte,
Sahir não pode, e do fulguedo ao Monte
Seguir meos passos!

(1) Nome com que a Satyra designava o Zoilo de Camões.
(2) O novo Argonauta, Titulo de hum ruim Poema de Jose Agostinho.
(3) Il pensare al morir la morte affretta,
E piú tardi se muor, si men sarpetta.
Testi.

X.

Sem ter quem ouze competir meos voos
E, apoz deixando o, estimular meo Estro,
Como presumes, que eu desfrute, ou goze
Praser completo?

XI.

Mais uffanara Luctador nervudo
Ter resistido de Milon ás forças (1)
Que haver prostrado no arenoso circo
Mil inimigos!

(1) Este celebre Athleta da Antiguidade, depois de haver obtido muitas victorias, veio a morrer desgraçadamente na sua velhice, entallado em huma Arvore que pertendera escachar, e devorado por hum Leão. Huma das obras primas de Puget he o grupo em que se figura este acontecimento, que o Padre Doissin no seu Poema de Escultura cantou nestes lindos versos.

Non procul hinc agnosco tuum, Pugete, Milonem,
Eximiæ simulacrum artis; quem fissile robur
Captivum retinet, verum ecce paludibus exit,
Bellua vasta, Leo, et rabie stimulatus edendi,
Imprimit in magno truculentos corpore dentes,
Offensum luget marmor, furit, æstuat, ardet.

Sculp. Liv. II.

ODE XXVI.

A Moniz.

Not all that glister's gold
Gray.

Le masque tombe, l'Home reste,
Et le Heros s'evanouit.
Rousseau.

Não me dirás, Moniz, em que se funda
O zótico direito,
Que os preclaros varões alto reclamam
De impunes delinquirem?
Querem por força, que da gloria o manto
Com seu fulgor encubra
Os torpes vicios, que lhe fervem n'alma,
Os crimes que perpetram:
A urna das graças emborcada inteira
Em suas mãos avaras,
Dos prestados serviços lhes parece
Pequena recompensa!
De hum exercito á frente derrotaram
Da Patria os inimigos?
Delapidar a publica Fasenda,
Attentar contra a vida,
Dos Cidadãos, e contra a liberdade,
Já licito reputam;
Querem que os Tribunaes, Leys, e a Censura
Decoro, Honestidade
Ante elles emudeçam! mas si a Patria

Lhes premeia os serviços,
Si nisto é justa, o não será si os pune
Quando o dever infringem!
Si he Curiolano Heróe, deve por isso
Calcar aos pés o Povo?
Deve Manlio por isso escravisa-lo?
Não; triumphos, corôas
Pelas suas victorias lhes decretem;
Mas pelas traições suas
Da Patria hum vá banido, outro pereça
Do Tarpeos depenhado;
Tal proceder he justo! embora acoimem
De ingratidão o Povo!
Si frequentar podessemos de Athenas
Os Banhos, os Theatros,
O Acropolis, o Foro, em mui diverso
Ponto de vista aos olhos
Se nos mostraram muitos homens grandes:
Si Aristides foi Justo,
Si Phoeion innocente então se vira!
Não posso lêr sem riso
O applauso, que os Romanos Escriptores,
Enfaticos tributam
A Scipião, que citado por Tribunos
A dar conta ante o Povo
Dos publicos dinheiros despendidos
Nos cargos que exercera,
« Romanos (diz) hoje venci Carthago:
» Ao Capitolio vamos
» Render graças aos Numes! » mais airosa
Por ventura não fora
Ao de Carthago destructor triumphante
Dar contas como honrado,
E assim lavar-se da suspeita torpe
De infame peculato?
» Mas (dirão) hum Patricio! Homem tão grande
» Responder ante a Plebe! . . .

E essa Plebe não era o Soberano?
Consules, e Senado
A hum Plesbecito seu não se humilhavam?
Os proprios Dictadores
Não depunham as Faces? dessa Plebe
Suor não era, e sangue
Por Scipião o dinheiro despendido?
Confiado não lho haviam? . . .
Que Codigo permitte os bens alheios
Reger, sem que o Regente
Responda pelo emprego, que fez d'elles?
Só recusa dar contas
Quem mal governa, ou fraudolento intenta
C'o alheio levantar-se!
Pelo que fez de responder não teme
Varão, que não remorde
Consciencia accusadora; a hum dever sacro
Scipião ousa evadir-se!
Louvem-lhe embora as belicas Façanhas,
O militar talento,
Porém capacitar-me não pertendam
Da probidade sua.

ODE XXVII.

A hum presumido de Fidalgo.

. . . . o laurel das grandes almas
Jámais se tece das avitas palmas.
Diniz.

I.

Se teus grandes Avós a Patria honraram,
Se arriscaram por ella o sangue, e a vida,
Se a virtude habitou dentro em seu peito,
Nobres de certo os creio!

II.

Mas para ser, quaes foram, nobre, e honrado,
Tu que fizeste? vir do sangue delles? . . .
Puro acaso isso foi; não te dá gloria
Hum capricho da sorte. (1)

III.

E o poderás provar? Lucrecias todas, (2)
Foram todas Penelopes as dignas
Espozas dos Heróes, de quem descendes?
Huma so Messalina,

(1) Mais je ne puis soufrir qu'un fat dont la molesse
N'a rien pour s'appuyer qu'une vaine noblesse,
Se pare insollemment du merite d'autrui,
Et me vante un honneur qui ne vient pas de lui.
Boil. Satyr. V.

(2) Mais qui m'assurerá qu'en ce long cercle d'ans
A leurs fameux Epoux vos ayeiles fideles
Aux propos des galands furent toujours rebelles? . . .
Et commant savez-vous si quelque audacieux
N'a point interrompu le cours de vos aieux,
Et si leur sang tout pur ainsi qui leur noblesse
Est passé jousqu'a vous de Lucrece en Lucrece.
Boil. Satyr. V.

IV.

Não houve, que á torrente azul, e pura
Desse sangue, lasciva, misturasse
Rubro sangue Plebeo de hum gordo Frade,
Ou de hum esbelto Pagem!

V.

Ignoras que em Alcaçares dos Grandes
Por mão do Occio, e do Luxo entra mais vezes
Torpe Adulterio, que na humilde Choça
Do Lavrador mesquinho!

VI.

Viciosa não he sempre a grandeza,
Nem a pobresa honesta; em toda a classe
Reina a Virtude; mas o vicio lavra
Melhor entre as delicias!

VII.

Loucura he blasonar de hum grande nome,
Que tem por base a femenil fraqueza:
Si vales só pelo que os outros foram,
E's mera sombra d'elles!

VIII.

Que monta seres Neto de Albuquerque,
Quando descóras de huma espada ao brilho?
Se não fundas Imperios, não conquistas,
Senão loureiras Damas?

IX.

Que importa vir do grande Castro? acaso
Pugnaste em Dio, (1) ou sobre o mar venceste? (2)
Tens limpas mãos como elle? . . . não, que a infamias
Por ouro te não poupas.

(1) Como D. Fernando de Castro.
(2) Como D. Alvaro de Castro.

X.

Não valêra então mais de Pays obscuros
Nascido haver qual o Adail Barriga, (3)
Como elle ennobrecer prosapia humilde,
Ser hum dos Heroes Lusos?

XI.

Quem mais a estima grangeou do Mundo,
Catão, ou Cezar? Tullio, ou Catilina!
Pois nasceram Plebeos Catão, e Tullio,
Entre a grandeza os outros.

XII.

E hum a Patria agrilhoa, o outro a morte
Achou tentando-o; Tullio salvou Roma,
Catão longo pugnou para salva-la,
Emfim morreo com ella!

XIII.

Queres ser grande, illustre, e nobre, e honrado?
Sê justo, e bom, e sabio, e probo, e livre:
A Patria serve; sê bom Pay, e Esposo,
Sê valedor, e affavel.

XIV.

Cultiva as Letras, as Sciencias honra,
E então embora te proclames prole
Dos Cunhas, dos Almeidas, dos Pachecos,
De Jove, si quizeres! . . !

(3) O famoso Lopo Barriga, Adail, ou capitão das correrias nas terras de Africa, era de extracção humilde, porém o terror dos Mouros, e o mais valente Guerreiro, que tivemos n'aquelle tempo. Antonio Diniz da Cruz celebrou em huma Ode Pyndarica, as façanhas deste Heróe Portuguez.

ODE XXVIII.

Ao meu amigo o Sr. Francisco de Moraes.

L'on ne va point au cœur en blessant les oreilles.
Duresnel.

I.

A'manhãa! ... ámanhãa! ... esta palavra
Azoa-me o juizo! não a explica
Da Academia nossa o Diccionario,
E o de Constancio douto!

II.

Bluteau consulto, e diz-me que he o dia
Proximo, de que o tempo anda pejado,
De que já está sentindo agudas dores
Para o parir ao Mundo!

III.

Dar á tal palavrinha observo o Vulgo
Identico sentido; porém vejo
Quem em phraze do Moraes « amanhãa » sôa
D'aqui a muitos dias!

IV.

» A'manhã (elle diz) trago a Ulyssea,
» Trago as obras de Caldas, de Lavigne;
Passam quatro, outo, dez, e vinte dias,
E o amanhãa não chega!

V.

Não entendo! ou Moraes he mentiroso,
Ou o Bluteau me engana, e mente o Vulgo;
Mas Moraes é Philosopho, instruido,
Philologo chapado.

VI.

Lê por livros de fita, e de aureas folhas,
Dá sóta, e az em chymica, e pertende
Por a limpo o que chama certa Seita (1)
Romantica Poesia.

VII.

Romantica Poesia, invenção guapa
De certos Vates novos, que desdenham
De quanto produzio de Grecia, e Roma
O mui fecundo Genio.

VIII.

Grande achado fará quando descubra
Que inimigos de métrica harmonia,
Querem que cada verso seja hum corno,
Duro, retorto, agudo.

IX.

A's Musas dando baixa, a Lyra sua
De Trovador trocaram por Thiorba;
E querem apear de seus altares
De Homero os Deoses todos.

X.

Querem só Bruxas, Trasgos, Lobishomes,
Corni-geros, capri-pedes Diabos,
Defuntos a sahir das sepulturas,
Alguma Fada ás vezes.

(1) O meu amigo, Homem de bom juizo, e instrucção, quando algum versejador de má morte o importunava com alguma composição redicula, baptisada com o titulo de romantica, tinha prompta a seguinte pergunta. « V. m. não me dirá que romantico he esse que se não parece com o de Walter Scott, nem com o de Chateaubriand, ou dos Alemães? » He a isto que se allude nestas Strophes, e não ao genero Romantico, em que se tem publicado lindissimas composições, não só de Estrangeiros, mas de Patricios nossos.

XI.

Lindo maravilhoso gandaiado
Nos contos de garraias cosinheiras,
De velhas, que com voz desafinada
Com elles nos emballam:

XII.

Pois o estilo! que nojo! que embrexado
D'ideas delambidas, de occas phrazes!
Parece que Grazian, e que Thesauro (1)
Conceitos lhe ministram!

XIII.

E julgam estes loucos encartar-se
No officio de Poetas! cingir louros,
Com que as Musas risonhas coroaram
Camões, Garção, Phylinto!

XIV.

Pois juro que os romanticos bastardos
Com todos seus rozarios de quadrinhas,
Não alcançam que o seculo futuro
Si quer lhe saiba o nome!

(1) Lorenzo Grazian com a sua *Arte de agudeza de engenho*, e o Conde Manoel Thesauro com o seu *Canochiale Aristoico*, reduziram a systema o máo gosto do seculo de seiscentos, como Aristoteles com a sua arte Poetica, redusira a regras a boa Poesia.

ODE XXIX.

Fiquei desapontado!
Garret. D. Branca, Cant. VI.

I.

Apregoam da Hespanha os Jornaes todos
Que Escoiquiz traduzio de Young as noutes,
Que bem as traduzio! cahi no logro,
Fiz em Madrid compra-las.

II.

Depois de longos mezes veio o livro,
Por excessivo preço; pégo a le-lo,
Logo embirrei co' o prologo, onde o Cónego (1)
Mui ancho nos declara.

III.

Que sendo Hereje o Author, cortou da obra
Quantos trechos vio nella, que amargassem
A Orthodoxo padar; n'hum Toledano
Prebendado inda o sofro.

IV.

Passo ao Poema! que nojo! vi que o Padre
Sabia tanto Inglez como eu sei Turco;
Pois só de Letourneur a prosa ensossa
Poz em rasteiros versos!

V.

E ao menos isso o fanfarrão declara?
Qual historia? inda encontro outra ratice
Entre as noutes em verso traduzidas
Em prosa mescla algumas!

(1) D. João Escoiquiz. Author d'esta miseravel versão, foi Arcediago de Alcaraz, e Cónego da Sé de Toledo.

VI.

Podéra inda passar tal contrabando,
Se fora Letourneur fiel, e exacto (1)
Traductor, e supprisse a versão sua
Do original as vezes!

VII.

Mas quem ignora ahi que esse Francelho
De Young atassalhou todo o Poema,
E fez do texto Inglez as nove noutes
Tornar-se em vinte e quatro?

VIII.

Ora trechos transpõem, ora os suprime,
Ideas suas introduz mil vezes;
E em sentido, e expressão faz ao Poeta
Judiciarias cento.

IX.

E ha na Hespanha quem gabe a vista disto
De Escoiquiz o talento, e o gosto? e era
Este o Ayo, e Mentor de hum Rey Mancebo?
Em boas mãos cahira.

(1) Para se fazer ideia da exactidão com que Latourneur traduz Young, basta citar estes versos da Epistola a Voltaire
My Muse, as a bird of passage, flies
From frozen climes te milder skies.
Letourneur tradnz as palavras *as a bird of passagé* com estas *comme un petit bateau.*

ODE XXX.

Meditação em noite serena.

Campos, y arboles umbrosos,
Noche tan clara, y serena,
Sed testigos de mi pena,
Y enseñad a los dichosos
Que avisen en causa agena.
Jorg. de Montem. Pyramo, e Thisbe.

I.

O Ceo azul de Estrellas tachonado, (1)
O clarão melancholico da Lua,
O Ribeiro, que trepido murmura,
A aura serena, e fresca,

II.

Que menêa das Arvores os ramos,
Das Flores os balsamicos efluvios,
Que todo o ar em torno aromatizam
Com variados perfumes,

III.

A muda solidão, que me circumda,
Tudo me alheia o espirito, e desterra
Bulicio insano do inquieto Mundo
Que fujo, e que me enfada.

(1) Humana forma al humedo elemento
Miguel usurpa de candor ornado,
Y por alas arranca al firmamento
Una porcion de estrellas tachonado.
Silveira, Machabeo; Cant. V. Est. V.

IV.

Ergo os olhos ao Ceo, nos Ceos habita
Tudo quanto na Terra amei sincero;
Thomino (1) Oleno (2) Elmano (3) Alfeno (4) Ismeno (5)
Gloria do Luso Pindo.

V.

Aquella Estrella he Marcia (6) esta he Jozina, (7)
Lieutard estoutra (8), o meu amor primeiro;
Inda parece que de lá me acenam
Com raios luci-tremulos.

VI.

Passou, não volta a quadra dos amores,
Que mal concordam co'a madura idade;
Abelhas, Borbuletas não procuram
Nectar em murchas rozas.

VII.

E os amigos, que a vida me encantavam
Com doutas fallas, com sonoros versos,
Hum apoz outro tem cedido á fouce
Da inexoravel Morte!

VIII.

Myope, enfermo, e só no Mundo existo,
Só, que não me criei c'os Homens d'hoje,
Nem seu pensar ao meu pensar responde,
Nem sua lingua entendo.

IX.

Inimigos da Paz, e das Cameras,
Folgam nas dissenções, nos odios folgam,
De Avós honrados desacatam cinzas,
Só dam apreço ao ouro!

(1) Santos e Silva.
(2) Moniz.
(3) Bocage.
(4) Domingos Maximiano Torres.
(5) João Vicente Pimentel Maldonado.
(6) D. Maria Constança Lima Barbosa.
(7) D. Josepha Umbelina Cid.
(8) Madama Bernardina Lieutard.

X.

Como o Nauta, que misero perdera
O Baixel nos navifragos rochedos,
E luctando com as vagas conseguira
Ganhar ignotas praias,

XI.

Onde, em vez de encontrar branda acolhida,
De hospedeira Nação, só vê selvagens
Que timidos o fogem, ou lhe apontam
Mortiferas zagaias,

XII.

E n'ancia de salvar de novo a vida,
Sem mais sustento que bravias fructas,
Vaga o deserto, mais polida gente
Buscando onde descance.

XIII.

Assim vou demandando o passo lento
De melhor vida o porto, e que do Eterno
Benigno o Tribunal hade acolher-me
Me affirma a consciencia!

XIV.

Lá não presentarei manchado o rosto
Com ferrete de sangue, ou de perfidia;
Ninguem me hade accusar dos seus desastres,
De mim pedir vingança!

ODE XXXI.

A' morte do meu amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Quando inveniemus parem?
Horat.

Ah cruda Morte, e chi fia che ne scampi
Si con tue fiamme avampi
Le piu elevate cime?
Sannazaro. Arcad.

O constante Varão, que não descóra
Ante ameaçada morte,
E olhos só crava do dever no trilho,
Nunca ó verás rojando
Dos Tyrannos nas Cortes o instrumento
Tornar-se de seus crimes:
Nunca o verás vender do Povo a causa
Por immeritas honras;
Nunca o verás sacrificar ao ouro
De aváros Estrangeiros
Da Patria os interesses, muito embora
A cega Deosa de Antio
Delle desvie a urna das riquezas:
Embora a Prepotencia,
E o odio dos Partidos em seu damno
Vibrem tremendos raios,
Arabica Palmeira, elle não curva (1)
Ao pezo da desdita!

(1) Tal, viendo-se opprimida, se levanta
Con mas vigor la generosa planta.
Silveir. Mechabeo. Cant. I. Est. XXXVI.

Co' a approvação dos Bons elle contente,
E co' auxilio do Jove,
Vê surrindo o mortifero cutello
Na mão do algoz erguido:
Vê sem susto ondear linguas de fogo
Da fogueira que prompta
A devora-lo está! ou vai banido,
Mas com sereno rosto,
Buscar em clima barbaro o descanço,
Que a Patria lhe denega.
Ali do bem que obrara a consciencia
Das penas o consola!
Não merecido mal redunda em gloria
Do innocente, que o sofre;
Não vale a vida o preço da virtude:
Assim Catão, que observa
Roma em cadeias, rasga o peito heroico,
Co' a Liberdade morre!
Assim Phylinto nas formosas margens
Do triumphante Senna
Ao som da Lyra amaciava as dores
Do exilio, e da pobresa!
E tu, tambem, Moniz, que denodado
Na Tribuna, e no Prelo
Da Nação, e das Leys, da Liberdade
A causa defendes-te
Com intrepida voz, e a força inteira
De patriota ingenuo,
Sem lamentar-te, os ferros, e o desterro
Tiveste em recompensa!
Ilha Africana te acolheo: seus montes,
Novo Orpheo te escutaram
Da Horaciana Lyra os sons canoros
Ali jámais ouvidos!
Soberbo Galião, que contrastando
Os Euros, e as Procellas,
Foi do Oriente aos confins, e delles volta

Duas vezes impune
Dobrando affouto o tormentorio cabo,
Muitas vezes á vista
Das patrias costas o devora o pegó!
Assim, cantor sublime,
Quando doura outra vez a Liberdade
De Lysia os horizontes,
De Lysia, que te chama, a vida acabas (1)
Antes que ao Tejo volvas!
De Cabo Verde as Dryadas chorosas
As Nayas, e as Oreas
Co' as mãos de ebano hum comaro levantam
Sobre o frio cadaver
Do Vate extincto; e em cima desvelladas
Plantam viçosas palmas,
Frondosos Cedros, e nativas flôres;
Seu Espirito applacam
Com barbaras Canções em lingua ignota!
No Cippo, que o remata (2)
A septi-sona Lyra pendurando,
Com que o prendara Clio
Na idade juvenil! assim de Ovidio
Sobre o sepulchro humilde
Só de barbaras Getas retumbaram
As funebres Endeixas!

(1) Segundo informações, que acabo de receber, Moniz expirou na Ilha do Fogo, no mesmo dia em que partia de S. Thomé huma Sumaca, em que o Governador o mandava buscar, para o trazer comsigo para Lisboa.

(2) Αθλων γαρ Πελιαο δεδουποτος ἄψ ανιοντας
Τηνω εν αμφιρυτη πεφνε, και αμησατο γαιαν
Αμφ αυτοίς, στηλας τε δυω καθυπερθεν ἔτευξεν.

Apol. Rhod. Argon. Liv. I. vers. MCCCIV.

Morte lhes deu na undi-cingida Tino,
Vindo dos jogos funeraes de Pelias;
Hum comaro de terra ergueu sobre elles,
Onde dois Cippos collocou.

ODE XXXII.

A' Sr.ª D. Maria Izabel Ferreira, acabando de cantar a Aria « Ombra adorata aspetta. (*)

Awake, Eolian Lyre, awake,
And give to rapture all thy trembling strings.
Gray. Od. V. Str. I.

I.

Deozes! que escuto! . . . armonicos concertos
Tremulam pelos ares! . . . gratas Musas
Enlaçando o matiz dos sons do Piano
O prestigio redobram!

II.

Ouço a voz de Romeo, que aflicto, insano, (1)
Por Julieta, o seu bem, clama debalde;
Veneno matador lhe corre as veias,
Mordendo o tronco á vida . . .

III.

Oh! poder da Illusão! . . . cantora amavel,
Eximio Tangedor (2)! . . . Meu estro he pouco! . . .
Vós mesmos redobrando esses portentos
Tecei vosso elogio.

(*) He da bella Opera Italiana, intitulada Julieta e Romeo, cuja muzica he dos mais felizes partos do grande Zingareli.

(1) Romeo he o nome do primeiro Galan da sobredita Opera, parte que foi desempenhada no Theatro de S. Carlos pelo sem igual Crescentini.

(2) O meo amigo o Padre Carlos Moreira, que fazia no piano o acompanhamento.

ODE XXXIII.

Ao Padre Vicente da Cruz.

Dulci optata die pingit mens anxia nocte.
Santos e Silva.

Quando a Thytonea Moça hoje com roseos dedos
As portas orientaes ao Sol abria,
Vi, ou cri ver sonhando em pé junto ao meu leito
Huma Ninpha gentil, qual fingem Vates
Do Pelago surgindo a Deosa de Cythera
Apenas revertida a linda forma
De verdilonga trança, em torno gotejante.
« Quem hes? . . . (alvoroçado então pergunto)
Ella com mesto rosto, em branda voz, que sôa
Qual de Collini o canto em Scena Ausonia (1)
» A Nayada (me diz) sou de teo vitreo lago,
» Que os mudos Habitantes, que o povoam,
» Esquivo noite e dia aos Sylphos malfazejos,
» Animal miador, daninho Infante,
» Mas ah! de balde lido; a meu desvello ingrato,
» De mim, delles te esqueças, nem procuras
» Seo numero augmentando; o imperio dilatar-me;
» Eia, rompe a detença, e não consintas
» Que por mais tempo ingloria em meos cristaes desertos
» Ellevar-me não possa á flor das agoas,

(1) Josepha Collini, Cantora Piamonteza.

» De mim juntando em roda em meiga cantilena
» Varias de forma, e côr, abaixo, acima,
» Mil circulos tecendo as turbas nadadoras.
» Entre os floreos jardins, bosques sombrios
» Onde Vicenio passa, em paz, tranquillas horas,
» Ora entregue á leitura de aureos livros,
» Ora em inação doce, em grato devaneio,
» Tanques, onde, em cardumes, fervem Peixes,
» Dos Zephiros ao sopro amenos se embaloiçam,
» Offertam folgario aos niveos Cisnes;
» Delles se em brando metro a suplica lhe fazes,
» Liberal mandará colonias bellas.
Dizendo assim fugio, como o fulgor, que rompe
Da Noite a escuridão, scintilla, e foge.
Mas quem, Vicenio meu, tão ferreo he que resista
A' Belleza, que roga, e mais se he Deosa!
Seu rogo te refiro em novo, e facil metro,
Seus votos preencher de ti só pende.

ODE XXXIV.

A' Morte de Francisco de Borja de Carvalho e Mello.

Todos asi en la tierra dormiremos,
Hasta que el pié del Todo poderoso
Esparza el polvo, de que está formada.
D. Juan Escoiquiz.

I.

Tem em roda de mim ceifado a morte
Quantos amigos do praser a taça
Esgotaram comigo em ledos dias,
Da verde adolescencia!

II.

O veloz Tempo sacodindo as azas,
Cercado de annos, mezes, dias, horas,
Progenie sua, tem hum apoz outro
Cavado os seus sepulchros.

III.

Elmano, Alfeno, Melibeo, Thomino
N'esse abysmo profundo baquearam;
Alcino, Ismeno, e Oleno, que eu presava
Inda mais que elles todos!

IV.

Tambem tu, oh Francilio, já pagaste
Da Humanidade o feudo á Morte; o Nume
De Epidauro não póde defender-te
Co' a doenti-fuga vara!

V.

Posto que houvesses estudado assiduo
Da arte sua os segredos, e as doutrinas;
Quando a hora fatal sôa, que valem
Da Medecina os meios?

VI.

Nem genío, nem virtude embarga a morte;
Perece o sabio, qual perece o louco:
Como ignobil Pintor, Raphael morre,
Como Achylles Thersytes!

VII.

A differença he que dos máos, dos nescios
Vai com elles o nome á sepultura;
E que o bom Cidadão chorado sobe
Do Omnipotente ao seio.

VIII.

Assim subiste Tú, em cuja campa
Corre o pranto da Esposa, dos amigos;
Que em torno della saudosos plantam
Os louros, e os cyprestes!

IX.

Mortaes insanos! delirando em odios
Com ferro, e fogo revolveis o Mundo,
Sem occorrer-vos que da gloria a estrada
No tumulo fenece!

X.

Valem riqnezas as infamias, lidas,
Porque as compraes? eu só lhe dera apreço,
Si com ellas peitar podesse acaso
A inexoravel Parca!

XI.

Porém si os cofres de dobrões pejados
Cumpre deixar nas mãos de avaro herdeiro;
Si ouro a vida hum momento não prolonga,
Para que o buscam tantos,

XII.

De honra, virtude, e da saude a custo?
Melhor não fora no trabalho honesto
Esperar pelo termo da existencia
Sem crimes, sem remorsos!

ODE XXXV.

A' Morte de D. Maria Constança Lima Barbosa.

Nascendo moriens.
Massenius, Sarcotis Liv. I.

Toutes choses mondaines
Qui vestent nerfs et veines,
La mort egale prend,
Soient pauvres, ou soient princes,
Dessus toutes, provinces
Sa main large s'etend
Ronsard.

I.

Quando nasce, a morrer começa o Homem,
Mas a Morte ante nos chega estranhada:
Nada ha mais certo que ella, e sempre novo
Successo nos parece!

II.

Muito embora de lustros vinte ao termo
Cheguemos; sempre aos olhos no horisonte
A vida se apresenta, qual miragem
Nos Egypcios desertos!

III.

Em deredor de nós debalde vemos
Engolir cada dia a sepultura,
O merito, a grandeza, a sãa virtude,
A formosura, o genio!

IV.

Toda a face da terra, que pizamos
Consta de gerações em pó desfeitas,
Que acamando-se vam humas sobre outras
Athe ao fim dos E'vos!

V.

E hum Emfermo não ha que recostado
Sobre o leito da dor, de força exhausto,
Já turva a vista inda contar não ouse
C'hum dia de existencia!

VI.

A bondade de Deos na sombra envolve
Da morte a horrenda imagem! que seria
Do mortal, que ao marchar ao seo encontro,
Sempre a tivesse á vista!...

VII.

Da desesperação cahindo em garras,
Desconsolado, inerte esmorecera,
Como a relva espontanea, que nos Campos
Brota, voceja, e seca!

VIII.

Nem virtudes, nem crimes, nem prazêres
Nem Cidades, nem Povos vira o Mundo;
Poderiam cuidar de si, dos outros
Aflictos muribundos!

IX.

De tão lugubre ideia emfatuado
Quem de amor ao prazer se abandonara!
Sem amor acabado já não tinha
A triste Humana espece?

X.

Na linda quadra dos amores nossos,
Lembrou-nos huma vez si quer, oh Marcia,
Que romperia os nossos mutuos laços
A truculenta Morte!

XI.

Oh não! Sonhos de gostos, de ventura,
De mui longo viver, nos circumdavam,
Nem viamos do amor por entre as chamas
As rugas da Velhice!

XII.

E a Morte veio, e tu subiste aos Astros
A unir-te ao choro das leaes amantes;
Jaz teu espolio em tumulo modesto,
Que o meu desvelo erguera!

XIII.

Na surda noite alguma vez apenas
Junto ao meo leito a sombra tua eu vejo!
Vejo-a meio dormindo, e mais formosa
Na alma luz que a rodea!

XIV.

Os ternos olhos para mim volvendo
Sorrir-me inda parece, e convidar-me
Para segui-la a habitação ditosa
Do perene descanço!

XV.

Quero erguer-me, e não posso: fallar tento
E a lingua da vontade se recusa
A obedecer ao mando, e em tanto a sombra
Nos ares se dessipa!

ODE XXXVI.

Ao Anno de 1844.

Nous, qui dans l'Ocean des Etres
Nageons tristement confondus;
Nous dont l'existence legere,
Pareille á l'ombre passagere,
Commence, parait, et n'est plus.
Malfilatre.

I.

Este anno, que encetei, finda-lo eu devo?
Ou na mente de Jove estará fixo,
Que do Livro da vida, em seu decurso
Meo nome apague a Parca?

II.

No intimo d'alma occulta voz mo affirma;
E sinto enfraquecer de dia em dia
Alegria, saude, forças, vista;
E o estro já tão vivo!

III.

Do applauso o accento, da Beleza o aspeito,
Já frio escuto, indiferente observo;
Da Musica as celestes melodias
Meu peito não emflamam!

IV.

Mas si o Ceo dá que este anno findar veja,
Para mim virá elle amigo, e fausto,
Ou trazer-me virá desgostos novos,
Mais agras desventuras?

V.

Co' a vontade do Eterno me resigno;
Mas fui tão infeliz na verde idade,
Que justo fora envelhecer tranquillo
Em doce mediania.

VI.

Annos cincoenta e seis vivido tenho,
De que modo? estudando, e padecendo.
Para tão pouco mal valia a pena,
De me crear o Eterno.

VII.

Minha inerte materia lhe não disse
» Plasma-me, oh Deos, espirito pensante
» Une a mim! » mas só elle he que conhece
Do seu obrar as cauzas.

VIII.

Sabe só elle porque ao Roble rude
Existencia de seculos concede,
E do Homem a machina assombrosa
Tão presto se desune!

IX.

Sua vontade he ley! cumpra se! as campas
Reguei de muitos com sincero pranto!
Mas talvez huma lagrima não caia
Na terra que me cubra!

ODE XXXVII.

Na convalescença de molestia grave.

La Parque ne fait point de grace;
Tout meurt; c'est pour l'humaine race
L'inviolable arret du sort,
Le rang, le sçavoir, le courage,
Rien de ses loix ne nous degage,
Tout meurt, puis que Pindare est mort.
Lamothe.

I.

Para mim a sorrir começa Hygia,
E foge ao seu sorriso a Febre ardente,
Que nas veias o sangue atropelado
Co' sopro rescaldava.

II.

Mais viva luz nos olhos me refulge
Branda, e serena; a viva phantasia
Já no seio da noute não se aterra
Com pavorosos sonhos!

III.

A pouco, e pouco vão volvendo as forças
Aos decepados membros, nem me abala
Tremulos nervos a gelada dextra
Da convulção nocturna!

IV.

Bem pensei outra vez não ver floridas
Do meo Pomar as Arvores, que do Horto
Não mais entre os canteiros aspirara
O arómata das Flores!

V.

Que não mais com meu plectro tiraria
Accordes sons da Lyra; que fechando,
Ultimo Alumno, de Phylinto a eschola,
Fora encontrar meu Mestre! . . .

VI.

Na nuvem septicor Iris já via (1)
O cabello a Proserpina votado
A cortar-me aprompłar-se! . . . ouvia ao longe,
No turbido Cocito,

VII.

Do Cão trifauce os trisonos latidos,
Os roucos brados do horrido Charonte,
E nos bordos da Barca o som medonho
Dos rebatidos remos!

VIII.

Via em seu Tribunal Eaco, e Minos,
E o ferós Rhadamonte interrogando
As criminosas almas! . . . e das Furias
Colear as serpeas grenhas! . . .

(1) Tum Juno Omnipotens, longum miserata dolorem,
Dificiles obitus, Irim demisit Olympo,
Quæ luctantem animam, nexosque resolverat artus,
Nam, quia nec fato, merita nec morte peribat;
Sed misera ante diem, subito que accensa furore;
Nondum, illi flavum Proserpina vertice crinem
Abstulerat, Stygio que caput damnaverat Orco.
Ergo Iris croceis per Cœlum roscida pennis
Mille trahens varios adverso sole colores
Devolat.
Virg. Æneid. Liv. IV. Vers. DCLXXXXV.

IX.

Lá nos umbraes do Elysio, que pratea
Pura luz immortal, já me accenavam
Oleno, (1) Alcino (2) Ismeno (3) e já não cego, (4)
O almo cantor do Sado.

X.

Com aprasivel gesto me apontavam
Para ameno bosquel, onde sentados
Cantavam Corydon, Phylinto, Elpino,
Em Lyrico certume!

XI.

O divino Camões os ouve attento
Para entre elles julgar! Pyndaro, Horacio,
Sapho, Petrarcha, e Tasso em roda applaudem,
Com variado affecto! ....

XII.

Mas no livro da morte inda marcado
Não estava o meu nome; inda das Parcas
Do estame meu não desvestira a róca
O redopiado fuso!

XIII.

Oh benigno, ou cruel, inda o Destino
Quer que de Ethereas auras me alimente: (5)
Inda me he dado de Apollonio o canto
Trazer ao Luso metro; (6)

(1) Moniz.
(2) Joaquim Seveverino Ferraz de Campos.
(3) João Vicente Pimentel Maldonado.
(4) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.
(5) Quem si fata virum servant, si vescitur aura
Ætherea, neque adhuc crudelibus occubat umbris.
Virg. Æneid. Liv. I. vers. DL.

(6) Allusão aos Argonautas, Poema de Apollonio de Rhodes, cuja traducção em verso Portuguez tenho muito adiantada, e que espero concluir em breve, e publicar pela imprensa.

XIV.

E com elle seguir de Esõn o Filho
Da Hemonia Jolchos, no Baixel de Palas, (1)
A Colchida remota, onde a despeito
Dos bronzipedes Touros;

XV.

Da armigera seara, e do tremendo
Vigil Dragão, que o guarda, o velocino
Co' favor de Medea roube, e á Grecia
O restitúa ouvante!

XVI.

Graças! mil graças aos benignos Numes,
Que delongaram o fatal instante,
Em que de mim tem de cobrar a morte
O infallivel tributo!

XVII.

Homens, Imperios, Monumentos, tudo
Tem de hum dia findar! genio, virtudes
Poder, grandezas, nada valem quando
A hora tremenda sôa!...

(1) A Náo Argos, em que os Mynias fizeram a viagem de Colchos, e que fora construida debaixo da direcção de Minerva.

ODE XXXVIII.

A Madame Lavallete, salvando seu Esposo da Morte. (*)

Virtus recludens immeritis mori
Cœlum negata tentat iter via.
Horat.

Virtude! quando o lucido reflexo
De teus celestes olhos
Fere no peito digno de acolher-te,
Qual acorda a centelha
O incendio, que na polvora dormia,
Insolito ardimento
De veia em veia lavra! . . . em vão pertendem
Da gelida Prudencia
Cortar-lhe o passo timidos conselhos;
Ao teu clarão marchando

(*) Esta illustre Sr[a]. a honra do sexo, e do amor conjugal em nossos tempos, alcançando licença para fallar sem testemunhas a seu Esposo o Coronel Lavallete na prizão, onde estava esperando a morte, a que fora condemnado, o disfarçou com os seus proprios trages, o fez sahir, ficando em logar delle. Faça-se justiça a Luiz XVIII, que teve, apesar dos Jesuitas, a magnanimidade de perdoar este estratagema, em virtude do motivo delle.

Virtuoso mortal desvia a vista
De tudo, que he terrestre,
Aspira a maior gloria, e só contempla
Da Justiça, do Honesto,
Do rigido Dever fragosa senda,
Em cujo termo avulta
Teu Templo augusto com marmorea pompa!
Que tem que em seu caminho
Verta veneno a perfida calumnia?
Que tem que praguejando
Marche a seu lado a detractora Inveja?
Que apprompte a Tyrannia
Equuleos, e Catastas! . . . e que a morte,
Com todo o seu cortejo,
Desdobre no patibulo afrontoso
O cruentado manto
Para envolve-lo todo; e que ouça ao longe
O brado de Ignominia
Mandando-lhe fechar da Fama a porta?
Não treme, não vacilla,
Não descora, náo geme . . . está seu peito
Sereno como as ondas
De pacifico lago em vernal dia!
Sorri tranquillo, e brando
Qual do Ganges sahindo a rubra Aurora?
Assim da Natureza
Gritos suffoca, e sacrifica Bruto
Da Patria á Liberdade
Os Filhos, que elle proprio sentencêa! . . .
Assim do ingrato Povo
Que tão mimoso tinha, e bem servira,
Recebera Aristides
Sem murmurar immerito desterro! . . .
Assim . . . mas fôra pouco
Entre eximios Varões mostrar prodigios
De teu sagrado influxo! . . . .
Quanto não realçou, Deosa, comtigo

O lindo, e debil sexo?....
Se ao cutello das Leis, trahida a Patria,
Pausanias fugir tenta
Em sacro-santo asylo, a Mãi, na frente
Da amotinada Plebe,
Pedras traz, que primeiro ella lhe arroja;
Porque as Tribus liberte
Da inevitavel perda, a furia arrosta
Do terrivel Assuero
A compassiva Esther!... mas se, oh Virtude,
Em femenino peito
Ao conjugal Amor a mão presentas,
Então mores portentos
Observa o mundo atonito, então fulges
Com resplendor mais vivo!...
Co'a propria vida do consorte a vida
Prolonga a linda Alceste;
Prostra Protesiláo Dardâneo ferro,
E a terna Laodamia
Sebreviver não pode aos seus amores!...
Do irado Pai as furias,
Porque salve Linceo, sem medo afronta
Hypermnestra... mas quanto
Tempo antigo exaltou em nossos dias
Iguallas, ou transcendes,
Oh terna Lavallete!... em vão rodeíam
Seu miserando Esposo,
A' morte devotado, ferreas grades,
Horrificas Phalanges,
Debalde o irado Rey, que immoto ouvira
Suas preces, seu pranto,
Magnanimas offertas da Amizade
A' sua phantasia
Armado de vingança se apresenta;
Com piedoso artificio
Ella a prisão penetra; « ah! foge! ah! foge!
» Caro Esposo (ella clama)

» Foge da morte, immerecida penna
» Desse, que, consagraste
» Teu vivo afecto ao Idolo da França
» Já o bravo dos bravos
» O generoso Ney, Reo de igual culpa,
» De Luxemburgo a terra
» Que seu sangue tingio, que vezes tantas
Tinha poupado a Parca
» Nos duros campos de horridas Batalhas!
» Foge! não te detenham
» Vãas considerações! fugir da morte
» Quando nos marcios campos
» Pela Gloria infeitada se apresenta
» He desdouro, he fraqueza, . . .
» Mas he louco, e cobarde o que a não frustra
» Quando a segue a ignominia
» Sobre o vil cadafalso! illude os Argos
» Que attentos te vigiam!
» Sirva meu véo de lhes furtar teu rosto! . . .
» Salva-te amado Esposo
» Da Virtude, e de Amor a vida acceita;
» Neste osculo recebe
» Meo coração! . . . . minha alma hirá comtigo! . . .
» Embora me condemne
» O frio Estoico . . .. de partido opposto
» Do Rey enfurecido
» A colera não temo . . . alegre morro,
» Cumprindo os meus deveres!

ODE XXXIX. (*)

A' Morte de D. Anna Luiza Dufourcq Potsch.

Ne victar potrà mai letargo, o tomba,
Perfida Invidia, ingiuriosa sorte,
Che dovunque virtu la scorge, o chiama,
Non la segua per tutto anco la Fama.
Marini. Ad. Cant. X. Stanz. CLXX.

Hera ditosa si no Mundo
Pode chamar-se algum Mortal ditoso:
Em reciproco amor, mutua ternura
Que mais, e mais lhe vinculava o tempo,
Com seu Esposo disfructava unidas
Da paz, e de hymineo delicias puras.
Moniz. Apparição. Cant. III.

I.

Porque floreia com feroz contento
Ensanguentada foice a Morte horrenda?
Qual fecha nova victima esta campa
Em seu marmoreo seio?...

II.

Por quem terno Hymineo, voltando o faxo,
Flebiles ais derrama, e des-cingindo
Da florida capella as lindas tranças
Graças, e Amor pranteiam?...

(*) Pedida.

III.

» Analia pereceo! . . . nos fundos Bosques
Em lamentosos échos, soa! . . . ao longe
» Analia pereceo! . . . respondem Grutas
Do saudoso Tejo!

IV.

» Analia pereceo! . . . a flor mais bella
Que de Lysia alegrava os ferteis campos! . . .
Tão celleste Belleza, oh! não podia
Na Terra durar muito! . . .

V.

Por eutre a escuridão de hum Mundo infausto
Scintillou qual relampago! . . . sumio-se,
Mais pezadas deixando as densas trevas
Co'a nuvem da saudade! . . .

VI.

Quam variavel dos Mortaes a sorte! . . .
Quam perfido o surriso da Fortuna! . . .
Se hoje da roda nos levanta ao pino,
Amanhãa nos derruba! . . .

VII.

Hontem inda apertando Analia em braços,
Sentindo-a suspirar sobre seu peito,
Em extasi de gosto o terno Esposo
Hum Numen se julgava!

VIII.

Quem não dissera que propicia Estrella
Com suave clarão dourou seu berço! . . .
Quanto podem Virtude, e Formusura
Em Analia lhe deram.

IX.

Hoje vagando por desertos Lares,
Chama debalde Analia! . . . geme, ulula,
Delira de pezar, e até piedade
Em seus rivaes desperta! . . . .

X.

Amorosos Phantasmas, que o rodeiam,
Com saudosa lembrança a dor lhe avivam!...
Aqui meiga surrio... alli pulsando
O Cimbalo sonoro,

XI.

As Horas encurtou, fez que os Favonios,
Librando-se nas azas, para ouvi-la,
Mais do costume em vezitar as Flores
Tardassem por quem morrem!...

XII.

Ledos momentos que o prazer dourava,
Suaves expressões, gentis gracejos,
Hum volver d'olhos... são punhaes que n'alma
Sem descançar golpeiam!

XIII.

Oh Musa da Elegia em lucto envolta!...
Lyra votada a prantos, e a lamentos,
Não cesseis de chorar d'Analia o fado
Em piano sonido.

XIV.

Oh Tagides gentis, campestres Nymphas,
Consortes de seus ais, e de seus risos,
Sobre o Tumulo seu com mão profusa
Lançai Coraes, e Flores!

LIVRO IV.

ODES HORACIANAS EROTICAS.

ODE I.

A Venus.

Voi mi deste l'ingegno, e voi lo stíle,
Da voi le carte a ben vergar appresi;
E se v'ha stilla di purgato inchiostro
Prende sol qualitá dal nero vostro.
Marini. Ad. Cant. IX. Str. III.

I.

Soberano prazer, de Homens, e Numes. (1)
Alva Filha da espuma, (2)
Tu que com teo throno d'ouro
Reges em Chipre o Imperio dos Amores:
Aphrodita, Dionea, Formusura,
Creação, Natureza,
Ou se outro nome ha hi que mais te apraza,
Co' esse te invoco, encantadora Diva!

(1) Æciadum genitrix, hominum, Divumque Voluptas.
Alma Venus! *Lucr. de Rer. Nat. Lib. I.*

(2) A Mythologia fingia Venus nascida da espuma do mar.

II.

He tua a Rosa, Imperatriz das Flores; (1)
A mais bella das Plantas,
Dos Jardins ufania,
Da Terra ornato, esmalte das Campinas:
Com seus botões a tua fronte enramas:
Em teo morbido seio
Mais suave difunde os seus perfumes,
E o candor teo co'a purpura realça!

III.

O soberbo Leão, Rey dos desertos,
Ao teu menor aceno
Vem a teus pes humilde,
As ferozes mandibulas lhe prendes
Com floreas redeas; em seu largo dorso
Magestosa te assentas;
E elle, Corsel submisso, te conduze
De soberbo com carga tão formosa!

IV.

Teu productor sorriso anima, e cria
Os variados seres;
De teu fogo tocados
Se unem por ti, por ti se reproduzem;
Sem ti ha muito já volvido houvera
Ao cahos primitivo
O Mundo organisado; a Eterna Noite
O cubrira com o manto tenebroso.

(1) A Rosa era entre os Gregos consagrada a Venus.

V.

Quando lá no Ida de pleitear-te ousaram
A palma da Beleza
Pallas, e a altiva Juno,
Mal do Pastor aos olhos refulgiram (1)
Francos, sem veo, teos immortaes encantos,
Foi tua a maçã d'ouro,
Bramiram as rivaes, e despeitosas
Vingam a injuria d'Illion no Incendio.

VI.

De ti nasceo o aligero Menino,
Que a Jove arranca o raio,
A Neptuno o tridente,
De longe ao Rey do Averno as settas vibra,
Co' as setas fere o duro Deos da guerra,
E do facho derrama
A ternura, o tormento, a dor, e o gosto
Do Excelso Olympo do Oceano ao fundo.

(1) Le qualitá di quelle membra intatte
Quai discriver saprian Pittori industri,
Rendono oscuro l'alabastro, e il late,
Vincono i gigli, eccedono i ligustri.
Piume di Cigno, e nevi non disfatte,
Son foschi esempi ai paragoni illustri,
Vedesi lampegiar nel pio sembiante
Candor d'avorio, e luce di diamante.
. . . .
Basta ben ch'alla gloria a voi concessa
Fu lor dato poggiar pur col pensiero,
Nè fu lor poco onor, che fusse messa
La certezza in bilancio, iu dubio il vero.
Ora di bocca la giustizia istesssa
Publica il suo parer chiaro, e sincero.
Obbligo suo per la mia mano offerto,
Questo Pomo presenta al vostro merto.
Marini, Adon. Cant. II. Stanz. CXLI, e CLVI.

VII.

Os passos teus risonhas acompanham
As semi-nuas Graças
Coroadas as frontes
De verdes Myrthos, de puniceas rosas;
Os ledos Jocos, Risos, e Prazeres,
Da festiva Alegria
Formosa prole, te precedem sempre,
Promptos, servos fieis, ao teo preceito.

VIII.

Quando no carro, que alvas Pombas tiram,
Do estelifero Olympo,
Vens visitar a Terra
Para hospedar-te a leda Primavera
Matiza os campos de vistosas flores;
Doce, amoroso influxo
Por ares, terras, e agoas se difunde,
Arde tudo de amor, de amor suspira.

IX.

Arde tudo de amôr nos fundos mares,
Si á coralina concha,
Domesticados junges
Feroses Tubarões, e os mares cortas;
Escamosos Tritões, gentís Sereas,
Do pego as Nimphas todas
Te circumdam cantando alegres Hymnos,
Athe que chegas d'Amphitrite aos paços.

X.

Só tu amansas de Mavorte a furia;
E o Padre Omnipotente
Nada aos teus rogos nega.
Quebrou da morte os inquebraveis foros,
Para aos teus braços restituir amantes
De Cyniras o Filho,
Bem que encantada de seu gesto lindo
Intentasse Proserpina dete-lo.

XI.

Do Cedri-fero Libano as Cavernas
Que teus mestos lamentos
Por elle repetiram,
Retumbaram então com ledos brados;
Com jubilosos Cantos, que entoavam (1)
Comtigo as Tyrias Virgens
Quando, abrindo-se a campa, Adonis surge,
E ao seio o apertas entre ardentes beijos.

XII.

Por ti guiado o profugo Dardaneo
Poude a pezar de Juno
Lansar na Ausonia terra
Os fundamentos d'Alba, a May fecunda
Da Septicole Roma, a quem os Fados
Davam do Mundo o Imperio,
E davam recolher da sabia Grecia
De Artes, e Letras a formosa herança.

XIII.

Tu do invido Lieu, frustrando os dolos,
O denodado Gama
Ao Indostão guiaste;
Descobriste a Cabral ignoto Mundo:
E ao que Ormuz, e Malaca subjugara,
Ao prudente Albuquerque
Inspirante o fundar no rubro Oriente
A segunda Metropole de Lysia.

(5) Allusão ás Festas da Resurreição de Adonis, celebradas annualmente na Phenicia, e outras partes.

XIV.

Tu deste a Lyra á namorada Sapho,
E ao ledo Ancião de Theios;
Tu teceste a grinalda,
Que cingio de Petrarcha a fronte honrada;
Os preceitos d'amar dictaste a Ovidio:
Tu afinaste as chordas
Da Lyra de Camões, quando cantava
Da miseranda Ignez a infausta sorte.

XV.

Todo o teu fogo incendiava o peito
Do sem igual Phylinto,
Quando Hymno portentoso
Em teu louvor cantou! Tu modulaste (1)
Do meu Alfeno as consonancias doces,
Quando com aureo metro
Pintava ao Mundo o criador influxo,
Que exerces nas acções da Natureza. (2)

XVI.

Eu tambem consagrei aos teus louvores
Minha Cythara humilde,
Tambem nas aras tuas
Queimei devoto Incenso! abriguei n'alma,
Sem profana-las de teu filho as chamas;
Dá pois, benigna Deosa,
Que o nome meo no templo teu gravado,
Quando eu for cinza, e pó, não trague a morte.

(1) Hymno a Venus de Francisco Manoel, huma das mais sublimes composições, que possuimos.

(2) A bellissima Ode Pyndarica de Domingos Maximianno Torres, intitulada — Venus Physica.

ODE V.

Ao Dia dos meus annos, em 15 de Agosto de 1831.

Omnia pretereunt.
Ovid.

I.

Dia dos annos meos, como soturno
Do pobre Vate os Lares visitaste,
Sem trazeres comtigo qual sohias
Os risos, e os prazeres!

II.

Os somnolentos olhos descerrando,
Junto do Leito meu não vi Josina,
Que de novo vestida, alegre, e rindo
Os parabens me dava!

III.

Ergui-me, e tacteando a eburnea Lyra,
Bacho. Musas, e Graças chamo; em balde;
Nem Graças, nem Lieu, nem Musas ouvem
A invocação do Vate.

IV.

A' meza me sentei; ali de novo
Senti mais viva de Josina a falta;
Pois não a vi entre festivos brindes
Venturas agourar-me!

V.

Não vi Moraes, assiduo Gazeteiro
De Romantico Mundo, a dar-me parte
De quantos giram por Britania, e Gallia
Não classicos Poemas!

VI.

Mas Jozina a fiel, a terna amante,
Por mais de lustros trez sempre a meo lado,
Cedeu da Morte á foice, e dorme agora
No seio do sepulchro:

VII.

Moraes, o tão Phylosopho, tão livre,
Em Palacios de Grandes se aposenta;
E do amigo cantor the neste dia
A convivencia esquece!

VIII.

Triste, que tem de conhecer hum dia
Dessas Armidas o fingido encanto,
Quando o magico espelho a Experiencia
Aos olhos lhe apresente!

IX.

Comi pouco, e sem gosto! encasmurrado
No camapé deitei-me a ler Virgilio
The subnoute; que triste dia de annos!
Tal o haja o que me odeia!

ODE II.

A Bacho.

L'amore ci fa piangere,
Il vino ci fa ridere,
Cui piace amor lo seguiti,
Che il vino io seguiró
Maffei.

I.

Na verde mocidade
Sequaz já fui de amor;
Huns olhos garsos, hum gentil surriso (1)
Meu coração prendiam,
Mostrando-me na terra o Paraiso.

II.

Então no sacro monte,
A Cythara tangendo,
Cingida a frente de fragrantes rozas,
Suspirando entoava
As de Sapho canções melodiosas.

III.

Mas hoje que o cabello
Começa a branquear,
Deixando o trilho que seguio Petrarcha,
Só dou culto das Indias
Ao vencedor, thyrsi-gero Monarcha.

(1) Un tempo era il mio genio,
Languir por un bel ciglio,
Error dégl'anni teneri,
Follia di gioventú.
Quant'é miglior diletto
Versar dentro il suo petto
Due fiaschi, e forse piu. *Maffei.*

IV.

Ao Numen d'alegria,
Ao Numen binascido,
Que acompanham os Satyros saltantes,
Que co'as Tyadas tecem
Bailes, crudi-carni-voras, uivantes. (1)

V.

Ao Deus por quem nas grutas
Do Cytheron á noite
Echo-retumba o ruido das Orgias,
Que as Bachantes celebram
Co' as crini sparsas Nayas, e Hamadrias.

VI.

Bem louco he quem se torna
De hum lindo rosto Escravo
Para soffrer desprezos, e esquivanças;
E o que he mais duro ainda,
Ingratidões, mentidas esperanças!

VII.

Não foi para a gastarmos
Em magoas, em desgostos
Que á vida nos chamou a Natureza.
Do vinho as alegrias
Valem mais que os favores da belleza!

VIII.

Rapaz, traze apressado
Os copos, e as botelhas,
Deita geitoso o Moscatel, e o Douro,
Esses preciosos Vinhos,
Que são de Lysia vegetal Thesouro?

(1) A palavra crudi-carni-voras corresponde exactamente ao epitheto ωμοβορος que Appolonio Rhodio no seu Poema dos Argonautas, dá ás Thyadas pelo costume de comerem pedaços crus das victimas sacrificadas a Baccho, nas festas chamadas *homophagyas*. Vid. Potter. Arch. Liv. II. Cap. XX.

IX.

Que das Britanas Ilhas
A deslavada Gente,
Bebedora de insipida cerveja,
Que abençoar recusa
O Deos de Thebas, tanto nos inveja!

X.

A nós do sol nascidos
Em laranjaes odóros,
Seus mais preciosos dons reserva o Nume!
A nós em cujos peitos
Arde de Marte, e Baccho o sacro lume.

XI.

Ambos da guerra Deoses,
Força, arrojo nos deram,
Para expulsar os Mouros, e dobrando
O tormentorio cabo,
Irmos Africa, e India avassallando.

XII.

Deita mais, como ferve!
Que doce aroma exhala!
Que força! que sabor! he ambrosia!...
He nectar!... que suave
Transporte a dominar-me principia!

XIII.

Ouço acordes concertos!...
Ouço harmonicos cantos!...
Vejo Nymphas, e Phaunos, vejo o Pindo!...
Vejo de Lusos Vates
Hum choro Hymnos a Bacho desferindo!

XIV.

Dá me a Lyra!... não essa!...
A de marfim, que Oleno,
Morrendo, me deixou!... quero este dia
Dar com elles meu canto!
Ao grande Bassareu, Pay d' Alegria!

ODE III.

A Marcia. (*)

Ouvis? . . . ou aprasivel Fantasia
Me entretem, e me encanta! como descem
Ruidosos os Prazeres! como alegres
Junto a mim dispõem alas!
Francisco Manoel. Ode a Amizade.

Traduction.

Que entende-je! est ce un songe aimable et vain, qui me charme! quel doux tumulte! je vois descendre l'ardent ensaim des Plaisirs; ils me sourrient: les voila que abbatent prés de moi leur vol!
Mr. de Sané, Poesies Liriques Portugaises Fol. CCXLIII.

Cerrada escuridão a esphera enluta,
E os ventos furibundos
Pelos ares horrisonos bramindo
Ao rebombo se ajustam
Dos medonhos trovões, a quem precede
Do relampago o chofre!
Crepitande predisco assouta os vidros
Da tremula janella,
E as ruas co'a precipite enxorrada
As gentes ensurdecem.

(*) D. Maria Constança Lima Barbora.

Sobre nevoas sentado o Deos do frio
Gira, ruge, e dispara
As retalhantes setas! não tardemos,
Marcia, meu doce encanto,
Contra elle hum reducto o lar nos seja,
Seus tiros despontando
No felpudo capote, em quanto estouram
No calido brazido
Gostosas Rebordãas! e a fusca Helena
Do porco a pingue carne
Volve na chiadora frigideira!
Conversemos, folguemos,
Que junto a hum puro amor contente existe!...
Que me importam chymeras,
Com que tantos insanos barafustam?
Que me importa que Urano
Dos Planetas o numero accrescente!
Que do Equador ao Polo
Duas vezes por dia as ondas corram
Sem que seu peso lhe obste?
Que me importa saber odiosos Nomes
Dos coroados Tigres
Que no sangue dos homens se fartaram
Na degénere Roma?
Mais ditoso serei quando conheça
Se indigenas, se estranhos
Foram acaso os Atavos dos Lusos?...
Outros a lautas mezas
Com variados manjares fumegando,
Ao clarão deslumbroso
Das lavradas, retortas serpentinas
Bebam em taças de ouro
Aborrimento, e tedio de mistura
Com Champagne, e Falerno
Com Málaga, e Tokai, com Rheno, e Chipre!...
Nós a quem mais contenta
O patrio Lavradio, a sós ditosos,

Da ralhadora Tia
A suspirada da auzencia aproveitando,
Com elle brindaremos
Da rubida saude á Divindade,
A' comedida Venus,
Ao Numen pampinoso em Nisa honrado,
E á Musa de Phylinto
Que esta Lyrica Cythara me empresta.
Não ves as nuas Graças
Que de mãos dadas para nós caminham!...
Os trefegos Amores
Não vês como de emtorno andam brincando?...
A risonha Alegria
Tece amante canção, que me apresenta
« Sylvio: Tu a executa,
» (Ella me diz) a tua Marcia canta,
» Celebra os teus prazeres.

ODE IV.

A Marcia. (*)

Ali era meu gosto sobrehumano
Cantar os seus agrados, os seus mimos,
Merecidos da minha fé constante,
Do meu coração terno.
Francisco Manoel.

Traduction.

Heureux alors! heurex audessus de tous le Mortels, je chan, tais, ó Marcie, tes graces, tes tendres faveurs, digne pric de ma foi constante, d'un cæur, qui d'aimait que toi.
Mr. Sané, Poesies Liriques. Portugaises pag. CCLIII.

I.

Essas estrellas, que embebida encaras,
Soltas fugindo pelo aereo espaço,
E a teus olhos parecem
Brilhante pedraria,
Que sabia distribue solerte agulha
Sobre o Caftan de Persiana Esposa:

II.

Só para recamar da Noite o manto
Julgas que as produzira a mão do Eterno,
Marcia, meu doce enlevo,
Mais terno meu cuidado,
Fonte de meu prazer, sol de meus dias,
Principio, e caro fim de meus desejos?

(*) Á mesma.

III.

Tem destino melhor; são outros Globos
Mais amplos, mais formosos, que este nosso,
Que a tyrannia habita;
Onde campea o crime
Onde entre Algoses, onde entre bipennes
Vezes mil a Innocencia acaba a vida.

IV.

Que varia multidão de ignotos entes
De outra fraze, outra côr, figura, e essencia
Ditosa lá se alvergue,
Embora outro discuta;
Com aereas hypotheses não tento
Acreditar o que provar não posso.

V.

Sei sómente (o que Amor me disse hum dia
Quando dois Hymnos lhe offertava em honra
Da sua amada Psyche)
Que essa estrella mais bella,
Que luz primeira, e que ultima se esconde;
Dos Amantes fieis encerra as almas.

VI.

Ali campos de luz trilhando aos pares,
Sem sombra de pezar, que os emnevôe,
Serenos dias passam!
Ali novos prazeres
Estremes, sem fadiga, e sem temores.
Gozam sem saciedade, e anhellam sempre!

VII.

Lá hiremos tambem, e os membros nossos,
Novos feitiços, juventude nova,
Novo vigor tomando,
Em gostos nadaremos,
Sem precisar, que perfida bebida
Dos teus Argos os olhos adormente.

ODE VI.

A Marcia. (*)

> Va, ti consola, adio,
> E da me lungi almeno
> Godi piu licti di.
> *Metast. Hyps.*

Onde, oh Marcia Gentil, de mim distante
Vão conduzir teus passos?....
Que ferteis campos, que flóridas veigas
Vão de teus olhos bellos
Ao doce influxo, revestir mais pompa?...
Que insipidos meus dias
Sem ti decorrerão, Idolo amado?...
Como sobre a bigorna
D'atro disgosto rigida saudade
Bate as pungentes settas,
Que neste coração raivosa encrave!...
Oh como os meus suspiros
Vão sobre as igneas azas do Dezejo
Buscar te fervorosos!
Mas, se voltando, a carinhosa Marcia,
Outra vez me conduze
Hum coração amante, oh vezes cento
Venturosos tormentos,
Que do meu bem a rijida constancia
Conhecer me fizerem!

(*) Á mesma.

ODE VII.

A Marcia. (*)

O Toi de tous les biens le plus cher a mon cœur,
Qui m'adoucis les maux, me embellis le bonheur,
Dont la raison aimable, et la sage folie
. . . .
M'int tant de fois, dans ma melancolie,
Consolé de la mort, et presque de la vie . . .
Reçois l'hommage de ces vers,
Donce des traction des mes chagrins amers.
Mr. Delille.

I.

Volve de novo, para mim tão fausto,
De Marcia o Natalicio,
Marcia a melhor metade
Deste meo coração; que se hum momento
Della existe distante,
Definha de pezar, prazer não sente.

II.

Marcia de ingenuo afecto honrado exemplo
N'hum seculo corrupto,
Marcia a minha alegria
Marcia, o Idolo meu, a gloria minha,
Marcia, a quem voto a Lyra,
Que herdei do festival Anacreonte.

III.

Brinca nos labios seus feitiço amavel,
Graça lhe anima o moto,
Em seus olhos scintilla
Ternura, a que o pudor tempera o fogo;
E em seu morbido seio
Languido se recosta Amor sorrindo.

(*) Á mesma.

IV.

Canoro Rouxinol, que ao pôr do dia
Suspira em sombra amena;
O trepido ribeiro,
Que murmurando em seixos se desliza!
Do alvo jasmim, das rosas
A fragrancia que os Zephyros perfuma,

V.

Não tem tanta doçura, e graça tanta,
Tanto não nectarizam
Meo coração singello
Como Marcia, se em torno á cerviz minha
Lança ao desdem seu braço,
E em pudibunda voz me diz « Eu te amo!

VI.

Oh! que tumulto então lavra improviso
Por veias, por arterias!...
Do Sol a luz se ecclipsa!...
Nada escuto, não penso, e só me avisa
Hum confuso desejo
Que inda no mundo estou, que homem sou inda!

VII.

Deoses!... Deoses!... guardai se sois piedosos,
A constancia de Marcia;
Dai, que a seu lado eu possa
Sempre amante viver!... verei sem pena
Em tranquilla Ventura
Dos Reis o Sceptro, os cofres de Lucullo!

VIII.

Ah! se ella deve perfida trahir-me,
Se hei de ver em seu peito
Tão gentil fogo extincto,
Tão barbaro pezar poupai-me, ó Numes,
Antes dessa hora infausta
Finde esta vida, que eu contente espiro!

ODE VIII.

A Marcia. (*)

Non mensas, sine te, volo Deorum:
Non si me rutilis præesse Regnis,
Excluso Jove, Dii, Deæque cogant.
Joann. Secund.

I.

Nem sempre d'armas fragor horrisono
De humano sangue correntes tépidas
Ressoarão nas cordas
Da minha culta Cythara.

II.

Nem da Memoria na tella fulgida
Vertendo as cores com pincel inclito
Traçará quadro austero
Philosophia rispida.

III.

Se aos fulminantes vôos de Pyndaro
Prodiga applausos o mundo attonito,
Segundo lhe não fica
Theio cantor Bachi-cola.

IV.

Assim rompendo por nevoa turbida,
Oh Lesbia Sapho, dos mortos seculos,
Teus truncados suspiros
Inda nos tiram lagrimas! . . .

(*) Á mesma.

V.

Eu, tão amante, qual tu, de Eolicos
Vestindo arpejos do Tejo numeros
Hoje de Marcia os annos
Descantarei armonico.

VI.

Marcia, e meu Numen, de affecto vivido
A quem accezo jurei viridico
Fé, que extinguir não pode
Do Tempo a dextra omnidoma.

VII.

Com ella ao lado, pulsando o Barbiton
Sem teus espinhos, ciume rabido,
Verei deslisar ledo
Da vida o curso rapido.

VIII.

Nos altos montes, nos prados floridos
A de meus versos Phalange alti-sona
Fará retumbar Marcia
Em amorosos canticos.

IX.

E quando ao termo liberto o Espirito
Do fragil barro por senda lucida
Formos de Jove ao seio
Repouso achar benefico,

X.

Vate sensivel, Donzella candida
As nossas Urnas virão solicitos,
Qual de Petrarcha, e Laura,
Engrinaldar o Tumulo.

ODE IX.

A Marcia. (*)

Aymons-nous, ame de ma vie,
Aymons dans l'age des Amours,
De la Veillesse, et de l'envie,
Que nous importent les discours? . . .
On voit mourir, et renaitre les jours,
Mais des que la lumiere helas! nous est ravie,
Songes-y bien. c'est pour toujours.

Dorat.

I.

Oh Marcia, vês quam rapido se escoa
O pressuroso Tempo . . . mais hum anno
Correo da tua idade não sentido
A se affundir no Lethes! . . .

II.

Outro correo da minha! . . . assim nos vamos
Par a par visinhando ao final termo,
De huma existencia, que desgraça, e dita
A espaços matizaram! . . .

III.

Tal o Sol ora fulge, ora se eclypsa,
O mar se torna ou marmore, ou montanha,
Nem vão por outra senda esses, que o Mundo
Grandes, e Heroes acclama!

IV.

Bem que forrado das Vulcaneas armas,
Achyles expirou! do Throno aos ferros
Desce o bravo Perseo, e o Carro segue (1)
Do vencedor Romano! . . .

(*) Á mesma

(1) Perseo Rey da Macedonia, foi vencido pelo Consul Paulo Emilio, em cujo triumpho figurou como Prisioneiro.

V.

Nem incognitos mares afastaram
Do infausto Montezuma o Tygre Ibero, (1)
Que mais irritam dons, e sem traga-lo,
A fome não sacia!

VI.

Olhos álerta, a fera Lybythina
Os dias nos aponta em ferreo Livro,
E, mal que finda a somma, accena á Morte,
Que nos separe o estame!

VII.

Minha Marcia, meo Bem! oh terna amante,
Frustremos-lhe o rigor, ao Prazer dando
Quantos momentos a Deidade austera
De vida nos conceda!

VIII.

Vamos revalidar de Amor ao Templo
Os votos de ternura, e coroados
De odoroso Amarantho, e Paphyas Rosas,
Queimar devoto incenso!

IX.

Nume nos seja Amor: lote he das Parcas
Quanto lhe denegares: esperemos
Hum com outro abraçados sem soçobro,
O derradeiro instante.

(1) Fernando Cortez, o principal dos Devastadores do Mexico, com lamentoso atraso da Civilisação Americana, que começava a desenvolver-se naquella vasta Monarchia, e no Perú. O Conego Escoiquiz o celebrou ha pouco em huma longa Epopeia que de certo pouco augmentará a sua fama.

ODE X.

A Marcia. (*)

Dans de tourmens cruels voir languir ce qu'on aime,
C'est sentir mille fois les coups affreux du sort;
Dieux, qui d'un œil serein voyez ma paine extreme,
Secourez mon Iris, on donez-moi la mort.

Routier.

I.

Da Febre em braços, Tu revolves, Marcia,
Na ingrata pluma o quebrantado Corpo,
E hum ai, que exhalles, do affligido amigo
No coração retumba!

II.

Leio em teus olhos o combate interno
D'agudas ancias, que em tua alma luctam;
E em vão meus rogos vam pulsar no ouvido
Dos inclementes Numes!...

III.

Qual rosa na manhãa te olhei the agora
Uffana, e viva despargindo encantos,
E ora te vejo, como a rosa á noite.
Murcha pendendo á Terra!

IV.

Oh! se algum Impio em phrenezi nefando
As aras desvestir dos moveis sacros,
Ou mão puzer do velho Pay honrado
Na veneranda face;

V.

Não lhe quebrantem em tormentos a alma,
Veja nas garras de lethal doença
Gemer, penar aquella, que idolatra
Sem que valer-lhe possa!

(*) Á mesma.

ODE XI.

A Marcia. (*)

Dulce est desipere in loco,
Horat.

Longe, cuidados meus, dou-vos ao vento,
Que no seio profundo
Do azulado Occeano vos sepultem.
Nasce hum dia de Rozas,
Hum dia de prazer, de Marcia o dia! . . .
Quem me engrinalda a fronte
De floridos festões? qual das Camenas
A Cythara me afina
Em que, o de Theos ledo Ancião tentando
Cantar da Guerra os Numes,
Davam notas de Amor sómente as chordas? (1)
Rompe-se o veo luctuoso
Que de sombras a mente me ennoitava!
Meo estro adormecido
De novo accorda, e em versos se desmede!
Eia arrazem-me as taças
De espumante licor, que o Douro adita! . . .
Sus! a Marcia brindemos

(*) Á mesma.

(1) Θέλω λὲγειν Ἀτρειδας.
Θέλω δὲ Καδμον αδειν·
Ἀ' βαρβιτος δε χορδαῖς
Ἔ' ρωτα μονον ηχει.

Anacreonte Od. I.

The que d'erguer o Copo afroxe o braço;
The que roxeem faces,
E allegria sem termo accenda o peito?...
Quem ha hi que prohiba
Que innocente loucura nos transporte
N'hum dia de contento?...
Eia! de novo enchei, brindai de novo
De Marcia ao Natalicio
Que mil vezes, feliz, na esphera assome!...
Tremam da Salla os Tectos,
Co' a leda vosaria!... e retumbando
O pavimento tremulo
Do cadente pulsar da acceza dança
Desperte em sobresalto
Bizonho Velho, que por baixo habita!...
De inveja elle se morda;
Que não he para as rugas da Velhice
O prazer, que desperta,
Marcia gentil, na rozea mocidade
O dia dos teus annos!

ODE XII.

A Marcia. (*)

Dans le fond des forets votre image me suit,
La lumiere du jour, les ombres de la Nuit,
Tout retrace á mes yeux les charmes, que j'evite!
Racine, Phedr.

Quando de Phebo a Irmãa pela estrellada esphera
Rege o carro em serena magestade,
E nos que puros vão regatos trepidando
Seu clarão melancolico scintilla,
E o Zephyro adejando a custo abana, e treme
De esperguiçadas Arvores as Folhas;

Oh! quanto o divagar me apraz nesta campina
Respirando os Balsanicos perfumes,
Que a Flor que os exhallou, traidores, me delatam,
Ouvir trinar saudosa Phylomella,
Que inda da antiga injuria a magoa não deslembra
E a conta solitaria á muda Noute!
Aqui a folgo seu minha alma se dilata
Livre de inquietações, longe ao desgosto!...
Doce tranquillidade a pena me adormenta,
E hum momento me esquece que sou Homem!...

(*) Á mesma.

ODE XII.

Ad Marciam.

« Lusitani carminis versio. »

Dum per immensi lucidas Olympi
Incolas claro, placidoque vultu,
Et gravi passu bijugas refrenat
Cynthia Bigas;
Rivulis quando, trepidante vena,
Emicat claris soror ipsa Phebi;
Et repercursos rutilans opacos
Mesta nitores:
Dulce quam prato simili vagari!...
Atque odoratos Zephyros anhelans,
Flora, quos Myrthis animas odorans
Nuncia prodit!...
Suavis oh quantum Phylomela ramis
Concinit tristis memores querellas,
Forte quæ nocti, tenebrisque semper
Sola reponit!
His in alternis vicibus beatis,
Non fatigatus animus catenis
Se se propagat, posito timore,
Et sine curis.
Suavitas quædam refugos labores
Corde dimitit, fugit atra nubes;
Me puto humani in memorem parumper
Esse laboris.

Mas que fatal lembrança a paz de novo expelle?
Marcia!... oh meo Bem! teu riso, teus encantos

Da Torre da Esperança ao longe me aliciam
Co' magico fanal d'outros Prazeres!...

Oh como atropellado o sangue corre as veias!...
Que medonho, que lugubre este sitio!...

Adeus, oh Phylomela! oh Bosques, oh Regatos
Sem Marcia, para mim, nada ha formoso!...

Schema quod dirum, variante scenna,
Jam novum surgit, laceratque mentem!...
Marcia!... oh lux, deliciæ meæque!...
Risus, et una
Philtraquæ longe speculis amorum,
Spes ubi est, spargis, magico veneno
Me ligant certe illecibris, ut optem
Gaudia plura!
Sanguis, oh quantum rarefactus intus
Estuat venis, agitatque motus!....
Et locis istis residere visi
Luctus, et horror!...
Vadat ah tristis Phylomela! vadant
Silvæ obumbratæ, rivulique vadant!...
Marcia solum gratiæ refulgent,
Atque Venustas.

O Doutor Antonio Gomes de Sepulveda.

ODE XIII.

A Marcia. (*)

> Este dia tereis
> Por nossa maior gloria;
> Este he cuja memoria
> Devidamente sempre cantareis:
> Este levantareis
> Em alto, em desusado, em grave canto:
> *Caminha, Od. II. Str. III.*

Quando tua Alma pura
Pelos ares descia em aurea nuvem,
Pela mão conduzida
De ardente Seraphim, para animar-se
Oh Marcia, o teu composto;
He fama que Eloá, fiel Ministro
De Jehovah Supremo,
Sobre o Altar fronteiro ao Throno augusto
Da Trina Divindade,
Livro, em que dos Mortaes se estampa o fado,
Abrio, e leo dest'arte:
» Desce, e vai adornar co'a luz brilhante
» De formozas virtndes
» Esse de provação mesquinho Globo:
» Lá correrão teus dias

(*) Á mesma.

» De magoas, e prazeres matizados:
» Lá gemerás mil vezes
» Que se apraz Adonay de pôr em prova
» A indómita constancia
» D'aquelles de quem mais se paga, e sempre
» O premio ao fim lhe outhorga.
» Humano coração mais que nos males,
» Na ventura fraqueja.
» Mas feliz o Mortal em quem se empregue
» Tua fiel ternura,
» A cujo fado o teu destino ligues,
» Que em teu amor se abraze,
» Que viva para Ti, e que o teu Nome,
» Tuas graças e dotes
» Em vividouro canto immortalize »
Então no espaço ethéreo
Tres vezes lampejou, soou tres vezes,
Trovão cujo estampido,
Em vez de encher os animos de susto,
O jubilo desperta.
Da fiel Amizade então nos braços
A' Mãy apresentada
Lacrimoso sorriso lhe excitaste.
Em virtudes, em graças
Como em annos cresceste, até á quadra
Em que amor a seu jugo
Nos prendeo com festões de Paphias rosas:
Desde então minha Lyra
Sempre o teu nome harmonica resoa.
Oh! Idolo d'est'alma,
Que se abrasa por Ti no amor mais puro,
Tu me adoças as magoas,
Tu meus negros destinos esclareces.
Oh! quem pudera, oh Marcia,
Sempre ao teo lado despendendo os dias,
Continuo embriagar-se
Da suave doçura de teus mimos,

Dos ternos teus affagos!
Quem podera dizer do Mundo á face:
« N'este coração puro
» Eu só domino, e reyno!... á minha Esposa
» O Mundo eu trocaria,
» Se tivesse a escolher entre ella e o Mundo.
» Quando a rubida Aurora
» Volupioso clarão sólta na Esphera
» Da minha terna Marcia
» Mal abertos ainda os meigos olhos
» He a mim que procuram,
» Fictos em mim os sorprehende o somno,
» E a leve phantasia
» Em ledos sonhos a entretem comigo.

ODE XIV.

A Marcia. (*)

Siati sempre (gli dice) amico il Cielo,
Tronco, ch'in mezzo al cuor piantato io serbo
Le tue chiome no sfrondi o neve, o gelo,
Le tue braccia no spezzi austro superbo,
E quando ogni altra pianta i pregi perde,
In te verdeggi il fior, fiorisca il verde.
Marini. Ad. Cant. VI. Str. CXXX.

Vês, Marcia, o Pecegueiro,
Que outrora no horto teu plantei cuidoso,
E que a ti consagrara,
Como agora ao prolifico sorriso,
Do carinhoso Março
Todo de flores se cobrio rosadas,
Que os olhos teus recreiam,
E abundante colheita te prometem
De Persiannos pomos,
Que melhores tornou terreno alheio? (1)
Incredula temeste,
Que no terreno novo mal podesse
Alargando as raizes,
Vegetar, e crescer! mas não sabias

(*) Á mesma.
(1) He opinião vulgar que o Pecego sendo venenoso na Persia, se tornou salubre na Europa, assim o indica Camões.
E o pomo, que da Patria Persia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.

Que Amor na fresca Cynthra
Em Pomar fertil o escolheo, e que elle
Seo cantor intruia,
De o bem dispor nas regras, e que ás Graças
Invisiveis tomaram
O doce encargo de velar por elle.
Ellas sim lhe acudiram
Co' rega em tempo idoneo; ellas vedaram
Aos ventos procellosos
Que o maltratassem com violentos sopros,
E ao seu rogo, que manda,
Zephyros brandos, placidos Favonios
Sobre elle a cada instante
Seo vivifico sopro derramavam,
As Cortezãas formosas
D'alma Raynha de Amathunta, e Paphos,
Viam medrar alegres
Cada dia a seu tronco, e assim disiam
« He de Marcia, e de Sylvio
» A Arvore mimosa, a nós pertence
» Defende-la, apieda-la;
» Pois elle em sua Cythara mil vezes
» Cantou nossos louvores,
» E ella em nossos altares não se esquece
» De queimar puro Incenso,
» E devota emrama-los co' as premicias
» Das Flores, que cultiva!
As pulchricomas Graças de azues olhos,
Rosi-toncadas Virgens,
Dulci-ridentes, se explicavavam! Nunca
Se deslembram os Numes
Dos cultos, que lhes dam mortaes sinceros,
Que ingratidão remissa
Caber não pode em animos celestes;
Tão vergonhosa peste
Só brota, e lavra em corações abjectos
De mesquinhos Humanos,

A quem nascendo não sorriram ledas
As ingenuas Virtudes!
Verás em breve, Idolo meu, oh Marcia,
Esses flexiveis ramos
Curvar ao pezo dos formosos pomos,
Que ao olhar dam contento,
Lisongeiam o gosto, o olfato, encantam!
Mas não cuides, oh Bella,
Que não tens de pagar condigno premio
Pelas fadigas minhas!
Tu rís? não penses, que zombando fallo:
Viste Onzeneiro avaro,
Que real a real reconta exactos
O Dinheiro que amua,
Fructo de extorções mil nos ferreos cofres?
Pois sofrego has-de ver-me
Os Pecegos contar, e cada hum delles
Delicioso beijo
Nos labios teus hade render-me, oh Bella!

ODE XV.

A Marcia. (*)

Noi non avrem pienni gl'onor dei morti
Né sarem forse acompagnati al rogo,
Colle lacrime altrui, ma pur co'i nostri
Indivisi sofpir avrem la pace
De gli spirti innocenti.
Varano, Demetr. Art. V. Sen. VIII.

I.

Brindemos, Marcia, aos Numes que propicios
Nos deram mais hum anno de existencia,
Em vez de se extinguir em nós crescendo
D'intenso amor a chama.

II.

Brindemos de Cupido á Mãy formosa,
Que impera soberana em Gnido, e Paphos;
A' leda Hygia, á provida Minerva,
A's Musas, ao Segredo:

III.

E emgrinaldemos com festões de flores
Modestas aras dos Penates nossos,
E hum cantico devoto lhe entoemos
D'almo, candido jubilo.

IV.

Que importa que a Fortuna caprichosa
Emborque a indignos delle os cofres de ouro?
Que emporta que da gloria em braços outros
Deem largo brado no Orbe?

V.

Qual delles poderá lisongear-se
Dos que gosamos lucidos momentos?
Qual delles como nós dirá morrendo
Amei, e fui amado?

(*) Á mesma.

ODE XVI.

A Marcia. (*)

Qui s'arretera sous votre ombre sentira tressaillir son cœur, et repandra malgré lui des larmes.
Florian. Gons de Cord. Liv. VIII.

Oh Dryades, oh Pan, campestres Divindades,
Oh Nymphas, que folgaes de ver boyando
De vossas tranças de ouro o lucido ornamento,
No limpido christal dos vitreos lagos:
Oh vós que fatigaes, mais rapidas que os Euros,
Os montes do Capréolo na piza;
Oreades; e vós, viçosas Amadrias;
Genios da Terra, e do Ar, que tantas vezes
De flórida grinalda a fronte me cingistes,
Quando á sombra das verdes Larangeiras
A' Lyra de Phylinto os Canticos unia;
Numes, á vossa protecção confio
O myrtheo rebentão, que hoje ao nascer da Aurora
Deste arroio dispuz na margem verde:
A Marcia o consagrei, de Marcia he hoje o Dia,
Marcia o Idolo meu, a gloria minha! . . .
Cresça, e como elle cresça o amor na minha Amada (1)
Floresça, e della a Fé tambem floresça!
Côpe, e dê fresca sombra aos ternos Amadores,
Ao misero por fado, e não por crime! . . .
Ao Vate, que accendido em sacro ardor das Musas,

(*) Á mesma.
(1) Crescent illæ, crescetis, Amores.
Virg.

De Gesner, ou de Rost a flauta emboque (1)
Ou, Tompson Lusitano, em versos magestosos (2)
Da Natureza os quadros alardee! . . .
Oh Deoses, d'aqui longe os A'quilos sanhudos,
Longe o Capro daninho, o Mocho odioso,
E longe, mais que tudo, o coração damnado,
Longe o calumniador, e o lisongeiro! . . .
O Amante sem constancia, a Bella sem firmesa! . . .
Se meu voto escutaes, benignos Numes,
De cada vez que os Ceos de Marcia o Natal doure,
Religioso virei sacrificar-vos
Sobre gramineo altar hum candido Novilho,
Flòr dos Rebanhos meus, que já na frente
Sinta a lunada força, e já, raspando a areia,
Procure seus rivaes, e á guerra os chame,
Lyrios com larga mão, e rozas dispargindo
Sobre as cinzas da victima immolada,
Do Barbiton de Kleist as chordas animando, (3)
Vosso applauzo farei que aos Astros suba! . . .

(1) As Canções Pastoris de Rost, são o que a Poesia Allemãa possue de mais acabado neste genero, seu unico defeito he penderem para a licensiosidade.

(2) O sublime Author das Estações, da Liberdade, do Castello da Indolencia, e outras Poesias marcadas com o cunho do Genio. Tompson he tambem hum dos primeiros Tragicos de Inglaterra; foi virtuoso, viveo pobre, e morreo com geral saudade! . . .

(3) Kleist, he hum dos primeiros Poetas da Allemanha, ou se considerem os seus Poemas consagrados ao Heroismo Guerreiro como Cicides, e Paches, ou aquelles, em que, como na Primavera se mostra digno Rival de Tompson, e de Saint Lembert, e Roncher, ou os seus Idylios, em que rivalisa com Gesner em sentimento, e mimo de pinturas, ou os seus contos. Ás qualidades de Litterato, e Poeta sublime juntava todas as virtudes de Homem, de Cidadão, e de amigo; morreo como Heroe na celebre Batalha de Kunesdorf, chorado pelos seus naturaes, e honrado pelos seus Inimigos! . . .

ODE XVII.

Á Marcia. (*)

> Ben ebbe amica stella,
> Chi per donna si bella,
> Púo far contenti in un l'occhio, e il desio.
> E sicuro puo dir, quel core é mio!
> *Guarini.*

I.

Vês como fulge a namorada Aurora,
E as portas abre do rosado dia,
E o Tejo encrespa de ceruleas pregas
Viração deleitosa?...

II.

Vês como dobram galhardia as Flores:
E seu ambar prodigam mais activo,
E como as Aves de hum raminho, em outro
Harmonicas descantam?...

III.

Vês esta scena de prazer, de encanto,
Que adorna os montes, interessa os vales,
E, como em hum painel, nos dá o esboço,
Do que era o Paraiso?

IV.

Pois dar-te inda não pode escassa idea
Do prazer, que borbulha na minha alma,
Quando, oh meu bem, nos braços teus me apertas,
E juras que me adoras!...

(*) Á mesma.

ODE XVIII.

A Marcia. (*)

L'acque parlan d'amore, e l'aure, e i rami,
I pitti augelli, i pesci, i fiori, i l'erbe,
Tutti insieme pregando ch'io semper ami.
Petrarcha.

I.

Observas, Marcia, este Jardim formoso,
Brilhante do matiz das varias flores...
Escutas dos ali-geros cantores
O trinar sonoroso?...

II.

Vês esse Lago ao Alamo visinho,
Onde em lasciva calma anda boyando
Candido Cysne, aos olhos figurando
Montão de leve Arminho?...

III.

Vês essas Arvores curvando ao pezo
De fructos odoriferos, que, ao vê-los
Nos verdes ramos lourejar tão bellos
Fica o desejo accezo?...

IV.

Vês o amigo fulgor do Sol nascente,
Que este pomposo quadro te allumia,
Volve vida, e prazer, volve energia
Aos animaes, e á Gente?...

(*) Á mesma.

V.

Ora se visses o Jardim sem flores,
Sem canto as Aves, sem o Cysne o Lago,
Troncos despidos pelo Hyberno Estrago,
O Sol sem resplendores?...

VI.

Não dirias « Expira a Natureza,
» Este Jardim th'egora tão risonho,
» He só deserto lugubre, medonho,
» Sem graça, sem belleza!...

VII.

Tal a Virgem!... se Amor lhe accende o seio (1)
He formoso Jardim com fructos, flores,
Mas, sem elle, vastissimo de Horrores,
Deserto aspero, e feio!...

(1) Ut vidua in nudo vitis, quæ nascitur arvo,
Nunquam se extollit, nunquam mitem educat uvam,
Sed tenerum prono deflectens pondere corpus,
Jam jam contingit summum radice flagellum,
Hanc nulli Agricolæ, nulli acculuere juvenci;
At si forte cadem est ulmo conjuncta marito,
Multi illam Agricolæ, multi accoluere juvenci;
Sic Virgo dum intecta manet, dum inculta senescit,
Catulo Liv. II.

ODE XIX.

A Lydia. (*)

Não se farta de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso Gado.
Garção.

Perché privarmi, oh Dio! degl' occhi tuoi?
Oh Dio! perché ten vai? perché mi lasci?
E mi lasci soletia, se non quanti
Mi faran compagnia la doglia, e il pianto.
Marini. Adm. Cant. XVII. Str. XVI.

Se a dulcisona Lyra
Que harmoniosa pulsei, gloria não pouca
Soube lucrar-te, oh Tejo;
Se attento enriqueci as margens tuas
Das peregrinas Flores,
Que os campos criam do Imperial Danubio,
Do Arno, do Senna, e Thames,
Que comtigo dá leys ao vasto Mundo;
Esse Baixel protege,
Que leva em si metade da minha alma! . . .
Estofa as mansas agoas,
E com Lydia o conduze a salvo porto;
Onde fundeie illezo!
Aquilão rugidor, Boreas sanhudo
Hide soprar ao longe
Pelos longos Certões, ermas ruinas! . . .

(*) A Sr.ª Luisa Chiaveri Ricci.

Vós tanto ás Nymphas gratos,
Zephyros mansos, placidos Favonios,
D'elle soltai em torno
As variagadas fulgurantes plumas,
E antes, que sobre as terras
As engraçadas Pleiades entornem (1)
Frugi-ferentes chuvas
Reconduzir me a suspirada Amante,
Que saudoso recordo,
Quando rompendo a apovonada Aurora
Da Noute o véo sombrio,
O dia nos conduz, e quando a Lua
Dos ares as campinas
Com seo reflexo em solidão prateia,
Pousada assim n'hum ramo
Deplora em melancolica harmonia
Saudosa Phylomella
Os roubados, dulcissimos penhores,
Que o Caçador avaro
Do ninho seu arrebetou tyranno. (2)

(1) And from the Pleyads fruit full showers descend.
Pope.

(2) Qualis populea mœrens Philomelle sub umbra
Amissos mæritur fetus, quos durus Arator
Observans nido implumes detraxit.
Virg.

ODE XX.

A Lydia. (*)

Tecum vivere amem, tecum obeam libens,
Horat. Od. IX. Lib. III.

I.

Volves de novo, apoz hum lustro, volves
Oh sempre amada Lydia,
A bem aventurar infaustos dias
Do saudoso amante:
Volves, qual foste, carinhosa, e bella;
Encontras-me, qual fui, amante, e firme!

II.

Alfim vejo surgir no rubro Oriente
Hum Sol a mim jucundo;
Desfazer-se os negrumes detensosos,
Que o peito me enoitaram;
Agras saudades, Solidão, Tristeza,
Vão chofre no Barathro sumir-se!...

III.

Embora vem, oh Lydia, ou doce causa
De minhas amarguras,
Perene manancial de meus prazeres!...
O nosso Patrio Tejo
Da aposentada Lyra outra vez ouça
Correr meus versos, e teu nome co'elles!

(*) Á mesma.

IV.

Momentos de ouro, que me dás a furto
Do teu Argos cioso
Quanto mais valem que usurpados thronos
Por mão do Despotismo!...
Se convenções Politicas os vedam,
O Codigo de Amor os não condemna!

V.

Porque o destino caprichoso, injusto
Dois corações separa,
Que para viver juntos fez Natura?...(1)
Que feliz fora, oh Lydia,
Se comtigo vivesse, e se expirando
Co' a já languida mão te unisse ao peito! (2)

(1) At me ab amore tuo deducet nulla senectus,
Sive ego Thitonus, sive ego Nestor ero.
Nonne fuit satius duro servire tyranno?
Et gemere in tauro, sœve Perille, tuo?
Gorgonis et satius fuit obdurescere vultu?
Caucasias etiam si pateremur aves?
Sed tamen obsistam.

Propert, Eleg. XXV.

(2) Te spectem suprema mihi cum venerit hora,
Et teneam moriens, deficiente manu.

Tibullo.

ODE XXI.

A Lydia. (*)

. . . . Oh mille volte
Mal consigliata donna, che si lascia
Ridurre in povertá d'hun solo amore!
Che fede? Che constanza? imaginate
Favole dei gelosi, e nomi vani
Per inganar le simplici fauciulle!
Lá fede in cor di donna, se pur fede
In donna alcuna, ch'io nol só, si trova,
Non é bontá, non é virtu, ma dura
Necessitá d'amor, misera lege
Di fallita beltá ch'un sol gradice
Per che gradita esser non puo da molti.
Guarini. Past. Fid.

I.

Q'insania, oh Lydia! teu amor juraste
Circumscrever a hum só?... pobre innocente!...
Para arrastar os ferros da Lealdade
Nasceo a Formozura?...

II.

Cres que virtude he tal?... Mulher sem graças,
Q'outro dote não tem, tenha a constancia,
Beleza he como o Sol, que apraz a todos,
E a todos favorece.

III.

Fida socia d'amor he variedade.
O Mundo variedade está prégando!...
Vês florescente sempre, ou murcha a terra?
A Arvore em fructo, ou nua?...

(*) Á mesma.

IV.

Namorado d'hum sitio para o Rio?...
A Abelha se limîta a Chyprea Roza?...
Voa de flor em flor e o nectar colhe
Aos fabricandos favos.

V.

O Sol, a Lua, a sombra alternos reinam,
Varia o Tempo, as Estações variam:
E, se o Homem contemplas, que mudanças
Desde a Infancia á Velhice?...

VI.

Busca na Historia os decantados nomes
Dessas priscas formosas, que ufanaram,
Vastos Imperios, mais de dar-lhe o berço,
Q'opulencia, e Victorias.

VII.

Amou Hélena hum só?... Theseo, o Esposo,
Paris, Deiphobo, e mil nos braços teve!
Semiramis, Cleopatra quem pode
Contar quantos amaram?...

VIII.

Traição chame o ciume á variedade.
Deixa que rosnem rabujentos Velhos,
Tu mais sabida, pois que a amor pertences,
D'Amor segue os ditames.

IX.

Ouve meus ais, minha paixão premea:
Venus o exemplo da, franqueou-se aos Numes,
E na terra mil vezes, foi colhida
Em amorosos furtos.

ODE XXII.

A Madama Lieutard.

Reçois ce nectar adorable
Versé par la main des plaisirs,
Et laisse au gré de leurs desirs,
Par cette liqueur favorable
Remplir les Esprits, et les yeux,
De cette joye inalterable
Que rend l'Homme semblable aux Dieux.

Rousseau.

I.

Tenho, oh Lieutard, de Madeirense vinho,
Que, mais que outro de Lysia, me namora,
Attestado Barril; oh vem comigo
Passar alegre a noite! ...

II.

Junto do Lar accezo has-de encontrar-me
Virando eu mesmo no comprido espeto
O saboroso lombo, que repinga,
E ateia a leve chama! ...

III.

Verás em monte as rebordãas, que estimas,
Negras Olivas, estridentes Nozes,
O bom Queijo Bretão açafroado
E a picante senoura.

IV.

Sem nos embaraçar que berre o Vento
Ou do Sul, ou do Norte, e denodados
Aventuras na Russia buscar fossem
Os Quixotes da Gallia,

V.

Abraçados, á meza, e mais unidos
Ainda os corações, desfructaremos
Innocentes Prazeres, que não sonham
Os Tyrannos da Terra!

ODE XXIII.

A' Noute.

Qu' a pas lents l'Aurore s'avance
Pour ouvrir les portes du jour.
Parny.

I.

Obra prima de Jove! oh Mãy fecunda
De quantos Orbes pelo espaço immenso
Torbilhonando vão; oh Noute amiga
Coeva da Existencia! . . .

II.

Tu que em teo brando seio aos homens prestas
Meigo recobro em regalado somno,
Impias angustias, que lhe roem n'alma
Paralysando ao menos! . . .

III.

Inspiradora de sublimes cantos,
Tu que o Estro de Young incendiavas,
Que dás d'avesso á timida modestia
Abrindo a Amor vereda! . . .

IV.

Compassiva Deidade! . . . abranda hum pouco
Rapido trote da veloz Quadriga,
Por mais do uzado brandas sombras tuas
Este Hemispherio envolvam! . . .

V.

De rispido Tutor, de Mãy prevista
Lydia hoje a furto me recebe amante,
E, enlaçada em meus braços me franqueia
Gostos que valem Mundos!

VI.

Noute! do Vate, que te vota a Lyra,
Annue ao rogo, e em teu altar deponho
Estes Festões de Flores, que ao surgires,
Despontam do casulo!

ODE XXIV.

Ao Mez de Abril.

> **Avril, l'honneur de prez vers**
> **Jaunes, pers,**
> **Qui, d'une humeur bigarrée,**
> **Emaillent de mille fleurs**
> **De couleurs**
> **Leur parure diaprée.**
> ***Bemi. Belleau.***

I.

Como alegre, e festivo
Abril descende á Terra
Em transparente, e apavonada nuvem!
Que viva luz do facho seo derrama!
Como a seu riso os campos
De variegadas flores se revestem.
De almo perfume os ares emfrascando!

II.

Vem do remoto Egypto
A viajante Andorinha
Tecer seu ninho em nossos verdes bosques:
Donde de nova prole acompanhada,
Fugirá quando assome
De gelos coroado o triste Inverno,
Com fria mão as nuvens espremendo.

III.

As Arvores se vestem
De flor, e de verdura,
Ao avaro Colono prometendo
Farta colheita de mimosa fruta
Premio tão desejado
Que de hum anno de lidas, de suores
Da bondade dos Deozes elle aguarda.

IV.

Afferrolhou Eolo
Nas profundas cavernas
Austro chuvoso, e os procellosos Ventos.
E só deixa vagar nos limpos ares
Zephyros, e Favonios.
Companheiros fieis de rubra Flora,
Da meiga Ceres, da gentil Pomona.

V.

O Rouxinol saudoso
Com dulcisono canto
Tarde, e manhãa os prados enfeitiça;
Em quanto no seu ninho a meiga Esposa
Desvelada acalora
Os implumes filhinhos, que hãode hum dia
De seo Pay emular cansões, ternura.

VI.

Agora as Graças folgam
De dansar nas campinas
Co' a linda Venus; e o louçam Cupido,
De novas setas povoando aljava.
Vai amiudando os tiros
Por Homens, animaes, plantas, e flores,
Que todos ardem do prazer do fogo.

VII.

Em meu Jardim agora
Lindo Mez te recebo,
De negocios liberto, em occio brando,
Goso teo Sol tão puro, aura suave,
Desabroxar observo
A verde Madresilva, rubros Cravos,
Os alvos Lyrios, as purpureas Rozas.

VIII.

Deste lago na borda,
Desta Amendoeira á sombra,
De Vates Gregos, de Latinos Vates
Os versos leio, os de Ariosto, e Tasso,
De Metastasio, e Rhedi;
E os do grande Phylinto, a quem cederam
Todos a palma os Lyricos modernos.

IX.

Outras vezes da Lyra
As chordas dedilhando,
Oh ledo Abril, meus Hymnos te consagro,
E para os escutar Ritilia rindo, (1)
O regador descança,
Com que, cuidosa jardineira, a sede
Saciava dos floridos canteiros!

X.

Oh quem assim podera
Por dilatados annos
Viver em paz, em doce mediania!
Mas dobrado da vida o cabo eu tenho.
Pouco tarda que a Morte
Venha cobrar, Credora inexoravel,
Divida, que ao nascer impoz Natura.

XI.

Feliz, si quando a Terra
Cobrir meus ossos frios,
A Amisade guardar memorias minhas;
Se os versos meus, em que expandi minha alma,
Dos Posteros conseguem
Imparcial apreço, e as almas ternas
O tributo lhe outhorgam de hum suspiro.

(1) D. Rita de Cassia Pereira.

ODE XXV.

A Delia.

> Changer sans cesse, et vouloir toujours qu'on vous aime; c'est vouloir que á cheque instant on cesse de vous aimer; ce n'est pas chercher des cœurs constants, c'est d'en chercher d'aussi changeants que vous.
>
> *Rousseau.*

Os delictos, que, oh Delia, me accumulas,
No Tribunal sagrado,
Onde julga a Razão, não tem castigo!...
Sem proveito recordas
Dois lustros da paixão, do amor mais terno;
Das-me debalde em rosto
Com finezas, e extremos, que pagaram
Estremos, e finezas!
Inconstante não fui, não fui prejuro,
Jurei amar, e inda amo
Delia gentil, aquella a cujos olhos
O Sol se envergonhava,
Cujo semblante a Venus deo ciumes,
Em cujo lindo seio
Se esperguiçava languido Cupido,
E nas doiradas tranças
Os trefegos Prazeres se enredavam!...

Meo Idolo fiz della,
Meo Idolo será em quanto eu viva! . . .
Mas de lethal Doença
Ferrea mão desfolhou da face as rozas;
Os volupiosos globos
Denegrio, escavou: jaz das madeixas
Perdido o lustre, e a gala!
Scelou a Idade da Doença o estrago;
Onde a virginea graça
Difundida em teu gesto? . . . onde o feitiço
Daquella voz sonora,
Daquelle rir, que n'alma hia ferir-me? . . .
Nada, oh Delia, conservas
D'aquella de algum tempo, que em meu peito
Teve altar, teve cultos! . . .
E inda ingrato me chamas, me condemnas
Porque em mim não deixaram
Lugar para outro amor os teus encantos? . . .
Qual será meo delicto?
Ser fiel? . . . ser constante? . . . mudar devo
Porque tambem mudaste? . . .
Oh! não o esperes, não! . . . the que da Morte
O regelado sopro
Me extinga a vida, da paixão primeira
Me abrasarei no Incendio! . . .
Isto pede a ternura, o brio, a honra,
E, se julgas te engano,
Torna, oh Delia, de novo a ser qual foste,
Verás sem o que injusta,
Chamas traição, como a teos braços corro,
E abençoando os Numes
Pelo tornado Bem, te rendo amante
Adorações, e Cultos!

ODE XXVI.

A Violeta.

Ego flos fieri velim novellus
Qui molli Climenes resectus ungne,
Atque inter niveas jacens papillas,
Uno nascitur, interitque sole.
Thom. Maria Desantons.

I.

Vai, oh formosa Embaixatriz das Flores,
Vai dos amantes timidos emblema,
Violeta amavel, de meo Bem no peito
Gozar macio encosto.

II.

Por gratificio hum só favor te imploro, (1)
Quando ao seu coração te avesinhares,
Narra-lhe o meu amor, mas vê que o Pejo
A astucia não perceba.

(1) Que o generoso peito
Nunca a favor acceito
Gratefício negou, que foi possivel.
Manoel Tavares Cavaleiro Ramalhete Juvenil, Canção III.

ODE XXVII.

A hum Amigo.

Procura hum Cafre da brutal Negricia,
Carrega-o de ouro, e o teu rival respeita.
João Vicente Pimentel Maldonado.

I.

Como t'enganas, mal cuidoso Amigo,
Quando, ao frio rigor d'Hybernas Noutes,
Qual exacto Morcego, (1) andar rondando
As Ruas da Cidade!

II.

Quando da prenhe bolça a montes soltas
Cruzados Pintos, efigiadas Louras,
Porque o pejo de Lesbia desespinhes,
E te receba a furto!

III.

Pensas que he dita, pensas que he ventura
Seus mimos disfructar, e os seus abraços? . . .
Excessos como os teus eu não fizera,
Nem pela propria Venus.

IV.

Se jura que t'adora, crês que t'ama?
E que cega em paixão torce a virtude,
Se te cede remissa n'alta noute,
Restos que vende ao dia?

V.

Julgas teus seus favores! . . . são de todos!
Quando beijos de fogo nella imprimes,
Em teus braços a perfida só pensa
Quem os seus melhor pague.

VI.

Venha hum dia comtigo á competencia
Fetido, negro Cafre, mas vergando
De ouro ao pezo, e verás que meiga ao leito
O recebe, e te expulsa!

(1) Nome que o Vulgo dá aos Guardas da Policia.

ODE XXVIII.

Aos Amigos.

Quis scit ann' adjiciant hodiernæ crastina summœ
Tempora Di Superi.

Horat.

Des jours, que la Parque, nous file
Consacrons donc le cours á Cypris, á Bachus?
Et que faire sans eux dune vie inutile
Il vaudroit autant n'otre plus.

La Motte.

I.

Em quanto atroa Térisites os Templos
Com ferrea voz vazia de conceito,
E Lynceo no Brazil talvez co'a Lyra
Faz bailar os Macacos:

II.

Em quanto da Gazeta faz Breviario
O sujo Padre Henrique, e sobre a Scenna
O cantor Bachanal, e o vão Macedo,
A Estupidez laurea.

III.

Eu que contente de viver tranquillo,
Não me embaraço que os vindouros saibam
Que no Mundo existi, e a quem não tenta
D'Estadista a mania!

IV.

Em funda Taça de fervente ponche,
Entre os chistosos ditos dos Amigos,
Dias cumpridos d'aflição penosa
Lanço, mergulho, afogo,

V.

Caros amigos, ser feliz na vida
Não he dado ao Mortal; em gyro alternam
Pena, e prazer; á pena não cedamos,
E o prazer se aproveite.

VI.

Ai daquelle, que estupido s'enfuna
De fortuna o levar da roda ao pino,
Que, em breve, desandando, vai lançallo,
No abysmo da miseria! . . .

VII.

Vimos ha pouco pavonar no Tejo
Rodomontes d'Eyland, Roldões de Iena,
Promettendo debaixo d'huma planta
Esmagar as Hespanhas.

VIII.

E ora, vemos fugindo o Luso ferro,
Dos travessos Rapazes entre apupos,
Os que foram the qui Leões sanhudos,
Mais mansos, que Cordeiros.

(1) Rhodomonte, e Roldão, os mais valentes dos Heroes dos Poemas de Boyardo, e de Ariosto, o primeiro entre os Serracenos, e o segundo entre os Christãos.

ODE XXIX.

Aos meus versos.

Mais moi qui les Graces cherissent,
Je hais, les biens, que l'on adore,
Je hais les honneurs, qui perissent,
Et le soin qui les cœurs devore;
Rien ne me plait, fors ce qui peut deplaire
Au jugement du rude populaire.

Dubellay.

I.

Se acaso por capricho da Ventura,
Os meus versos do Lethes se remirem,
E se hum dia os vindouros, que os pessuam
Em lelos se cansarem;

II.

Não acharão sublimes pensamentos
De pomposa armonia revistidos,
Aureas sentenças, que apinhado o Povo
Pelos ouvidos beba,

III.

Qual já, denso hombro, e hombro, devorava (1)
Com soffrego apetite Reys extinctos,
Debellados Tyrannos fuzilando
D'Alceo na sacra Lyra.

IV.

Mas hade achar a audacia generosa,
Franco sentir d'hum peito bem nascido,
Hum elastico Espirito, que affoito,
Desponta ao fado as setas.

(1) Reges, et exactos Tyranos
Densum humeris bibit aure vulgus.

Horat.

ODE XXX.

Ao Rv.do Prior da Represa, o Padre Joze Cordeiro da Cruz, retirando-se de Lisboa sem despedir-se.

Sed rura cordi sepius et quies
Nunc in paternis sedibus, et solo....
Veiente nunc frondosa supra
Hernica, nunc Curibus vetustis.

Hic plura ponere vocibus, et modis,
Possim solutis, sed mensor interim
Nostri verecundo latentem
Barbiton ingeniosa sub antro.
Estac. Od.

I.

Foi-se o Prior?... he crivel!... dèo ás trancas?...
Nem poderam detelo de Belmira
As Graças que enfeitiçam mesmo aquelles
Que só na ideia a viram?... (1)

II.

Sem dizer agua vai, foi-se o marmanjo?...
Nem hum *vale* se quer, deu aos amigos?...
Assim cumpre o protesto do Rocio
Calcar em quanto exista?... (2)

III.

Nem do Pombo a vista amor-sonante,
Nem do Moreira o Cravo, nem meus versos,
Nem *per valli* (3) *per boschi*, que a discordia
Soprou nas Marcias duas,...

(1) Allusão a huns versos do mesmo Prior.
(2) Outra semelhante.
(3) Outra allusão particular.

IV.

Do maldito maneta conseguiram (1)
Hum suspiro, hum adeos, hum terno abraço? . . .
Nossas almas roubou, pegou do alforge,
E co'ellas fez-se á malta.

V.

Ora permitta Jupiter, e o Fado
Que a travessa Fortuna a urna dos males
Sobre a carólla, meo Prior, te emborque
Em merecida pena!

VI.

Famintos ratos roam-te o Breviario:
Torne-se-te vinagre o Carcavéllos;
E daninha Raposa o galinheiro
Te proteja á Franceza.

VII.

Fatigado da caça, e o Sol tisnando,
Freixo não aches, que te acolha á sombra,
Nem fagueira *Lacaia*, que reparta
Comtigo a sobremeza! . . . (2)

VIII.

Dure o flagello thé, que baixe a orelha,
Como a Doninha vai do Sapo á boca,
Buscar venhas do Maximo no indulto (3)
O perdão do teo erro.

(1) O Padre Cordeiro tinha perdido o braço direito combatendo contra os Francezes na defeza d'Evora.

(2) Toda esta Strophe se refere a factos particulares, que seria dificil, e occioso explicar: pensão annexa ás Poesias familiares.

(3) O nosso commum amigo Manoel Maximo Moreira, hoje fallecido.

ODE XXXI.

A Sr.ª Maria Granville Oldman.

Te spectem suprema mihi cum venerit hora,
Et teneam moriens, defficiente manu.
Tibul. Liv. I. Eleg. I.

Que julgas, bella Oldman, que o Luzo Vate,
Teo extremoso amante,
Suplica aos Ceos quando nas aras queima
O aloes dulci-oloroso,
E de alecrim florido as engrinalda?
Não pede, que a Fortuna
Lhe sobre-emborque o cofre; ou longos campos
Romper com juntas cento;
Olhar tristes, e pallidos Clientes
Espreitar-lhe ajoelhados
Hum sorriso ao desdem, qual mercê grande;
Beber em amplos scyphos,
De rubins, e de perlas cravejados,
Os deliciosos vinhos
De Champagna, de Málaga, do Rheno:
Em quanto os mares vergam
Ao pezo dos galioes, que lhe conduzem
O abundoso producto
D'Engenhos dez, que, do Brasil nas roças,
Lhe occupam mil Escravos
De azevichado rosto, e crespa grenha!

Poderão por ventura
Ricas Estatuas, effigiadas Urnas,
De Damasco os estofos,
Orientaes gemas, finas Procelanas
Do Japão precatado
Venturosos fazer-nos? ... quantas vezes
Abre a cortinal tella
Do opulento Miombo, e, em torno ao leito,
Onde tarde se encosta,
O elevado Sejano, adeja a Angustia? ...
Quando menos o aguarda
D'hum Nero a Esposa, seu brutal marido
Vê do throno arrojala,
E travar de outra, que conduz ao Solio
Pizando-lhe a cabeça!
Oh como de bom grado então trocara
C'huma escrava o destino! ...
Mais custa o bem perder, que nunca havelo!
Tanto amarga a lembrança,
Quanto a do mal passado he deleitosa (1)
Se módica Fortuna
Da servil dependencia me redime;
Se de mim não se offendem;
Patria que adoro, Principe que estimo:
Teos favores disfructo,
E posso ao som da Cythara de Dryden, (2)
Eternizar teo nome;
Que mais quero dos Ceos, que mais do mundo?
Pedira inda hum amigo,
Se hum amigo existisse! mas presumo
Que esse bem precioso
He privativo ao Ceo; a terra ao menos

(1) . . . Revocate animos, mestumque timorem
Mitite; forsan et hæc olim meminisse juvabit.
Virg. Eneiad. I. v. CCVI.

(2) Celebre Poeta Inglez.

Não sei que inda dourasse!
Nem teimoso Sebastico, que espera
Escorado em Bandarra,
Vêr chegar o Encoberto, he mais varrido,
Que o nescio, que confia
Encontrar amizade em peito humano.
Embora as leys lhe pregue,
Gabe-lhe encantos Cicero eloquente; (3)
Arrebata me a obra,
E do Author a illusão me faz piedade!
Quanto mais me namora
Se, ao fanal de Carnéades murchando,
A duvidar me ensigna? . . .
Mas, engraçada Oldman, se omnimotoras
Regras do Ente Principio
A mim, como aos demais, disfructar védam
Philantropas doçuras,
Se em minha alma á ambiçao insaciavel
Entrada não consinto;
Só rogo a Jove que conserve, e esteie
Minha aurea mediania;
Que teu amor se avive, qual diamante
Se achrysóla no fogo,
Que em quanto a mocidade nos enrama
Co'as rozas d'alegria
As frentes juvenis, d'amor em braços
Em doce paz vivamos:
E ao turvejar-me a derradeira Aurora (1)
Em teu morbido seio
Descançar possa affroxo a face fria . . .
Inda a dextra apertar-te . . .
Sentir teos beijos, e no arranco extremo
Semi-dizer teo nome! . . .

(3) Vej. o bello tractado de *amicitia* de Cicero.

(1) . . . E em turvejando
A hora do pavor, que os Reys não poupa;
Bocag. Tom. III. Epist. I.

ODE XXXII.

A força do costume.

Iste pudicus amor, blandique modestia vultus
Addit et formæ pretium.
Rapin. de Horat. Cult. Liv. I. vers. CCXLIX.

I.

Com Belmira brincando acaso hum dia,
O meu Bem lhe chamei por zombaria:
Pois como a não vi bella,
Pensei perigo não correr com ella.

II.

Enganei-me, vingou-se; a todo o instante
A via, e lhe fallava em tom de amante;
Tal graça, tal ternura
Nella achei, que supria a formosura.

III.

Sem o saber, minha alma surprehendida
Da mais viva paixão se achou ferida,
E as frazes do gracejo
Subito foram frazes do desejo.

IV.

Della zombei; por ella morro agora,
Julgo, sem vela, seculos huma hora.
No ardor, que me consume,
Mortaes, vede o que em nós faz o costume.

DYCTHIRAMBO

A Bacho.

A s'envi laissons-nous saisir
Aux transports d'une double ivresse:
Qu' emporte, si c'est un plaisir,
Que ce soit follie, ou sagesse?

Mr. de La Mote.

I.

Silencio, Amigos! olhem!... Bacho ahi entra
Sorrateiro co's Phaunos, e as Bachantes!...
E o bom velho Sileno, que borraxo,
Tropeça, e cambalea.

II.

Promptos á voz, que intentam dar-nos vaia
Pilhando-nos de subito! ligeiros
Co' as taças arrazadas nos voltemos
Ió Bromio! cantando...

III.

Embaçado ficou o Deos furfante,
Co'a procissão Tyrsigera, que o segue!...
Estrepitosos rufos já retumbam
Nos tympanos, e adufes.

IV.

Co'a tempestade acorda estremunhado
O odre Myrtillo, que no chão dormia...
Ergue hum pouco a cabeça... empisca os olhos...
Esfrega as ventas... fica

V.

Parri-toucadas Nymphas galhofeiras
A chorado lundum eis vem tirar-nos! ...
Vamos de furia; chovam embigadas,
E beijos por descuido.

VI.

Que trambulhão foi esse ... e que risota? ...
Quiz entrar na folia o bom Sileno,
Vai se não quando a terra se lhe escoa
Dos pes por maganeira.

VII.

Lá jaz como hum Cassão no pavimento,
A capella a huma banda, o Thyrso á outra! ...
Que bem aventurança! ... onde se estende
A cama da por feita.

VIII.

Corni-barbi-caprípede selvagem (1)
Essa lyra de pampanos m'enrama,
Lieo m'inspira altisonos cantares! ...
Leva rumor! ... começo

IX.

Io Bacho! ou Lieo! ou Bromio! ou Liber!
Qual mais te aprasa! ebrifestante Numen,
Ingnigena, binado, auri-cornuto (2)
Amansador de Tygres!

(1) E que attentos corriam para ouvillos
Os Phannos, os auritos Egipanes,
Capri-barbi-cornipedes-felpudos
Moradores das Selvas!
Francisco Manuel.

(2) Te vidit insons Cerberus aureo
Cornu decorum, leniter atterens
Caudam: et recedentis trilingui
Ore pedes, tetigit que crura.
Horat.

(1) Allusão ao Carnaval de Veneza Republica.

X.

Tu das tom, das sabor, das gosto á vida:
O liquido rubi, não parco, entornas;
E, antigos, ferreos odios desvestindo,
Beijam-se os inimigos!

XI.

Que doce he ver teos folgasoes validos
Sempre a rir, e a cantar, sem que lhe emporte
Que ronque o mar, que se embraveça o Vento,
Que se revolva o Mundo! . . .

XII.

Companheiro hes de Amor, cujos feitiços
Se requintam comtigo: escancaravas
Das Danaes Adriaticas ás torres
As bem trancadas portas (1)

XIII.

Mal que assomas vai dando aos calcanhares
Bichancrosa Etiqueta afrancezada,
C'os Rapapés, Momices, Cortezias (2)
Que alma traidora embuçam.

(1) L'instant ou de ses jeux la fete est annoncée,
Fait d'une ville sage une ville insensée
Les beauttés de ces lieux, que, dans de tristes tours,
Au fond de leurs palais, trainent des jours obscurs;
Sous de maitres altiers, d'effroi toujurs saisies,
Victimes de l'amour, et de ses jalousies,
Passent de trop de gêne, á trop de liberté,
Sur elles leurs Epoux n'ont plus d'autorité.
C'est alors dans Venise, une loi respectée;
De paroitre convert d'une face empruntée,
Elle est pour le mystere un asile assuré,
Un mortel sous le masque est un mortel sacré.
Mr. Rosset. Agricull. Chant. II.

(2) Paver coglionerie tai cose inante,
Ma l'adottar le Leonine corti,
Et divennero gravi, et sacrosante:
Due passi, o men lunghi, piú o men corti,
Un inchino talor piú, o men profondo,
Capace he di mandar susopra il Mondo.
L'Abate Casti. Am. parlanti.

XIV.

Longe, oh bom Nictileu, de mim remove
O nefando Mortal, que impio, profana
Nosso mor attributo, e em crespo estilo (1)
Desfarça o que alma sente! . . .

XV.

Longe do meu Paiz, que tão mimoso
Tens de teus gratos dons, o Gallo infido,
Que, em Scithico banquete, em sangue humano
Caldea os teus alambres!

XVI.

Como, oh meigo Lieo, vides consentes
Em seu clima brutal? . . . com o Thyrso as fere;
L'Hermitage, Cahors, Bourgonha vejam
Murchar, arder-lhe as cepas.

XVII.

Mate-lhe a sede paludoso charco,
E nas festas a livida cerveja,
Triste invenção, que nunca ponde a Jove
Hir espumar nas Taças!

(1) Et hercle Deus ille, princeps, parens rerum, fabricator que Mundi, nullo magis Hominem seperavit a cœteris, quœ quidem mortalia essent, animalibus, quam dicendi facultate. Nam corpora quidem magnitudine, viribus, firmitate, patientia, velocitate præstantiora in illis mutis videmus; eadem minus egere acquisitæ extrinsecus opis. Nam et ingredi citius, et pasci, et tranare aquas, citra docentem, natura sciunt. Et pleraque contra frigus ex suo corpore vestiuntur, et arma his ingenita quædam, et ex obvio fere victus sunt; circaquœ omnia multus Hominibus labor est. Rationem igitur nobis præcipuam dedit, ejusque nos socios cum Diis immortalibus voluit. Sed ipsa ratio neque nos juvaret, neque tam esset in nobis manifesta; nisiquæ concepissimus, mente, promere etiam loquendo possemus: quod magis deesse cæteris animalibus, quam intellectum, et cogitationem videmus.

Quintil. Instit. Rhethor. Liv. II. Cap. XVII.

XVIII.

Que improviso furor me abarca a mente! . . .
Que retinidos bronzes! . . . e que altares
Fulgindo em santo fogo! . . . que infinita
Turba lhe dança em torno! . . .

XIX.

Que furibundas Thyades laceram
Coroado Mortal! . . . escute o Mundo
De Pentheo o destino! . . . escute, e aprenda
A ter respeito aos Numes! . . . (1)

XX.

Na famosa Cidade a quem deu nome
Da roubada Sydonia o Irmão vagante,
Imperava Pentheo; feliz se ao sceptro
Religião juntasse!

XXI.

Já sujeito o Indo, e o Ganges, e plantados
Por toda a terra os mysticos seus ritos,
Co'as Bachantes Thioneo volvia á Patria,
Corre a encontrallo o Povo.

XXII.

Do Pontifice á voz tarefas largam
Matronas, e Donzellas, tranças soltam,
Brandem Thyrsos frondentes, e ao Cytheron
Vão celebrar as Orgias.

XXIII.

Velhos, Moços se apressam: só repugna
Sacrilego Pentheo! « onde oh Thebanos,
Delirando correis? . . . brada, onde oh castas
» Anguigenas Matronas? (2)

(1) Discite justitiam monuit, et non temere Divos.
Virg. Æneiad.

(3) Descendentes da Serpente, que Cadmo matou de cujos dentes semeados nasceram Homens armados; vejam-se sobre esca passagem, e todo o Episodio, Ovid. Metamorphe, Liv. III.

XXIV.

» Velhos! não vos pejaes dos longos annos,
» Das niveas cans enxovalhar dessa arte? . . .
» Insensatos! . . . soffreis que vos imponha
» Mentida Divindade? . . . .

XXV.

» Guerreiros, meus iguaes, á illustre fronte,
» Em vez de louros, pampanos se ajustam? . . .
» Cobrem pelles ferinas duros membros,
» Que as armas callejaram? . . .

XXVI.

» Ritos magicos, tympanos, e flautas,
» Ebrias Mulheres rabidas ladrando,
» Tem tamanho poder, que huma Cidade,
» Envolvam na vertigem? . . . .

XXVII.

» Rapaz lascivo, em purpuras envolto,
» Myrrha escurendo as tranças, porque insano
» Sonhou ser filho a Jove, ha de ver Homens
Dobrarem-lhe o joelho? . . .

XXVIII.

» Não me escutam sequer? . . . que horror! que pejo! . . .
» Eu proprios, sim! . . . perturbarei mysterios
» D'impia dissolução! . . . o Deos, e as aras
» Farei rollar na terra! . . .

XXXIX.

Dalli cego, e frenetico já corre,
Voa, chega ao Cythéron: mas apenas
Lhe assoma Bacho, subita demencia
Se lhe apodera d'alma.

XXX.

Insta a voz do pavor troando o ouvido;
Duas Thebas ver julga, e o Sol dobrado:
Que o rodeiam Leões; Leão parece
Aos mais, que o Deos fascina,

XXXI.

Hirto o cabello, á fuga se abandona: . . .
Mas a Mãy (a primeira, Evohé clamando)
» Morra o Leão! o thyrso lhe despara,
Que o vai ferir no rosto.

XXXII.

Uivando logo as Menades o cercam
Thyrsos, páos, pedras, cantos, quantas armas (1)
Mostra acaso, ou furor, no Rey, que em terra
Roga piedade, empregam

XXXIII.

Do Phantasma illudida, eis chega a Esposa (2)
Brande a secure, que roubou das aras,
E ao misero, que os braços lhe estendia
D'hum golpe leva o colo.

XXXIV.

Pelos campos dispersos vão seus membros,
Sceptro não lhe valeo, não valeo throno! . . .
Envolvido no pó, ou sobre o solio
Punido o crime he sempre.

(1) A pedra, o páo, o canto arremessando.
Camões Lusiadas.

(2) Com a illusão, com que Bacho fazia que Pentheo parecesse a todos Leão.

LIVRO V.

ODES ANACREONTICAS.

ODE I.

A Esther Levi Ben-Maimon.

I.

Quanto te vejo vestida
Ao modo de Barberia,
Minha ardente phantasia
Crê vêr Africa orgulhosa,
Que vem foros de formosa,
Com Europa pleitear.

II.

Esse adorno de cabeça
Dá realce ao teu semblante,
Mais gentil, mais elegante,
Essas roupas tão airosas,
Pitorescas, e vistosas
O teu talhe fasem ser.

III.

He assim que huma Ave estranha.
De Cathay, ou Novo Mundo,
Co' matiz ledo, e jucundo,
Que nas pennas nós lhe vemos,
Faz que a todas a julguemos
As de cá mui superior!

IV.

He assim que ninguem olha
Para o Sol, que reverbera
Cada dia sobre a esphera;
Mas se rubido Cometa
Pelos Ceos a marcha enceta
Todos correm para o ver.

V.

Cara Esther, eu não preciso
Para amar-te com ternura,
Dessa estranha compostura,
Porem da-te ella tal graça,
Que impossivel he não faça
Teu amante transportar,

ODE II.

A Esther.

I.

Hum Baixel está no Tejo
Verga dalto, e preparado,
Que fendendo o mar salgado,
Para as terras do Levante
Levar deve a minha amante,
Levar deve a minha amada,
Tão querida, tão prezada
A mimosa, terna Esther!

II.

Caro Bem, a tua ausencia
Para mim golpe he de Morte,
E maldigo a dura sorte,
E maldigo o Pay tyranno,
Que aos furores do Oceano
Te aventura, e das procellas,
Por quebrar as prisões bellas,
Com que a ti me liga Amor.

III.

Elle finge, o Judeu cauto
Mil projectos negociosos,
Por deixar os tão formosos
Puros ares d'Ulyssea,
Mas eu leio em sua idea:
Todo o fim, todo o concelho
Desse avaro, e tredo velho
He tão só roubar-te a mim!

IV.

Adeos pois, oh terna Amante,
Porem antes da partida,
Minha face á tua unida,
Apertado ao teu meu peito,
De Amor cheio, e de despeito
Em teus labios nacarados
Cem mil beijos abrasados
Heide soffrego imprimir.

V.

Muito embora te conduzam
Ao gelado Arctoo Polo,
Ou aonde escalda Apollo
Com seu fogo a Zona ardente,
Heide amar-te fielmente,
Heide grato a teus amores,
O teu nome, os teus favores
Com a Lyra eternizar.

ODE III.

A Esther.

I.

A Primavera
Rosi-toucada
Lá vem, sentada
Em transparente
Nuvem fulgente,
Léda a surrir.

II.

O seu surriso
Fecunda a terra,
Que já descerra
Verdura, e flores,
E com mil cores
Lhe dá matiz.

III.

As folhas vestem
Troncos floridos
E, desprendidos
Dos gêlos frios,
Arroyos, rios
Serpeiam já.

IV.

Dourando os ares.
Com luz mais pura,
O Sol fulgura
Mais magestoso
Pelo espaçoso
Campo do Ceo,

V.

Da Serra Eolia
Nas fundas grutas,
Procellas brutas,
Turbidos ventos
Vam violentos
Couto buscar.

VI.

Ledas as Aves
Tecem seus ninhos,
Ou nos raminhos
Pousam virentes,
E sons cadentes
Fazem ouvir.

VII.

Cupido, e Venus,
Co'as socias suas
As Graças nuas,
Aos campos descem,
Choreas tecem
Da Lyra ao som.

VIII.

Vulcano em tanto
Nos seus trabalhos.
Batendo os malhos,
C'os feros Brontes,
Lipareos montes
Faz retumbar.

IX.

Umbrosos bosques,
Diaphanos ares,
Rios, e mares,
Feras, e gento,
Tudo recente
Fogo de amor,

X.

Sua influencia,
Esther, se estende.
A nós, que prende
Mutua ternura,
Que mais se apura
Nesta estação.

ODE IV.

A Esther.

I.

Si me alegra que torne
A rubra Primavera, (1)
Dourando a azul esphera
O campo a florejar.

II.

Não he porque deseje
Os troncos ver floridos,
Os montes revestidos
De messes verdejar.

III.

He porque a estação bella
Aos braços meus trazer
Deve a formosa Esther
Da Marcia Gibraltar.

IV.

Ah quando a bella córte
O liquido elemento,
Cortez lhe seja o vento,
Seja propicio o mar!

(1) Hic ver purpureum.

Virg.

ODE V.

A Esther.

I.

Esther amada,
Na Harpa, ou Cynnor, (1)
Canta-me Hebraico
Hymno d'Amor!

II.

Já preludias
Co' mão nevada,
Que sobre as cordas
Corre apressada.

III.

A voz desprendes!...
Que alma doçura!...
Geme de ouvir-te
Minha ternura.

IV.

Quando psalmeava
Debora outrora
Certo não tinha
Voz tão canora!

V.

A que amansava
Da Persia o Rey,
Se voz tão meiga
Tinha, não sei.

VI.

Vê qual palpita
Meu coração!...
Paguem mil beijos
Tua canção.

(1) Instrumento de chordas usado pelos Hebreos, e mais encorpado que a Lyra dos Gregos.

ODE VI.

A Esther.

I.

Esther, oh mais formosa,
Das filhas de Israel;
Que rosas tens nas faces,
E tens nos labios mel.

II.

Tu, cujos olhos negros
Vertem suave ardor,
Cujos cabellos vencem
O ebano em lustro, e cor,

III.

Tu, cujas meigas vozes
Tem magico poder
Para nas almas livres
As chamas accender.

IV.

Ah vem, corre aos meus braços,
Como hontem te pedi;
Que os filhos do teu Povo
Dignos não são de ti.

V.

Escravos avultados,
Não sentem vivo ardor,
Que gera em peitos nobres
Genio, virtude, e amor.

VI.

Só em ti vem Avaros
Com sordida ambição,
Ouro, vestidos, joyas,
Mas teu coração, não.

VII.

Eu amo-te, e sou Vate,
E sempre te heide amar,
E ao som da eburnea Lyra
Teu nome decantar.

VIII.

De Ben-Maimon, á porta
A furto isto cantei;
Abrio-se, e nos meus braços
A linda Esther achei.

ODE VII.

A Esther.

Da-me o beijo, é dou-te a rosa;
Si o partido não te apraz,
Nunca Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

Sem o beijo he vão teu rogo,
Pois não cedo do que he meu,
Sem que acceite em recompensa
O que tenha mais valor.
Tal doutrina, oh bella Joven,
Tu não podes condemnar,
Pois se he pouco generosa,
Á professa o povo teu.
Da-me o beijo, e doute a rosa;
Se o partido não te apraz,
Nunca, Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

Esta rosa foi nascida
Em roseira, que eu plantei,
Mas tambem não foi de graça,
Que eu a estaca consegui.
Foi creada, esperta, e joven,
Que a furtou de huma roseira
Que sua ama tinha em muito,
E zelava, com disvello
Por ser don do amante seo,
E ella em premio deste obsequio
Outro beijo me pedio.
Da me o beijo e dou-te a rosa;
Se o partido não te apraz,
Nunca, Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

Sou eu só, quem desvelado
Della trato em meu jardim,
Eu a pódo, eu a encanniço
Eu lhe afofo em roda a terra,
Eu lhe chego o pingue adubo,
E tomando o regador
Cada dia a vou regar;
E quem vê as rosas suas
Sempre admira as densas folhas,
Gentil forma, côr, grandeza,
E suavissimo perfume.
E eu jurei que Dama alguma
Levará della hum botão,
Sem hum beijo lhe custar.
Da-me o beijo, e dou-te a rosa;
Si o partido não te apraz,
Nunca, Esther, sobre o teu seio
Esta rosa brilhará.

ODE VIII.

A Esther.

Comtigo, Esther, quizera
Subir ao Sinay monte,
Onde Moyses, o sabio
Entre trovões, e raios,
Relampagos ardentes
Do Eterno recebera
A ley, que ao Povo trouxe
Que idolatrando achou.

Quizera sobre o Moria
Hir prescrutar vestigios
Do Templo protentoso
Coberto d'ouro, e Cedro
Do Libano frondente,
Que Selamoth fundou.
O Moria, onde ora, oh pejo!
Surge a Mesquita Turca,
Onde se exerce o culto
Do Arabico Pastor!

Tambem, comtigo ao lado,
Correr quizera o cume
Do florido Carmello,
Aonde os Ceos de bronze
Com seus ardentes rogos
Helias abrandou,
E fez que ethereo fogo
Descesse, e consumisse
O sacrificio seu.

Quizera ouvir teu canto
Dos Cedros na torrente,
Do Siloé nas ribas,
Ou do Jordão nas margens,
Que por areias fulvas
Devolve as mansas ondas;
Do Jordão, que assustado
A' vista da Arca santa,
Fugio espavorido, (1)
E á Fonte recuando,
O passo enxuto, e livre
Deixou ao Povo teu!

Saudar quizera ao longe
O Golgotha, o Thabor;
D'onde Hyerichó se eleva
De mil rosaes cercada,
Colher botões mimosos
Para te ornar a fonte,
Para te ornar o seio
Tão puro, e tentador!

Quizera, Esther, quizera
Vagar d'Euggaddi os campos
Tão ferteis, e tão ricos
De pampanos frondentes,
E em suas ferteis cepas
Colher formosos cachos,
Para tos offertar.

Tu sabes que d'Euggadi
As uvas são mais doces,
Que o fulvo mel do Hymeto,
Que tanto os Gregos Vates,

(1) **Jordanis conversus est retrorsum.**

Nos cantos seus nos gabam;
Mais doces do que o çumo
D'Amora cor de sangue,
Ou da Laranja odora,
Que a Patria minha cria;
Mais doces do que o beijo
Primeiro que nos labios
De terna, e linda Joven
O amante delibou....

Girando estes logares
Tão ferteis de prodigios,
D'altas lembranças ricos,
Oh como extasiado
A meu peito amoroso,
Esther, eu te apertara,
Clamando « oh que formosa,
» Que afortunada terra
» Os teus Avós perderam
» Para a não mais cobrar!

ODE IX.

A Esther.

I.

Que emporta, oh doce amante,
Que emporta, Esther querida,
Si amor nos une as almas,
Que o culto nos devida?

II.

Não he acaso amor
Hum culto universal?
Em mutuos nos amar-mos,
Não vejo nenhum mal.

III.

Amor não he delicto,
He Ley da Natureza,
Para obrigar a amar-mos
Creou ella a Belleza.

IV.

Em eu te amar Hebrea,
E amar-me Tu, Christão,
Não entram nossas crenças,
Só entra o coração.

ODE X.

A Esther.

I.

Perguntas, Esther amada,
Qual he do anno a Estação,
Que me parece mais bella,
Mais me encanta o coração?

II.

A resposta não he facil,
Pois se bem formos a ver,
Todas tem suas bellesas,
Em todas há que temer.

III.

A Primavera comsigo
Traz esperanças, e flores;
Porem tras tambem nebrinas,
E trovões atterradores.

IV.

O verão, brilhante, e claro
Faz as messes lourejar;
Mas tem calores tão vivos,
Que nos fazem suffocar.

v.

Chega o pomifero Outono
Co'a vendima brincadora,
Mas traz tambem de doenças
Cohorte, que nos devora.

VI.

Assoma o Inverno entre Bailes
Tornando grata a Cidade,
Mas sobre chuvosas nuvens
O acompanha a Tempestade.

VII

Para dizer-te o que sinto,
Pela mais bella Estação,
Só tenho aquella, em que posso
Cingir-te ao meu coração!...

ODE XI.

Sobre a ausencia d'Esther.

I.

Vil Judeo, velho onzeneiro,
Leva embora a linda Esther,
E vai da-la por Mulher
A outro filho de Levi.
Que não hade elle da Esposa
Colher já virginea rosa,
Que eu ha muito lha colhi.

II.

Só me doe, me compadeço
D'essa misera Donzella
Que me abraça meiga, e bella,
E me jura eterno amor.
A sua alma ingenua, e pura,
Merecia da Ventura
Melhor trato, e mais favor.

ODE XII.

A Oleno. (*)

Venham depressa copos,
E tragam-me outro vinho;
Do que bebi thegora,
Já saciado estou! . . .
Que copos me trouxeram! . . .
Parecem bebedouros!
Fóra com elles! fóra,
Que não os quero assim! . . .
Bem! . . . esses, grandes, largos! . . .
Deita Madeira doce,
Deita o gentil Bucellas,
Que he vinho de primor!
Brinda, meu caro Oleno,
Ao teo Ovidio brinda,
Que eu brindo ao meu Virgilio
Com este a transbordar;
Ora a Camões brindamos,
O Lusitano Homero,
A Corydon, e Elpino,
Tão grato a Bassarco.
De novo os copos se encham
Para brindar a Alfeno,
E ao sem igual Phylinto
Dos Lyricos o Rey! . . .
Bancas, Tremós, Cadeiras,
Não vejo, nem descubro . . .
Então onde he que estou?
Só vejo extensas vinhas,
Toneis, Satyros, Phaunos,
Bacchantes, Egypanes
Em torno a mim dançar! . . .

(5) Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

ODE XIII.

A Oleno.

I.

Traze-me flor de Laranja
Para esta taça adornar,
Sou Portuguez, não sou Grego,
E de Hera não quero uzar.

II.

A Laranja he a Rainha
Das fructas do meu Paiz;
O aroma das suas flores,
Com o do vinho condiz.

III.

Laranja, e vinho de Lysia
São dos Britanos a inveja,
Desses Chatins avarentos,
Que se toldam com Cerveja.

IV.

Algumas vezes bebi
Vinhos de Chypre, e de Creta,
Que tanto exhalta o de Theyos,
O Ebri-festante Poeta.

V.

São bons, porém nelles acho
Pouca força, e bom sabor.
São optimos para Damas,
Não para hum bom bebedor.

VI.

Venha Chamusca, e Madeira,
Moscatel, Bucellas, Porto,
Vinhos que a ideia roboram,
Que dão ao Estro conforto.

VII.

Só elles inspirar podem,
Oleno, versos de amor,
Com que ao longe remedemos
De Batillo o bom Cantor!

ODE XIV.

O poder do Amor.

I.

He hum mal o ter amores;
Não os ter he mal maior,
Mas amar sem ser amado
He dos males o peior!

II.

O amor em Touro, em Cysne
O Tonante converteo;
Por amor de Olympo á terra
Cynthia casta já desceo.

III.

Pela ingrata Daphne Apollo
Sentio já vivos ardores;
Por Choronis, que o trahia,
Soffreu zelos vingadores.

IV.

Se os Deoses de Amor o jugo
Não poderam evictar,
Eu mortal, eu fraco Vate
Como heide deixar d'amar?

V.

Só supplico á linda Venus,
Só supplico ao Filho seu,
Que a Nympha por quem me abrase
Não despreze o affecto meu.

ODE XV.

A Marcia. (*)

I.

Quero de flores
Co' huma capella
Cingir a fronte,
De Marcia bella.

II.

Colhe-me myrthos,
Colhe jasmins,
Perpetuas roxas,
E Mogarins.

III.

Colhe-me Tulipas,
E Tuberosas,
E não te esqueçam
As Chypreas Rozas.

IV.

Porque sem ellas,
Fraca beleza
Tiveram obras,
Da Natureza!

V.

Eis-te acabada,
Florea capella,
Eis-te na fronte
De Marcia bella!

VI.

Que bem parece
Com ella ornada!
Mas quem se iguala
A' minha amada?

(*) D. Maria Constança Lima Barbosa.

ODE XVI.

A Ulina.

I.

Vou contar-te, bella Ulina,
Minha sonhada ventura,
Que não bastou ser sonhada,
Tambem foi de pouca dura.

II.

Sonhei que Amor te ferira
Com seu dourado farpão;
E te guiara a meus braços,
Pela sua propria mão.

III.

Que, os lindos olhos erguendo,
Em mim maviosa os fictavas;
E que apertando-me ao peito
De ternura suspiravas.

IV.

Então cuidei ver a terra
Toda vestir-se de flores,
E minha gloria applaudirem
Os aligeros cantores.

V.

Cuidei que nuvem d'aromas
Em torno a nós se espessava,
Como a que Jove, no Ida,
De Juno em braços, fechava.

VI.

Mas quando em teus roseos labios
Faminto beijo imprimia,
Forte argolada na porta,
O somno me interrompia.

VII.

Antes do que esse importuno,
A Morte houvera de ser,
Fora feliz pois morrera
Nos extasis do prazer.

ODE XVII.

A Marcia.

I.

Sonhei oh Marcia, esta noute,
Que em Rouxinoes transformados
Pelo condão de huma Fada,
Voaramos apressa-los.

II.

Que muito tempo vivemos
De huma selva no verdor,
Ora buscando o sustento,
Ora em praseres de amor,

III.

Que, á vinda da Primavera,
Tu brando ninho formando,
Dentro delle te metias
Os filhinhos encubando:

IV.

Em quanto em fronteiro chopo
Eu muito alegre pousava,
E ali de noute, e de dia
Ternas endeixas trinava.

V.

Eis desce Açor famulento! ...
Fugiste tu, e eu fugi! ....
C'o susto acordo, e do sonho,
Como rirás, tambem ri!

ODE XVIII.

A Marcia.

I.

Eu sei que a minha vida
Já pouco hade durar,
Que o meu estame as Parcas,
Se aprompta a cortar.

II.

Que o Espirito, que pensa,
Do corpo dividido,
Hirá correr vagante
Mundo desconhecido.

III.

Mundo, onde se não beba,
Mundo, onde se não ama,
Onde he todo o prazer
Tenue rumor da Fama.

IV.

Mundo, onde só existem,
Sombras d'amenas fontes,
Sombras de lindas flores,
Sombras de Rios, Montes.

V.

E quero desta vida
O resto approveitar,
Quero eutregar-me ao riso
Quero beber, e amar.

VI.

Traze-me os copos, Marcia,
Traze-me vinho, e rosas,
E a Lyra a que descanto
Theias Cansões formosas.

ODE XIX.

Origem da Uva Moscatel.

I.

Do Tejo em margens sentados
Do Estio em calmoso dia,
Bacchó, e Venus propinavam
Doce nectar, e ambrosia!

II.

Huma formosa Videira
Os pampanos estendendo,
Com suas parras aos Numes
Estava hum docel tecendo.

III.

Em roda delles das Graças
Vagava o festivo bando,
Que, de rosas coroadas,
Lhes andavam ministrando.

IV.

Co' huma taça transbordante
Lieu a Deosa brindava,
Mais eis que Aglauro sobre elle
Travesso Amor empurrava.

V.

Cáe, e a Lieu dá no braço,
Da mão a taça soltou,
E junto ao pé da Videira,
O nectar se derramou.

VI.

Entranha-se pela terra,
E breve á raiz chegava,
E misturado co'a seve,
Com a seve circulava.

VII.

Por causa assim de Cupido
O gostoso Moscatel,
Ganhou aroma divino,
E mais doçura que o Mel.

ODE XX.

Em huma enfermidade.

I.

Pouco a pouco me fatiga
Soportar esta existencia
Da fortuna, e da opulencia
Sempre longe caminhar.

II.

Se da vista a luz se extingue,
Se impia Febre escalda a testa,
E se o peito me molesta
Sanguinosa, e cruel dor! . . .

III.

Sem prazer, e sem saude
Se viver me ordena a sorte,
Melhor fora já que a Morte
Me soltasse esta prisão! . . .

IV.

Que delicto contra os Numes
Cometti sem ter nascido? . . .
Por ventura lhe hei pedido
Faculdade de existir? . . .

V.

Porque pois me arremessaram
N'este vale lacrimoso! . . .
Produzir hum desditoso
Para Deoses que prazer! . . .

ODE XXI.

A huma Taça.

I.

Quem seria o douto Artista,
Que esta taça sizelou,
E que tão formosos quadros
Em sua roda traçou?...

II.

Com que graça em torno á bocca
Esta vide serpentêia,
E depois formando as azas
Morbidamente se enleia!

III.

Dorme aqui de hum myrtho á sombra
Endymião descançado;
E Cynthia ao pé de giolhos
Beija-lhe o rosto nevado.

IV.

Brilha no rosto dormente
Hum reflexo de prazer;
Le-se paixão, e volupia
Da Deosa no parecer.

V.

Ali Jove sobre o Throno
Suspira, e geme varado
Pela setta que, Cupido
Contra elle ha disparado.

VI.

E o menino alado os raios
Sobre o joelho quebrando,
Ri do golpe, bate as palmas
Seu triumpho celebrando.

VII.

Mais ao longe a linda Europa,
No alvo Novilho sentada,
Se inclina, agarra-se aos cornos,
E os pés recolhe assustada.

VIII.

E elle soberbo co' a presa
Ergue alva espuma nadando,
Treme o pelago, a Deidade
Transformada respeitando!

IX.

Além a formosa Venus
Abraça Adonis que adora;
E com mil famintos beijos
Faces, e olhos lhe devora!

X.

Lá Nictiléo em soccorro
Vem de Adriadna abandonada,
E dos Phaunos, e Bachantes
Os cerca a turba açodada.

XI.

Em quanto o ebrio Sileno
No Jumento cambalea,
E por Satyros sustido,
Desentoado vozea!

XII.

Quanta graça nas Figuras!
Nos semblantes que expressão!
Parece andou nesta obra
De Pratixeles a mão!....

XIII.

De que maneira o trabalho
Do grande Artista honrarei?...
Cheia a taça de Madeira (1)
Ao seu nome beberei.

(1) Esta Madeira, Sr. Leitor, não he pao ferro, vinhatico, ou espinheiro, he vinho da Madeira, do que v. m. talvez não desgoste.

ODE XXII.

Origem do Vinho do Douro.

I.

A Nympha formosa do Douro
Em penha lictorea sentada,
Cabellos de lucido ouro
Compunha com mão delicada.

II.

Eis Bacho que chega, e ao ve-la
Suspende-se mudo hum momento,
No peito sentindo por ella
D'amor o suave tormento.

III.

O pejo a Lieu não impede,
Expõem seu desejo amoroso,
A Nympha resiste, ... mas cede
A' instancia de Deos tão formoso.

IV.

Porquê ao Sol a scena escondeste
O thyrso elle crava na terra,
Eis vide, que prompta florece,
E em choça de parras os cerra.

V.

A sesta ali passam contentes,
Entregues d'amor ao transporte,
Partindo entre beijos ardentes,
O Nume lhe dei desta sorte,

VI.

« Tu reinas em calvos penedos,
» Que dão só agreste verdura,
» Eu quero torna-los tão ledos,
» Que invejem a tua ventura.

VII.

» A vide que ahi florescera,
» Os vai coroar de verdor,
» E outra vinha eu juro não dera
» Hum tão generoso licor.

VIII.

» Teu nome será conhecido
» Por elle nos fins do Oriente;
» E no Orbe que jaz escondido
» Ainda no mar do Poente.

IX.

» A par de Lieu respeitada,
» Senhora de rico thesouro,
» Verás toda a gente humilhada
» Dar cultos á Nympha do Douro.

ODE XXIII.

A Marcia.

Estas flores para ti,
Formosa Marcia, colhi,
Nem foi mui facil a empresa,
Porque dellas em defeza
Estava alado Esquadrão
De Abelhas, cujo ferrão
As minhas mãos lacerava;
E eu, Marcia, a dor suportava,
Por de ti paga esperar;
Pois me deves tantos dar
Beijos quantas as feridas,
Para servir-te, sofridas.

ODE XXIV.

A' hum Pintor.

I.

Solerte Pintor, que vives
De roubar a Natureza,
Vem, quero que me retrates,
Da minha amada a belleza.

II.

Prepara palheta, e tintas,
E os Pinceis imitadores,
Eis a tella aparelhada
Pela mão dos nus Amores.

III.

Tão impressa n'alma a tenho,
Que inda sem presente estar,
Huma por huma te posso
Suas feições indicar.

IV.

Macios longos cabellos
Pinta cor da noite escura,
Anelados sombreando
Da airosa testa a brancura.

V.

Negros ramosos sobrolhos,
Negros olhos bem fendidos,
Como os da Saturnia Juno
Por Homero encarecidos.

VI.

Mas ah! receio que baldes
Engenho, apuro, e primor,
Para imitares o fogo,
Que nelles accende Amor.

VII.

Sem senão do olphato o orgão
Separe as faces formosas,
Aonde brilham mesclados
Alvos jasmins, rubras rosas.

VIII.

Seos labios nectareos vençam
Dos rubins a ignea cor,
E subtil felpa os assombre,
Dando-lhe graça maior.

IX.

Ledo sorriso me pinta
Por entre elles a escapar,
Dois fios de niveas perlas
Deixando a furto brilhar.

X.

Por todo o gentil semblante,
Derrama, se podes tanto,
Hum feiticeiro attractivo,
Hum ar de celeste encanto.

XI.

Seja o seu collo lustroso
Como de marfim burnido,
De huma pequena costura,
Junta do hombro offendido,

XII.

Sim porque todos que vissem
Hum composto tão perfeito,
Jurariam que era Venus
Sem este leve defeito.

XIII.

No seio volupioso,
Acerbos pomos arfando...
Mas que he isto? ... o pincel vejo
Na tua mão vacilando! ...

XIV.

Descoras! gemes! suspiras!
Teus olhos scintillam lume!...
Entendo ao veres tal copia
Já vivo amor te consume.

XV.

Se inanimado transumpto
Pode em ti tanto influir,
Pensa quanto a ouvila, e vela
Devia Sylvio sentir.

ODE XXV.

A Josina. (*)

Pour vous, auprés de vous, je veux vivre, et mourir.
Mr. Ducio.

I.

Comtigo, Josina,
O fido Amador,
Da sorte não teme
Mudança, rigor.

II.

No throno, ou nos ferros,
Na Patria, ou distante,
Luculo opulento,
Iro mendigante.

III.

Se meiga ternura
Lhe brilha em teos olhos,
Tornados em rosas,
Verá os abrolhos.

IV.

Amor quando he puro
Ao Sol se compara,
De si se alimenta,
De si se repara.

(*) D. Josepha Umbelina Cid.

ODE XXVI.

O Desejo.

I.

« Se em aligero Favonio
» Te podesses trasformar,
» Dize-me, Sylvio, onde irias
» O teu vôo remontar?

II.

» Acaso ás margens do Thybre,
» Onde Virgilio cantou?
» Aos campos, que assombra o Ethna?
» Aos, que Antenor povoou?...

III.

» Irias pousar nos Alpes
» Sempre de gello toucados?
» Nos muros, que lava o Senna?
» Nos de Thamiza banhados?

IV.

» Pelas Florestas Germanas
» Foras affouto vagar,
» De algum Bardo, n'alta noute
» Ouvir a sombra ulular?

V.

» Foras observar em cinzas
» Moscow infausta jazer,
» Ou na Real Petersbourgo
» Cultos a Pedro render?

VI.

» Nos campos, onde fói Troya,
» Recitarias saudoso
» Do sacro vate de Smyrna
» O cantico portentoso?

VII.

» Ou, o Helesponto passando,
» Foras em Byzancio escrava,
» Ver como atroz Despotismo
» Em sangue humano as mãos lava?

VIII.

» Regarias com teu pranto
» De Athenas os monumentos?
» De Esparta o solo, em que pastam
» Agora brutos armentos? . . .

IX.

» Em Naxos, em Chypre, em Creta,
» Em Rhodes, Ithaca, e Zante,
» Verias a Grecia em ferros
» Dobrar joelho ao Turbante?

X.

» Circumvoando na Syria
» Notaras em toda a parte
» Os horrorosos vestigios
» De Fanatismo, e de Marte?

XI.

» Vizitarias o Egypto,
» Que da antiga magestade,
» Só as pyramides guarda
» Emblema da Eternidade?

XII.

» Em Solyma meditaras,
» Onde com marcia bravura,
» Libertou a Flor da Europa
« Do seu Deos a sepultura?

XIII.

» Ou em pavilhão de pelles
» Te hospedarias contente
» Com o Arabe dos Dezertos,
» Feliz por Independente? . . .

XIV.

» Lybia, Japão, Novo Mundo,
» O Catay . . . » Não minha Musa,
Expectaculos tão vastos
Minha alma de grado escusa.

XV.

Qne vira em tão varios climas? . . .
A Impostura, a Tyrania,
Males, crimes, e ruinas,
E pouca sabedoria.

XVI.

Loucura he buscar tão longe
O que em torno de mim vejo! . . .
Onde Marcia existe auzente
Me levara o meu dezejo! . . .

XVII.

Se de mim longe suspira,
Invisivel fora ver,
E, sendo assim, em seus labios,
Hum terno beijo colher!

ODE XXVII.

A Esther.

I.

Se de teus Pays á terra
Fosses, Esther formosa,
De Salem pareceras
Tu, a mais linda Rosa.

II.

Pois certo que the hoje
O tronco de Levi,
Não produzio alguma
Que se compare a ti.

III.

Os Filhos dos Deserto
Chelos de vivo ardor,
Colher disputariam
Tão preciosa flor.

IV.

Os Turcos te creriam
Ao vêr o rosto teu,
Alguma Houriz fugida
Do Paraiso seu.

V.

Juntas do corpo aos dotes
Dotes do coração,
Bondade, amor, constancia,
Talentos, descripção.

VI.

Do misero pranteas
As magoas, e o penar,
Guardas-me a fé jurada
Dos teus muito a pezar.

VII.

Do Rey Propheta os Psalmos
Se d'Harpa ao som descantas,
Co' a voz, co'a expressão viva
Me enlevas, e me encantas!

VIII.

Melhor que Arachne bordas;
E o lapis manejando,
Portentos de desenho
Vás no papel creando.

IX.

Tão bellos não florescem
Os Lyrios, e as Boninas,
De Hierichó em valles,
De Euggaddi nas campinas! . . .

ODE XXVIII.

A Marcia.

I.

Se me fora concedido,
Pela summa Divindade
O theor dos meus destinos
Reger á minha vontade.

II.

Não me cingira a cabeça
Auri-gemado Diadema;
Que emporta rutile a veste
Quando o peito afflicto gema?

III.

Menos quizera qual Midas
Tudo em ouro transformar,
De que serve huma riqueza
De que eu não posso gosar.

IV.

Tambem a gloria de Sabio
Nada me havia mover,
Por muito que hum homem saiba,
Sempre tem mais que saber.

V.

Fora pois a minha escolha
Passar em paz a existencia,
Longe do fausto, e grandeza,
E mais longe da indigencia.

VI.

A doce Lyra de Theios
Na solidão tactear,
E ver hum riso de Marcia
Os meus prazeres dourar.

ODE XXIX.

A Moniz.

I.

Moniz do Nectar rubido,
Riquissimo thesouro,
Com que honra Bacho as fértiles
Margens do Patrio Douro.

II.

Que o Mercador Britanico
Cada anno vem comprar,
Para o extreme jubilo
Ao Thamiza levar.

III.

Enche com dextra prodiga
As taças enfloradas,
E soe hum brinde alti-sono,
A's nossas namoradas.

IV.

Brinda á cantora harmonica,
Por quem amado eu morro,
Por quem na Lusa Cythara
Novas Cansões discoro.

V.

Eu brindarei Licoride,
Que essa alma te roubou,
E cujo peito candido
Do teo se penhorou.

VI.

E quando o Vulgo estupido
Nos queira disto arguir,
De seu murmurio invido
Vinguemo-nos em rir.

ODE XXX.

A Josina.

I.

Oh Nympha meiga, e candida,
Porquem no coração
Sinto lavrar-me fervida
Suavissima paixão.

II.

Porquem a culta Cythara
Do velho Anacreonte
De novo em sons eroticos
Pulso no Sacro Monte!

III.

Oh meu deleite, e jubilo!
Josina, quem diria,
Que Venus nesta florida
Prizão nos uniria?...

IV.

Que entre meus braços languida
Te havia hoje apertar,
E do prazer nos extasis
Ouvir-te suspirar?...

V.

Mas foge em trote rapido
A rozea Mocidade,
E da Velhice gelida
Não tarda a frialdade!...

VI.

D'Amor na Taça fulgida,
Meu Bem, a flux bebamos;
Recolhe a Morte soffrega
Horas, que a Amor negamos!

ODE XXXI.

O Nume das Mulheres.

I.

De Gnido no Templo
Entrei outro dia,
E o fogo na Pyra,
Devoto accendia.

II.

Com Pangeos perfumes
As aras cerquei;
Dois alvos Pombinhos
No Nume offertei!

III.

« Cupido, (eu lhe disse)
» Concede-me Isbella.
» Bem sabes que morro
» De Amores por ella.

IV.

» Si favor tão grande
» De ti alcançar,
» Por ti minha Lyra
» Só hade soar.

V.

O fogo na Pyra
Se apaga, tremeo
O Templo, e o Nume
Assim respondeo:

VI.

« Oh Vate, eu quizera
» Por termo a teu pranto,
» Porém meus poderes
» Não chegam a tanto.

VII.

» Servas as Mulheres
» Já de mim não sam,
» Que a Pluto somente
» Sujeitas estam.

VIII.

» Por isso quem dellas
» Quizer ser amado,
» Hum cofre lhe mostre
» Bem de ouro attestado.

ODE XXXII.

A Amor.

I.

Quando me olhava o Destino
Com surriso animador,
Na doce Lyra de Theyos
Podia cantar-te, Amor!

II.

Mas agora que a Desgraça
Em seu manto me envolveo,
E a beber em plumbea taça
D'amargura o fel me deo;

III.

Como pertendes que á sombra
Dos Rozaes da amena Gnido,
Teus ledos jogos descante
Tendo o coração ferido?...

IV.

He querer quc a Mãy jubile
Do Filho ante a sepultura!
E que a Vestal não desmaie
Vendo extincta a chama pura.

ODE XXXIII.

A hum Painel, figurando huma Marinha, e huma Nympha, montada em hum Hypopotamo.

I.

Quem seria o Pintor Belga,
Que neste rico painel,
Alardeou tão profuso
Prodigios de seu pincel?

II.

Aos raios de rubra Aurora
Roubou as luzes, e as cores,
Com que illumina estes ares,
Com que matiza estas flores!...

III.

Quam magestosos se ellevam
Estes montes empinados!...
Verdes Arvores os toucam,
Cobrem-lhe encostas os Gados!...

IV.

E o mar, que em fins do horisonte
Parece unir-se com o Ceo,
E que as nuvens transparentes
Descansam no seio seo!

V.

Parece mover-se as vagas
Em suave undulação,
Que sentem o brando impulso
De favonia viração!

VI.

Pois essa Nympha sentada
Sobre hum Cavallo marinho,
Que envolvida em branca espuma
Fende o liquido caminho!

VII.

Em caracoes o cabello
A airosa frente guarnece,
Chuva de ouro, aos lacteos pomos
E ás eburneas costas desce.

VIII.

Que soberbo ar de cabeça!
E que actitude tão grave!
Que morbido tom das carnes!
Que contorno tão suave! . . .

IX.

Certo quem fez este quadro
Não foi d'agua bebebor,
Mas a ardente Phantasia
Que accenderam Bacho, e amor.

ODE XXXIV.

A Josina.

I.

Tão consonas d'alma as chordas
Nos tem afinado Amor,
Que em hum, e outro unisoam
Quando as fere ou gosto, ou dor! . . .

II.

D'est'arte se alegra Sylvio
Se Josina tem prazer,
E quando Sylvio suspira,
Deve Josina gemer.

III.

Oxalá que sempre dure
Dentro em nosso coração
Mais, e mais crescendo o Incendio
Desta amorosa paixão.

ODE XXXV.

O Poeta, e Anacreonte.

I.

De Agosto em calmosa sesta,
Sobre meu leito encostado,
Taciturno, e applicado
Revolvia hum volumão,
Cahindo de espaço, a espaço
Em funda meditação!

II.

Era de Kant o volume,
Em que este sabio Escriptor,
Attilado, e pensador
Anathomisa a rasão,
Seguindo do pensamento,
Passo a passo, a progressão!

III.

Pelo abstruzo laberyntho
Acompanhalo tentava,
Mas tropessando deixava
Hir sumindo o seu clarão;
Para desandar o enredo
Hum fio pedia em vão!

IV.

Eis cingindo a calva frente
De rosi-myrtea grinalda,
Traçado o manto na espalda,
Me encontra risonho Ancião,
Lusia lhe a ungida barba,
Tinha huma Lyra na mão!

V.

Era o Cantor dos prazeres,
O suave Anacreonte,
Que deixando o Sacro Monte,
Foi das Graças Cortesão,
Derramando em aureos versos
Seu ingenuo coração.

VI.

A Pombinha que outro tempo
Seos amores reeovava,
Em redor delle adejava
Em alegre inquietação:
« Sylvio » (apertando-me a dextra
O Vate me disse então)

VII.

« Onde vás? não mais prossigas
» Esta senda estreita, escura,
» Não encaminha á ventura
» Pertinaz indagação!
» Querer transpor nossa esphera
» He trabalho insano, e vão!

VIII.

» Deixa estorradas cabeças
» Chamarem Phylosophia
» Subtil Phantasmagoria
» De huma aérea creação,
» Nascida na febre ardente
» De sua imaginação!

IX.

» Methaphysicos systemas
» São mera, insana vaidade,
» Que nos prometem verdade,
» Dando em vez della a illusão,
» Hum ao outro oppugna, e prostra,
» E a flux decahindo vão!

X.

» Por mais que vejas no pego
» Ondas, sobre ondas galgar,
» Não cresce, ou descresce o Mar,
» Guarda a prisca situação:
» Tal fica a humana ignorancia
» Com tanta investigação!

XI.

» Jove que os Mysterios seus
» Fecha em silencio profundo,
» Cercou o visivel Mundo
» Com invencivel cordão;
» E dos que rompe-lo intentam
» Castigo as duvidas são.

XII.

» Deixa pois sabias chymeras
» Que o Vulgo estolido admira,
» E á minha festiva Lyra
» Vota à tua applicação
» Ama, bebe, e a Morte aguarda
» Com leda resignação.

XIII.

» Não pode o Homem finito,
» E infinito conceber,
» Não he seu dote o saber
» Gozar he sua missão,
» E de quanto lhe era util
» Deram-lhe os Numes nocção.

XIV.

» Vulcano as proficuas Artes,
» Ceres deo-lhe a Agricultura,
» E a Deosa da Formusura
» Lhe deo Civilisação;
» Mercurio ensinou-lhe a Industria,
» Neptuno a Navegação.

XV.

» Athe para aligeirar-lhe
» Da vida o trafego rude,
» Lhe doou Phebo o Laude
» Com divina inspiração;
» E das Plantas salutares
» Lhe revelou o condão.

XVI.

» Mas não consta que algum Numen
» Ensinasse outr'ora as gentes
» Aranzeis inconsequentes
» Da sciencia, da abstração,
» Que podem encher volumes,
» Porém entender-se não!....

XVII.

» Respeitar as Leys da Patria,
» Enchugar o pranto alheio,
» Viver do praser no seio,
» Dar aos Ceos adoração,
» Phylosophia he do justo,
» Tudo o mais he sonho vão!

ODE XXXVI.

A' Borbuleta.

I.

Huma tarde passeando
Em meu pequeno Jardim,
Vi nevada Borbuleta,
E, rindo, fallei-lhe assim:

II.

« Tu vôas de flor em flor
» Sem nenhuma te fixar!
» Quem me dera assim tambem
» De bella em bella voar!

ODE XXXVII.

A hum Gallo.

I.

Maldito! . . . maldito Gallo,
Que o somno me interrompeste!
Fugir de mim a ventura,
Com o teu canto fizeste!

II.

Dormi, porque tambem dorme
O que vive descontente;
E sonho volupioso
Senhoreou minha mente!

III.

Sonhei de hum rosal frondoso
A' sombra estar assentado,
E que Annarda encantadora
Estava junto ao meu lado.

IV.

Ardendo todo em ternura,
Finezas mil lhe dizia,
E ella ouvindo os meus queixumes,
Ora chorava, ora ria.

V.

A mão lhe tomo, e consente;
Beijei-a, o beijo pagou;
Hia lançar-me em seus braços,
E a tua voz me acordou!

VI.

Não sei o que fiz aos Numes,
Não sei á sorte o que fiz!
Pois nem ao menos em sonhos
Sofrem o ver-me feliz!

VII.

Maldito! . . . maldito Gallo,
Que o somno me interrompeste,
Fugir de mim a ventura
Com o teu canto fizeste! . . .

ODE XXXVIII.

A Pyndaro.

I.

Lamentas minha cegueira,
E asseveras que perdi
Todo o tempo, em que afanoso
De Homero a lingua aprendi.

II.

Julgas inutil fadiga
Dificuldades vencer,
Que de tão complexo Idyoma
Deve o Estudo offerecer.

III.

Que são bastantes confesso
Mas ouve o meu sentimento
Se mais Escriptores Gregos
Devorasse o Esquecimento.

IV.

Se Herodoto, e Xenefonte,
Se Platão, e o de Stagyra
Sophocles, e o Theio Vate,
Nem mesmo Homero existira.

V.

Eu assim mesmo a formosa
Argiva Lingoa estudara,
De Pyndaro huma só Ode,
Todo o trabalho pagara.

ODE XXXIX.

A Marcia.

I.

Tomo a Lyra ebri-festiva
Do suave Anacreonte,
E junto d'aquella fonte,
Que das rochas se deriva,
Cantar quero em teu louvor
Terno cantico de amor.

II.

Outro tempo já cantei
Os heroes filhos da guerra,
E com elles na India terra
Pendões Lusos arvorei.
Mas passou-me esse furor,
E só canto Hymnos d'amor!

III.

Canto o teu gentil semblante
E teus olhos cor do Ceo,
O negro cabello teo,
E esse seio palpitante,
Onde em volupioso ardor
Adormece o Deos d'amor.

IV.

Canto o ledo, e o doce riso,
Que brinca entre as rubras rosas,
E entre as perolas preciosas,
Que na boca te deviso,
E o meneio seductor
De teu corpo encantador!

V.

Tambem canto o Deus thyrsifero,
Que co'as Nebrias veloci-pedes,
E c'os Satyros capri-pedes
Lá no Douro pampini-fero,
Faz nascer almo licor,
Com que aviva o fogo á amor!

VI.

Não serei certo notado
Após Tasso, Ariosto, Homero:
Mas eu gloria mais não quero,
Que das Nymphas ser contado
Entre o coro por Cantor
Do gentil Bacho, e de Amor.

ODE XL.

Defeza contra Amor, e a Desventura.

I.

Se acaso amor tyranno
E a fera desventura,
Com suas crueis setas
De te ferir procura;

II.

A elles vai de encontro
Sem te tolher receio,
Servindo-te de escudo
Odre de vinho cheio.

III.

E nelle despontados
Ao chão verás cahir,
Quantos elles desparem
Farpões por te ferir.

ODE XLI.

A Marcia.

I.

Colhe-me Rosas,
Cravos fragrantes,
E Amor perfeito,
Grato aos amantes.

II.

Colhe as Verbenas,
E o Mogarim,
Fresca grinalda
Tece-me assim.

III.

Quero com ella
Marcia adornar,
Que o seu Natal
Ve despontar.

IV.

A eburnea Lyra
Toda me enrama
De odoro myrtho,
E Daphnea rama.

V.

Dia de festa
Como este dia,
Nenhum me causa
Tanta alegria.

VI.

Eu o celebro
Rindo, e bebendo,
E de improviso
Cantos tecendo.

ODE XLII.

A Bacho.

I.

Venha a Lyra que, outro tempo,
No Parnaso Lusitano,
Com seu plectro soberano
Culto Elpino tacteou! . . . (1)

II.

Culto Elpino, que emulando
Do cantor do Ismeno a gloria,
A' belligera victoria
Retumbantes Hymnos deo!

III.

Mas depois, enfastiado
De fallar sempre em Guerreiros,
Entre os Phaunos zombeteiros
Cantou Bacho, e foi feliz! . . .

IV.

Grande Bacho, cuja frente
Verdes pampanos coroam,
Do Cytheron porquem soam
Sempre as Grutas Evohé! . . .

V.

Domador do rubro Oriente,
Protector da Lusa terra,
Cujo throno, e Templo encerra
A Madeira em seu torrão! . . .

VI.

Para quem do Douro em margens,
Que o Britano tanto inveja,
Mais, e mais sempre veceja
Hum fructifero Jardim! . . .

(1) Antonio Diniz da Cruz.

VII.

Meigo Pay dos Desgraçados,
Que nos braços os recebes,
Em teu Nectar os embebes,
Lhe adormentas pena, e dor!

VIII.

Grande Nume, a ti somente
Seguir quero d'hoje ávante,
Minha Cythara sonante
Só a ti consagrarei!

IX.

Que me emporta se amplas terras,
Que me emporta se amplos mares
Allastrou de Malabares
Bellacissimo sandeo!

X.

Bem sandeo, pois foi tão longe
Arrostrar com a dura Morte,
Para ter em premio a sorte
De morrer n'hum Hospital! (1)

XI.

Como Elpino renuncio
A cantar Heroes triumphantes,
Só os Phaunos, as Bachantes,
Só Lieo quero cantar!

XII.

Faze tu benigno Nume,
Que jámais veja estançada
Esta Talha elaborada
Por Artifice Chinez.

XIII.

E eu te juro que continuo,
Tacteando a Lyra de ouro,
Teu cabello ondado, e louro,
E teu Thyrso cantarei!

(1) Duarte Pacheco, o Achylles Lusitano, como lhe chama Camões, o vencedor do Samorim, falleceo no Hospital de Lisboa.

ODE XLIII.

A Liberdade da Grecia.

I.

As carni-crudi-voras, rubidas Thyadas,
Os alti-pulantes, corni-geros Satyros,
Os capri-barbi-geros, Phaunos corni-pedes,
Pulsando estrondosos os tympanos, crotalos,
Alegres dançando,
Eu vejo cantando,
Evan, Evohé!

II.

E Bacho thyrsi-gero em seu pampini-fero,
E lucido carro, que tirão bravissimos;
Ao jugo curvando-se os Tygres Gangeticos,
Vai rapido, e segue-se em Corsel Arcadico
Sileno toldado,
A hum odre abraçado
Gritando Evohé!

III.

Evohé propaga-se em bosques venti-sonos,
Nos cerulos ares, nos plainos maritimos,
Mil taças propinam-se aos Heroes Helenicos,
Cujo braço ensi-fero arrancou do ergasta-lo
A patria opprimida,
Que entoa remida
Evan! Evohé!

IV.

Os Osmalis barbaros, raça de Tartaros
Despotas pisavam o terreno Achayco,
As Musas retiram-se, Erimantho, e Menalo
Já não retumbavam com Bachantes canticos,
Feroz Mafamede
De cantar impede
Evan! Evohé!

V.

Eis subito Riga magnanimo, impavido
Convoca as batalhas, os fortes, belligeros,
Patriotas d'Helles, que pugnando validos
De sangue banhando-se em torrentes tepidas,
Quaes Tygres rugindo,
Vam Turcos ferindo
Cantando Evohe!

VI.

Dessipam-se as hostes d'Othomanos perfidos
No pego abrasa-os o tremendo Cánaris,
Na terra impavido os estraga Odysseos,
Na frente marcha-lhe o Thyoneo thyrsi-gero
Que de paz, e guerra (1)
Deus conhece a terra,
O grão Saboé.

VII.

Lá guia ora as Muzas, Bachantes, e Nebrydas,
Capripedes Phaunos, Egypanes, Satyros,
A fundar seo culto na Grecia Liberrima
Diplomatas tredos ao ve-lo remordem-se,
Mas nos exultamos,
E á patria brindamos
Do Grão Sabohé.

(1) Pacis eras mediusque belli,

Horat.

ODE XLIV.

Ao Sr. Mauricio Joze Sendim.

I.

Sendim, concedo
Por te dar gosto,
Que hoje retrates
Meu feio rosto.

II.

O Lapis toma,
E estirador,
Que em actitude
Cá me vou por?

III.

Assim?... não serve?...
E agora?... estou?...
Pinta, que em versos
Scismar eu vou!...

IV.

Ora vejamos
O que tens feito!...
Ui!... c'os Diabos!...
Isso tem geito!...

V.

Tu das-me ao rosto
Tal gravidade,
Qual se dos Bentos
Fora hum Abbade!...

VI.

Ou qual se eu fora
Conde, ou Marquez,
Do Adão provindo
Que Deus não fez!...

VII.

Quero cá isso!...
Meu calvo amigo,
Creio de certo
Zombas comigo.

VIII.

As feições minhas
Ahi bem conheço,
Mas o meu genio
Não reconheço.

IX.

Dá ao meu rosto
Certa expressão
De bonohomia,
Sem presumpção.

X.

Nelle ressumbre
Minha indolencia,
E o meio riso
Da convivencia.

XI.

Nada de trage
Serio! o Poeta
The nem pintado
Sofre a etiqueta.

XII.

Em bonnet pinta-me,
Chambre de pregas,
Calças mui largas,
Chinellas Gregas.

XIII.

Tal ando em casa
Em liberdade,
Escrevo, e leio
Muito á vontade.

XIV.

Sobre huma meza,
Livros, e flores,
A caixa, a Lyra,
Que canta amores.

XV.

De mim diante
Josina esteja,
Que em limpo copo
Vinho despeja.

XVI.

Assim meus dias
Tenho passado,
Sempre ao estudo,
E ao prazer dado.

XVII.

Certo estou que hão de
Quando acabar,
Chorar-me poucos,
Ninguem folgar.

ODE XLV.

Ao mesmo.

I.

Sendim, prepara os pinceis,
Mescla na palheta a tinta,
Do meu Mestre Anacreonte
Ao vivo a imagem me pinta.

II.

Pinta hum Velho calvo, e verde, (1)
Longa barba penteada,
Olhos d'Aguia, que scintillam
Lisa a face, e bem corada.

III.

Seja Aquilino o nariz,
Rubros os labios surrindo,
Trage tunica purpurea,
Larga, e dos hombros cahindo.

IV.

Resumbre por gesto, e ares
O fogo de Bacho, e Amor,
E huma das Graças pareça,
Inspirar o seu cantor.

V.

Tenha huma Lyra nas mãos,
Em acto de improvisar,
Em quanto Nympha formosa,
Lhe esteja o vinho a deitar.

VI.

Pinta mais os nus amores
Em roda delle dansando,
Com as nevadas mãosinhas,
Aos versos seus palmeando.

VII.

Correndo a elle huma Pomba
Venha pelo ar apressada,
Trazendo da aza huma carta
Por hum lio pendurada.

VIII.

Sendim, quando este retrato
O teu pincel acabar,
Hade entre os d'Elpino, e Horacio,
No meu Gabinete estar.

(1) **Jam senex, sed cruda Deo, viridisque senectus.**
Virg.

ODE XLVI.

Ao Cravo.

I.

Que linda cor ao Cravo
A Natureza deu!
Que aroma tão fragrante
Exhalla o calix seu!

II.

Que formas tão suaves,
Esphericas, mimosas!
Que bem brilha na fronte
Das Graças melindrosas!

III.

O Velho Anacreonte
A Rosa descantou;
A Rosa he flor de Venus,
Por isso a celebrou!

IV.

Mas si elle conhecesse
O Cravo, que não vira, (1)
De certo o cantaria
Em sua Eolia Lyra.

V.

Oh Cravo oh flor mimosa,
Que a minha Marcia preza,
Cantarei nos meus versos
Teu aroma, e belleza.

(1) A Flor, que nós chamamos Cravo, creio não ter sido conhecida dos Gregos; pelo menos parece impossivel que huma flor de tão bellas formas, e de cheiro tão agradavel, não fosse celebrada por algum Poeta, ou dada por insignia a alguma Divindade.

ODE XLVII.

Vida Epicuristica.

Bebamos, e cantemos,
De Rosas coroados,
O Deus de amor, e Venus,
A Deosa do prazer,
E quem quizer cultive
As Sciencias? que proveito
Tiramos de observar
Dos Ceos no espaço immenso,
A marcha das estrellas,
O gyro dos Planetas?
Não he melhor na terra
O contemplar das Nymphas
Os bailes, e as choreas?
O que interessa ao Homem
Hir escutar na Estoa
Do atrabiliario Zeno
De moral impossivel
Os rigidos preceitos?
Ouvir que o sabio he livre
Entre grilhões, e ferros?
Que he Rey pedindo esmola,
Que não he mal a dor?
E outros que taes absurdos
D'esse sapiente louco?
Loucura, por loucura,
Prefiro, amigos caros
O delirar de amor!

Bebamos, pois, e amemos,
Cantemos Bacho, e Venus,
Em quanto da velhice,
Não vem a fria mão,
Pratear-nos as cabeças,
As faces enrugar-nos:
Em quanto a dura morte
Não vem com voz medonha,
Dizer-nos « Basta, amigos,
» De amar, e de beber. »

ODE XLVIII.

A Josina.

I.

Eu saber desejara, Josina,
Porque as noites da Hyberna Estação,
Sendo longas, se as passo em teu leito
São tão curtas, tão presto se vão!

II.

Por ventura algum Genio invejoso
Do que eu logro amoroso prazer
Leis do tempo em meu damno alterando
Manda as horas leves correr?

III.

Se he assim com offertas, e votos
Seus furores pertendo aplacar,
Porque podem as dadivas tanto,
Que athe Numens se deixam peitar.

IV.

Porem não! he que tal o alvoroço
Tal a enchente he de gosto, e ternura,
Que a minha alma, que nella se immerge
Do progresso do tempo não cura!

ODE XLIX.

A Venus.

I.

Oh Callipygia Venus,
Gentil Filha do Mar,
Porque hasde Homens, e Numes
Tão barbara tratar!

II.

Porque geraste, oh Diva,
O deshumano amor,
Causa das nossas magoas,
Causa da nossa dor?

III.

Porque lhe deste as azas
Com que nos segue, e alcança,
Mais rapido que a setta,
Que o arco Ithureo lança?

IV.

Porque lhe armaste o braço
Do facho abrasador,
Que accende em nossos peitos
O mais intenso ardor?

V.

Porque lhe deste o rosto
Tão meigo, e tão gentil,
Com que nos prende, e engana
Esse traidor subtil?

VI.

Quantos nos tem cansado,
Damnos filho teu!
Por elle chorou Thebas,
Por elle Troya ardeu.

VII.

Por elle a Argiva Esposa
O Rey dos Reys matou;
Co'o filho irada Progne
Tereo banqueteou.

VIII.

Do raio indefessipede (1)
O excelso vibrador,
Por elle se fez Touro,
E Cisne nadador.

IX.

Tu propria, oh Diva bella,
Sentiste o rigor seu,
Pois pelo morto Adonis
Teu coração gemeu.

ODE L.

A Lylia.

I.

Com brandos rogos,
Rosto fagueiro,
Hum botão pedes
Do meu craveiro;

II.

Lylia, de certo
Prompto o terás,
Se huma rosinha
Por elle dás.

(1) Ε'λατηρ ὑπέρτατε βροντας
Ακαμαντοποδος
Ζευ.

Pind. Od. Olymp. IV.

ODE LI.

Vida tranquilla, e feliz.

I.

Eu não invejo
Do Rey Britano
Náos, com que opprime
O vasto Oceano.

II.

Nem o da Gallia
Reino brioso
Por Letras, e armas
Sempre famoso.

III.

Nem os thesouros
Que do Brazil
Çavam nas minas
Escravos mil.

IV.

Basta-me o abrigo
De choça escura,
Nellas habita
Sempre a ventura.

V.

Basta que eu goze,
Longe a indigencia,
De bons amigos,
A convivencia.

VI.

Que alma saude,
Leda alegria,
Andem comigo
De companhia.

VII.

Basta co'a Lyra
D'Anacreonte
Ser grato ás Nymphas
Do prado, e monte.

VIII.

E que ellas, gratas
Ao seu cantor,
Quando deposto
Na terra for.

IX.

Sobre o sepulchro
Que me guardar,
Rosas, e vides
Venham plantar.

ODE LII.

Saudade de Marcia.

I.

Vês como leda
Desponta a Aurora,
Que terra, e ares
De luz colora?

II.

Assim hum tempo
Me apparecia
De Marcia o rosto
Que me sorria!

III.

Hoje que habita
Entre Anjos puros,
Todos meus dias
Sam sempre escuros.

ODE LIII.

A Bacho.

I.

Com estro Pyndarico
Descante outro harmonico
O Nume Bistonico,
Guerreiro Mavorte,
Que intrepido, e forte
De Juno nasceo.

II.

Ou cante o pulchri-como
Smyntheo, sagitifero,
Que o carro lucifero
D'oriente a occidente
Governa explendente
Nos campos do Ceo.

III.

Que eu só voto a Cythara
Ao luci-cornigero
Lieo, que thysigero,
As feras phalanges
Do remoto Ganges
Brioso venceo.

IV.

Ao Deos que a mattigena
Madeira occeanica,
E na Lusitanica
Terra ao Sadó, e Douro,
Tão rico thesouro
De vinho já deo.

V.

Ao Numen que os Satyros,
E Phaunos capri-pedes,
E as Thyas levi-pedes,
Parri-coroadas
Aeclamam toldadas
Evohé! Thioneo!

VI.

O seo licor rubido,
Soberoso, e calido,
De mim faz o palido,
Inverno apartar-se,
E o estro espertar-se,
Que o frio abateo.

ODE LIV.

A Marcia.

Valente como Alcides
Corra outro ás marcias lides,
Por ferro, e fogo vá,
Certo que contará
De Elysia o Gazeteiro
Que aquelle Heroe guerreiro
Balla cruel passou,
E no campo ficou
De sangue, o pé coberto.
Mas não heide eu, de certo,
Os passos seus seguir;
Pois mais beber, e rir
Me apras ao lar sentado,
Louvando socegado
Em canticos de Amor,
O rosto encantador
De Marcia meiga, e bella
Mais do que d'alva a Estrella.

ODE LV.

A Moniz.

I.

Oleno, o Boreas
Silva raivoso,
Brama espumoso
Na praia o mar.

II.

Ardem relampagos,
Rugem trovões,
Que os corações
Fazem gelar.

III.

Em seu aligero
Corsel montado,
Corre açorado
Os campos do ar.

IV.

Da chuva o Genio.
Que sobre a terra
Da urna descerra
Ethereo mar.

V.

Lá sobre o monte
Centelha ardente,
Choça innocente
Fez abrasar.

VI.

Vê como a chamma,
Que o vento ateia
Subindo ondeia
D'agoa a pezar!

VII.

A gente pavida
Geme, e suspira,
Dos Ceos a ira
Crê ver chegar.

VIII.

Nós tambem timidos
Tremer havemos?
Nós que sabemos
Raciocinar?

IX.

A noite ao calido
Lár assentados,
Mui socegados
Vamos passar!

X.

Venham botelhas
De vinho puro
Com que esconjuro
Demonios do ar!

XI.

A cada rouco
Trovão bramante,
Copo espumante
Toca a empinar!

XII.

E assim bebendo,
Ao vir a Aurora,
Do Ganges fóra,
Nos hade achar.

ODE LVI.

Descrevendo hum painel do meu amigo Sendim. (*)

I.

Quero me pintes,
Sabio Pintor,
Qual o vi hontem
O Deus de Amor.

II.

Junto das margens
Do Tejo undoso,
Fui dar com elle
N'hum bosque umbroso.

III.

Em rosea cama
Deitado estava,
Que de perfumes
O circumdava.

IV.

Na esquerda a face
Tinha encostada;
Tinha a direita
No arco apoiada.

V.

Hum Rouxinol
N'ella pousando
Suaves trinos
Hia formando.

(1) Neste Painel ve-se Cupido reclinado em huma cama de rosas, tendo a mão direita apoiada ao arco, e hum Rouxinol sobre o braço.

VI.

Do Orpheo dos Bosques
A melodia
De Gnido o Nume
Sorrindo ouvia.

VII.

Do Sol cadente
Brando fulgor
Dava a este quadro
Graça maior.

VIII.

Oh! se o tu visses
Como eu o vi!...
Certo sentiras
O que eu senti!...

ODE LVII.

A J. A. de Lemos.

I.

Admira-te meu Lemos,
Que eu folgue, e ande contente,
Tratando-me a fortuna,
Qual dizes cruelmente?

II.

He certo que sou pobre,
Mas vivo resignado,
Nem sei, si, sendo rico,
Teria melhor Fado.

III.

Os ricos sam tam nescios,
Vivem de modo tal,
Que eu talvez não quizera
Ter sorte a sua igual.

ODE LVIII.

A' Rosa.

I.

De todas as Flores
A Rosa he milhor;
O sangue de Venus
Lhe deu rubra cor;

II.

Seus gratos aromas,
Prazer dos sentidos,
A' Meza dos Numes
Sam bem recebidos.

III.

A Dama, que o nome
Obtem de formosa,
Imita nas faces
A folha da Rosa.

IV.

As Graças se toucam
De Rosas fragrantes,
Cupido de Rosas
Coroa os amantes.

V.

As Rosas, deitadas
No vinho espumoso,
O tornam mais grato,
E mais saboroso.

VI.

O velho de Theyos
A Rosa adorava,
A fronte com ellas,
E a Lyra enramava.

VII.

Tambem he a Rosa
De mim mui presada,
Si a roubo do seio
De Marçia adorada.

ODE LIX.

A Marcia.

I.

Marcia si á Rosa
Deo a Natura
Co'a formosura
Breve durar.

II.

Nao a condemnes,
Pois neste feito
D'alto conceito
Lição quiz dar.

III.

Mostrou que a quadra
De Amor tão bella,
Sóhe como ella
Prompta acabar.

IV.

E que si della
Tempo perdemos,
Não o podêmos
Recuperar.

ODE LX.

O ninho de Amor.

I.

Vi Cupido hum dia
Com Lylia brincando,
Na felpa dos prados
Andar retouçando.

II.

Com molhos de rosas
A Nympha atirava,
E a Nympha ligeira
Colhe-lo tentava.

III.

Em vão, que o Travesso
As voltas fortava,
Qual Zephyro leve
Corria, ou voava.

IV.

Voltava, e a Lylia,
Que irada bramia,
Com riso de mofa
As palmas batia.

V.

Porém tanto a Nympha
E tanto lidou,
Que ao Filho de Venus
Huma aza agarrou.

VI.

Gritou, e a despeito
Das penas largar
Chorando em meu peito
Vem couto buscar.

VII.

Fez nelle seu ninho
Deixa-lo não quer,
Desde então por Lylia
Fiquei sempre a arder.

ODE LXI.

Necessidade de beber.

I.

Quando era inda imberbe
Mil vezes me ria
Dos velhos, que via,
O cópo empinar.

II.

Depois os trabalhos,
E as magoas alheias
As minhas ideias
Fizeram mudar.

III.

Si a vida do Homem
He toda amargura,
Ter siso he loucura.
Que a faz aggravar.

IV.

E só Lieo pode
Com doce delirio,
Da vida o martyrio
Fazer olvidar.

ODE LXII.

A Moniz.

I.

Moniz, os copos enchamos,
Com estrondosa saude
Brindemos da nobre Grecia
A' já disperta virtude!

II.

Themistocles, Philoppémen
Entre os Gregos renasceram,
Vergonha a christãos Estados,
Que os Turcos favoreceram!

III.

Ver a Cruz aos pés das Luas
Quiz treda Diplomacia,
Não lhe doe que a Fé se perca,
Salvando-se à Tyrannya!

IV.

Surgi, Flhos dos Hellenos! (1)
Exclamou Riga brioso;
Surgio Cánaris, Odysseos, (2)
Calchócotroni animoso!

V.

Corre o sangue! embora corra,
Tudo vale a Liberdade!
Só póde cortar a espada
Os grilhões da Humanidade.

(1) Δευτε, παιδεσ των Ηλληνων.

Hymno de Riga.

(2) Chefes da Insurreição Grega, que derrotaram os Turcos em muitos recontros. Constantino Cánaris queimou a Esquadra Grega em Chio.

ODE LXIII.

Garção, e Antonio Diniz.

I.

Quando na Cythara
O grande Elpino
Desprega alti-sono
Canto divino.

II.

Creio que em E'lide
Grecia exultante,
Ouve de Pyndaro
Vós trovejante,

III.

Cantando harmonica
Brioso Athleta,
Que transpoz fervido
A anciada meta.

IV.

Oh com que energico
Pincel descreve
O Gama impavido,
Que ao mar se atreve!

V.

Nos ares turbidos
Adeja a Morte
Quando urge os Batavos
Vieira, o forte!

VI.

Se o Mouro ensi-fero,
Naire adargado,
Fulmina horrifico
Pacheco ouzado!

VII.

Exclamo em extasi,
« Cantor Guerreiro,
» Teu fulgor Delphico
» Não tem parceiro!

VIII.

Mas eis o harmonico
Garção desprende
O canto mélico,
Que em Flacco aprende.

IX.

Com dextra rapida
Pulsando a Lyra
Varios, e insolitos
Mil sons lhe tira!

X.

Fonte suavissima
De sensações
Todas a libito
Move as paixões!

XI.

Phantasmas lucidos
O circum-voão,
E as meigas Charites
Rindo o coroão!

XII.

Como mil fulgidos
Prospectos córa
Na etherea abobada
Boreal Aurora,

XIII.

Assim de Córidon
Quadros fulgentes
Na ideia alti-vola
Brotão cadentes!

XIV.

Se o Theyo Bárbiton
Tacteia á Meza,
Serena, e languida
Ri-se a Moleza!

XV.

Quando pathetico
Canta huma Bella,
Não he tão módula
A Philomela!

XVI.

Que á noite em tremulo
Ramo pousada
Prole implumigera
Chora roubada!

XVII.

Se em pranto lugubre
Verte ternura
Do amigo Naufrago
Na sepultura.

XVIII.

Penedos horridos
Curvam gemendo,
E ao longe o pelago
Vai respondendo!

XIX.

Se em Hymno belico
Canta o valor,
Do estro Pyndarico
Mostra o calor!

XX.

Quando da Satyra
Despede os tiros,
Descoram pavidos
Bavios, e Elmiros!

XXI.

Seo formosissimo
Metro espozando,
E o rosto turbido
Desenrugando.

XXII.

Dá Sophia em morbido
Leito de rosas
Ao Mundo attonito
Lições preciosas.

XXIII.

Quanto aos relampagos
Do Elvense vate
Teu estro oh Córydon
O preço abate!

XXIV.

D'armas o estrepito
Tedio emfim move,
Nem sempre horrisono
Troveja Jove.

XXV.

Mil vezes placido
Surrindo a Juno
Chuva prolifica
Manda opportuno.

XXVI.

A quadra florida
Cede ao Verão,
Segue á pomi-fera
Fria Estação!

XXVII.

He mãy do Jubilo
A variedade,
Sem ella esfriar-lhe
A actividade.

XXVIII.

Garção, perdoe-me
D'Elpino a Musa,
Que a palma julgo-te
Da Lyra Lusa!

ODE LXIV.

Amor afogado em vinho.

I.

De Estio em dia
Junto a huma fonte
Sentado estava
No sacro monte.

II.

Outros Pastores
Comigo estavam,
E altos Loureiros,
Sombra nos davam.

III.

E em quanto os Gados
Soltos vagando
Hiam os prados
Desenrelvando.

IV.

Em grandes taças
Vinho espumante,
Que rutilava
Como o diamante,

V.

Ledos libando,
Nos decorria
A tarde amena
Com alegria.

VI.

De traz de hum Myrtho
Como traidor,
Nos espreitava
O Deus de Amor.

VII.

Encurva o arco,
Mira, e dispara,
Eis sinto a setta,
Que me tocára.

VIII.

Saltei furioso,
Fugir tentou,
Na corda do arco
Se embaraçou.

IX.

Travo-o das azas,
Pendente chora,
E perneando
Piedade implora!

X.

Mas despresando
O pranto seu
Cahir o deixo
No tarro meu!

XI.

N'hum mar de vinho
Nada o coitado
The que cançando
Morre afogado.

ODE LXV.

A Domingos dos Reis Quita.

I.

Quando surge a pulchra Aurora
Conduzindo hum claro dia,
Que desfranze hum pouco o rosto
Da Estação chuvosa, e fria:

II.

Quando o Tejo em branda calma
Se esperguiça sobre a areia,
Que de espaço a espaço fulge
De nativa, e aurea veia:

III.

Quando em labios da Belleza
Se desliza hum meigo riso,
E n'hum sim ao terno Amante
Antecipa o Paraiso:

IV.

Philomella gorgeando
Em nocturna solidão,
Encantando com trinados
Volupiosa Escuridão:

V.

Quanto Mel, no floreo Hymeto,
A solerte Abelha cria,
Quanta dão nectareas cannas
No Brazil doce ambrosia:

VI.

Não iguala em suavidade,
Não iguala na doçura,
Ruraes cantos, que d'Alcino (1)
Solta a Musa ingenua, e pura!...

VII.

Impia Morte! tu colheste
Ao roubar-nos tal cantor,
Sobre os campos da Existencia
A mais terna, e linda Flor?

ODE LXVI.

Prisão amorosa.

I.

Comigo brincando
Marcia em certo dia,
Com hum seu cabello
Prender me queria.

II.

Eu vendo a fraqueza
D'aquelle cordão,
Sujeitei os pulsos
A debil prisão.

III.

Ai triste! illudi-me,
Que em breve o cabello,
Tornou-se cadea,
Não pude rompe-lo.

(1) O suavissimo Poeta Bocolico Domingos dos Reys Quita, modelo sem imitadores do nosso Drama Pastoril.

ODE LXVII.

A ameaça de Amor.

I.

Hum dia Jove oppresso
De nectar, e ambrosia,
Sentado no aureo throno
Tranquillo, e bem dormia.

II.

Cupido, e Ganimedes
D'ali não longe estavam,
E ao Xadrez jogando
As horas dispensavam.

III.

Amor, que perde, ás tontas
Andar faz mui ligeiros,
Peões, Raynha, Torres,
Bufões, Rey, Cavalleiros.

IV.

Porem o Moço Phrygio
O jogo calculando
Os mates lhe amiuda,
E as casas vai tomando.

V.

Cupido furibundo
Com força o pé batendo,
Pragueja, ao seu parceiro
Injurias mil dizendo.

VI.

Accorda a este alarido
Dos raios o Senhor,
E diz « rapaz, ou cala,
Ou teme o meu furor.

VII.

« Rey! (diz Amor,) se queres,
» Touro outra vez nadar,
» Tenho a figura prompta
» Para te o xeque dar.

ODE LXVIII.

A Moniz.

I.

Nem sempre havemos, Oleno,
Amar, e rir, e beber,
Porque tem de vir a morte
Esta vida interromper.

II.

Não se perca pois o tempo
Coroemo-nos de flores,
Brindemos ás nuas Graças,
Aos Prazeres, aos Amores!

III.

De que nos serve apoz mortos,
Que os amigos, com ternura
Cantem, e vinho derramem
Sobre a nossa sepultura!

IV.

Muito obrigado a taes honras!...
Dem-me o vinho em quanto vivo;
Que a meus ossos sepultados
Não pode dar lenitivo!...

ODE LXIX.

A Moniz.

I.

Moniz, eu vou contar-te
Hum sonho extravante;
Porem hum sonho alegre
Com que rirás bastante.

II.

Sonhei ter huma herança,
Não sei dizer de quem,
Que hum só parente rico
O Sylvio teu não tem.

III.

A herança era importante,
Passava de hum milhão,
Herança de fazer
De hum tolo hum soberbão.

IV.

Mas eu, que não sou tolo,
Fidalgo não quiz ser;
Meti-me a viajante,
Que he mais ledo mister.

V.

Já de letras de cambio
Himpando-me a algibeira,
Embarco, e navegando
Do Havre vou na esteira.

IV.

Já chego, e desembarco,
Logo á Policia vou,
Presento o Passaporte,
Que prompto se visou. (1)

(1) Termo proprio de Policia.

VII.

Na Praça a taboleta
Vi de Monsieur Hordaz, (1)
Que vende da Madeira
Vinho que em casa faz.

VIII.

D'ali a Pariz corro,
Lá livros mil comprei;
E de Talma-Orestes (2)
Prodigios admirei.

IX.

Emfim o Grão-Phylinto
Eu passo a visitar;
Hum Portuguez Poeta,
O faz sempre alegrar.

X.

Abraça-me o bom velho,
Nos braços o apertei;
Chora elle de contente,
Os males seus chorei.

XI.

Eis-nos á mão sentados
Fallando com lhanhesa
Da Patria, dos Tarellos,
Da Poetica belleza.

(1) Quando se entra na Praça de Havre de Grace, o primeiro objecto que dá nos olhos, he huma Taboleta immensa, em que se lê com letras descomunhaes: = *Mr. Hordaz, fabrica vinho da Madeira, e todos os vinhos licores* = o que quer dizer por outros termos, que Mr. Hordaz fabríca differentes beberagens artificiaes, que vende ao Publico chrismadas com os nomes mentirosos de Vinho da Madeira, de Malaga etc.

(2) O maior Actor Tragico da França moderna, que ainda vivia quando escrevi esta Ode. Orestes, na Andromacha de Racine era a parte em que mais se distinguia.

XII.

O conductor um quarto
Traz que eu mandado havia,
Do vinho, que nós outros
Chamamos Feitoria.

XIII.

Já vamos para a Meza,
Bebemos, parolamos,
E alfim, velho elle, e eu moço
Ambos improvisamos.

XIV.

Muito brilhante rasgo
Na mente lhe brilhou,
Athe a Inquisição
N'hum Dycthirambo entrou.

XV.

Ao ver tão louca ideia
Tal gargalhada dei
Que o somno de mim foge,
E pobre, e só me achei.

ODE LXX.

A' Rosa.

I.

Aquella rubra Rosa
He teu retrato, oh bella;
Pois tens tambem como ella,
Espinho pungedor.

II.

Teus olhos me enfeitiçam;
O rosto teu me accende,
A tua voz me prende,
Mata-me o teu rigor.

ODE LXXI.

A Armania. (*)

I.

Dize-me, discreta Armania,
Tu que o Deus de Smyntha inspira,
Tu que sabes aureos versos
Maridar á Lusa Lyra,

II.

Porque as Damas Lusitanas,
Que a Natura fez tão bellas,
Não colhem flores do Pindo
Para tecerem capellas.

III.

Nascerá este despreso
De insensivel coração?
Ou pensam que á formosura
Prejudica a descripção?

IV.

Mas Corina, e Sapho outr'ora
Deu a Grecia por formosas,
E ganharam nome eterno,
Por Cansões melodiosas!

V.

Tu do vulgo os preconceitos
Generosa despresaste,
E das Musas no cultivo
Tua rasão apuras-te.

VI.

Por isso em madura idade,
Te ves de todos honrar,
Inda o canto teo do sabio
Sabe a estima grangear.

(1) A Excellentissima Sr.ª D. Marianna Pimentel Maldonado.

VII.

Mas d'aquellas que despresam
Das Piérides o choro,
Brilha a gloria hum só momento,
Qual fulgente meteóro!

VIII.

Mas quando a sua belleza
Se começa a desmaiar,
Vegetam, padecem, morrem
Sem ninguem nellas fallar.

ODE LXXII.

A hum amigo.

I.

Tu imaginas, que Ulina
Despresa a tua ternura
Para da sua innocencia
Guardar a flor casta, e pura,

II.

Quanto se engana, Mancebo,
O teu coração sincero,
D'essa hypocrita lasciva
Co' o modo altivo, e severo!

III.

Certo he que não ama os Homens;
Mas essa Sapho moderna
He mais modesta por isso?
He por isso menos terna?

IV.

Não, que a femenil belleza
A abrasa em amor infando,
E co'as socias de seu vicio
Disfructa prazer nefando.

ODE LXXIII.

A Marcia.

I.

De gelo armado
O inverno frio,
Crestando o prado,
Coalhando o rio,
Vem furibundo
Ao pobre Mundo
Guerra fazer.

II.

Boreas raivoso
Sibila, e zoa,
E he assombroso
Vêr em Lisboa
Ruas, telhados,
Todos nevados
Embranquecer.

III.

Olha o Viegas
As mãos soprando,
Como piegas
Tremelicando,
E a Margarida
Toda encolhida
No lar jazer.

IV.

A carapinha
No chaile enrola;
Pobre negrinha,
Da sua Angola
Tomara agora
Na abrasadora
Terra se ver.

V.

Nós, que faremos.
Marcia adorada?
Promptos cheguemos
A' meza, ornada
Com esse velho,
Rico aparelho,
Que vez trazer.

VI.

Trouxe-o da China
Ganhão Chatim;
Louça he mui fina,
De Mandarim.
Comigo, oh bella,
Vem tu por ella
O chá beber.

VII.

Ei-lo fervente! . . . .
Que aroma, e cor!
Deita agoardente! . . .
Com seu calor
Tu has de em breve
Do frio, e neve
Escarnecer.

VIII.

Temos fatias
Mui bem tostadas,
E do Mathias (1)
Broas cidradas;
Quando as comprei,
Quasi as achei
Inda a ferver.

(1) Confeiteiro, que fabricava broas, que eram muito estimadas.

IX.

Fofas grandezas
Eu não invejo,
Nem de riquezas
Nutro desejo,
Ao que tem siso
Basta o preciso
Para viver.

ODE LXXIV.

A Marcia.

Tu podes ver a Aurora
Com seus borseguins de ouro,
Marchar dos Ceos pelo alto,
Cubrir da Noute o vulto
Co' matutino albor.
Tambem o Sol ver podes,
Torrentes derramando
Da pura luz diurna,
A Aurora escúrecer:
Mas o que tu não gosas,
Oh Marcia encantadora,
E que a mim só he dado,
He ver que a luz brilhante,
Que os olhos teus disparam,
Produz no Sol o effeito,
Que a Aurora fez na Noute,
E o Sol na Aurora fez.

ODE LXXV.

Amor perdido.

I.

Desce do Olympo Venus
Em lagrimas banhada,
A todos por seu filho
Pergunta amargurada.

II.

E todos lhe respondem
Mui bem o conhecer,
Porem que ha muito tempo
O não poderam ver.

III.

Ei la do Tejo em margens
Penetra huma espessura,
Aonde dançam Nymphas
De rara formosura.

IV.

E vê d'hum myrtho á sombra
Cupido estar sentado
Em hum rabil sonoro
Tangendo socegado.

V.

« Filho cruel, (exclama)
» Eu ando-te buscando,
» Eu choro, e tu em ocio
» Estás aqui tocando!

VI.

— Em ocio!... (elle replica)
— De certo te enganaste;
— Talvez tão occupado
— Inda me não achaste.

VII.

— No rosto d'essas Nymphas
— Não vês qual reverbera,
— Fogo que nas entranhas
— Meu facho lhe accendera?

VIII.

— Achei-lhe alma tão nobre,
— E tão gentil semblante,
— Que quiz viver com ellas,
— E me tornei constante!

ODE LXXVI.

A Virgilio.

I.

Não, não me illude Virgilio
Si o Universo illudio,
Este cantico divino
De seu estro não sahio.

II.

Os Poemas que thé agora
Lhe não sofreram rival,
As fracas forças excedem
D'hum miseravel Mortal.

III.

Hum dia Euterpe no Pindo
O Arcano me revelou,
Na Bibliotheca de Apollo
O vate Romano entrou.

IV.

E, como o fogo dos Astros
Roubara já Prometheo,
Roubou a Phebo estes versos.
E por seus ao Mundo os deo.

ODE LXXVII.

A Francisco Manoel do Nascimento.

I.

Se Pyndaro leio,
Ao Ceo cristalino
Me leva nas azas
Seu estro divino.

II.

Das puras espheras
Escuto a harmonia,
Dos Numes á Meza
Gostando a ambrosia,

III.

Mas quando a mim torno.
Como o que acabou
De hum sonho, que fundos
Vestigios deixou;

IV.

Falesce a coragem,
E com dissabor
A Lyra, que pulso,
Dezejo depôr.

V.

Porem si, a Phylintho
Os olhos voltando,
Nos ares o vejo,
Qual Jove troando:

VI.

Dos Ceos novamente
Me occorre a visão,
E foge da ideia
A antiga tenção.

VII.

Pois vejo, indo a Lyra
De novo tomar,
Que o Numen de Thebas
Se pode igualar.

ODE LXXVIII.

A Marcia.

I.

O ardente Estio
Lá vem sentado
Em abrasado
Carro veloz.

II.

Soltam das ventas
Os seus Ethontes
Em vales, montes
Vivo calor.

III.

Exhala a terra
Vapor ardente,
Que o ar ambiente
Faz turvejar.

IV.

Messes ondeantes,
Verdes outr'ora
Vestem agora
Do ouro a cor.

V.

A' sombra opaca
Dos Castanheiros
Oves, Cordeiros,
Vam-se acolher.

VI.

O bravo Touro,
Suando em fio,
No claro rio
Vai-se banhar.

VII.

De calma oppressos
Os passarinhos,
Estão nos ninhos
Sem se mover.

VIII.

Do prado as Nymphas,
Mal respirando,
Estão chamando
As virações.

IX.

Para evitar-mos
A calma ardente,
Vem diligente,
Marcia gentil,

X.

Junto a esta fonte,
Que Alamos cobrem,
E nos encobrem
Do intenso Sol,

XI.

Em vitreos copos
Co'esta agoa pura
Çumo mistura
D'acres limões.

XII.

Junta-lhe assucar
Doce, e nevado,
Que amigo Fado
Deo ao Brazil.

XIII.

Esta bebida
Refrigerante,
Da calma instante
Nos livrará.

XIV.

Quando Cupido
Por Psyche ardia,
Lha offerecia,
Invento seu.

XV.

He doce, e he agro
Conjunctamente,
Cousa inherente,
A obras de Amor!

ODE LXXIX.

A Bacho.

I.

N'aquelle arbi-fero,
Outeiro florido,
Em dia calido,
Cantando versos
A Bacho ouvi!

II.

Tinha elle os Satyros,
Phaunos capripe-des
De agudas, hispidas
Orelhas hirtas
Em torno a si.

III.

Bachantes trefegas
Crini-sparsi-geras,
Em saltos rapidos,
Brandindo os thyrsos
Dançar eu vi!

IV.

Do canto harmonico
Favonios, Zephyros,
Nos ares placidos
Estarem presos
Eu conheci.

V.

Do Nume ao cantico
Curvam-se as Arvores,
E as feras rabidas
Depondo a sanha
Correm ali.

VI.

Mas bem que attonito
Da toada melica,
Que ao peito desce-me,
Nada dos versos
Nada entendi.

VII.

Que a lingoa Olympica,
Divina, alti-sona,
Não sabe o misero
Nado neste Orbe
Onde eu nasci.

VIII.

Mas taça fulgida,
De vinho fervido
Do Douro rapido
Do Deus em honra
Toda bebi.

ODE LXXX.

Phylosophia, e Poesia.

I.

Na infancia do Mundo
  Nasceo a Poezia;
  Formosa Deidade,
  Que tudo attrahia.

II.

Mas era Menina,
  De genio inconstante,
  E apoz dos praseres
  Correndo incessante.

III.

Negar não sabia
  Seus mimos a alguem,
  Nem que homens perversos
  Abusam do bem.

IV.

Não via que em peito
  No vicio enfrascado,
  Virtude, o teu germen
  Fica abastardado.

V.

Bem como em hum vaso
  De azedo licor
  Do nectar do Douro
  Se estraga o sabor!

VI.

Que fructos funestos
  Deo tal imprudencia!
  Cantaram se os crimes,
  Callou-se a innocencia!

VII.

E o Mundo embahido
Da doce Harmonia,
Venefico succo
Contente bebia!

VIII.

Mas Jupiter vendo
Taes damnos grassar,
Do mal o progresso
Prazeo-lhe embargar.

IX.

De austera Deidade,
Que á Terra mandou,
A Deosa canora
A's Leys sugeitou!

X.

A Mestra severa
Tem placido aspeito,
Ou falle, ou mudeça
Infunde respeito.

XI.

Nada de seus olhos
Evita o clarão,
E apenas a encara
Desfaz-se a Ilusão.

XII.

Perante os Tyrannos
Não sabe tremer,
Nasceo da verdade,
E he Mãy do saber.

XIII.

Seu nome sagrado
He Phylosophia,
E nova existencia
Lhe deve a Poezia.

XIV.

Por ella instruida
De genio mudou,
E ás almas impuras
Seus dons refuzou.

XV.

Moraes sentimentos
Em metro soaram,
Preceitos das Artes
Poetas cantaram.

XVI.

E se algum malvado
As mãos põem na Lyra,
Tem de Elmiro a sorte,
Despreso só tira!

ODE LXXXI.

A Lyra.

I.

Adeos, oh Lyra,
Que tanto amei,
Que em ledos tempos
Tanto pulsei.

II.

Toda enramada
De Hera virente,
De Phebeos Lauros
Fica pendente.

III.

Talvez hum dia
Melhor cantor
Comtigo entoe,
Cantos de amor.

ODE LXXXII.

A Esther.

Iste pudicus amor, blandique modestia vultus
Addidit et formæ pretium.
Rapin, de Hort. Cult. Liv. I. vers. CCLXIX.

I.

Que Rey pode comigo
Ventura pleitear,
Bem que seo longo sceptro
Abranja as terras, e avassale os mares?

II.

Bem que o Sol como Escravo
Nas profundadas minas
Trabalhe em seu proveito
A esteril terra convertendo em ouro?

III.

Nem poder, nem riquezas
Dos Homens constituem
A solida ventura,
D'alma a satisfação he della a base.

IV.

Purpureo manto ás vezes
Duras penas encobre,
E a Alegria reveste
De modesto Zagal curram felpudo.

V.

Esta noite em meus braços
A linda Esther eu tive;
Fartei avidos labios
Os seus labios beijando, e roseas faces.

VI.

A furto recebido
Em seu morbido leito,
Colhendo a flor mimosa
Que annos desoito conservara o Pejo.

VII.

Em volupia nadando
Mais feliz que Leandro
Fui quando Hero buscava
Transpondo a nado o turbido Hellesponto;

VIII.

Que o Padishá dos Turcos,
Que em seu Harem pomposo
Vigiadas de Eunucos
D'Asia as Belesas mais gentis enserra.

IX.

De que me serviria
Essa abundancia esteril?
Para mim he bastante
De Esther o coração sincero, e meigo.

X.

Como o Lyrio dos vales
Seo semblante he formoso,
He terna como a Pomba
Que de Saron por entre os prados gira,

XI.

Seos maviosos olhos,
Que as ramosas pestanas
Cobrem, sam quaes Estrellas
Onde inteiro de amor scintilla o fogo.

XII.

Junta o talhe de Venus
De Juno á magestade;
Cada seu movimento
As Graças regem com chistoso encanto!

XIII.

Mas que suave philtre
Tem sua voz tão doce
Como os favos de Himetto
Que de minha alma no amago penetra,

XIV.

Viver sempre a seu lado
He minha ambição toda;
E se esta ella me outhorga
Maior ventura não supplico á sorte.

ODE LXXXIII.

A Marcia.

Não quero como outr'ora
O Filho de Leticia (1)
Com batalhões feroses
A Europa conquistar.
Nem de Rothchild o ouro,
Que Rey dos Judeos chamam,
Praguentos desidores;
Nem pincel de Sequeira,
O Lusitano Apelles,
Nem de Canova o escopro
Animador de marmores,
De Morgan o boril;
Nem o saber de Newton,
Nem de Voltaire o Genio
Me attrahem, me seduzem;
Só quero, só desejo
O amor da terna Marcia
Que mais estimo, e prezo
Dó que os Thesouros todos
Que a terra em si contem.

(1) Napoleão.

ODE LXXXIV.

A Delia.

Je te rends ton amour, dont le mien est confus;
Et tes trompeurs sermens, pires que tes refus.
Voltaire Brut. Act. IV. Sc. III.

I.
Para que affirmas
Terna adorar-me,
Sem jamais dar-me
Provas de Amor?

II.
Todo o feitiço
Da formosura
Tua arte apura
Por me prender.

III.
Porque em teus labios
Meigo sorriso,
Brincar diviso
Mal que cheguei?

IV.
Para que todos
Deixas de parte,
E vens sentarte
Junto de mim?...

V.
Para que a furto
A mão me apertas,
E então concertas
No peito a flor?...

VI.

Porque si delle
Olhos não tiro,
Froixo suspiro
Te ouço soltar!...

VII.

Porque, si acaso
Me tens presente,
Ris mais contente,
Cantas melhor?...

VIII.

Porque excitando
De Alcino os zellos,
Só achas bellos
Versos, que eu fiz?...

IX.

Porque si a outra
Digo hum gracejo,
Teus olhos vejo
Em fogo arder?...

X.

Si quando intento
Hir a teus braços,
Mil embaraços
Tece o pudor?...

XI.

Delia, tal vida
Já me aborrece,
Porque arrefece
Sem premio amor.

XII.

A liberdade
Tu me tens presa,
Sem que a fineza
Pague o prazer.

XIII.

Ah! quizera antes
Ver-te esquivosa,
Que infructuosa
Fria paixão.

XIV.

Ou de ternura
Toda te inflama,
Ou minha chama
Vou apagar.

ODE LXXXV.

A Cupido.

I.

Sentado hum dia
Em prado hêrvoso,
Vi co'estes olhos
Quadro assombroso.

II.

Da linda Venus
O filho alado
Em Leão fero
Vinha montado.

III.

E dedilhando
Lyra dourada,
Della tirava
Doce toada.

IV.

E o Rey das Feras
Manso, e submisso,
Dos sons do Nume
Cede ao feitiço.

V.

Em roda delle
Nymphas formosas
Cantam alegres,
Dançam airosas.

VI.

Ornam as tranças
De frescas flôres,
Vertem dos olhos
Vivos ardores.

VII.

Satyros, Phaunos,
Grosseiro bando,
Em altos pulos
Vinham folgando.

VIII.

Aves, e Feras
O Deos seguiam,
Humas trinavam,
Outras rugiam.

IX.

Nos puros ares
Então calava
Não sei que influxo,
Que me alheava!

X.

Eis clama ao ver-me
O Deos de amor,
« Porque te assombras
» Terno cantor?

XI.

» Amor triumpha
» Da Natureza,
» E a força bruta
» Cede á belleza!

ODE LXXXVI. (*)

I.

Enche, oh Josino, essa taça
Do valente Carcavellos,
Pois não ruços os cabellos
Me deixam inda folgar.

II.

Posso o nome das formosas
Cantar inda ao som da Lyra,
Inda canticos me inspira
D'Anacreonte o furor.

III.

Enche a taça: brindar quero
A' minha doce Lembrança,
Que dos Numes hoje alcança
Renovado o seo Natal.

IV.

Qual na abrigada Colina
Sob Athmosphera mimosa,
Cresce a vide pampinosa
Esperanças do cultor!

V.

Assim cresce, medra, e vinga,
Recreando a vista em vela,
Esta Flor purpurea, e bella
Da existencia no Jardim.

VI.

Brandos Zephyros lhe halitam
Do suão contra os ardores,
E os aligeros Amores
A vigiam sem cessar.

(*) Aos annos d'uma Sr.ª que chamava ao author = a sua Lembrança =

VII.

Vigiam porque Cupido,
Vendo a sua formosura,
Os dominios da ternura
Quer com ella destender.

VIII.

Que tropheos! que vencimentos
Traz na ideia o Déos tyranno!
Já não julga haver humano
Que lhe possa resistir!

ODE LXXXVII.

A Delphiro.

I.

De Maro, Klopstock, e Milton
Queres saber quem prefiro?
Não he das forças d'hum homem
Dar tal sentensa, Delphiro!

II.

De noite, e dia os folheio,
E de admira-los não cesso;
E mais sublime acho sempre
Aquelle, que a ler comesso.

III.

As muitas varias bellezas,
Que seos Poemas contem,
Mui poucos podem sentilas,
Avalialas ninguem.

IV.

Decidiria mais facil
Hum venturoso amador,
Qual de tres beijos de Venus
Tivera gosto melhor!

ODE LXXXVIIII.

Ao Entrudo.

I.

Em nuvem de pós sentado,
Todo de talco luzindo,
Para nós, alegre, e rindo,
Vem o Entrudo brincador!

II.

Pingue lombo em longo espeto
Como sceptro, a dextra arvora,
E tras, a deitar por fora,
Na sinistra hum cangeirão!

III.

Os ciumes, e etiquetas,
E o cruel constrangimento,
Vendo o Numen vinolento,
Deitam subito a fugir! . . .

IV.

Oxalá que mais não tornem,
E em serralhos da Turquia
Vão embora noite, e dia
Exercer o seu furor! . . .

V.

Em reciproeas saudes
Copos mil estão tinindo! . . .
E c'os brindes vão fugindo
Mil suspiros pelo ar!

VI.

Quantos velhos rabugentos
Hoje ficam enganados! . . .
Que de amantes desgraçados
Hoje alcançam galardão! . . .

VII.

Quantos peitos insensiveis,
Que de amor sempre zombaram,
Quando menos o esperaram,
Acolheram terno ardor!...

VIII.

E só eu ficarei frio
Quando tudo está folgando?...
Não!... morrer quero brincando
Se infallivel he morrer!....

ODE LXXXIX. (*)

I.

« Raza, hervosa sepultura
» Sem lapida, sem letreiro,
» Sem o adorno d'hum Cypreste,
» Sem o abrigo d'hum Salgueiro!...

II.

» Que mortal despojo encerras,
» Que não soube merecer
» Inscripção, que de quem passa
» Hum só ai podesse obter?...

III.

» Talves algum criminoso
» Offensor da Humanidade,
» Em teu seio he condemnado
» A perpetua escuridade?...

IV.

» Algum impio?... não prosigas,
Estrangeiro compassivo,
Não queiras offender morto
Quem tanto padéceo vivo.

(*) Á memoria do meu amigo o sublime Poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

V.

N'esse sepulchro sem honra
Occultou cruel destino
Hum peito outr'ora inflammado
Em fogo ethereo, divino.

VI.

Hum engenho raro em tudo,
De Phebo o maior valido,
Que, apoz o cantor do Gama, (1)
Em Portugal tem gemido.

VII.

Destro em flauta, em Lyra destro,
Mestre em epica Trombeta,
De Melpomene, e Thalia
Postergou no Estadio a meta.

VIII.

Thomino foi o seu nome,
O Sado o berço lhe deo,
Deo-lhe Elysia o domicilio
Onde continuo gemeo!

IX.

Já mais o vio a Fortuna
Com semblante prazenteiro,
Ou só quando em mim lhe dava
Hum amigo verdadeiro.

X.

Da cegueira o veo medonho
Temprano a luz lhe roubou,
Caridade o sustentava,
Nos braços meus expirou.

XI.

A este inglorio jazigo
Seu feretro acompanhei, . . .
Assim jaz Elmano, (2) e Alfeno, (3)
Assim tambem jazerei.

(1) Camões. Longe toda a equivocação!
(2) Bocage. (3) Domingos Maximiano Torres.

ODE XC.

A Mr. Ducis.

I.

De Voltaire o genio, as cores
De Corneille a phantasia,
De Crebillon a energia,
De Racine a perfeição;

II.

Tudo em Ducis brilha unido,
Quando, em scena trovejando,
Vai os quadros despregando
Da piedade, e do terror.

III.

Quem não treme quando aos olhos
Da Mãy, que o remorso anceia,
Põem Hamlet, que devaneia, (1)
Do Pay a Urna fatal?

IV.

Quem as lagrimas recusa
De Julieta á Desventura
Quando á fria sepultura
Com o Amante a vê descer? . . . (2)

V.

Que Filho, que Pay não geme
Si Lear, vaga, e delira, (3)
Dos Ceos imprecando a ira
Contra a prole, que o trahio?

(1) Vid. Tragedia Hamlet.
(2) Julieta, e Romeo.
(3) Rey Lear.

VI.

Que delictos! que virtudes! (1)
Que heroismo! que fraqueza!
Que remorsos! que grandeza!
Em Macbeth vejo ajuntar!

VII.

Desejára arremessar-me
Em frenetico transporte,
E arrancar das mãos da Morte
O mimoso, e cego Arthur! (2)

VIII.

Que profundo sentimento,
Que pathetica ternura,
Faz de Edipo a desventura (3)
Em minha alma pulular!

IX.

Louco amante não golpeies,
Que o teu Bem fiel te adora,
Não escutes voz traidora
Do teu perfido rival. (4)

X.

Oh pinceis de Albano, e Rubens,
Divinaes, inspiradores! . . .
Aos suspiros, aos furores,
Cedei do Arabe amador. (5)

XI.

Mas se, hum pouco abandonando
De Melpomene as fadigas,
Sem negocios, sem intrigas,
Divagar nos prados vem;

(1) Macbeth.
(2) Na Tragedia de João Sans-terre.
(3) Edipo em casa de Admeto.
(4) O Mouro de Veneza.
(5) Abufar, ou a familia Arabe.

XII.

Como á sombra do Salgueiro,
A seus olhos tão mimoso,
O Laúde sonoroso
De Propercio faz gemer!

XIII.

De sua alma o sentimento,
E moral ingenua, e pura
De suavissima ternura
Nos inunda o coração! . . .

XIV.

Oh Ducis, cantor sublime
Da virtude, e Natureza,
De teus cantos a belleza
Será sempre o meu prazer.

ODE XCI.

Ao cadaver de huma menina.

I.

No feretro pareces,
Mimosa creatura,
Dormir sobre o regaço
Da maternal ternura!

II.

Se pálido deviso
Teu rosto encantador,
A palidez da Morte
Lhe dá graça maior! . . .

III.

Assim por terra langue
A semi-aberta Rosa,
Não já de todo murcha,
Mas sim menos viçosa! . . .

IV.

Talvez neste momento
A triste Mãy sentida
Accusa o Ceo d'injusto
Por não te dar mais vida!

V.

Ah! mui feliz Menina,
Não culpo o seu pezar,
Mas sinto ao ver-te extincta
Minha alma jubilar!....

VI.

Embora o ter nascido
Nos braços da riqueza
Em ti mais realçasse
As Graças, e a Belleza!

VII.

Embora tu provenhas
De Excelsa Jerarquia,
Que toque Heroes primeiros
Da Lusa Monarchia!....

VIII.

A par do mal que evitas,
Que pode isso valer?...
Ditoso he quem nasce hoje
Para amanhã morrer!...

IX.

Quem nasce geme, e sofre,
E contra a desventura
Não ha mais que hum azillo,
E he este a sepultura!

X.

A' Prole encantadora (1)
Da Hungara Heroina,
Que mais dar poderia
A sorte mais benina!...

(1) Maria Antoinete, Raynha de França.

XI.

Graças, engenho, sceptro,
A mão de hum grande Rey,
De quem hum Mundo, e outro
Temia o raio, a Ley! . . .

XII.

Quem não dissera ao ve-la
« Esta nasceo ditosa! . . .
E já lhe sobrevinha
Catastrophe horrorosa!

XIII.

Passou do throno aos ferros,
Da purpura á indigencia,
Sofreo o frio, a fome,
Desprezos, e insolencia!

XIV.

Dos seus vio com seus olhos
O sangue espadanar,
Do esposo ao cadafalso
Alfim foi acabar.

ODE XCII.

La constanza nell'amare
Parmi proprio una pazzia,
S'avró mai tal frenesia,
Cominciatemi a legare.
Redi.

I.

Que me fallas, Alfeno, (1) em constancia?
Em guardar lealdade em amores,
Como as flores amor presto nasce?
Deve presto findar como as flores!

(1) O Bacharel Domingos Maximiano Torres.

II.

Queres ver-me, qual misero Escravo,
De huma Dama fazendo o meu Nume?
Queres, que inda eu a siga qual sombra,
Da paixão quando extincto he o lume?

III.

Ora aos barbaros evos deixemos
Tão insana, risivel loucura,
Cavalleiros errantes findaram,
Suas leis mais não siga a ternura! . . .

IV.

Quem seria o primeiro inimigo
De suave amoroso prazer,
Que intentou em pezadas correntes
Sua rosea prisão converter! . . .

V.

Que me emporta que Lylia suspire,
Que arrepelle os cabellos mimosos,
Se já para minha alma encantarem,
Os seus olhos não são poderosos!

VI.

Se de Lylia a paixão se extinguisse,
E eu humilde os seus pés abraçasse,
Imaginas que Lylia piedosa
Braços seus outra vez me lançasse?

VII.

Não; de mim como a Cerva fugindo,
Importuno o meu pranto chamara,
E entre as socias dos seus passatempos
Impiedosa de Sylvio zombara.

VIII.

De huma vez, meu Alfeno, saiamos
Da cruel, femenil servidão;
Sem ama-las seus mimos gozemos,
Inconstantes sejamos, quaes são.

ODE XCIII.

A Marcia.

Havvi donna gentile
Ch'al ciel alza il mio stile,
Costei, che ama il mio canto,
Amo, e bramo altrotanto
E stato cangerei
Sol per essergli in sen co'i versi miei.

Marini.

I.

Não me condemnes,
Mimosa Erato,
Si o teu Laude
Eu já não trato.

II.

Eu que outro tempo
De noite e dia
Delle tirava
Doce harmonia.

III.

Leda não brota
No prado a flor.
Si lhe não fulge
Sol creador.

IV.

Nem as Náos fendem
Humido argento
Si lhe não sopra
Galerno vento.

V.

Nem posso, oh Musa,
Versos tecer
Sem o semblante
De Marcia ver.

ODE XCIV.

Lembranças de Marcia.

I.

O Sol, que nascendo espalha
Profuzo seu resplendor,
Lembra-me os olhos de Marcia
Cheios do mais vivo ardor.

II.

As agoas d'aquella fonte
Dos penedos debruçadas,
Lembram-me as tranças de Marcia
Por seus hombros espalhadas!

III.

Aquella nivea Açucena,
Que junto a huma Rosa eu vejo,
Lembra-me as faces de Marcia
Quando as cora hum terno beijo.

IV.

Aquelle Cravo fragante,
Que na verde haste pompeia,
Lembra-me os labios de Marcia,
Que a saude purpureia.

XV.

O cólo daquelle Cisne
Magestozamente erguido,
Lembra-me o cólo de Marcia,
Que o marfim deixa vencido.

VI.

Aquella estatua de Venus,
Obra de destro Esculptor,
Lembra-me o corpo de Marcia
Talhado por mão d'Amor!

VII.

Phylomella, que, trinando,
Exprime meiga ternura,
A vós de Marcia me lembra,
Toda cheia de doçura,

VIII.

Tudo de Marcia me falla,
Vejo em tudo a minha amada,
E d'amorosos Phantasmas
Anda minha alma cercada!

IX.

Deos de Paphos! compassivo
Restitue-a ao terno amante,
Instantes mil de tormento
Esquecerão n'hum instante!

ODE XCV.

A Corila.

Pri lejposti gne nemillon
Svak saljepjen smartno vene
Gond. Osmaneida.

I.

Ves, Corila, aquella Rosa
Emulando a cor da Aurora
Quando a Phebo a porta abrindo,
Leda sahe do Ganges fora? . . .

II.

Que maior valor tivera,
Quão mais grata fora á gente,
Se Natura não a armasse
De hum espinho tão pungente . . .

III.

Sua purpura esmaltando
De seu folhame o verdor,
E nos ares difundido
Seo aroma encantador,

IV.

Convidaram-te a colhela,
Mas teu dedo alabastrino
Rasgado com dor penosa
Verteo veio purpurino:

V.

Eis Corila, o teu retrato,
Pois si hes Rosa na belleza,
Tens tambem de Rosa espinhos
Nos desdens, e na fereza

VI.

Ah muda esse genio esquivo,
Que requinta a formusura
Exhalar de quando em quando
Hum suspiro de ternura.

VII.

A' formosa, em cujos olhos
Não arde o fogo de Amor,
Eu prefiro a muda estatua,
Que formou destro Escultor.

ODE XCVI.

Metamorphoses de Amor.

I.

Amor em peito,
  Que lhe cedeo,
  Toma mil formas
  Como Protheo,

II.

Ora sereno
Qual d'Alba hum riso,
Ledo qual Rosa
Do Paraiso,

III.

Co'a taça em punho,
Pede á Ventura
Que lha trasborde
D'alma doçura!...

IV.

Ora a Mavorte
Roubando a lança,
Altas victorias
Soberbo alcança!...

V.

Ora do Genio
Tomando a côr,
Produz hum Vate,
Forma hum Pintor!...

VI.

Timido outr'ora,
Bem que ditoso,
Não ouza hum pomo
Colher de gozo!

VII.

Mas se exhallando
Dos olhos lume,
Palido segue
Feroz ciume.

VIII.

O sangue, e o pranto
Faz derramar,
E todo o Inferno
No peito entrar!

ODE XCVII.

A' Rosa.

I.

Nasceo do sangue a Rosa
Da Deosa de Cythera,
Correndo a morte fera
De Adonis a estorvar.

II.

He dos Jardins Raynha,
Na forma, e côr, e cheiro
Não tem nenhum parceiro,
Que a possa equiparar.

III.

Encontram as Abelhas
No calix seu formoso
O Nectar saboroso,
Para o seu mel formar.

IV.

Da essencia, que extrahe della
A Chymica sapiente,
Hum pingo he sufficiente
Hum Paço a perfumar.

V.

Tambem das folhas suas
Hygia salvadora
A's vezes elabora
Remedio salutar.

VI.

Das Graças he o encanto,
O emblema da ternura,
E folga a formosura
De co'ella se enfeitar.

VII.

Tombem a flor da Rosa
A mim muito interessa,
Si co' ella se aderessa
A taça a trasbordar.

ODE XCVIII. (*)

A Jonio.

I.

« Estás velho (dizes)
» Não bebas, não ames,
» Da Musa de Theyo
» O auxilio não chames!

II.

» Não ves que os cabellos
» Te accuzam a idade?
» A Lyra amorosa
» Deixa á mocidade.

III.

Amigo, agradeço
Tão douta lição,
Mas mete primeiro
N'este seio a mão.

IV.

Não sentes lá dentro
Hum vivo calor?
Pois todo he provindo
De Bacho, e d'Amor?

V.

Que tem que o cabello
Hum pouco encaneça,
Com tanto que o sangue
Nem o Estro arrefeça?

(1) João Antonio dos Santos.

VI.

O velho de Theyos
A calva cobria
Com folhas de parras,
Amava, e bebia.

VII.

Nisto, si al não posso,
Como elle hei de ser;
E athe nos Elysios
Amar, e beber.

ODE XCIX.

Sobre a Gloria Poetica.

I.

Quando, da Infancia
No tempo bello,
O viril pelo
Me sombreou.

II.

Maro relendo
De noite, e dia,
A phantasia
Se me escaldou.

III.

Das doutas filhas
D'alma Memoria,
Ancia de gloria
Me penhorou.

IV.

Oh quantas vezes
A's aras dellas
Floreas capellas
Sylvio levou!

V.

E ao dos Cantores
Coro sagrado
Ser agregado
Lhes suplicou!

VI.

Oh! si o Futuro
Descortinara,
Votos formara,
Que então formou?

VII.

Alfim de Clio
Propicio Nume
Da vista o lume
Em mim fixou;

VIII.

E á de Venusa
Lyra cadente
A mão tremente
Me acostumou.

IX.

Pulsei-lhe as chordas
Com tal denodo,
Que o Tejo todo
Se extasiou.

X.

E a Fama, inflando
Sua trombeta,
Luso Poeta
Me proclamou.

XI.

Honra funesta! . . .
Gloria importuna!
Logo a Fortuna
Me desfilhou!

XII.

Atado ao cepo
D'improbo estudo,
Estranho a tudo
Me abandonou.

XIII.

Prazer, saude,
A acompanharam;
Faces murcharam,
Vista cansou.

XIV.

Logo em meo damno
Maior tormenta,
Fera, e violenta
Se desfechou.

XV.

D'abjectos Zoilos
Turba invejosa
A mim, raivosa,
Se arremessou.

XVI.

O que os guiava
Monstro do Averno,
Hum odio eterno
Me protestou.

XVII.

Com que calumnias
Quiz denegrir-me!...
Para opprimir-me
Nada poupou.

XVIII.

Debalde he certo.
E o meo desprezo
Seo odio accezo
Mais ateou.

XIX.

Mas o que eu goso
Delphico apreço
Valia o preço,
Que me custou?

XX.

Dem-me o inglorio
Antigo estado,
Que eu de bom grado
Goza-lo vou!

ODE C. (*)

Testamento Poetico.

I.

Quando eu morrer, não quero,
Nem luzes, nem cantores,
Nem Coche, nem Berlinda,
Folguedo de Armadores.

II.

Nem hão de a tarde inteira
Estar sinos dobrando,
Por haver mais hum morto,
Os vivos molestando.

III.

Quero que o meu cadaver
Seja levado á Igreja
Em mãos de amigos Vates,
Com quem ligado esteja.

IV.

Sepultem-me em ar livre:
A casa do Senhor
Infecionar não deve
Dos mortos o vapor.

(*) Esta Ode he de 1830; ainda se enterravam os corpos nas Igrejas, e havia dobres do sinos.

V.

E eu que a ninguem na vida
Incommodos hei dado,
Tambem não quero dar-lhos
Depois de sepultado.

VI.

Em verde Cemiterio
Deixei-me em paz dormir;
E façam-me huma Lyra
Na lapida esculpir.

VII.

Ali os que me estimam,
Hirão flores plantar,
E o pranto da amizade
Saudosos derramar.

VIII.

« Honremos (dirão elles)
» O que tão bem cantou;
» Que vivo co' a Desgraça
» Luctando sempre andou.

ERRATAS.

Pag.	Onde está	Deve ler-se
17	— Verso 8 — ensobram	ensombram
19	— Verso 19 — equoreos e plainos,	equoreos plainos
25	— Verso 20 — seo	teo
28	— Epig. — prendo	prende
»	— Verso 9 — perolas	perlas
31	— Verso 14 — abaruando	abalroando
»	— Verso 19 — fundo do pego	fundo pego
65	— Verso 5 — Hollanda em	Hollanda, em
71	— Nota Verso 3 — ffavo	flavo
77	— Verso 8 — perfire	perfere
86	— Verso 14 — vi	ri
89	— Verso 11 — Guias	Guiáes

101 — Verso 4 —	femeninos	femenis
103 — Nota —	Cosariem	Cesariem
108 — Nota linha 18 —	Mimosos	Mininos
111 — Verso 5 —	Ciumes	crimes
112 — Verso 20 —	ruvindo	ruindo
114 — Verso 19 —	emo	remo
135 — Verso 31 —	Templos	Tempos
142 — Verso 27 —	era	ora
157 — Verso 10 —	como tu	como eu
191 — Verso 17 —	sasonanados	Sasonados
192 — Epig. —	Vennica	Veronica
205 — Epig. Verso 3 —	nuances	naissances
» — Idem 8 —	malher tu	malheur tes
209 — Verso 11 —	naufragado	naufrago
211 — Verso 1 —	Carre	Cafre
» — Idem —	resida	resista
223 — Verso 5 —	Jordanoas	Jordaneas
242 — Verso 15 —	rendem	rendera
264 — Verso 13 —	Lyceo	Lieo
271 — Verso 13 —	Eu	Eis
360 — Verso 13 —	contente	Contento
372 — Verso 3 —	sepultem	Sepulte
390 — Epig. Verso 5 —	soletia	Soletta
391 — Nota Verso 3 —	mæritur	quæritur
392 — Verso 12 —	vão chofre	Vão de chofre
405 — Verso 1 —	Térisites	Thersites
414 — Epig. —	A s'envi	Á l'envi
417 — Verso 15 —	ponde	poude
Id. — Nota linha 2 —	separavit	Separavit
419 — Verso 14 —	escurendo	escorrendo
428 — Verso 17 —	avultados	aviltados
436 — Verso 17 —	brindamos	brindemos
446 — Verso 14 —	Adriadna	Ariadna
453 — Verso 16 —	de fenatismo	do Fanatismo
465 — Verso 20 —	E infinito	o infinito,
482 — Verso 18 —	Leves	mais leves
483 — Verso 22 —	Filho	o filho
497 — Nota —	Grega	Turca
501 — Verso 27 —	esfriar-lhe	esfria-lhe

INDICE.

LIVRO III. ODES HORACIANAS MORAES.

LIVRO IV. ODES HORACIANAS EROTICAS.

LIVRO V. ODES ANACREONTICAS.